

Universidade de Vigo

Universidade de Vigo
Programa de doutoramento en Tradución & Paratradución
Facultade de Filoloxía e Tradución

**O desenvolvemento de *confianza tradutiva*
em procesos de crowd translation nas
redes sociais**

– Um estudo de caso com o Facebook e o Twitter –

Tese de doutoramento

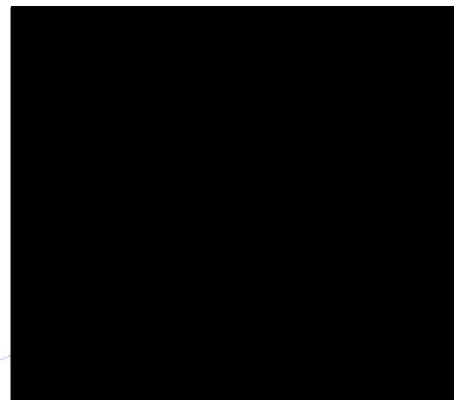
Presentada por

Célia Verónica Martins Tavares

Dirixida por

Anxo Fernández Ocampo

2015



Dedico este trabalho ao meu marido Rui e aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Esta tese de doutoramento finaliza mais uma fase da minha vida, que não poderia ser alcançada sem o contributo inestimável de algumas pessoas.

Assim, em primeiro lugar, quero agradecer ao meu orientador, o Prof. Doutor Anxo Fernández-Ocampo por toda a paciência e por ter acreditado em mim quando lhe disse o que queria fazer. Foi um caminho longo que, com a sua ajuda, se tornou mais fácil de percorrer.

Depois, não posso deixar de mencionar o meu marido Rui que sempre me apoiou nesta caminhada e em todas as horas que tive de trabalhar e não pude estar com ele. Sempre me deu força para completar esta etapa e foi um apoio gigante na gestão de tudo o que foi preciso.

Também não posso deixar de referenciar os meus pais que ao longo de toda a vida sempre se esforçaram por me proporcionar todas as condições necessárias para estudar e seguir os meus objectivos. Sem o seu apoio, a todos os níveis, sem dúvida alguma que não estaria nesta fase final do meu percurso académico.

Ao Doutor Manuel Silva deixo igualmente o meu apreço, não só pela compreensão, mas também pelo valioso apoio que me deu em termos profissionais para que conseguisse conciliar os meus dois empregos.

Por fim, agradeço aos meus colegas de trabalho que se mostraram sempre disponíveis para ajudar quando tempo me fugia por entre as mãos.

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho prende-se com a problemática inerente ao desenvolvimento de um processo de socialização da tradução, em que indivíduos comuns passam a ter um papel de destaque no desenvolvimento de traduções para web de forma voluntária, num modelo denominado por crowd translation. Este novo modelo de tradução, cuja existência abre novas perspectivas sobre o paradigma da tradução profissional, gera interesse na sua exploração, nomeadamente no que diz respeito à dinâmica e aos motivos que podem conduzir ao processamento de atividades colaborativas na área da tradução, especialmente para as redes sociais, as quais recorrem, na realização de trabalhos de tradução, a indivíduos voluntários que podem, eventualmente, não reunir as competências geralmente atribuídas a profissionais da tradução.

Nesse contexto, no primeiro capítulo foram expressos os objetivos gerais desta tese, que consistem em: analisar o funcionamento da tradução colaborativa na estratégia de internacionalização das redes sociais; propor um perfil tradutivo associado aos indivíduos que participam em processos de crowd translation; propor uma identificação e categorização dos tipos de confiança no crowd translation e, por fim, descrever e propor uma primeira análise da confiança tradutiva que se gera pela parte dos indivíduos que colaboram em processos de crowd translation, pela entidade que os promove e pelos utilizadores do seu produto tradutivo.

Paralelamente a estes objetivos pretende-se igualmente responder a três perguntas, sendo a primeira relacionada com o possível valor estratégico da tradução para as redes sociais, a segunda relacionada com a possível confiança que as empresas que recorrem a processos de crowd translation têm no método e no trabalho produzido e, por fim, com a possibilidade dos indivíduos que participam em processos de crowd translation terem confiança no trabalho que desenvolvem.

Assim, e com o intuito de criar o sustentáculo necessário à investigação desenvolvida nesta tese, foi realizado no segundo capítulo um enquadramento teórico com uma abordagem aos conceitos que sustentam este novo modelo de tradução. Para isso, fez-se uma incursão

sobre os estudos descritivos da tradução como plano estrutural e disciplinário, à tradução natural num plano social de intervenção direta dos sujeitos e, num plano mais operativo uma incursão sobre a questão da equivalência como resultado destes processos. Por fim, surge uma abordagem às unidades de tradução, numa relação mais estreita com o plano tecnológico que sustenta o processo de tradução colaborativa.

Posteriormente é feita uma incursão sobre os avanços registados no campo das tecnologias da informação que se têm combinado ao longo dos anos com novas metodologias de comunicação e tradução, com o intuito de promover processos cada vez mais automatizados na área, facilitando claramente a fluidez dos processos comunicativos.

Os principais modelos de tradução abordados nesta tese concentram-se em processos de tradução colaborativa, com especial enfoque no modelo de crowd translation, depois de se reverem outros modelos como o da tradução assistida por computador ou da tradução automática. Foi também estabelecida uma relação entre o desenvolvimento da crowd translation e os fenómenos sociais decorrentes da sociedade em rede, a qual acabou por conduzir à exploração de conceitos relacionados com o trabalho colaborativo potenciado em ambientes web.

Neste contexto, foram explorados conceitos que refletem o desenvolvimento de trabalho colaborativo, com suporte no pressuposto de que um grupo de pessoas pode produzir de forma mais eficiente do que os membros desse grupo individualmente. Foram tratados conceitos como as comunidades de prática virtuais, a cidadania organizacional e o crowdsourcing. Ainda aliado a estes conceitos, surge igualmente a perspetiva que defende a crença na existência da sabedoria das multidões.

O fenómeno do crowdsourcing, base do fenómeno do crowd translation, revê-se assim na produção colaborativa de um determinado produto ou conteúdo, beneficiando do conhecimento coletivo e voluntário espalhado pelos utilizadores da Internet. Este modelo opera de acordo com a crença positiva que cada um de nós tem uma diversidade muito grande de talentos e qualidades que são difíceis de expressar dentro das estruturas da sociedade atual (Howe, 2010) e, por consequência, tem sido aplicado em diversas áreas, incluindo a tradução, sendo que este novo modelo de tradução, com base no trabalho

voluntário das multidões, é denominado por crowd translation ou mesmo crowdsourcing de traduções, como já mencionado anteriormente.

Em suma, a abordagem introduzida por estes conceitos contribuiu para a valorização do contributo pessoal dos membros destas comunidade, que se entrelaçam para a construção de um bem que será comum e que beneficiará não só a própria comunidade onde se inserem, mas também outras comunidades ou indivíduos, dado que, efetivamente, existem milhares de utilizadores que contribuem para a rede de forma voluntária, sem a expectativa de obter nenhum tipo de remuneração ou retorno palpável. Fazem-no somente pela satisfação de contribuir e de ver reconhecido o seu contributo, o que pode, também, contribuir para um aumento da autoestima e da confiança pessoal, que suportam e reforçam a sua própria identidade.

Assim, e apesar da tradução automática e da tradução assistida por computador continuarem a ter um papel preponderante no campo da tradução profissional, os fenómenos sociais em processos de tradução têm-se tornando evidentes, particularmente em grandes comunidades como as redes sociais do Facebook, Twitter, Hi5 e Pinterest. No entanto, casos como o Wikipedia, as conferências Tedex ou mesmo organizações sem fins lucrativos como a Fundação Rosetta também beneficiam da atividade de numerosos utilizadores que são convidados a participar voluntariamente no processo de tradução dessas plataformas web, apesar da possível falta de competências académicas/profissionais para o fazer.

Este fenómeno, que aqui se identifica por crowd translation, enquadra-se assim num modelo de produção colaborativa de tradução, que alia a competência natural de tradução de colaboradores voluntários (de qualquer nível de competência e legitimidade no campo da tradução) para traduzir, ao conhecimento coletivo de voluntários espalhados pela web, tradutores ou não.

A emergência deste modelo é suportada por vários fatores relacionados não só com as necessidades dos utilizadores, mas também com as necessidades de internacionalização de certas organizações. Hoje em dia, é fundamental que todo o conteúdo disponível na web tenha a capacidade de chegar ao maior número de pessoas possível e isso só é provável que aconteça com o recurso a serviços de tradução e localização sejam eles profissionais ou

voluntários. No entanto, embora a necessidade de chegar a um público mais vasto tenha sido um dos fatores que conduziu à emergência de fenómenos com o crowd translation, outras razões também são identificadas, a saber: os custos; velocidade e qualidade (Papula, 2011).

Para além destes três fatores, outro fator decisivo que pesa a favor deste tipo de modelo de tradução é a necessidade de criar maior proximidade com o público e as suas comunidades. Nesse sentido, é dada especial importância ao produto resultante das traduções, uma vez que as traduções são factos da cultura de chegada que, de forma ocasional, possuem um estatuto especial, por vezes até “constituting identifiable (sub)systems of their own, but of the target culture in any event” (Toury, 1995:29). A componente cultural que os voluntários trazem para este processo pode não ser óbvia ou mesmo consciente por parte das empresas que se beneficiam dela, mas é, sem dúvida, um elemento-chave no processo.

Nesta secção foi dado um especial enfoque ao caso do Facebook e do Twitter, tendo sido explorado o seu percurso e o seu papel na dinamização e da promoção deste modelo, como parte de uma possível estratégia de internacionalização.

Por fim, o segundo capítulo termina com uma análise dos desafios que um modelo de tradução desta natureza ainda levanta, dado que é um modelo suportado por pessoas que podem não possuir as competências necessárias para o realizar de forma adequada. Ainda assim, dadas as necessidades imediatas de entendimento, o desvendar desses mesmos problemas acaba por ficar ao cargo dos restantes voluntários. No Facebook, por exemplo, existe um sistema de votação, cujo objetivo é validar as traduções inseridas pelos tradutores voluntários através dos votos dos restantes, tendo como intenção primária contribuir para a eliminação de erros e aumento da qualidade do produto tradutivo.

Dada esta nova tipologia de tradutor voluntário que acaba por emergir, o terceiro capítulo pretende assinalar algumas das crenças historicamente associadas à confiança na tradução, como também e sobretudo analisar o perfil do tradutor voluntário atual. Compreende-se que os tradutores voluntários que habitam estes novos modelos de tradução são essencialmente amadores e transportam um sentido de comunidade e de voluntariado que torna o seu perfil substancialmente diferente do perfil de um tradutor que exerce esta atividade de forma profissional. Nesse sentido, é um dos objetivos desta tese propor uma

análise ao perfil tradutivo do tradutor voluntário, de forma a enquadrar mais claramente as características que se encontram subjacentes a estes indivíduos.

Nessa sequência e analisando o tipo de tradutores que povoam estas novas estratégias de tradução é proposta a sua categorização em três tipos de tradutores voluntários: também são tradutores profissionais, sejam eles acreditados com um curso superior ou não; não são tradutores profissionais, mas acreditam que possuem as competências necessárias para realizar esta tarefa; não são profissionais, mas consideram que apesar de não reunirem as condições ideais para realizar esta tarefa são capazes de o fazer.

Para além das motivações que se encontram associadas ao trabalho de tradução desenvolvido, surge igualmente um conceito fulcral neste processo que é o da confiança. Nesse sentido, e uma vez que a sua influência é determinante na investigação explanada nesta tese, é realizada uma caracterização geral do conceito de confiança, recorrendo-se em seguida sobre uma parte do contexto histórico que enquadra a problemática da tradução e da confiança.

Para finalizar o terceiro capítulo é feita uma exploração sobre o conceito de confiança tradutiva em ambientes de crowd translation, formulando-se teorizações sobre o processo que conduz à emergência de confiança nestes modelos e nestes ambientes web. Trata-se de uma das partes fulcrais desta tese, visto que, até à data, os estudos existentes no campo da confiança relativamente à tradução encontram-se essencialmente relacionados com estimativas de confiança em tradução automática, como, por exemplo, no caso da investigação de doutoramento de Nicola Uefing (2006). No entanto, o conceito de confiança tradutiva que é proposto nesta tese pretende refletir uma abordagem diferente, essencialmente concentrada na confiança tradutiva que é estabelecida em processos de tradução colaborativo realizados por indivíduos que podem não possuir as competências necessárias para fazê-lo. Assim, a confiança tradutiva a ser analisada reside no fenómeno da crowd translation.

Dado que este tipo de confiança incide mais no indivíduo do que na máquina, convém referir que, neste caso, se centra mais na competência do que no caráter, pois como referem Stephen Covey e Rebecca Merrill, as pessoas competentes são credíveis e por isso inspiram confiança (2006:92).

Encarando não só os processos, mas também os indivíduos que os realizam, Roy Lewicki e Edward Tomlinson (2003) afirmam que a nossa confiança num determinado indivíduo pode ser baseada na nossa avaliação da sua capacidade, integridade e benevolência, ou seja, quanto mais observamos estas características noutra pessoa, mais provável é que a nossa confiança nela aumente. Revela-se igualmente numa expectativa gerada sobre um comportamento futuro de outra pessoa, associada a um sentimento de calma e segurança. Essa outra pessoa deve comportar-se como acordado ou pelo menos de acordo com expectativas subjetivas, deixando sempre aberta a possibilidade de a pessoa agir de forma diferente, dado que é impossível ou indesejável controlar essa mesma pessoa (Kassebaum, 2004:21).

Por fim, a confiança nessa pessoa também pode decorrer de uma transferência, ou seja, essa pessoa tornar-se confiável, pelo facto de alguém pertencente a um determinado ciclo de confiança a recomendar.

Contudo, neste contexto, não é possível alegar que a relação de confiança se constrói com cada um dos indivíduos que integram esta rede de trabalho colaborativo, dado que acaba por ser impossível conhecer e estabelecer uma relação com cada uma das pessoas que colaboram nestes projetos. Assim, acredita-se que a questão da confiança tradutiva acaba por ser um sentimento generalista associado a uma situação e a uma estratégia residindo no grupo e no método aplicado e não em cada uma das pessoas que para ele contribuíram em particular, até porque, na maioria dos casos, não é efetuada qualquer seleção das pessoas que participam nestes projetos.

Assim, os três tipos de confiança tradutiva que se propõem dentro do fenómeno da crowd translation e que se identificam nesta tese são: *confiança de fé*, *confiança ponderada* e *confiança fundamentada*.

A confiança de fé será o nível de confiança gerado nos casos em que não há evidências de que o processo de tradução irá funcionar. É um processo de confiança criado num ato de boa-fé, que vai de uma situação conhecida (tradução feita por profissionais) para uma situação quase totalmente desconhecida (tradução realizada por um grupo de voluntários, sem competências linguísticas comprovadas). A confiança fundamentada é caracterizada por um processo que se tem revelado como eficaz e com bons resultados em outros

contextos, mesmo que as variáveis que o compõem possam mudar de caso para caso. Nesta situação, é possível entender como variáveis não só as línguas de trabalho, mas também os voluntários envolvidos na tradução e suas próprias motivações dentro do processo. Por fim, proponho a existência de um estágio intermédio de confiança que se encontra entre a confiança fé e a confiança fundamentada, sendo este estágio designado por confiança ponderada.

A categorização destes três tipos de confiança tradutiva que se propõe pretende fornecer uma melhor compreensão sobre a forma como os diferentes intervenientes no processo de crowd translation (entidades solicitadoras do trabalho, tradutores voluntários e utilizadores finais) encaram os moldes em que este tipo de trabalho é realizado, assim como a sua própria validade pessoal.

No quarto capítulo é abordada a metodologia de investigação utilizada neste trabalho. Tendo em conta que as atuais formas de comunicação e informação abrem novas e recorrentes possibilidades em termos de pesquisa e de investigação, não é surpreendente que, dado o uso alargado e o fácil acesso a este meio, a internet se tenha revelado como um objeto de investigação e também como uma ferramenta para o uso na investigação (Flick, 2006:255). Nesse sentido, e dadas as especificidades inerentes ao estudo que se pretendia fazer, nomeadamente o facto de os participantes terem de ser utilizadores do Facebook e/ou do Twitter, o tipo de investigação escolhido foi o estudo de caso em comunidades, analisado com recurso a uma abordagem qualitativa e quantitativa.

Os instrumentos de recolha de dados usados foram as entrevistas em linha e os questionários em linha. Posteriormente, é descrito o processo de validação das ferramentas utilizadas.

No que diz respeito ao questionário, e apesar de o mesmo se encontrar disponível tanto em Português como Inglês, a fim de atingir o maior número de respostas possíveis, acabou por ser essencialmente respondido por utilizadores portugueses, sendo uma parte deles tradutores voluntários.

Este capítulo termina como uma exploração das diferentes amostras (amostra das entrevistas e amostra dos questionários) utilizadas para o estudo, e desvela o papel do investigador em todo este processo.

O quinto capítulo vê explorado em maior pormenor os resultados obtidos por via do estudo de caso, recorrendo sobre os dados obtidos através das entrevistas e do questionário.

O modelo de entrevista, assim como as cinco entrevistas realizadas, poderão ser consultadas na sua íntegra na secção respeitante aos apêndices. Nessa mesma secção, poderão igualmente ser visualizados os questionários utilizados, tanto em português como em inglês, assim como os percursos condicionais possíveis que eram capazes de potenciar.

Por fim, no sexto capítulo são tecidas as considerações finais sobre o trabalho de investigação desenvolvido, sendo igualmente identificadas algumas limitações que lhe estiveram inerentes.

RESUMO EN GALEGO

O obxectivo principal desta tese de doutoramento xira arredor da problemática inherente ao desenvolvemento dun proceso de socialización da tradución en que os individuos comúns pasan a ter un papel destacado no desenvolvemento de traducións de forma voluntaria para páxinas web, en función dun modelo de traballo coñecido co nome de *crowd translation*. A tese de doutoramento pretende botar luz sobre a explotación deste novo modelo de tradución, cuxa existencia abre novas perspectivas sobre o paradigma da tradución profesional. En concreto, analizará a dinámica e os motivos que poden conducir ó procesamento de actividades colaborativas na área da tradución, en particular para as redes sociais. Para a realización de traballos de tradución, estas redes recorren á participación de individuos voluntarios que poden, de forma eventual, non reunir aquelas competencias que xeralmente se lles atribúen a profesionais da tradución.

Nese contexto, no primeiro capítulo foron enunciados os obxectivos xerais da tese de doutoramento, que consisten en analizar o funcionamento da tradución colaborativa como estratexia de internacionalización das redes sociais, propoñer un perfil tradutivo asociado ós individuos que participan en procesos de crowd translation, propoñer unha identificación e categorización dos tipos de confianza no crowd translation e, por fin, describir e propoñer unha primeira análise da confianza tradutiva que se xera por parte dos individuos que colaboran en procesos de crowd translation, pola entidade que os promove e polos usuarios do seu produto de tradución.

En paralelo a estes obxectivos, son tres as preguntas ás que se lles pretende dar resposta. A primeira está relacionada co posible valor estratéxico da tradución para as redes sociais. A segunda ten que ver coa posible confianza que as empresas que recorren a procesos de crowd translation depositan no método e no traballo final producido. A terceira pregunta consiste en examinar ata que punto as persoas que participan en procesos de crowd translation xeran algún tipo de confianza no traballo que desenvolven.

Así, e coa intención de asentar os alicerces necesarios para sustentar a investigación desenvolvida nesta tese, o segundo capítulo ofrece un marco teórico que permite unha

aproximación ós conceptos sobre os que se apoia este novo modelo de tradución. Para iso, recórrese ás estruturas e ó campo disciplinario dos estudos descritivos da tradución; recórrese de mesma maneira á tradución natural dende o punto de vista social da intervención directa dos suxeitos nos procesos de tradución, mentres que dende o punto de vista máis operativo incídese sobre a problemática da equivalencia como resultado destes procesos. Nunha fase seguinte do estudo ofrécese unha achega ó tema das unidades de tradución dende o punto de vista dos aspectos tecnolóxicos que sustentan a praxe da tradución colaborativa. Máis adiante, faise unha incursión sobre os avances rexistrados no campo das tecnoloxías da información que se levan combinando ó longo dos anos con novas metodoloxías de comunicación e tradución, coa intención de promover procesos cada vez máis automatizados nesta área de actividade, e que facilitan claramente a fluidez dos procesos comunicativos.

Os principais modelos de tradución abordados nesta tese de doutoramento concéntranse en procesos de tradución colaborativa. Despois de revisar outros modelos como son o da tradución asistida por ordenador ou o da tradución automática, defínese a correspondencia deste fenómeno en concreto co modelo da crowd translation. Establécese de mesmo xeito que existe unha relación entre o desenvolvemento da crowd translation e os fenómenos sociais derivados da sociedade en rede, e esa relación serve de campo de observación e de análise para os conceptos vinculados ó traballo colaborativo potenciado polas redes de Internet.

Neste contexto, selecciónanse e propóñense aqueles conceptos que reflicten o desenvolvemento do traballo colaborativo a partir no suposto de que un grupo de persoas pode producir textos traducidos de forma máis eficiente do que o farían os membros dese grupo de forma individual. Así, tráense para análise termos específicos como as comunidades de práctica virtuais, a cidadanía de organización e o crowdsourcing. Abórdase a perspectiva, tamén relacionada cos conceptos expostos máis arriba, que defende a crenza no valor da sabedoría das multitudes.

O fenómeno do crowdsourcing, base do fenómeno do crowd translation, examínase nesta tese como a produción colaborativa dun determinado ben ou contido, a través do aproveitamento do coñecemento colectivo e voluntario espallado entre os usuarios da Internet. Este modelo funciona de acordo coa crenza positiva que cada persoa posúe un

abano moi amplo de talentos e calidades que son difíciles de expresar dentro das estruturas da sociedade actual (Howe, 2010) e, por consecuencia, o modelo acabou aplicándose a áreas moi diversas, sendo unha delas a tradución. Deste xeito este novo modelo de tradución con base no traballo voluntario das multitudes é denominado por crowd translation ou mesmo crowdsourcing de traducións, como xa se mencionou anteriormente.

En resumo, o enfoque introducido por estes conceptos contribuíu á posta en valor da achega persoal dos membros destas comunidade, que se prestan axuda mutua para a construción dun ben que será común e que beneficiará non só a propia comunidade na que se vai inserir, senón tamén outras comunidades ou individuos, dado que na práctica existen miles de usuarios que colaboran coa rede de forma voluntaria, sen esperanza de obter ningún tipo de remuneración ou beneficio tanxible. Eles fano tan só polo sentimento de satisfacción de contribuír e de ver recoñecida a súa contribución, o que pode, de paso, contribuír a un aumento da autoestima e da confianza persoal, que soportan e reforzan a súa propia identidade.

Deste xeito, e a pesar de que a tradución automática e da tradución asistida por ordenador sigan a ter unha función preponderante no campo da tradución profesional, os fenómenos sociais en procesos de tradución foron facéndose evidentes, en particular en grandes comunidades como as redes sociais de Facebook, Twitter , Hi5 e Pinterest. Con todo, casos como Wikipedia, as conferencias Tedex ou mesmo o das organizacións sen ánimo de lucro como a Fundación Rosetta tamén tiran proveito da actividade de numerosos usuarios que están invitados a participar de forma voluntaria no proceso de tradución destas plataformas web, a pesar da posible falta de competencias académicas / profesionais para facelo.

Este fenómeno, que aquí se identifica por crowd translation, inscríbese deste xeito nun modelo de produción colaborativa da tradución que combina a competencia natural de tradución dos colaboradores voluntarios (de calquera nivel de competencia e lexitimidade no campo da tradución) co coñecemento colectivo de voluntarios espallados pola web, tradutores ou non.

A emerxencia deste modelo é soportada por varios factores relacionados non só coas necesidades dos usuarios senón tamén coas necesidades de internacionalización de certas organizacións. Hoxe en día, é fundamental que todo o contido dispoñible na web teña a

capacidade de chegar ó maior número de persoas posible, e iso só é probable que aconteza se se recorre a servizos de tradución e localización, sexan eles profesionais ou de tipo voluntario. Con todo, aínda que a necesidade de chegar a un público máis amplo fose un dos factores que conduciu á emerxencia de fenómenos co crowd translation, tamén foron identificadas outras razóns, a saber: os custos, a velocidade e a calidade (Papula, 2011).

Ademais destes tres factores, outro factor decisivo que pesa a favor deste tipo de modelo de tradución é que responde á necesidade de crear maior proximidade co público e as súas comunidades. Neste sentido, é especialmente relevante a eficacia do produto resultante das traducións, posto que as traducións son feitas dende os parámetros da cultura de chegada e, deste xeito, de forma ocasional poden acadar un status especial, por veces ata, como adianta Gideon Toury (1995 : 29), "constituting identifiable (sub) systems of their own, but of the target culture in any event". As empresas que desenvolven políticas de crowd translation non son necesariamente conscientes da compoñente cultural que os actores voluntarios lle achegan a estes procesos. Por outra banda cómpre recoñecer que, sen as ferramentas precisas, non é obvio detectar o elemento cultural dentro deste tipo de procesos.

Nesta sección foille concedida unha atención especial ás plataformas de Facebook e Twitter, como soportes escollidos para explorar o historial e a función na dinamización e a promoción do modelo de crowd translation, como parte dunha posible estratexia de internacionalización.

O segundo capítulo termina cunha análise dos retos que un modelo de tradución desta natureza ten que asumir, dado que é un modelo que vai ser utilizado por persoas que poden non posuír necesariamente as competencias precias para realizar estas tarefas de forma adecuada. Aínda así, dadas as necesidades inmediatas de entendemento, son os restantes voluntarios os que se encargarán de tentar resolver este tipo de problemas. En Facebook, por exemplo, ofréceselles ós participantes un sistema de votación do que o obxectivo é validar as traducións inseridas polos tradutores voluntarios a través dos votos dos restantes. A intención primaria deste sistema consiste en contribuír a eliminar erros e aumentar da calidade do produto tradutivo.

Fronte a esta nova tipoloxía de tradutor voluntario que acaba por emerxer, o terceiro capítulo pretende delimitar algunhas das crenzas historicamente asociadas á confianza na tradución como tamén, e sobre todo, analizar o perfil do tradutor voluntario actual. Pátese

da idea de que os tradutores voluntarios que protagonizan estes novos modelos de tradución son esencialmente afeccionados e comparten un sentido de comunidade e de voluntariado que fai o seu perfil substancialmente diferente do perfil dun tradutor que exerce esta actividade de xeito profesional. Neste sentido, é un dos obxectivos desta tese de doutoramento propoñer unha análise ao perfil tradutor do tradutor voluntario, de forma a describir coa maior claridade posible as características subxacentes a este tipo de figura voluntaria.

Neste punto da investigación e analizando o tipo de tradutores que adoito botan man destas novas estratexias de tradución, propónse unha curta categorización de tres tipos de tradutores voluntarios: en primeiro lugar eles son tradutores que ó mesmo tempo son profesionais, estean eles acreditados cun curso superior ou non; en segundo lugar eles non son tradutores profesionais pero cren que posúen as competencias necesarias para realizar esta tarefa; en terceiro lugar eles non son profesionais mais consideran que a pesar de non reuniren as condicións ideais para realizar esta tarefa son capaces de facelo.

Ademais das motivacións que se atopan asociadas ás diversas actividades de tradución desenvolvidas, identifícase así mesmo un concepto central neste proceso que é o da confianza. Neste sentido, e tendo en conta que a súa influencia é determinante na investigación sobre a que se basea esta tese, débúxanse as características xerais do concepto de confianza, non sen antes remitir a aqueles aspectos máis relevantes do contexto histórico no que se enmarca a problemática da tradución e da confianza.

Para finalizar o terceiro capítulo, encétase unha exploración sobre o concepto de confianza tradutiva en ambientes de crowd translation. Formúlanse aquí reflexións teóricas sobre o proceso que conduce á emerxencia da confianza nestes modelos e nestes soportes da web. Esta é unha das partes fundamentais desta tese, visto que, ata a data, os estudos publicados no campo da confianza en relación coa tradución atópanse esencialmente relacionados con estimacións de confianza en tradución automática, como, por exemplo, no caso da investigación da tese de doutoramento de Nicola Uefing (2006). Con todo, o concepto de confianza tradutiva que é proposto nesta tese pretende reflectir unha visión diferente, esencialmente centrada na confianza tradutiva que se establece en procesos de tradución colaborativa realizados por individuos que poden non ter as competencias necesarias para

facelo. Así, establécese de xeito claro que a confianza tradutiva que debe ser analizada depende directamente do fenómeno da crowd translation.

Dado que este tipo de confianza incide máis no individuo que na máquina, convén destacar que, neste caso, tamén se centra máis na competencia que no carácter. De feito, como propoñen Stephen Covey e Rebecca Merrill, as persoas competentes desprenden credibilidade e por iso inspiran confianza (2006 : 92).

Na súa abordaxe non só dos procesos senón tamén dos individuos que os realizan, Roy Lewicki e Edward Tomlinson (2003) afirman que a nosa confianza nun determinado individuo pode vir condicionada pola nosa valoración da súa capacidade, integridade e benevolencia. É dicir que canto máis observamos estas características noutra persoa, máis probable é que a nosa confianza nela aumente. A confianza revélase do mesmo xeito a través da expectativa xerada sobre un comportamento futuro doutra persoa, asociada a un sentimento de calma e seguridade. Esa outra persoa debe comportarse segundo o acordado ou polo menos segundo certas expectativas subxectivas, deixando sempre aberta a posibilidade de que esa persoa actúe de forma diferente, xa que é imposible ou indesexable chegar a controlar a esa mesma persoa (Kassebaum, 2004 : 21).

Finalmente, a confianza nesa persoa tamén pode provir dunha transferencia, é dicir cando esa persoa se volve fiable polo feito de que a recomende alguén que pertence a un determinado ciclo de confianza.

Con todo, neste contexto, non é posible alegar que a relación de confianza se constrúe con cada un dos individuos que integran esta rede de traballo colaborativo, dado que acaba por ser imposible coñecer e establecer unha relación con cada unha das persoas que colaboran nestes proxectos. Así, crese que a cuestión da confianza tradutiva acaba por ser un sentimento xeneralista asociado a unha situación e a unha estratexia, que depende do grupo e do método aplicado e non de cada unha das persoas que para el contribuíron en particular, iso porque na maioría dos casos non se leva adiante ningunha selección das persoas que participan nestes proxectos.

Así, os tres tipos de confianza tradutiva que se propoñen no fenómeno da crowd translation e que se identifican nesta tese de doutoramento son: confianza de fe, confianza ponderada e confianza motivada.

A confianza de fe será o nivel de confianza xerado nos casos en que non hai evidencias de que o proceso de tradución vai poder funcionar. Trátase dun proceso de confianza creado nun acto de boa fe, que vai dende unha situación coñecida (tradución feita por profesionais) ata unha situación case totalmente descoñecida (tradución realizada por un grupo de voluntarios, sen competencias lingüísticas comprobadas). A confianza fundamentada caracterízase por un proceso que se ten revelado como eficaz e con bos resultados noutros contextos, aínda que as variables que o compoñen poidan cambiar en función de cada caso. Nesta situación, é posible entender como variables non só as linguas de traballo, senón tamén o perfil dos voluntarios implicados na tradución e as súas propias motivacións dentro do proceso. Finalmente, propónse nesta tese de doutoramento a existencia dun estadio intermedio de confianza, que designamos co nome de confianza ponderada, e que se atopa entre a confianza de fe e confianza fundamentada.

A estrutura das categorías destes tres tipos de confianza tradutiva que se propoñen no estudo pretende proporcionar unha mellor comprensión sobre o xeito en que os distintos participantes no proceso de crowd translation (é dicir as entidades das que provén a encomenda, os tradutores voluntarios e os usuarios finais) conciben e consideran os requisitos cos que este tipo de traballo é realizado, así como a súa propia validez persoal. No cuarto capítulo abórdase a metodoloxía de investigación utilizada neste traballo. Tendo en conta que as actuais formas de comunicación e información abren posibilidades de investigación novas e recorrentes, non é sorprendente que, dado o seu uso ampliado e o fácil acceso a este medio, a internet se revelase como un obxecto de investigación e tamén como unha ferramenta para o seu uso na investigación (Flick, 2006 : 255). Neste sentido, e dadas as particularidades propias do estudo que se pretendía facer, en particular o feito de que os participantes tivesen que ser usuarios de Facebook e / ou Twitter, o tipo de investigación elixido foi o estudo de caso en comunidades, que se concibiu recorrendo a unha perspectiva tanto cualitativa como cuantitativa.

Os instrumentos de recollida de datos empregados nesta ocasión foron as entrevistas en liña e os cuestionarios en liña. Nunha fase posterior, descríbese o proceso de validación das ferramentas utilizadas.

Respecto do cuestionario, e malia que se atopase dispoñible tanto en portugués como en inglés, coa fin de acadar o maior número de respostas posibles, resultou que a comunidade que de maneira esencial respondeu a el foi a dos usuarios portugueses, sendo unha parte deles tradutores voluntarios.

Este capítulo remata coa análise das distintas mostras (mostra das entrevistas e mostras dos cuestionarios) utilizadas para o estudo, e desvela así mesmo o papel da investigadora en todo este proceso.

No quinto capítulo analízanse en maior detalle os resultados obtidos a través do estudo de caso, e introdúcese unha reflexión sobre os datos obtidos a través das entrevistas e do cuestionario.

O modelo de entrevista, así como as cinco entrevistas realizadas, poderán ser consultadas na súa totalidade na sección relativa ós apéndices. Nesa mesma sección reproducense así mesmo os cuestionarios utilizados, tanto en portugués como en inglés, así como todos os posibles itinerarios condicionais que potencialmente os cuestionarios eran capaces ofrecer. Finalmente, no sexto capítulo redáctanse as consideracións finais sobre o traballo de investigación desenvolvido, así como tamén se identifican algunhas das limitacións inherentes ó seu deseño e ás circunstancias da súa posta en práctica.

ÍNDICE

Agradecimentos	v
Resumo	vii
Resumo en galego.....	xv
Índice de Ilustrações	xxvi
Índice de Gráficos.....	xxviii
Índice de Tabelas.....	xxix
Introdução.....	1
1 Apresentação.....	3
1.1 Motivações e Objeto de Estudo	3
1.2 Finalidades e questões de investigação	4
2 Enquadramento teórico	5
2.1 A culturalização e a socialização da tradução e o seu reflexo na aquisição de competências.....	6
2.1.1 Uma perspetiva desde os Estudos Descritivos da Tradução.....	6
2.1.2 Aquisição de competências tradutivas.....	9
2.1.3 Da equivalência às unidades de Tradução	13
2.2 A Tradução e o impacto da tecnologia.....	22
2.2.1 Tradução automática	22
2.2.2 Tradução Assistida por Computador	27
2.2.3 A tecnologia, a língua e os limites da aceitabilidade.....	31
2.3 A Sociedade em rede e a tradução	33
2.3.1 O Poder e a sabedoria das multidões: Os efeitos do coletivismo	37
2.4 Crowd translation.....	48
2.4.1 As motivações para a emergência do fenómeno	54

2.4.2	Modelos de crowd translation	57
2.4.3	Crowd translation e as Redes Sociais.....	60
2.4.4	Os desafios da crowd translation.....	76
3	O Crowd translation e a Emergência da Confiança Tradutiva	83
3.1	A confiança durante a história contemporânea da tradução	84
3.2	Tradutor Voluntário: O Perfil	90
3.3	A Confiança	98
3.4	Confiança Tradutiva: O contributo para uma teoria da tradução.....	102
4	Metodologia.....	111
4.1	Tipo de Investigação.....	111
4.2	Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados.....	116
4.2.1	Entrevistas	116
4.2.2	Questionários.....	121
4.2.3	Validação dos Instrumentos utilizados.....	129
4.3	Amostra.....	131
4.4	Papel da Investigadora.....	136
5	Resultados.....	139
5.1	Entrevistas.....	139
5.1.1	Entrevista A.....	140
5.1.2	Entrevista B	143
5.1.3	Entrevista C	145
5.1.4	Entrevista D.....	147
5.1.5	Entrevista E	149
5.1.6	Observações sobre as entrevistas	150
5.2	Questionários	152
6	Conclusões.....	179

Referências bibliográficas	187
Apêndice 1 – Entrevista em português	209
Apêndice 1.1 – Estrutura da entrevista	210
Apêndice 1.2 – Entrevista A	213
Apêndice 1.3 – Entrevista B	216
Apêndice 1.4 – Entrevista C	218
Apêndice 1.5 – Entrevista D	220
Apêndice 1.6 – Entrevista E	223
Apêndice 2: Entrevista aos Centros de Tradução	225
Apêndice 2.1 – Estrutura da Entrevista ao Centro de Tradução do Facebook	226
Apêndice 2.2 – Estrutura ao Centro de Tradução do Twitter	227
Apêndice 3 – Inquérito em Português	228
Apêndice 3.1 - Percurso 1	229
Apêndice 3.2 – Percurso 2	231
Apêndice 3.3 – Percurso 3	234
Apêndice 4 – Processo de Tradução	237
Apêndice 4.1 - Processo de tradução do inquérito sobre crowd translation nas redes sociais.....	238
Apêndice 5 – Inquérito em Inglês.....	247
Apêndice 5.1 – Percurso 1	248
Apêndice 5.2 – Percurso 2	250
Apêndice 5.3 – Percurso 3	253
Anexo 1 – Guia de Estilo.....	259
Anexo 2 – Guia de Estilo (2014).....	265

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

As ilustrações constantes nesta tese cumprem diversos propósitos, sendo as mais decisivas aquelas que pretendem esquematizar de forma gráfica os processos descritos na tese (ilustrações 4, 10, 11 e 12). As restantes ilustrações pretendem contribuir para o discurso da tese, dado o seu carácter documental.

Desta forma, as ilustrações 5, 6, 7 e 9 são fontes primárias que pretendem clarificar as interações que ocorrem em redor da tradução colaborativa. As ilustrações 2 e 3 foram escolhidas de entre o corpus jornalístico de forma a representar a atenção da sociedade sobre estes fenómenos potenciados pela Internet. Por fim, as ilustrações 1 e 8 provêm do arquivo ICOTI (*Iconografía Contemporánea da Tradución e Interpretación*). Este arquivo é composto por uma coleção de investigação de representações gravadas e fotografadas que foi lançada em 2006 e que é gerido por Anxo Fernández-Ocampo na Universidade de Vigo. A coleção pode ser considerada representativa do leque de imagens associadas ao tradutor e que foram produzidas ao longo do século passado nas economias visuais fotográficas francesas, alemãs e britânicas.

Ilustração 1: <i>Cartoon</i> de Peter Steiner (1993:61) publicado pela revista New Yorker.....	35
Ilustração 2: <i>Cartoon</i> de Randy Glasbergen (sem data)	36
Ilustração 3: Esquema das metodologias de Tradução, com enfoque na crowd translation	49
Ilustração 4: Acesso ao Centro de Tradução do Facebook (consultado a 05/04/2014)	69
Ilustração 5: Imagem parcial do ecrã de tradução por utilizador do Facebook (consultado a 05/04/2014)	70
Ilustração 6: Interação entre o Twitter, através do @Translator e os seus tradutores voluntários.....	75
Ilustração 7: Imagem parcial de uma braçadeira usada pelos intérpretes durante a ocupação alemã de França na Segunda Guerra Mundial (c. 1940, ICOTI 602001).	88

Ilustração 8: Capa do “Interprete Automático” (1918, ICOTI 131002).....	89
Ilustração 9: Apelo do Facebook à tradução voluntária	96
Ilustração 10: Esquema da Confiança Tradutiva.....	106
Ilustração 11: A Confiança Tradutiva de cada um dos intervenientes no processo de tradução nas redes sociais.....	110
Ilustração 12: Fases operativas da metodologia de investigação	115

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Motivações subjacentes à participação em projetos de tradução colaborativa	151
Gráfico 2: Escala de idades dos respondentes.....	154
Gráfico 3: Habilitações académicas dos respondentes.....	156
Gráfico 4: Área científica do ensino superior frequentado pelos respondentes.....	157
Gráfico 5: Respondentes que afirmaram saber o que é tradução colaborativa e as suas habilitações literárias.....	158
Gráfico 6: Respondentes que afirmaram não saber o que é tradução colaborativa e as suas habilitações literárias.....	159
Gráfico 7: Respondentes que participaram em projetos de tradução colaborativa	160
Gráfico 8: Motivos que levam à participação em projetos de tradução colaborativa	162
Gráfico 9: Motivos que levam à não participação em projetos de tradução colaborativa	164

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Listagem dos comentários indicativos de confiança na tradução colaborativo.	168
Tabela 2: Listagem dos comentários indicativos de ausência de confiança na tradução colaborativo	173
Tabela 3: Comentários opcionais sobre os processos de tradução colaborativa	176

INTRODUÇÃO

O impacto dos progressos tecnológicos dos dias de hoje faz-se notar nas mais diversas áreas. Esses avanços tecnológicos têm contribuído para a eliminação de barreiras, tanto físicas como virtuais, entre os indivíduos, contribuindo para aquilo que se poderá denominar por sociedade em rede. Assim, uma das grandes consequências deste progresso, potenciado pelo uso da Internet, é o extraordinariamente crescente volume de comunicações entre indivíduos que falam diferentes línguas. Para os utilizadores da Internet, as implicações passam assim a ser como comunicar e processar informação em contextos que são de uma multiplicidade de línguas e de culturas (O'Hagan e Ashworth, 2002:1).

Este crescimento tem sido muito rápido e decorrente do uso das tecnologias da informação e de todos os recursos que existem disponíveis em linha, provocando um reconhecido impacto na forma como se vive e na forma como podem facilitar a vida de cada um, essencialmente no que à comunicação diz respeito. Efetivamente, as tecnologias da informação acabam por proporcionar meios e recursos que, à partida, não estariam disponíveis a um qualquer indivíduo e que contribuem para uma maior facilidade nos processos comunicativos, com recurso ao próprio indivíduo. De facto, cada vez mais, o papel interventivo do comum cidadão, essencialmente no que ao mundo digital diz respeito, tem contribuído para o desenvolvimento de diversos processos comunicativos.

Assim, esta investigação de doutoramento pretende concentrar-se na necessidade de avaliar o recurso aos processos de tradução conhecidos como “crowd translation” ou “crowdsourcing de tradução” essencialmente nos casos em que os processos tradutivos são entregues a um conjunto de indivíduos voluntários que, tendencialmente, não possuem competências específicas para o efeito.

Este contexto em particular é alvo de interesse, dado que permite analisar um fenómeno que se passará a denominar nesta tese como “confiança tradutiva”.

No entanto, como suporte à teoria que se pretende desenvolver, irá igualmente ter-se em conta os impactos gerais que a tecnologia tem na tradução, fazendo uma incursão pela Tradução Automática e pela Tradução Assistida por Computador. Irá igualmente analisar, em paralelo com os impactos tecnológicos, alguns impactos da Sociedade em Rede na Tradução, recorrendo a conceitos como a sabedoria das multidões e a inteligência coletiva, que se revestem em comunidades de prática e outras formas de trabalho colaborativo.

São elementos de base que acabam assim por lançar o mote para a exploração do conceito de crowd translation em diversas perspetivas e passando por diversos exemplos, colmatando com o estudo de caso que foi desenvolvido baseado no Facebook e no Twitter.

Em suma, esta tese pretende aferir de que forma é que a promoção de traduções colaborativas voluntárias pode induzir indivíduos comuns, com mais ou menos competência na área das línguas, de que é possível contribuírem para o desenvolvimento de traduções relativamente eficazes para a sua língua, sem possuírem um conhecimento linguístico muito especializado ou, por vezes, formação específica para a realização destas tarefas. Por outro lado, pretende-se igualmente explorar a confiança que as entidades que recorrem a estes indivíduos depositam nelas e no processo.

1 APRESENTAÇÃO

1.1 Motivações e Objeto de Estudo

Este estudo é pertinente, na medida em que poderá permitir uma maior compreensão da dinâmica e dos motivos que podem conduzir ao processamento de atividades colaborativas na área da tradução, especialmente para a web, recorrendo a indivíduos voluntários que podem, eventualmente, não reunir as competências necessárias para realizar este tipo de trabalho.

Através da confiança tradutiva proposta nesta tese, permite uma reflexão sobre a forma como esta abordagem à tradução destaca os moldes teóricos da tradução, nomeadamente no que à fiabilidade dos processos diz respeito.

Neste sentido, este estudo pretende introduzir uma variável até agora pouco explorada no mundo da tradução colaborativa voluntária que é a confiança tradutiva, e que se encontra diretamente relacionada com as motivações e com a confiança que cada indivíduo deposita em si, permitindo-lhe realizar este tipo de atividades de tradução. A confiança que a entidade organizadora e promotora destes processos de tradução deposita nos indivíduos que com ela colaboram será igualmente explorada no âmbito da confiança tradutiva, tal como a confiança tradutiva existente junto dos leitores/utilizadores desses mesmos produtos.

Assim, o objeto de estudo aqui presente encontra-se especialmente centrado nos processos de tradução colaborativa que têm emergido por toda a web, com particular enfoque nos promovidos pelas redes sociais de maior renome, como o Facebook e o Twitter. Estas duas redes sociais revelam-se como exemplos do que aqui se pretende expor, permitindo uma abordagem preliminar sobre a tipologia de indivíduos que tendencialmente contribui para este género de projetos, assim como a base organizacional que suporta toda esta dinâmica e colaboração voluntária.

Desta forma, os objetivos gerais deste projeto de investigação são:

- Analisar o funcionamento da tradução colaborativa na estratégia de internacionalização das redes sociais.
- Propor um perfil tradutivo associado aos indivíduos que participam em processos de crowd translation.
- Propor uma identificação e categorização dos tipos de confiança no crowd translation.
- Descrever e propor uma primeira análise da confiança tradutiva que se gera pela parte dos indivíduos que colaboram em processos de crowd translation, pela entidade que os promove e os utilizadores do seu produto tradutivo.

1.2 Finalidades e questões de investigação

A definição das questões de investigação é um passo fulcral no desenvolvimento de um projeto de investigação. Estas questões surgem não só no início do estudo como também durante o desenrolar do mesmo. Segundo Uwe Flick essas questões têm de ser ponderadas quando selecionamos os casos e os dados (2006:105).

Neste sentido, são consideradas as seguintes questões de investigação:

- Será que a tradução tem um valor estratégico na dinâmica das redes sociais?
- Será que as empresas que recorrem a processos de crowd translation têm confiança no método e no trabalho produzido?
- Será que os indivíduos que participam em processos de crowd translation têm confiança no trabalho que desenvolvem?

Estas questões pretendem auxiliar na exploração deste recente método de tradução, com o intuito de melhor compreender a forma como opera, influência e promove o desenvolvimento nos estudos da tradução.

2 ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O fenómeno da tradução, na sua definição mais simples, reflete a transformação de uma determinada informação de um código para outro e, nesse sentido, a tradução já existe desde que os seres humanos começaram a interagir. Como refere Marta Chromá, a tradução começou por, numa primeira fase ser usada como “a subconscious process aimed at preserving their lives” (2014:147), mas depois, com o desenvolvimento do contacto verbal “the transfer became a more conscious, intentional and planned activity” (2014:147) entre os indivíduos.

Embora a prática da Tradução, assim como as suas contemplações teóricas, já remontem há centenas de anos atrás (Chromá, 2014:148), há que admitir que teorias desenvolvidas à volta deste fenómeno só passaram a surgir em finais do século XX. De facto, existem diversas teorias que tentam caraterizar este fenómeno e todas as variáveis que o influenciam, pelo que uma definição de tradução acaba por ser complexa, absorvendo diferentes perspetivas.

Neste estudo em particular, e com o intuito de criar as bases necessárias à investigação desenvolvida, acredita-se ser de interesse, nesta fase, explorar os Estudos Descritivos da tradução, como plano estrutural e disciplinário, assim como a Tradução Natural num plano social, de intervenção direta dos sujeitos. Por outro lado, num plano mais operativo, será observada a questão da Equivalência, como resultado destes processos.

Por fim, surge uma abordagem às unidades de tradução, numa relação mais estreita com o plano tecnológico que sustenta o processo de tradução colaborativa que irá ser explorado mais à frente nesta tese.

Em capítulos posteriores serão igualmente exploradas tendências da tradução, decorrentes da evolução tecnológica.

2.1 A culturalização e a socialização da tradução e o seu reflexo na aquisição de competências

2.1.1 Uma perspetiva desde os Estudos Descritivos da Tradução

Para permitir uma abordagem mais estruturada aos pontos fulcrais abordados nesta tese, há que começar por uma abordagem daquilo que são os Estudos Descritivos da Tradução. Assim, numa análise aos Estudos Descritivos da Tradução (Descriptive Translation Studies – DTS) poderá compreender-se que estes pretendem essencialmente refletir, na cultura de chegada, os objetivos para os quais o texto foi traduzido. Esta situação só é possível “through the perspective of the target pole which, in the function of a receptor pole, works as the initiate of a transfer at the interlingual, intertextual, and intercultural levels” (Mota, 1996:248). Desta forma, não são os elementos linguísticos do texto de partida que são a questão central da tradução, mas sim a função que este texto acaba por ter na cultura de chegada.

Segundo Snell-Hornby os Estudos Descritivos da Tradução são orientados ao público-alvo, funcionais e sistémicos, particularmente devido ao facto de serem diametralmente opostos aos dogmas da tradução do seu tempo que, de acordo com os institutos de formação de tradutores, eram essencialmente prescritivos, orientados ao texto de origem, linguísticos e atomísticos (2006:49). Os estudos descritivos da tradução conheceram diversos precursores, desde James Holmes, Itamar Even-Zohar, passando por Gideon Toury que aprimorou e desenvolveu os conceitos de Holmes, sendo um dos nomes de referência na área. Toury e outros pioneiros no campo da abordagem descritiva, como Hermant e Lambert, impulsionaram os desenvolvimentos gerados a partir de corpora e das ferramentas de corpus linguístico (Brownlie, 2009:78).

Contudo, convém mencionar que, como refere Sara Laviosa, nos Estudos Descritivos da Tradução, ao contrário do corpus linguístico, é possível investigar informação extralinguística, de forma a descobrir as normas que governam o “translational behaviour”

(Laviosa, 2002:17). Além disso, uma metodologia baseada em corpus linguístico não pode ser incorporada “à letra”, no ramo dos estudos descritivos, sem antes ser trabalhada de maneira a que possa ser aplicada de forma adequada e proveitosa, no sentido de testar as hipóteses concebidas e formuladas a partir da própria disciplina (Laviosa, 2002:18).

Em suma, encarar o texto traduzido como um fenómeno da cultura recetora implica admitir, de certa forma, que o mais relevante passa a ser a função que esse mesmo texto terá na cultura de chegada. Por esse motivo, o autor original da obra, assim como a sua perspetiva inicial, podem de certa forma ser relegados para um plano mais secundário, de forma a permitir que a tradução tenha o efeito que se pretende naquela que será a cultura de chegada. Baseado nesta perspetiva, Toury (1995) considera que ao contrário do que se passava na década de 70, em que os estudos da tradução estavam profundamente marcados por uma “source-orientedness”, agora estes passam a estar mais “target-oriented”, o que se revela numa grande alteração na perspetiva metodológica vigente. Laviosa, por exemplo, afirma que “Within this target-oriented and empirical perspective, the initial criteria for selecting individual texts or a corpus of texts are external, provisional and firmly based on target language system” (Laviosa, 2003:47). Desta forma, não só nas transposições linguísticas, mas também, e de forma muito acentuada, as transposições culturais, passam a ter um papel de muita relevância no processo tradutivo. Como refere Kate Sturge, a tradução cultural contrapõe-se a uma tradução “linguística” e “gramática”, que se limita às frases de uma página (Sturge, 2009:67).

Efetivamente, tantos os autores originais, como os tradutores e o público-alvo, não podem afirmar que usam os idiomas de forma homogénea quando “they are constantly submitted to previous combinations of translated, untranslated, and quoted discourses” (Janssens, Lambert e Steyaert, 2004:420). Assim, existe a preocupação de lidar com questões como as do dialeto, heteroglossia, alusões literárias, elementos culturalmente específicos como comida ou arquitetura ou ainda como alcançar as diferenças num contexto de conhecimento assumido que circunda o texto e lhe confere significado (Sturge, 2009:67). São aspetos que passam a ser encarados de outra perspetiva, para que sejam minimizados e também integrados na função do texto traduzido.

Por vezes torna-se assim necessária a implementação de uma adequação cultural, ou seja, de uma recriação de um contexto que seja mais familiar ou culturalmente apropriado para o

público recetor, do que aquele usado na perspetiva do texto original. Esta situação acaba por confirmar que as atividades de tradução e os seus produtos não só podem causar, como efetivamente causam mudanças na cultura de chegada (Toury, 1995:27). Assim, é possível dizer, como refere este autor, que de efetivamente as traduções são factos da cultura de chegada que, de forma ocasional, possuem um estatuto especial, por vezes até “constituting identifiable (sub)systems of their own, but of the target culture in any event” (Toury, 1995:29). Desta forma, a conceção do texto traduzido tem, efetivamente, implicações metodológicas vincadas, uma vez que é apresentada e trabalhada como um fenómeno da cultura de chegada, sendo este valorizado relativamente ao texto e à cultura de partida.

Podem destacar-se assim os exemplos da Coca-cola e da Colgate, aquando da sua introdução no mercado chinês. Estas marcas sentiram a necessidade de utilizar nomes “locais” para distinguir os seus produtos, em vez dos seus nomes internacionalmente conhecidos. No caso da Coca-Cola foram usados caracteres chineses que significavam “tastes good and makes you happy”, enquanto no caso da Colgate foram usados caracteres que significavam “highly clear and clean” (Janssens, Lambert e Steyaert, 2004:421).

Como referem Deww Zhang e Bernd Schimitt *apud* Janssens, Lambert e Steyaert (2004), este processo de tradução para o Mercado chinês “considered the differences in language and consumers’ brandname evaluations in which Chinese words are processed through visual and/or semantic cues while English words tend to be processed phonologically”.

No entanto, é notório que por vezes este tipo de abordagem pode ser alvo de algumas críticas, dado que é um modelo de tradução cultural que atribuiu a uma língua de destino dominadora a autoridade para indagar na cultura de origem e detetar as intenções escondidas dos seus membros (Sturge, 2009:68).

Em suma, o foco principal das teorias da tradução tem mudado ao longo dos anos. Se em tempos se concentrava nas principais tendências linguísticas e nas ciências humanas em geral, dando ênfase ao texto de partida e à sua transmissão exata para um texto de chegada, agora esse foco é direcionado para o texto de chegada e para as expectativas que o mesmo gera. Assim, e com base nesta visão mais recente, considero que esta perspetiva assenta parcialmente em algumas daquelas que se considera serem as bases da crowd translation,

dada a sua repercussão na importância que é dada ao utilizador final e à cultural final, como será explorado mais à frente nesta investigação.

Contudo, e para além das teorias de tradução que podem, eventualmente, sustentar fenómenos como a crowd translation, convém igualmente concentrar alguma atenção nos tradutores que o poderão promover, ou seja, nos indivíduos que, de forma voluntária, integram este fenómeno tradutivo. Assim, irão ser observadas as questões relacionadas com as competências linguísticas que esses indivíduos possuem, tal como a forma como as adquiriram, sendo que para isso será feita uma incursão sobre os conceitos inerentes à Tradução Natural.

2.1.2 Aquisição de competências tradutivas

Algumas das questões de relevo relacionadas com os estudos da tradução, prendem-se com aquelas levantadas em torno das competências de tradução e a forma como essas competências surgem no indivíduo. Por vezes, assume-se que essa competência advém de forma natural em indivíduos bilingues ou advém de forma trabalhada e formal por outras vias (académica, por exemplo). No entanto, e antes de se discorrer sobre a questão da aquisição de competências que muito importa a esta investigação, convém compreender aquilo que se pode entender como sendo o bilinguismo. De facto, existem três correntes que encaram o bilinguismo de formas consideravelmente diferentes e que acabam por impactar a forma como se encara a aquisição de competências tradutivas.

Numa primeira perspetiva, podem encontrar-se teóricos como Leonard Bloomfield (1933) e Michael Halliday, Angus McIntosh e Peter Strevens (1964), que consideram o bilinguismo como uma capacidade inerente a poucos e que apenas ocorre quando um determinado indivíduo possui a capacidade de usar duas línguas de tal forma, que seria considerado nativo em ambas. Seria uma situação pouco frequente, dado que a maioria dos indivíduos que fala duas línguas acaba por sentir-se sempre mais confortável numa do que na outra. Como refere Wolfgang Lorcher, ao tentar cimentar a opinião destes teóricos, o

“bilingualism is an exotic, exceptional phenomenon which hardly occurs in reality” (2012:4).

Por outro lado, existem teóricos que encaram o bilinguismo como um conceito bem mais generalista, em que se podem englobar todos os indivíduos que falam duas línguas, ainda que com competências diferentes em cada uma delas. Como refere Lorcher, baseando-se nos teóricos que advogavam esta noção, “any real communicative, use of a second language, however limited this use may be, is thus considered bilingualism” (2012:4). Este conceito acaba por ser de tal forma abrangente que seria possível encarar um número incontável de indivíduos como bilingues.

Ainda segundo Lorcher, existe também uma terceira corrente que encara o bilinguismo numa posição menos extremada. Esta corrente entende que o bilinguismo ocorre quando um determinado indivíduo usa ou pode usar duas línguas ou duas variáveis de uma mesma língua no seu dia-a-dia (Lorcher, 2012:4). Isto significa, no entanto, que a competência do indivíduo em cada uma das línguas pode variar em cada uma das competências em que uma língua se revê (falar, escrever, ler e ouvir) e também na sua capacidade de domínio comunicativo nas mais diversas situações do dia-a-dia.

De facto, o conceito de bilinguismo encontra duas fações completamente opostas e uma mais central, no que respeita ao entendimento da sua essência. No entanto, entende-se nesta investigação que um conceito como o primeiro não será profícuo para um entendimento desta realidade, pelo facto de ser demasiado restritivo. A segunda perspetiva, por outro lado, acaba por ser demasiado generalista, encarando o bilinguismo como uma característica quase superficial e comum a um número incontável de indivíduos.

Assim, partindo do conceito do bilinguismo mais central, torna-se possível fazer a ponte para aquilo que poderá ser considerado o processo de aquisição de competências linguísticas e que é colocado em questão nas novas modalidades de tradução que se encontram em fenómenos sociais tradutivos como a crowd translation. Assim, existem essencialmente duas perspetivas que encaram o processo de aquisição de competências tradutivas, e que se podem identificar como a Tradução Natural e a Socialização da Tradução.

A Tradução Natural é definida por Brian Harris, como a tradução levada a cabo por indivíduos bilingues, em circunstâncias normais do dia-a-dia, sem formação específica para isso (Harris, 1976:1). Segundo este autor, que promove um blogue sobre a temática até aos dias de hoje, a tradução não é a ocupação reservada à casta dos altamente qualificados, formados ou profissionais, sendo antes uma capacidade e uma atividade universal de pessoas comuns (Harris, 2010). O mesmo autor refere também que:

All bilinguals can translate. In addition to some competence in two languages *li* and *lj*, they all possess a third competence, that of translating from *li* to *lj* and vice versa. Bilingualism is therefore a triple, not a double, competence; and the third competence is bi-directional (1976:5).

Esta visão conduz a uma reflexão sobre aquilo que são, ou não, as competências necessárias para traduzir, assim como à envolvimento da Tradução Natural em fenómenos atuais como a crowd translation. No entanto, esta perspetiva de Brian Harris é algo controversa e difícil de aceitar para alguns teóricos. Lorcher, por exemplo, identifica três razões que, em seu entender, sustentam a impossibilidade dos bilingues terem competências tradutivas de forma inata e natural, que são (Lorcher, 2012:5): embora alguns bilingues possuam competências em duas línguas, essas competências não se encontram exatamente no mesmo nível; é frequente que os bilingues possuam algumas lacunas no que respeita a consciência meta-linguística e meta-cultural necessária a uma correta transposição mental do texto de origem para um texto de chegada e, por fim, as competências dos bilingues não incluem necessariamente a competência para transferir significados ou formas de uma língua para outra.

Por outro lado, Ali Darwish, advoga igualmente uma perspetiva algo diferente da de Brian Harris, afirmando que:

If innate is the state of something possessed at birth, something that is inborn, if it is the quality of something of or produced by the mind rather than learned through experience, then translation is innate. If natural is the state of something characterized by spontaneity and freedom from artificiality, affectation, or inhibitions, then translation is not natural (2000:1).

Este autor considera, assim, que para um bilingue (tradutor) fazer a troca mental de uma língua para outra, tem de ser capaz de se aperceber dessa mesma troca mental para traduzir, uma vez que não possui a consciência ou a capacidade de traduzir naturalmente, sem tomar a decisão consciente de o fazer (Darwish, 2000:2). Nesta sequência, este autor chega mesmo a afirmar que “in this respect, it can be argued that the notion of naturalness of translation is a false one” (2000:2), pelo que ressalva a importância de se fazer uma distinção entre a “innateness” e “naturalness” para traduzir, apesar de as mesmas surgirem por vezes na literatura, sem grande diferenciação.

Toury, por outro lado ainda, e apesar de admitir que existe, de facto, uma predisposição inata para traduzir, não considera que esta aptidão seja totalmente decorrente da existência ou não de bilinguismo (Lorcher, 2012:6). Como refere Darwish, suportando-se em Toury, “the inateness hypothesis does not account for the emergence of translation as a skill and that the acquisition of translating as a skill does not amount to the mere unfolding of an innate predisposition” (Darwish, 2000:2). Toury, aliás, explora um modelo que reflete a tentativa de conversão de um bilingue em tradutor e que denomina como a Socialização da Tradução (1995:241-258). Só esse modelo reflete, por si só, que não acredita que um bilingue possa ser, de forma automática, um tradutor.

De facto, o autor questiona-se sobre o processo que conduz à conversão de um bilingue em tradutor, especialmente fora do sistema educativo, uma vez que não considera que o desenvolvimento do bilinguismo numa criança possa ocorrer de forma automática e em paralelo com o desenvolvimento de competências tradutivas. O bilinguismo é considerado necessário, mas não o suficiente para o desenvolvimento de competências tradutivas, ao passo que Harris, como vimos anteriormente, considera que o bilinguismo e as competências tradutivas se desenvolvem em paralelo. Nesse sentido, Toury considera que para além da competência linguística, um tradutor tem, necessariamente, de desenvolver uma competência de transferência que requeira a transferência de textos “con lo que implica estructuras, del conocimiento que no forman parte del bilingüismo” (Hurtado, 2001:402).

Em suma, a base que se poderá encontrar em fenómenos como a crowd translation será possivelmente assente neste tipo de perspetivas como a de Harris, de forma justificar o

facto de alguns indivíduos comuns assumirem que terão as competências necessárias para traduzir.

2.1.3 Da equivalência às unidades de Tradução

As questões relativas à Equivalência encontram-se presentes em todas as teorias e abordagens à tradução, acabando por ter um papel preponderante em relação à forma como a tradução é encarada. Nesse sentido, e partindo dos enunciados anteriormente apresentados, será pertinente abordar as questões da equivalência neste âmbito, dado que acabam por ser relevantes no que se refere ao produto que resulta dos processos de tradução colaborativa, que se pretende explorar mais à frente nesta tese.

Antes de mais, é necessário esclarecer que o conceito de equivalência, nas suas origens primárias, está intimamente ligado às teorias linguísticas da tradução, sendo encarado como o processo que permite encontrar numa língua de chegada o seu equivalente da língua de partida. Acaba assim por ser um dos conceitos mais básicos inerentes ao conceito de tradução. No entanto, a tradução implica muito mais do que a substituição de elementos lexicais e gramaticais entre línguas (Bassnet, 2002:34), pelo que a introdução de diversas variáveis neste processo faz com que o conceito de equivalência, como postulado inicialmente, seja muito difícil de atingir. Aliás, como refere Roger Bell, formas contrastantes conferem significados que irão tendencialmente falhar numa tentativa de coincidir na totalidade, dado que não existem sinónimos absolutos entre termos de uma mesma língua. Assim, por que motivo haverá alguém ficar surpreendido ao descobrir a falta de sinónimos entre outras línguas (Bell, 1991:6).

Desta forma, apesar de ser um dos conceitos mais centrais da teoria da tradução, é também um dos mais controversos. Como refere Dorothy Kenny, a equivalência acaba por ser alvo de diversas perspetivas, sendo por diversas vezes encarada como uma condição necessária à tradução, um obstáculo ao progresso nos estudos da tradução ou mesmo uma categoria útil para descrever traduções (Kenny, 2009a:96). A controvérsia gerada por este conceito existe, dado que é notória a sua volatilidade, influenciada que é por questões sociais,

culturais, entre outras variáveis. Mona Baker também sustenta isso mesmo, afirmando que a equivalência embora possa ser encontrada até determinado ponto, é influenciada por diversos fatores culturais e linguísticos, que a tornam sempre relativa (Baker, 1992:13). Assim, pensar-se que é possível atingir, com o público de chegada, os mesmos objetivos que se alcançaram com o público de partida, acaba talvez por ter alguma dose de irrealismo, dado que existem, por exemplo, demasiadas variáveis culturais e sociais que condicionam este processo. Além disso, mesmo o papel do tradutor acaba por ser condicionante, dado que diferentes tradutores poderão apresentar diferentes soluções tradutivas. Em todo o caso, existe sempre uma tentativa clara para que as variáveis culturais e sociais sejam ultrapassadas para que se consiga atingir um determinado grau de equivalência entre as partes, especialmente como defendido pelos Estudos Descritivos da Tradução, já anteriormente referenciados neste estudo.

Nesta sequência, e fazendo a ponte com o fenómeno da crowd translation que será mais à frente explorado nesta tese, acredita-se que uma das tentativas feitas para ultrapassar os obstáculos culturais e sociais nesta modalidade de tradução residiu na colaboração dos nativos da língua de chegada na tradução, beneficiando de opiniões tradutivas várias, sujeitas a votação, e decorrentes de um vasto número de nativos voluntários.

A equivalência torna-se assim possível de atingir em determinados momentos, mas dificilmente a todos os níveis, pelo que isso também originou por parte de diversos teóricos a diferenciação de vários tipos de equivalência ao longo dos anos, fazendo com que o conceito de Equivalência já tenha passado por diversos estágios, consoante os teóricos que a abordaram. Determinados teóricos encaram a sua existência como fundamental, sendo que outros questionam e renegam a sua importância no contexto dos estudos da tradução. No entanto, para a grande maioria, a equivalência foi e é um conceito vital.

Roman Jakobson fez uma proposta em que existem 3 tipologias de equivalência: a intralingual (dentro de uma mesma língua, através da paráfrase, por exemplo); interlingual (entre duas línguas) e intersemiótica (entre sistemas de sinais) (Jakobson, 1959). Já John Catford (1965), por exemplo, encara nos seus primeiros trabalhos sobre a equivalência, os diferentes elementos linguísticos como variáveis cruciais na definição de Equivalência, tendo em linha de conta aspetos como a morfologia e a grafologia (Kariminia e Heidary, sem data). Catford fala igualmente de dois tipos de Equivalência, identificando-as como

correspondência formal e equivalência textual. No entanto, a sua visão apresenta um problema dado que, como sustenta Peter Fawcett (2003:54) os termos são baseados num sistema puramente linguístico.

Nida e Taber (2003:57), por exemplo, fazem a distinção entre Equivalência formal e a Equivalência dinâmica. Segundo Fawcett, estes dois teóricos analisam o conceito em relação à tradução do idioma, da estrutura do discurso, da variedade de língua, dos tipos de discurso e estilo, assim como a discussão do processo de tradução em si e dos problemas que ele coloca. No caso da Equivalência formal, existe um maior enfoque na mensagem em si (tanto na forma como no conteúdo), enquanto na dinâmica o enfoque já incide mais sobre a função da mensagem (Bassnet, 2002) acabando por ser dado maior destaque ao público de chegada e à maneira como ele vai receber o texto. Este conceito revela assim um problema que se mostra ainda maior quando o objetivo de fazer passar a função da mensagem se torna tal, que as alterações produzidas para o alcançar parecem ser traduções colonizadas. Por traduções colonizadas, entendem-se traduções que revelam, de forma demasiado evidente, adaptações culturais feitas ao texto original.

O teórico Henri Meschonnic, citado por Fawcett (2003:58), chegou mesmo a afirmar que este tipo de comportamento automático acaba por autorizar todo o tipo de manipulação, dado que a tradução se transforma numa adaptação, ou seja, num produto que nem se chega a considerar como um texto traduzido nem como um texto original, tendo o conceito de Equivalência dinâmica de Nida como a sua consciência.

Vinay e Darbelnet, *apud* Vanessa Leonardi (2000), por outro lado, encaravam o conceito de Equivalência como uma representação da mesma situação do original, embora usando termos diferentes. Assim, neste caso, o conceito de Equivalência acaba por estar relacionado com o conhecimento da linguagem, encarando-se como o método ideal quando o tradutor tem de lidar com provérbios, expressões idiomáticas, clichés, onomatopeias, etc. Anthony Pym (1992), por outro lado, enfatiza a questão da circularidade entre a Equivalência e a tradução, dado que a tradução se define pela equivalência, e a equivalência pela tradução.

Werner Koller também desenvolveu um trabalho extenso sobre a abordagem do conceito de equivalência em tradução, tendo mais recentemente (2000:57) feito a distinção entre

dois tipos de equivalência, passando a identificar o conceito da equivalência “theoretic-descriptive” e da equivalência como um “translation normative critical concept”. Relativamente ao primeiro tipo de Equivalência, Sergio Cuellar, baseando-se em Koller, considera que a equivalência é entendida como um conceito de tradução básico e constitutivo, sendo adequado para distinguir as traduções de outras formas de textos secundários, ou seja, textos relacionados com o texto de partida (Cuellar, 2002:12). Relativamente ao segundo tipo de Equivalência, o autor considera que esta é usada no mesmo valor entre o texto de chegada (tradução) e o texto de partida (texto original). Nesse sentido, as correspondências da língua de chegada são avaliadas do nível da palavra para o nível do texto, sendo que correspondência ideal será classificada como o equivalente (*Ibid*, 2002:12).

Outros também encararam o conceito de equivalência de uma perspectiva mais neutral, como Baker, por exemplo, que considerou a existência de três tipos de equivalência distinguindo a gramatical, textual e pragmática. No entanto, esta autora considera que a equivalência deve ser usada “for the sake of convenience – because most translators are used to it rather than because it has any theoretical status” (Baker, 1992:12-13).

A visão de Toury, por outro lado, encara o conceito de equivalência segundo uma perspectiva mais empírica, em que a análise da equivalência só poderia ser observada posteriormente à tradução. No desenvolvimento dos seus estudos descritivos da tradução, Toury considera que o conceito de equivalência se reflecte em qualquer relação que tenha caracterizado a tradução dentro de um determinado conjunto de circunstâncias (Toury, 1995:61). Como já se viu, essas circunstâncias são essencialmente reconhecidas por Toury no contexto e no público de chegada.

Por isso mesmo, segundo Baker (2009), este ponto de vista visa três elementos fulcrais. O primeiro é a necessidade de levar a cabo uma recusa explícita no que concerne o estabelecimento de ideias pré-concebidas relativamente à tradução, nomeadamente sobre o que ela é, o que deveria ser, ou mesmo que tipo de relações um texto traduzido deve estabelecer com o seu original. Em segundo lugar, e como já referenciado anteriormente, Toury postula que deverá ser efetuada uma análise que aborde todos os aspetos históricos, no que diz respeito à forma como estes operam na cultura de chegada, num qualquer dado momento. Este autor crê ainda que deverá dar-se uma extensão do contexto de

investigação, que vá para além do texto traduzido, analisando em particular os elementos paratextuais da tradução.

Esta perspetiva acaba assim por, como ele próprio afirma, não ter:

Target-source relationship at all, establishable on the basis of a particular invariant, rather it is a functional-relational concept, namely that set of relationships which will have been found to distinguish appropriate from inappropriate modes of translation performance for the cultures in question (Toury, 1995:86).

Desta forma, é confirmada a prevalência que se dá ao contexto de chegada, comparativamente ao contexto de partida. Toury acaba inclusive por afirmar que as traduções devem ser encaradas como factos da cultura que as recebe, tendo a consciência de que independentemente da sua função e identidade, elas são constituídas dentro da mesma cultura e refletem a sua própria constelação (Toury, 1995:24).

Toury, citado por Kenny, chega também a afirmar que a questão principal a colocar-se nos estudos da tradução atuais (especialmente na análise comparativa do texto original e o texto traduzido) não é direcionada à equivalência entre os textos, mas sim ao tipo e ao nível de equivalência tradutiva que eles revelam (Kenny, 2009b:99), enaltecendo a importância da avaliação da equivalência numa tradução já efetuada. Na mesma linha de pensamento, Pym acaba por considerar que, para Toury, a abordagem descritiva deverá aceitar como axiomática que todas as traduções são equivalentes às suas fontes, para que a investigação possa então descobrir as formas dessa equivalência (Pym, 2010:6).

Para fundamentar esta perspetiva, Toury introduz a questão das normas. Segundo Baker, para Toury, as normas referem-se a regularidades num comportamento tradutivo dentro de uma situação sociocultural específica (2009:189). Essas normas permitem a existência de uma categoria descritiva, que torna possível a reunião de comportamentos não aleatórios relativamente ao processo tradutivo. Nesse sentido, Toury sempre fez questão de sublinhar que as normas se enquadram numa categoria de análises descritivas e não uma listagem de opções prescritivas consideradas desejáveis por analistas e teóricos. As normas determinam assim o tipo e a extensão da equivalência existente nas traduções atuais, o que faz com que estas passem a ter um papel fulcral no conceito de equivalência de Toury e

dos estudos descritivos de tradução. Estas normas acabam por se firmar num nível que se encontra entre a competência e o desempenho, sendo que a competência está relacionada com a capacidade que o tradutor tem de inventariar e descrever todas as hipóteses possíveis de tradução num determinado contexto e o desempenho está relacionado com o conjunto de opções que o tradutor seleciona efetivamente (Baker, 2009:190). As normas passam assim a constar de um nível intermédio, refletindo-se como “typical rather than simply what is or what can be” (Baker, 2009:190), o que faz com o tradutor se reveja num papel que é, de facto, o de um agente interveniente no processo de decisões.

Para concluir, será possível afirmar que a existência das normas contribuiu para a existência de uma nova perspetiva sobre o conceito de equivalência. Como refer Baker (2009:192), com base em Hermans, o conceito de normas dá prioridade ao texto de chegada, em vez do texto de partida e, por isso, substituiu efetivamente a equivalência como o termo operativo nos estudos da tradução. Isso resulta em mudanças metodológicas nos estudos descritivos da tradução e da tradução em geral, uma vez que a existência de normas subentende igualmente a existência de um corpus de textos traduzidos para análise, em vez de textos individuais. Acaba assim por lançar as bases para o estudo da tradução baseado em corpora e que teremos a oportunidade de abordar no capítulo seguinte.

Em sequência da análise realizada aos conceitos teóricos que enquadram parte do tema principal desta tese, urge finalizar com uma análise à problemática das Unidades de Tradução (UT), dado ser um conceito transversal à área da tradução e que concentra em si algumas características que conduzem a questões de fiabilidade e de confiança, da padronização de comportamentos de tradução, assim como da sua importância no decorrer de uma tradução.

Este conceito tem vindo a ser encarado de diversas perspetivas, alimentando várias problemáticas em seu redor, como identifica Kenny:

whether or not such units are units of the source language/text, whether they are semantic or syntactic, at what linguistic rank they are realized, whether they have any cognitive basis, and whether they are conventionalized to any significant extent (2009b:304).

Uma UT pode adquirir diversas formas, podendo ser considerada sob a forma de parágrafos, capítulos, versos, uma frase ou mesmo o termo. No entanto, quanto maior for a unidade de tradução maior será a probabilidade de se conseguir uma contextualização mais apropriada do texto partida no texto chegada.

Já diversos teóricos formularam as suas ideias acerca do tamanho que deverá ter uma unidade de tradução, sendo que uns defendem que a unidade de tradução deveria ser encarada ao nível da frase, como Peter Newmark (1988), ao mesmo tempo que outros defendiam a necessidade da unidade de tradução ser o texto como um todo (neste caso, por vezes é denominada por macro-unidade). Contudo, Toury refere que por muito que gostássemos de encarar um texto como a unidade derradeira, o mapeamento de uma tradução relativamente à sua fonte é impraticável, a não ser que ambos os textos fossem partidos (Toury, 1995:87).

Desta forma, o tamanho/extensão da UT pode ter consequências na fiabilidade da tradução. Por exemplo, unidades de tradução tão pequenas como os termos poderão conduzir a erros tradutivos, uma vez que um mesmo termo pode adquirir significados diferentes consoante o contexto em que se insere. Determinadas combinações destas mesmas unidades podem inclusive produzir diferentes funções textuais. Existe ainda a necessidade de análise da componente psicológica que cada tradutor reflete no processo tradutivo. Com base nessa componente psicológica, as unidades de Tradução poderão adquirir as mais diversas dimensões, o que faz com que as UT estejam, nesta perspetiva, orientadas ao processo de cada tradutor. Como referem Fábio Alves and José Luiz Gonçalves referenciados por Kenny, a unidade de tradução “is a segment in constant transformation that changes according to the translator’s cognitive and processing needs” (Kenny, 2009b:305). Isso implica que as UT não sejam passíveis de uma identificação prévia, mas somente de uma identificação em tempo real enquanto determinado tradutor processa os segmentos do texto de origem.

Por outro lado, existe igualmente a perspetiva de que a UT se encontra orientada ao produto em vez de orientada ao processo. Neste caso é dada maior importância aos segmentos do texto de chegada. Os estudos descritivos da tradução, por exemplo, acabaram por redefinir o conceito de unidade de tradução, passando esta a ser encarada como variável, consoante as necessidades que se apresentem. No entanto, dada a utilização

de corpus linguísticos multilingues, as unidades de tradução acabam por ser analisadas de forma comparativa, por vezes com base em grandes extratos de texto. A utilização de corpus linguísticos, (especialmente os computadorizados), serviu de grande impulso aos percursores das teorias descritivistas, dado que os estudiosos na área têm beneficiado em grande escala deste método, que lhes proporciona corpora de grande escala e textos que podem ser investigados a partir das suas características mais detalhadas até aos maiores padrões, sejam culturais ou linguísticos (Esteki, 2010).

A análise comparativa das unidades de tradução, essencialmente defendida por Toury, e baseada na análise ao produto, confirma a importância de analisar as unidades de tradução aos pares, considerando porém que os limites desses mesmos pares são difíceis de determinar, dada a sua natureza dinâmica e dependência contextual (Kenny, 2009b). Toury, citado por Kenny, defende assim a aplicação de:

a no leftovers' principle whereby the analyst goes about establishing 'a segment of the target text, for which it would be possible to claim that – beyond its boundaries – there are no leftovers of the solution to a translation problem which is represented by one of the source text's segments, whether similar or different in rank and scope (2009b:305-306).

As UT, na perspectiva de Toury, são essencialmente encaradas sob égide dos “coupled pairs”, podendo possuir uma extensão variável. O conceito de UT acaba assim por ser redefinido, recusando teorias anteriores que favoreciam traduções mais incisivas, e unidades de tradução mais curtas, como Vinay e Darbelnet. Aliás, sobre estes teóricos, Kenny afirmou que a sua visão deles era demasiadamente prescritiva, demasiado focada na língua de origem e baseada em traduções idealizadas, constituindo fatores que limitam a sua capacidade de responder pela tradução do mundo real (Kenny, 2009b:304).

Apesar da perspectiva dos “coupled pairs” de Toury servir primeiramente um propósito de chegada em que se comparam opções tradutivas para reconstruir decisões de tradução, este autor acredita igualmente que este método pode também ter uma função na implementação de decisões tradutivas através do recurso às memórias de tradução. No entanto, atualmente, o tradutor que exerce esta atividade de forma profissional e que, por consequência, recorre a memórias de tradução, já não tem um papel interventivo na definição da extensão da

unidade de tradução. As memórias são um recurso *standard* na atividade tradutiva profissional, funcionando como a norma e o suporte da maioria das traduções. A sua utilização impõe unidades de tradução formais, que já aparecem decompostas quando se inicia o trabalho de tradução. Nesse sentido, quando a tradução se reveste dos mecanismos assentes nas memórias de tradução, deixa de ser o tradutor que define a sua extensão, sendo esse processo realizado de forma automática pelo *software* de tradução assistida por computador.

Este conceito adquire particular relevo, dada a sua proximidade com o método de trabalho explorado na crowd translation nas redes sociais. A tradução no Facebook e no Twitter, por exemplo, é realizada em pequenas unidades de tradução, previamente definidas pelo sistema, e que podem ir desde de termos isolados a frases de pequena dimensão.

Para finalizar, e de forma a ilustrar de outra perspetiva como se pode filtrar o conceito de equivalência através das práticas colaborativas em rede, é possível destacar o exemplo da wikipédia. Esta ferramenta pode, de facto, ser encarada também como uma obra provedora de equivalências para o uso de tradutores ocasionais, dada a sua capacidade de comportar um corpus de textos supostamente equivalentes e previamente alinhados entre diversas línguas. Esta possibilidade, que decorre do processo de crowd translation de que é alvo por parte dos seus tradutores voluntários e que, por consequência, conduz a uma possível desambiguação de conceitos quando alternando entre as línguas disponíveis para consulta, acaba por revestir a wikipédia de outras valências que não a de mera enciclopédia, mas também de ferramenta interlinguística mais acessível. Assim, no caso da wikipédia, a equivalência constrói-se, sobre a confiança depositada na correspondência automática entre as entradas desta ferramenta e que é providenciada pelos tradutores voluntários. No entanto, o que acaba por ser relevante destacar é que não é a wikipédia que pretende ser uma fonte de equivalências, mas sim o utilizador que lhe confere esse papel ao confiar que o paralelismo existente entre os artigos disponíveis em diversas línguas é viável e passível de aceitação, confiando que esse paralelismo assenta também no equilíbrio semântico e funcional dos termos em cada sistema linguístico relacionado com a listagem de línguas disponíveis para cada entrada.

2.2 A Tradução e o impacto da tecnologia

Os avanços registados no campo das tecnologias da informação têm-se combinado ao longo dos anos com novas metodologias de comunicação e tradução, com o intuito de promover processos cada vez mais automatizados na área, facilitando claramente os processos comunicativos. Apesar de esta relação ter conhecido avanços significativos em tempos mais recentes, a relação entre a tecnologia e a tradução não é, de todo, recente e acaba por remontar aos tempos da Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria. Fruto da competição existente entre os países inimigos surgiram necessidades claras de tradução, no que respeita os documentos e as comunicações do inimigo. Esta necessidade acabou por potenciar alguns avanços na história da tradução.

Efetivamente, desde esse tempo que a tradução tem conhecido desenvolvimentos potenciados por inovações no campo tecnológico. Esses avanços registados nos processos tradutivos têm contribuído para uma evolução constante desta área, pautadas por novas formas de operar que acabam por facilitar o trabalho do tradutor ou mesmo de um simples utilizador da Internet com necessidade de tradução de um dado elemento textual.

Os principais métodos tradutivos que se foram registando ao longo dos anos concentram-se essencialmente nos processos de tradução assistida por computador, na tradução automática e, mais recentemente, na tradução colaborativa, com especial enfoque na crowd translation realizada de forma voluntária. A abordagem à crowd translation será, no entanto, apresentada num capítulo posterior, dada a sua relevância para o desenvolvimento desta investigação.

2.2.1 Tradução automática

A Tradução automática centra o seu objeto de estudo no desenvolvimento de programas que permitam ao computador realizar operações tradutivas de uma língua natural para

outra. Para isso, a tradução automática reúne conhecimentos de diversas áreas científicas que vão desde a Informática, a Inteligência Artificial, a Linguística, a Linguística Computacional, os Estudos de Tradução, entre outros, o que lhe confere um carácter interdisciplinar (Ibrahim, 2010:13). Como refere Náheda Ibrahim, baseando-se em Hutchins, o que acontece na tradução automática ou não assistida é que o sistema acaba por traduzir todo o texto sem que o tradutor intervenha no processo, resultando isso numa tradução crua, normalmente denominada por ‘tradução informativa’ ou ‘tradução para apreensão de sentido’ (*Ibid*, 2010:17).

Assim, um dos grandes desafios dos dias de hoje, no que se refere à TA, é tentar aprimorar um sistema que permita aos computadores entender a linguagem natural (Processamento da Linguagem Natural). O processamento da linguagem natural está, assim, na base da TA, dado que pretende oferecer uma tradução o mais equivalente possível do sentido original. Aliás, pode mesmo dizer-se que “Natural Language Understanding’ (NLU) is associated with the more ambitious goal of having a computer system actually comprehend natural language as a human being might.” (Jackson e Moulinier, 2002:3). Efetivamente, como refere Ibrahim “A Tradução Automática é uma das aplicações não numéricas mais antigas da informática e a sua história remonta aos anos imediatamente posteriores à Segunda Guerra Mundial” (2010:13). No entanto, a confiança social depositada em soluções tecnológicas de ferramentas de tradução automática assenta num imaginário que se estrutura previamente em redor da noção de automatismo e que vem já desde os tempos anteriores à Segunda Guerra Mundial.

De facto, as questões da automatização já povoam a história da tradução desde há anos atrás e a sua importância tem sido crescente também nos dias de hoje, especialmente no que concerne a Internet até porque, como refere Richard Zens (2008), independentemente da sua nacionalidade, a maioria das páginas web encontram-se somente disponíveis numa língua estrangeira: quando a língua de origem do *website* não é a língua inglesa, é frequente que a língua estrangeira que disponibilizam de seguida seja somente o inglês. O mesmo autor refere ainda que a TA pode ser usada para dar uma ideia do conteúdo de um dado *website* estrangeiro, reduzindo a barreira de língua e facilitando a comunicação (*Ibid*, 2008:1). Além disso, como refere Ke Ping, a procura por traduções em linha têm dado um enorme impulso ao desenvolvimento dos sistemas de tradução automática (2009:165).

Nessa sequência, ao longo dos anos, têm surgido diversas ferramentas de tradução automática na Internet com o intuito de facilitar os processos comunicativos ao utilizador mais comum. Existem essencialmente duas grandes tendências no que diz respeito aos processos de tradução automática, sendo eles: “Rules Based Translation” e a “Corpus based Translation”.

2.2.1.1 Tradução Baseada em Regras (Rules Based Translation)

Esta abordagem caracteriza-se por um esforço de interpretação do significado do original a vários níveis linguísticos (Ping, 2009), sendo baseada em três tipos de abordagens: TA Direta; TA por Transferência e TA por Interlíngua. A TA Direta caracteriza-se pelo facto de ser desenhada para um par de língua específico em que a tradução se processa diretamente do texto de partida para o texto de chegada. Neste método pode verificar-se uma análise mínima daquilo que são as condições sintáticas e semânticas, pelo que pode ser encarado como um grande dicionário bilingue e um método mais primitivo. No caso da TA por Transferência é possível observar o seu modelo de três fases. Numa primeira fase, e como refere Ana Gomes, “o texto de partida é analisado a vários níveis (lexical, morfológico, sintático, semântico), com recurso a um parser e a uma gramática do texto de partida” (2010:19), sendo que desta análise acaba por surgir uma representação daquilo que será o texto de chegada. Depois, numa segunda fase, dá-se então o processo de transferência e por fim o resultado efetivo da tradução. Por último, existe a TA por interlíngua que, como também refere Gomes, é:

uma representação do «significado», independente das línguas envolvidas no processo de tradução. O nível de análise que se consegue com este método é pormenorizado e profundo, ao ponto de permitir a independência da interlíngua em relação às línguas de partida e de chegada (2010:18).

Em suma, a tradução automática baseada em regras implica uma tradução baseada essencialmente em diversas regras linguísticas, com enfoque nas questões morfológicas, sintáticas e semânticas, tanto no texto de partida como no texto de chegada. Numa outra

perspetiva existe a tradução baseada em corpora, que se suporta na análise comparativa de textos paralelos e que se distingue desta pelo facto de concentrar a sua análise não nas regras gramaticais, mas sim na disponibilidade de corpora paralelos que geralmente produzem resultados sem atenção às regras gramaticais inerentes (Sánchez Cartagena, Sánchez Martínez e Pérez-Ortiz, 2011:1). No entanto, esta vertente será devidamente explanado no ponto seguinte.

2.2.1.2 Tradução Baseada em Corpora (Corpus Based Translation)

A Tradução baseada em Corpora pode ser encarada sob dois tipos de abordagem: a Tradução baseada em Exemplos (Example Based) e a Tradução baseada em Estatísticas (Statistical Based). A primeira abordagem, à semelhança da segunda, caracteriza-se pela utilização de um grande volume de textos paralelos (textos de origem e as suas traduções).

Neste tipo de abordagem as frases são encaradas como elementos independentes que podem ser traduzidos de forma isolada e posteriormente introduzidos no corpo do texto geral. Além disso, neste caso, e como refere Ping a tradução é produzida através da comparação do “input” (2009:164). Esta perspetiva tem a desvantagem de necessitar de um corpus de textos muito grande, de forma a conseguir produzir traduções com alguma qualidade. Como referem Vamshi Ambati, Stephan Vogel e James G. Carbonell (2010:1), “Corpus based approaches to automatic translation like Example Based and Statistical Machine Translation systems use large amounts of parallel data created by humans to train mathematical models for automatic language translation”.

A segunda abordagem, que é a TA baseada em estatística, é talvez a abordagem mais popular na atualidade. Esta abordagem tem por base um volume considerável de textos paralelos (textos originais e as suas traduções), bem como corpora monolingue, procurando em toda esta base correlações estatísticas tanto em segmentos inteiros como em frases de menor dimensão ou mesmo termo a termo.

Como refere Ping, baseando-se em Hutchins, a tradução implica a seleção, para cada um dos termos de partida, dos termos mais prováveis na língua de chegada, assim como a determinação da sequência mais provável dos termos selecionados na base de um ‘language model’ monolingue (Ping, 2009:164). Um dos aspetos menos positivos deste sistema é que acaba por não ter uma noção exata de regras gramaticais ou de sintaxe, conduzindo a resultados tradutivos que poderão não ser os mais corretos. O Google Tradutor é um dos melhores exemplos no que concerne a aplicação deste tipo de tradução, dado que se baseia num volume considerável de textos paralelos, mas não aplica a totalidade das regras gramaticais. No entanto, esta ferramenta acaba por ser amplamente usada o que se justifica, provavelmente, pelo facto do Google ser o motor de busca mais utilizado pelos cibernautas, segundo um estudo da ComScore realizado em 2009. Esse estudo sustenta que, por exemplo, 94% dos cibernautas portugueses recorrem ao Google para efetuar pesquisas na Internet. O Google Tradutor baseia-se assim na Tradução Baseada em Estatística e, como refere Franz Och, o seu próprio mentor, o computador é alimentado com um número gigantesco de termos:

both monolingual text in the target language, and aligned text consisting of examples of human translations between the languages. We then apply statistical learning techniques to build a translation model. We have achieved very good results in research evaluations” (Och, 2006).

O Google Tradutor nasceu em 2004, como projeto, e foi baseado no Systran, assim como muitas outras ferramentas da altura (a ferramenta de tradução do Yahoo, por exemplo). No entanto, em 2007, o Google Tradutor resolveu adotar um sistema próprio, desenvolvido pelo seu grupo de investigação. Desde a sua criação que o Google Tradutor tem vindo a sofrer um processo de evolução considerável.

Em todo o caso, e apesar dos benefícios que TA traz para facilitar os processos comunicativos, existem igualmente questões relacionadas com a qualidade da tradução que continuam a ser prementes e que podem resultar noutro tipo de consequências linguísticas, como se poderá verificar no ponto seguinte.

2.2.2 Tradução Assistida por Computador

A investigação no domínio da tradução automática, como é possível observar na secção anterior, tem como objetivo desenvolver sistemas que sejam capazes de traduzir um texto ou discurso sem a intervenção humana. No entanto, atualmente a tecnologia ainda não foi capaz de providenciar um sistema que seja altamente fiável e que respeite de forma clara as regras gramaticais e de sintaxe, sendo necessária a intervenção humana para o produto respeitar os níveis de qualidade exigidos. Assim, uma alternativa que permite tirar proveito das tecnologias existentes no campo da tradução automática, ao mesmo tempo que beneficia da intervenção humana, é a Tradução Assistida do Computador (TAC).

A TAC caracteriza-se por um método em que o tradutor é assistido por uma aplicação informática. O termo “aplicação informática” acaba por ser bastante generalista, mas efetivamente é possível incluir nesta categoria ferramentas de processamento de texto, glossários e dicionários em linha, entre outros que não estejam necessariamente disponíveis na web. No entanto, as aplicações informáticas que acabam por ter uma intervenção mais significativa no processo de apoio ao tradutor são aquelas que trabalham com base em Memórias de Tradução (MT). Neste caso em particular, é possível destacar o SDL Trados, o STAR Transit ou o Dejavu, apenas para numerar alguns exemplos.

As MT, como refere Minako O'Hagan (2009:48), permitem ao tradutor armazenar traduções numa base de dados e reciclá-las em novas traduções através de segmentos recolhidos de forma automática (geralmente frases) para reutilização. Este método pode ser aplicado a nível local, com a ferramenta e com base em traduções anteriores realizadas por esse tradutor, sem necessidade de recurso à web. As MT são, assim, o resultado de um sistema de memórias que suportam e evitam a necessidade de traduzir novamente um segmento de texto cuja tradução já foi produzida anteriormente (Simard, 2003:65), acabando por ter como principal objetivo a reutilização de traduções já realizadas pelo seu autor, poupando assim tempo e esforço.

A análise das MT, no contexto da TAC, torna-se pertinente no contexto desta tese, não só porque lançaram as bases daquilo que seria um futuro tecnológico massificado na área da

tradução, mas também porque a sua utilização tem implícitas questões de confiança que, ainda que diferentes das exploradas neste tese, reforçam a noção de confiança é um elemento central em todo o processo de tradução, independentemente da forma que ele seja conduzido. As questões de confiança (ver capítulo 3) que se podem ver aliadas às MT prendem-se essencialmente com o facto de as MT resultarem num decisivo valor para o tradutor e para o próprio cliente. Boas MT asseguram maiores níveis de confiança em traduções futuras podendo, inclusive, afetar o valor que se cobra por uma tradução. Assim, como O'Hagan (2009:48) também refere, a tradução assistida por computador tornou-se numa das formas de tradução predominante, no que concerne a tradução científica e técnica e a Localização.

Nesse sentido, e embora existissem outros métodos passíveis de análise relativamente à tradução assistida por computador, iremos concentrarmo-nos na análise dos processos de Localização, dado que são aqueles que mais interesse tem para este estudo.

2.2.2.1 Localização

Quando se desenvolvem esforços para promover o desenvolvimento global de uma determinada empresa ou organismo, um dos investimentos que deve ser feito é na sua forma de comunicação com o mundo. Muitas vezes, parte desse processo é levado a cabo através de um investimento na Localização do seu *website* e do seu *software*. Desta forma, e tendo a tradução como parte do processo, mas não só, tentam proporcionar um produto que possa chegar a um público mais alargado, tendo em consideração particularidades culturais e outros aspetos que poderão condicionar um normal entendimento desse produto (*website*, *software*, etc.) na cultura de chegada. Convém ainda mencionar que o investimento feito em processos de localização para a web, acaba por ser claramente benéfico para as empresas/organismos, dado que um artigo de 2007 elaborado pela Localization Industry Standards Association (LISA) “reported that \$25 dollars was returned for every \$1 invested in localization” (Helzer, 2011:34).

Existem várias definições para o conceito de Localização, no entanto, segundo a LISA (Localization Industry Standards Association), citada por Bert Esselink, a Localização envolve pegar num determinado produto e torná-lo linguisticamente e culturalmente apropriado para o locale (país/região e língua) onde vai ser usado e vendido (Esselink, 2000). O locale é um termo usado para representar a combinação específica que resulta da língua, região e de outros fatores que a tornam específica, como convenções de data e hora, números, simbologia de cores, entre muitos outros elementos. A título de exemplo, uma localização para o português falado no Brasil não é totalmente coincidente com uma localização para um português falado em Portugal. Aspectos tão básicos como a tradução de “file” num determinado programa, resulta em “ficheiro” em português europeu e “arquivo” em português do Brasil.,

A Localização é também, segundo o próprio Esselink, e como já referenciado anteriormente, “the translation and adaptation of a software or web product, which includes the software application itself and all related product documentation” (2000:1). É, assim, um processo que vai para além da tradução embora esta seja, naturalmente, uma das suas fases. O processo de localização acaba por ser mais complexo, dado que envolve diversas variáveis que acabam por não ter expressão num processo de tradução mais tradicional. A(s) pessoa(s) interveniente(s) num processo de Localização têm de lidar com questões de design, estética, restrições técnicas impostas pela aplicação que é alvo da tradução, entre outras.

Além disso, o texto localizado tem outra característica muito particular, uma vez que mais do que se destinar a leitores destina-se aos utilizadores da Internet ou utilizadores de determinados programas, e isso proporciona diferentes perspetivas sobre o texto traduzido/localizado. Assim, e segundo Pym (2004:175) “such language workers ultimately achieve trust not on the basis of where their words have come from, but on what can be done with the texts they produce”, pelo que a confiança que o leitor/utilizador deposita no texto localizado é muitas vezes associada à forma como este é percebido, e não com o seu vínculo ao texto original, como acontece a maioria das vezes com uma tradução dita tradicional. Além disso, no caso da tradução tradicional, a tradução é uma atividade desenvolvida depois do texto original estar finalizado, enquanto na Localização é frequente emergir a necessidade de se trabalhar para diferentes línguas ao mesmo tempo.

No entanto, e apesar destas diferenças, é imperativo ter consciência de que, como refere Pym (2004:53), os tradutores e os “localizadores” são todos trabalhadores de língua, possivelmente não distinguíveis entre si e que muitas pessoas a trabalhar na área da Localização possuem, de qualquer das formas, formação em tradução.

Atualmente, e segundo Josef van Genabith (2009:4), a Localização têm conhecido três desafios na sua existência, sendo eles o volume, o acesso e a personalização. No que concerne o volume, é possível dizer que cada vez mais existem *websites* e conteúdos digitais passíveis de localização. Dada esta crescente necessidade, decorrente do elevado número de conteúdos, apenas uma parte é, efetivamente, localizada e dessa parte a maioria é feita nos pares de línguas mais recorrentes. O acesso é igualmente uma das condicionantes da Localização, pois esta pressupõe um acesso à Internet e a outras tecnologias associadas no caso de pessoas com limitações visuais. Por fim, no que diz respeito à personalização, é possível identificar a necessidade de adaptar o conteúdo ao indivíduo, como Genabith refere “The person is the ultimate locale” (2012:5).

Além dos aspetos mencionados anteriormente é ainda necessário ter em linha de conta os fatores inerentes ao contexto profissional em que se promove uma Localização, dado que este tipo de trabalho, quando realizado por empresas especializadas na área, têm de se focar em diversas outras áreas para além da tradução, nomeadamente a gestão do projeto, questões técnicas, gestão de memórias de tradução, de bases de dados, fase de testes, design entre muitas outras variáveis que tornam todo este processo complexo. Nos dias de hoje, para além das empresas, a Localização tem conhecido diferentes formas de operar, potenciada que tem sido pela sociedade em rede em que vivemos. Assim sendo, todo este trabalho se altera quando a força potenciadora deste trabalho deixa de ter um cunho profissional para ser, parcialmente, operada por indivíduos comuns em fenómenos de voluntariado. Efetivamente, o trabalho colaborativo de pessoas que se voluntariam para participar em projetos de Localização tem emergido consideravelmente, sendo promovido por grandes empresas que se motivam pelo imediatismo que provém deste tipo de atividades. Estes fenómenos caracterizam-se pela intervenção dos indivíduos voluntários somente na parte respeitante à tradução, pelo que este ponto será explorado mais à frente nesta tese, aquando da abordagem ao processo de crowd translation, ponto central desta tese.

2.2.3 A tecnologia, a língua e os limites da aceitabilidade

A tecnologia tem permitido progressos consideráveis no campo das línguas, com especial enfoque na tradução (tradução automática, por exemplo). No entanto, apesar dos avanços registados, surgem em paralelo preocupações no que respeita não só a seleção da terminologia mais indicada, como também a correção gramatical. Daí que se advogue a necessidade desse tipo de traduções serem alvo de uma revisão por parte de um tradutor humano ou, pelo menos, um falante nativo que possa determinar se o texto traduzido faz sentido naquele contexto (Chromá, 2014:162).

Em todo o caso, os problemas nem sempre se resumem à tradução propriamente dita, podendo decorrer do texto original/nativo, dados os problemas de escrita que os próprios nativos por vezes registam e que podem, eventualmente, ser potenciados pelo uso da tecnologia. Como a linguísta Naomi Baron refere:

writing has increasingly become an off-the-cuff, done-in-a-hurry activity, rather than a process that involves contemplation and redrafting. Yes, Twitter users may need to do some editing of tweets to fit them into 140 characters, and there are some wonderful text-messaging poets. But I don't see enough evidence today of writers – young or old – taking care with longer, more durable written texts (Baron, sem data).

Neste sentido, o que se pode depreender da realidade virtual atual é que, por vezes, o imediatismo das comunicações pode conduzir a um emprobecimento da língua. Neste sentido, o que se pode depreender da realidade virtual atual é que, por vezes, o imediatismo das comunicações pode conduzir a uma simplificação da escrita. Essa problemática será observável em todas as camadas etárias, mas torna-se particularmente evidente nas faixas mais jovens, cujo modelo escolar onde se inserem difere um pouco da rigidez do modelo escolar por onde passaram faixas etárias mais velhas, a quem foi providenciado um manuseamento das normas mais sustentado. Assim, as camadas mais jovens acabam por ser mais permeáveis a todo o tipo de influências e de transformações de língua. Podem observar-se os casos relacionados com a escrita de mensagens por telemóvel ou mensagens curtas pelo Twitter, por exemplo. Esta simplificação da língua não estará somente relacionada com estes novos fenómenos, mas também com a falta de hábitos de leitura.

Ainda neste contexto, e de forma a descortinar de que forma a tecnologia tem demonstrado o seu impacto na aprendizagem da língua por parte dos jovens, foi realizado um estudo junto de 2462 professores do programa *Advanced Placement* (Programa criado por escolas do ensino superior que oferece formação e avaliação de ensino superior a alunos do ensino secundário, tantos nos Estados Unidos da América como no Canada) e do *National Writing Project* (2014). Esse estudo conduzido pelo *National Writing Project* e pelo *Pew Research Center*, conclui que apesar da maioria dos professores inquiridos reconhecer os aspetos positivos relacionados com o impacto da tecnologia na escrita dos jovens alunos, também “worry that students’ use of digital tools is having some undesirable effects on their writing, including the “creep” of informal language and style into formal writing” (Purcell, Buchanan e Friedrich, 2013:2). No entanto, o impacto da tecnologia na língua não será exclusivo dos jovens, mas sim dos utilizadores em geral, consoante as necessidades linguísticas que experienciem na web. Segundo Brian Mossop, existem resultados de investigação que revelam o vínculo crescente entre o número de leitores não nativos e a tolerância por uma língua inglesa empobrecida, referindo que esta maior tolerância não só poderá estar a tornar a escrita por parte de não-nativos como mais aceitável, como também pode estar a influenciar o resultado do produto desenvolvido por nativos, incluindo tradutores cujo processo de revisão e de auto-revisão poderá estar a deixar de se reger sempre pelos antigos padrões de inglês aceitável (Mossop, 2006:792).

Assim, a ideia de que por vezes os padrões de qualidade na escrita que encontramos em linha não são tão altos como deveriam ser, pode igualmente encontrar fundamento nos motivos pelos quais diversas pessoas usam ferramentas de tradução automática de forma, por vezes, indiscriminada. É bastante comum, por exemplo em casos de blogues, que os seus criadores disponibilizem as suas publicações não só na sua língua nativa, mas também em inglês recorrendo à tradução automática providenciada pelo Google Tradutor. Embora exista alguma consciência de que essas ferramentas não produzem, por vezes, as opções tradutivas mais indicadas, isso acaba por não ser um fator limitador de um uso frequente, dado que o principal objetivo da sua utilização acaba por ser alcançado: passar a ideia de uma determinada mensagem. No entanto, também é necessário ter uma consciência clara de que por vezes o resultado tradutivo não é o mais indicado, devido a um texto de partida mal construído. Como referiu Jack Clark num artigo publicado no website *The Register*, “Google’s ever-so-clever Google Translate service may be falling

foul of a problem known to grizzled engineers across the globe: garbage in, garbage out.” (Clark, 2014). De facto, e partindo da língua portuguesa, por exemplo, se um determinado texto for colocado no Google tradutor e a sua sintaxe original tiver problemas, assim como erros ortográficos, é natural que a tradução gerada pelo Google Tradutor também registe problemas.

Em suma, seja por via dos automatismos existentes, seja por via de uma diminuição da preocupação com a escrita, a questão da suposta simplificação da língua é uma questão atual que conduzirá a diversas reflexões sobre o tema.

2.3 A Sociedade em rede e a tradução

Existem diversos conceitos que pretendem caracterizar a sociedade que vive sob a influência da informação e das tecnologias de comunicação. Dos conceitos existentes podem identificar-se a sociedade da informação, a sociedade em rede e a sociedade de massas (Van Dijk, 2012). Apesar da diversidade de conceitos existentes Jan Van Dijk considera que todas refletem a realidade de uma sociedade moderna, com uma infraestrutura social e de média que acaba por caracterizar a sua forma de operar e de se organizar a todos os níveis, seja individual, em grupo ou em sociedade. Além disso, Van Dijk considera ainda que “in western societies, the individual linked by networks is becoming the basic unit of the network society. In eastern societies, this might still be the group (family, community, work team) linked by networks” (2012:24). Nesse sentido, acaba por ser claro que a Internet é um dos contextos que mais tem promovido alterações na forma como se vive, como as pessoas se relacionam e como trabalham, sendo que a área em estudo nesta tese, a Tradução, não ficou alheada a essas mesmas transformações, continuando a evoluir e a conhecer novos modelos de operar. No entanto, como refere o sociólogo Manuel Castells, não são só os avanços da tecnologia e da Internet que potenciam mudanças nas pessoas e na forma como estas desenvolvem o seu trabalho, dado que se se analisar em pormenor a realidade circundante, torna-se possível observar que também a sociedade molda a tecnologia de acordo com as necessidades, os valores e os

interesses das pessoas que a usam (Castells, 2005:3). Nessa sequência, a sociedade dos dias de hoje é frequentemente apelidada de sociedade da informação ou sociedade do conhecimento.

Todas estas transformações contribuem para que a sociedade opere muito de si através da rede, contribuindo para a alteração de comportamentos, formas de pensar e de interagir. A Internet teve e tem um papel preponderante na forma como se passa a comunicar e na forma como contribui para uma adaptação na forma de ser, influenciando determinadas franjas da sociedade e também parte da nossa própria identidade. As redes digitais acabam mesmo por permitir que a sociedade ultrapasse os limites históricos impostos por outro tipo de redes e organizações e Castells explorou essa dimensão na sociedade, fazendo uma incursão extremamente profícua pela construção da identidade do indivíduo na sociedade em rede. Assim, apoiando-se nas ideias de Touraine, Castells (2007:7) considera que “Os sujeitos não são indivíduos, mesmo considerando que são constituídos a partir de indivíduos. São o actor social colectivo pelo qual indivíduos atingem o significado holístico na sua experiência”. Desta forma, o que acaba por resultar deste processo é que a construção de uma identidade pode dar-se a partir de vontades reprimidas, da necessidade de uma vida diferente, entre outros, que passam assim a revelar-se noutra formato e através de outros meios, muitas vezes suportando-se em comunidades que apoiam essas mesmas vontades e desejos, validando as atitudes e os contributos do indivíduo.

Assim, a construção de uma identidade coletiva acaba por surgir naturalmente, suportando-se nos valores e ideais partilhados pelos indivíduos. Este tipo de comunidades facilmente se constroem a partir da rede e facilmente se multiplica e fortalece. Permitem ainda uma desvinculação, ou mesmo libertação de identidades anteriores, da raça e/ou classes sociais. Os indivíduos intervenientes sentem-se livres para expressar aquilo que sentem ou para adotar a identidade ou personagem que gostariam efetivamente de ser. Aliás, fazendo uma alusão ao famoso *cartoon* publicado pela revista New Yorker da autoria de Peter Steiner, é possível observar uma caricaturização que reflete essa mesma desvinculação, ilustrada por um cão a dizer a outro “Na Internet ninguém sabe que és um cão” (1993:61).



"On the Internet, nobody knows you're a dog."

Ilustração 1: *Cartoon* de Peter Steiner (1993:61) publicado pela revista New Yorker

Já no século XXI, e ainda que não seja possível precisar o ano em particular (será posterior a 2003, data de criação do Facebook), é igualmente possível observar a mesma ideia latente num *cartoon* de Randy Glasbergen, ou seja, de que as identidades que se criam em linha, tem a si associadas probabilidades de fraude evidentes.



**"Of course I believe in Bigfoot.
I'm friends with him on Facebook!"**

Ilustração 2: Cartoon de Randy Glasbergen (sem data)

Estas imagens, meramente exemplificativas entre muitas que existem com o mesmo teor, demonstram que, ainda que marcadas por séculos diferentes (século XX e século XXI), as transformações potenciadas pela Internet não são realidades passageiras e continuam a operar impactos semelhantes nos seus utilizadores, nomeadamente no que diz respeito às questões de identidade que passam a ser mais facilmente contornáveis em contextos virtuais.

Assim, da mesma forma que poderá ser aliciante incorporar uma identidade distinta da própria, também se pode dar o caso em que a própria identidade do indivíduo sai reforçada da web, com um maior sentido de importância e de pertença. Situações deste tipo poderão acontecer especialmente em comunidades que valorizam o contributo pessoal dos seus membros para a construção de um bem que será comum e que beneficiará não só a própria comunidade onde se inserem, mas também outras comunidades ou indivíduos.

Efetivamente existem milhares de utilizadores que contribuem para a rede de forma voluntária, sem a expectativa de obter nenhum tipo de remuneração ou retorno palpável. Fazem-no somente pelo prazer de contribuir e de ver reconhecido o seu contributo, o que

pode, também, contribuir para um aumento da autoestima e da confiança pessoal, que suportam e reforçam a sua própria identidade. Este tema irá ser devidamente explorado posteriormente nesta tese, com um maior ênfase na análise do papel dos tradutores voluntários nas redes sociais e das motivações que sustentam a sua participação em traduções colaborativas. Em suma, a força das redes, das ligações e das pessoas, acaba por potenciar processos de colaboração e de ajuda que podem eventualmente revelar-se como mais eficazes. Verificam-se inclusive situações em que ocorre uma concorrência notória com os métodos de trabalho tradicionais e em que se podem observar algumas dos aspetos positivos do trabalho em rede.

O poder e a sabedoria das multidões podem, assim, alcançar feitos surpreendentes, contribuindo de uma forma bastante acentuada para o desenvolvimento de novos métodos de aprendizagem e de trabalho nas mais diversas áreas, podendo observar-se fenómenos como os que serão explorados de seguida.

2.3.1 O Poder e a sabedoria das multidões: Os efeitos do coletivismo

A sabedoria das multidões assenta no conceito da inteligência coletiva, conceito esse promovido por James Surowiecki (2007). Este conceito sustenta a ideia de que um grupo de pessoas consegue produzir de forma mais eficaz do que os membros desse grupo de forma individual. Apoia-se igualmente na ideia de que a diversidade é um valor em si mesmo e que as soluções apontadas por um grupo composto por pessoas diferentes, onde talentos distintos acabam por coexistir e confluir, acabam por ser, mais depressa, a solução para um determinado problema.

Como referem Chris Brogan e Julien Smith, as barreiras que impediram noutros tempos pessoas que pensam de forma semelhante de se reunirem estão a desaparecer, permitindo que todos nós possamos transmitir pensamentos e obter informação de uma forma mais rápida do que alguma vez foi possível (2010:10). Assim, é potenciada uma maior interação entre os indivíduos fazendo com que a inteligência de todos contribua para um bem comum. A inteligência coletiva, como o próprio Surowiecki (2007) indica, necessita de

quatro variáveis para funcionar de uma forma eficaz, sendo essas quatro variáveis a diversidade (pessoas diferentes com ideias diferentes), a descentralização (não existirem líderes, todos trabalham de forma igual e em conjunto), a agregação (as informações deverão ser agrupadas) e, finalmente, a independência (as pessoas deverão ser livres de expressar a sua própria opinião, sem os condicionais inerentes à opinião de terceiros).

Contudo, e analisando a primeira variável, há que compreender que apesar da diversidade cognitiva ser um elemento de bastante de relevo nos grupos, ajudando-os a produzir de forma mais eficiente, não é totalmente decisiva. Se se reunir um grupo de pessoas dispersas, mas totalmente ignorantes, não existem garantias de que a sua inteligência coletiva conseguirá produzir melhores resultados do que um determinado especialista, de forma individual (Surowiecki, 2007:59). No entanto, e apesar das condicionantes de qualquer teoria ou linha de pensamento, acaba por ser inegável que quando reunidas um certo número de condições mínimas (pessoas não desprovidas de um mínimo de conhecimentos sobre determinada área, dispostas a participar e não a contaminar o trabalho dos outros, etc.), se conseguem resultados muito interessantes, fruto da colaboração.

As questões da sabedoria coletiva, ainda que mais exploradas na atualidade, também encontram modelos antigos e modernos em relatos de ficção. Estes episódios irão refletir que a crença na tradução palavra-por-palavra é um procedimento viável e aceitável com eco no imaginário popular, pelo que serve de material ao serviço de discursos e ficções. Este seria então o caso dos relatos do projeto de tradução do hebreu para o grego que foi a *Septuaginta*, elaborada a partir do século III antes de Cristo. Estes relatos (principalmente transmitidos através de Fílon de Alexandria (Dines, 2004:66-70) manifestam como foi que uma mesma inspiração divina garantiu a coesão perfeita entre 72 traduções de um mesmo texto, realizadas por tradutores fisicamente isolados entre si. A coesão das 72 traduções provava logo que todas elas eram de uma única versão revelada por Deus. Condições semelhantes de isolamento dos tradutores são reutilizadas no *sketch* “The world’s funniest Joke”, escrito e interpretado pelo grupo de humoristas britânico Monty Python. Este *sketch*, emitido pela primeira vez a 5 de outubro de 1969 conta a trajetória da anedota mais engraçada do mundo. Pelo desenrolar da história, conclui-se que se trata de uma anedota fatal, dado que todos os que leem ou escutam acabam por falecer com o riso. Importa referir que esta história se passa durante o período da Segunda Guerra Mundial e que o

“ministério da guerra” britânico decide utilizar a anedota como arma contra a Alemanha nazi. Para se proceder à tradução desta anedota do inglês para o alemão, recorreu-se a um grupo de tradutores que trabalharam a anedota em partes separadas (cada um deles teria trabalhado numa palavra), conforme uma das personagens explica numa passagem do guião do programa:

Colonel: All through the winter of '43 we had translators working, in joke-proof conditions, to try and produce a German version of the joke. They worked on one word each for greater safety. One of them saw two words of the joke and spent several weeks in hospital. But apart from that things went pretty quickly, and we soon had the joke by January, in a form which our troops couldn't understand but which the Germans could.¹

Transpondo a imagem desta passagem humorística para a questão em análise nesta tese, importa mencionar a referência à ausência de contexto quando não se trabalha com todo o documento que se está a traduzir, mas sobretudo também importa mencionar a confiança gerada pelo método da unidade-por-unidade que, através dos géneros de ficção evocados nestes casos, toma a forma dun entendimento entre o produtor da ficção e público, que unicamente se pode conceber quando esse público confia na sabedoria das multidões.

Em suma, os efeitos do coletivismo a que se podem assistir são verdadeiramente surpreendentes e constituem-se como a base do trabalho colaborativo, dado que os efeitos do coletivismo e a propensão para a confiança aumentam a nossa capacidade de compreensão de uma verdadeira cidadania organizacional (Dyne *et al.*, 2000:21).

Nesse sentido, e para que se possa compreender ainda melhor os efeitos do coletivismo, ainda que com focos diferentes e resultados diferentes, serão explorados fenómenos como as comunidades de prática virtuais, a cidadania organizacional e o Crowdsourcing.

¹<http://www.montypython.net/scripts/funniest.php> (consultado a 11/07/2014)

2.3.1.1 Comunidades de Prática Virtuais

As comunidades de prática são um bom exemplo daquilo a que se pode chamar de sabedoria coletiva. O conceito de comunidade de prática surgiu em 1991, pelas mãos de Etienne Wenger e Jean Lave e caracteriza-se por um grupo de pessoas que partilham uma mesma preocupação, conjunto de problemas, ou paixão sobre um determinado tópico, aprofundando o seu conhecimento e especialidade nessa área interagindo entre si de forma regular (Wenger, Mcdermott e Snyder 2002:4).

Numa abordagem geral, podemos afirmar que as Comunidades de Prática são formadas por pessoas que se envolvem num processo onde a sabedoria coletiva contribui para uma aprendizagem coletiva. A inteligência coletiva, no que se refere às Comunidades de Prática, acaba por ser fomentada devido ao facto destas comunidades surgirem a partir de membros que partilham determinados interesses ou motivações, como por exemplo uma tribo de África que aprende a sobreviver, um grupo de artistas que procuram novas formas de expressão, um grupo de engenheiros que trabalha num dado problema, uma rede de cirurgiões que explora novas técnicas para operar, um grupo de professores que discute novas metodologias de avaliação, entre muitos outros. As Comunidades de Prática existem essencialmente para potenciar a aprendizagem em grupo, beneficiando dos conhecimentos e das experiências diversas de cada membro do grupo. Como Wenger refere “The practice of a community is dynamic and involves learning on the part of everyone.” (2012:4).

Existem ainda investigadores que sugerem que através das ligações e das reflexões estabelecidas, as Comunidades de Prática podem potenciar o crescimento de uma identidade coletiva entre os seus membros (Gray, 2004:28). Esta ligação entre os membros da Comunidade de Prática não implica que essas pessoas tenham de trabalhar juntas ou conviver de uma forma diária, significa somente que encontram valor nas interações que produzem com os outros indivíduos que partilham os mesmos interesses ou problemas. Como referem Etienne Wenger, Richard Mcdermott e William Snyder, essas pessoas acumulam conhecimento e ficam informalmente ligadas pelo valor que encontram em aprender de forma coletiva (2002:5). Não é, porém, uma ideia nova, dado que este tipo de

comportamento sempre existiu. No entanto, encontra-se assim enquadrada permitindo uma diferente exploração e uma análise mais cuidada das suas implicações.

Existem três características que permitem denominar-se uma determinada comunidade, como sendo uma Comunidade de Prática, sendo elas o domínio, a comunidade e a prática (Wenger, 2012:1-2). O domínio caracteriza-se pelo facto de uma comunidade de prática não ser apenas um grupo de amigos ou uma rede de ligações entre pessoas, uma vez que tem uma identidade definida por um domínio partilhado de interesses. Essa filiação implica, portanto, um compromisso com o domínio e uma competência partilhada que distingue os membros dessa comunidade de outras pessoas. No entanto, o domínio não é necessariamente algo reconhecido como um domínio de especialidade fora da comunidade. Por outro lado, a comunidade caracteriza-se pelo envolvimento dos membros em atividades conjuntas e discussões, em processos de entreajuda e na partilha de informações. Os membros constroem relações que lhes permitem aprender uns com os outros e esse fator é fundamental. Ter o mesmo trabalho ou mesmo título não constrói uma comunidade de prática, mas sim a interação e a aprendizagem entre os membros. No entanto, os membros de uma comunidade de prática não têm necessariamente de trabalhar juntos diariamente, como já referido anteriormente, pelo que basta que interajam e que partilhem conhecimento e experiências com vista a um domínio comum. O debate e a partilha que são promovidos em outros momentos podem, em determinadas alturas, até conduzir a um trabalho individual. Por fim, e no que respeita a prática, pode dizer-se que estas comunidades não são apenas uma comunidade de interesses – como, por exemplo, pessoas que gostam do mesmo tipo de filmes. Os membros de uma comunidade de prática são praticantes contribuindo para um desenvolvimento partilhado de recursos, sejam experiências, histórias, ferramentas ou outras formas de abordar problemas recorrentes. Todo este processo leva o seu tempo, baseando-se numa interação sustentada, pelo que uma boa conversa com um estranho num avião pode dar imensas perspetivas interessantes, mas não o suficiente para fazer uma Comunidade de Prática.

No entanto, ainda existem algumas questões que prevalecem acerca do nível de participação que é necessário ter numa Comunidade de Prática, para que a sua verdadeira integração seja considerada legítima. Efetivamente, nas Comunidades de Prática existem diferentes níveis de atividade, sendo umas mais regulares e outras mais periféricas. Uma

participação periférica indica uma contribuição mais esporádica, usufruindo mais regularmente dos contributos dos outros membros. Essas situações podem ocorrer, no entanto não se pretende que a maioria dos membros tenha uma contribuição periférica, dado que isso comprometeria efetivamente a existência de uma Comunidade de Prática.

As Comunidades de Prática podem surgir em diferentes contextos e ambientes como, por exemplo, na Internet, o que conduz à sua denominação por Comunidade de Prática Virtuais. Num ambiente virtual como a Internet, as Comunidades de Prática também podem ganhar novas valências e conhecer algumas transformações.

Outro fator a ter em consideração no âmbito das Comunidades de Prática é que estas acabam por acrescentar valor não só aos indivíduos que as integram e que nelas participam ativamente, mas também podem acrescentar valor às organizações que as potenciam, se for o caso. Uma observação mais atenta revela a existência de Comunidades de Prática por toda a web, sendo que umas são potenciadas por indivíduos de forma isolada que depois crescem e outras são potenciadas por determinados *websites*, redes sociais ou fóruns.

2.3.1.2 Cidadania Organizacional

Em linha de pensamento com as Comunidades de Prática, urge igualmente referir outro fenómeno de coletivismo que é a Cidadania Organizacional. Embora neste caso o principal objetivo não seja aprender de forma coletiva, beneficiando da diversidade de contributos que os seus membros podem dar, revela-se como relevante pela sua capacidade de potenciar e operacionalizar mudanças de uma forma coletiva, organizada e voluntária em ambientes empresariais.

Segundo Lynn Dyne *et al.*, a Cidadania Organizacional caracteriza-se por um comportamento cooperativo “that has positive consequences for the organization but is not required or formally rewarded” (2000:3), o que implica que é realizado de forma autónoma e voluntária. Este conceito tem recolhido bastante atenção nos últimos 30 anos, sendo

especialmente identificado através da sigla OCB (organizational citizenship behaviour) (López-Domínguez *et al.*, 2013).

O OCB encontra-se especialmente ligado à realidade das empresas e, como refere Zhang:

encompasses anything positive and constructive that employees do, of their own volition, which supports co-workers and benefits the company. Typically, employees who frequently engage in OCB may not always be the top performers (though they could be, as task performance is related to OCB), but they are the ones who are known to ‘go the extra mile’ or ‘go above and beyond’ the minimum efforts required to do a merely satisfactory job (2011:1).

Assim, e apesar deste tipo de conceito ter sido especialmente explorado em contextos físicos de empresas e através dos seus próprios empregados, acredita-se que encontra bastantes semelhanças teóricas com as realidades virtuais alvo de estudo nesta investigação. Ainda que essas semelhanças possam divergir na forma, encontram pontos de ligação não só no seu carácter voluntário, mas também pelo seu contributo para um bem corporativo. Efetivamente acredita-se que também no universo das traduções colaborativas para as redes sociais é gerado um comportamento cooperativo cujas ações se refletem em consequências positivas para a organização, sem que sejam formalmente recompensadas por isso. Além disso, tal como a citação anterior de Zhang indica, nem sempre são as pessoas com competências mais reconhecidas que acabam por fazer parte deste fenómeno, o que também acontece na crowd translation.

Atualmente, como referem Mercedes López-Domínguez *et al.* (2013:2147), existem investigadores que consideram a existência do OCB como uma construção multidimensional, que abarca diferentes facetas de um comportamento discricionário, e que não se encontram diretamente relacionadas com comportamentos associados ao desempenho no seu emprego, sendo que esses comportamentos podem ser classificados em duas categorias, a afiliada e a desafiadora.

Como os mesmos autores ainda referem, no que respeita a dimensão afiliada, a mesma reflete-se em comportamentos que promovem a coesão do grupo, mantendo ao mesmo

tempo as relações laborais previamente existentes. No que respeita dimensão desafiadora, Podsakoff *et al.* referem que esta englobe atos voluntários de criatividade e inovação, desenhados com o intuito de promover a sua própria tarefa ou mesmo o desempenho da organização (López Domínguez *et al.*, 2013:2147).

Em suma, a caracterização deste fenómeno coletivo também possui algumas características evidentes que se plasmam em outros fenómenos coletivos que aqui são evidenciados e que encontram pontos de interesse com o fenómeno coletivo que é alvo de maior interesse nesta tese.

2.3.1.3 Crowdsourcing

O último fenómeno coletivo que se apraz registar nesta tese é aquele que maior ligação encontra com o fenómeno de crowd translation. Efetivamente, o conceito de crowdsourcing partilha a mesma filosofia de sabedoria coletiva, de partilha e entreajuda presente nos conceitos anteriores, mas assente em objetivos diferentes, dado que o seu objetivo primário não é, ao contrário das comunidades de Prática, a aprendizagem. Ao contrário da Cidadania Organizacional, também não emerge de uma realidade empresarial física, promovido pelos seus empregados. A sua intenção primária assenta na produção de um dado conteúdo ou produto de forma colaborativa, assente num sentido de partilha e de comunidade que emerge dos seus membros. No entanto, tal como as Comunidades de Prática e a Cidadania Organizacional, assenta no conceito da sabedoria coletiva e do esforço coletivo para atingir um bem comum.

Assim, este conceito parte da premissa anteriormente explorada da sabedoria das multidões e é um termo cunhado por Jeff Howe (2010), que se traduz num modelo de produção colaborativa utilizando o conhecimento coletivo e voluntário espalhados pela web para resolver problemas. O fenómeno de crowdsourcing pode criar novos conteúdos ou mesmo desenvolver novas tecnologias e diferentes metodologias, tornando-se num mecanismo poderoso para a realização de trabalho em linha.

O crowdsourcing é um fenómeno que acaba por ser caracterizado pela constituição de diversos indivíduos que trabalham para um produto comum e cujo resultado será fruto dos seus mais diversos esforços. Se utilizado convenientemente, este método pode ser uma fonte de novas ideias, de criatividade e inovação, contribuindo para a redução de custos e tempo de investigação.

Em linha com o que já foi expresso no ponto respeitante à sociedade em rede, há que salientar que o crowdsourcing tenta explorar para além daquilo que são as competências esperadas nesta sociedade global. O crowdsourcing acaba por funcionar de acordo com um pressuposto positivo que é o de que cada um de nós possui uma diversidade de talentos e qualidades extremamente ampla e complexa, que é difícil expressar dentro das estruturas atuais (Howe, 2010:20). Partindo desta última premissa, podemos efetivamente admitir que este último ponto acaba por ser verdadeiramente preponderante na compreensão do conceito de crowdsourcing. A ausência de ideias pré-concebidas relativamente a um qualquer indivíduo abre caminho para a exploração de capacidades que à partida não seriam descobertas ou às quais não seria dada uma oportunidade.

Saindo do ambiente web, é possível apresentar o exemplo da “Greyston Bakery”, uma padaria nos Estados Unidos da América, na zona do Bronx, que dá uma oportunidade de trabalho a todas as pessoas que se candidatem. Como Julius Walls, CEO da padaria refere, “anyone can walk in, fill out an application, and add his or her name to a waiting list – no questions asked” (Goldsmith, Georges e Burke, 2010:174). Com este método, a padaria acaba por dar, de forma efetiva, uma oportunidade a cada um dos indivíduos para demonstrar aquilo de que realmente são capazes, baseados no facto de que nem uma entrevista nem uma avaliação do passado desse mesmo indivíduo podem prever com a exatidão necessária o sucesso que essa pessoa poderá vir a ter.

O CEO da padaria acredita que os indivíduos serão capazes de atingir o sucesso quando lhes é dada uma oportunidade e os apoios certos (*Ibid*, 2010:175). Essa base de confiança que é depositada nas pessoas acaba por ter um retorno muito positivo na grande maioria dos casos, como se pode comprovar pelo depoimento de um empregado a quem foi dada uma oportunidade nesta padaria: “The difference here was not just being given a chance, but being given trust and resources” (176-177). Assim, este exemplo real demonstra que a abertura de uma determinada realidade às multidões, pode retornar resultados bastante

positivos, dado que diversidade da sabedoria de cada um acaba por ter espaço para se expressar e florescer, o que tanto pode acontecer no mundo físico como no mundo virtual.

Desta forma, e voltando ao contexto virtual, é possível verificar a aplicação do crowdsourcing, em diversas áreas, especialmente ao nível das tecnologias. Nesta área, pode observar-se resultados de crowdsourcing em produtos sobejamente conhecidos, como foram o desenvolvimento do sistema operativo Linux, do navegador web Mozilla Firefox, do sistema de gestão de aprendizagem Moodle, da plataforma de percursos de aprendizagem LAMS, entre muitos outros, sendo que os dois últimos tiveram contributos não só ao nível da sua programação, mas também da sua tradução.

Um estudo de 2000, de Rishab Ghosh e Vipul Prakash, alertava já na altura para a existência de cerca de 12000 projetos “open source” ativos, onde o trabalho colaborativo atuava em força. Muitos desses projetos já terão possivelmente terminado, mas outros novos terão possivelmente emergido.

No que respeita ao desenvolvimento de conteúdos, o caso da Wikipédia é igualmente um dos casos mais destacados, dado que o esforço colaborativo envolvido neste projeto levou, e ainda leva, à construção de uma das maiores fontes de conhecimento em linha, em diversas línguas. Aliás, no que diz respeito à diversidade de línguas existente na Wikipédia, convém igualmente destacar a liberdade, possivelmente até algo questionável, que é dada aos tradutores voluntários neste sistema, como é possível observar através de uma afirmação de Guyon:

The instructions indicate clearly that the object is not just to produce an accurate translation, but also to deliver a good article that will appeal to the target audience. In other words, the translator is urged not to shy away from adapting, lengthening or shortening the text as required. How many translators can only dream of such freedom when their contract requires strict accuracy? (Guyon, 2010:33).

Existem ainda diversos outros casos de menor expressão, que se revelam em áreas bastante interessantes, como o caso do Zooniverse, que recorre aos esforços do crowdsourcing para, através de voluntários, conseguir que diversas pessoas tentem decifrar letras gregas em fragmentos de papiros egípcios (<https://www.zooniverse.org/about>). Esta tarefa bastante particular é potenciada por 500.000 utilizadores registados.

Todos estes produtos e muitos mais disponíveis por toda a web, foram e são o resultado do esforço voluntário de diversas pessoas de todo o mundo e fruto de crowdsourcing voluntário. No entanto, é curioso verificar que o crowdsourcing não é apenas um recurso utilizado por projetos voluntários ou sem meios de financiamento. Cada vez mais empresas recorrem a este tipo de método e não unicamente por razões económicas, mas também por razões de tempo. A Amazon, o conhecido *website* de vendas em linha, promove este sistema de crowdsourcing de uma forma muito organizada e remunerada através do Mechanical Turk. O seu próprio *slogan* é “Mechanical Turk is a marketplace for work” (Mechanical Turk, 2012).

O Mechanical Turk é uma plataforma criada pela Amazon, que pretende promover uma situação em que as tarefas que não possam ser resolvidas por um computador ou em que o computador não seja totalmente eficaz, são colocadas à disposição de humanos para resolução. Como referem Gabriele Paolacci, Jesse Chandler e Panagiotis Ipeirotis (2010:411-412), “It is an online labor market where employees (called workers) are recruited by employers (called requesters) for the execution of tasks (called HITs, acronym for Human Intelligence Tasks) in exchange for a wage (called a reward)”.

A título de curiosidade, o nome dado pela Amazon a este sistema provém do Turco Mecânico, um jogador automático de xadrez criado no século XVIII, criado com o intuito de poder movimentar as peças de xadrez e derrotar os seus adversários no jogo. Embora fosse um desenvolvimento significativo no seu tempo, a verdadeira chave do processo residia num jogador exímio de xadrez, verdadeiro, escondido dentro da máquina. Também o Amazon Mechanical Turk foi desenhado com o objetivo de manter trabalhadores humanos através de um processo automático, daí o nome da plataforma (Mason e Suri, 2012:1).

Os Turkers, como são denominados os indivíduos que passam a colaborar na resolução destas tarefas, são impossíveis de identificar, uma vez que a Amazon não fornece a identidade dos seus colaboradores, apenas identificando estes indivíduos através números. Qualquer indivíduo pode publicitar uma tarefa e solicitar turkers para a realização da mesma, através da definição de um pagamento.

Em suma, o crowdsourcing pode ser utilizado nas mais variadas áreas, com os mais diversos propósitos e a área das línguas e da tradução acabou por não ser uma exceção, como será possível analisar de seguida, dada a relevância que este tema tem nesta tese.

2.4 Crowd translation

Após uma breve análise sobre alguns dos fenómenos de trabalho colaborativo (cidadania organizacional e crowdsourcing) e também de aprendizagem coletiva (comunidades de prática virtuais), onde é explorada a dinâmica do grupo e a existência de inteligência coletiva, urge perceber de que forma esses fenómenos coletivos se reconhecem na área da tradução, promovendo modelos de tradução colaborativa.

Nesse sentido, e reforçando que a sabedoria das multidões sustenta a ideia de que um grupo de pessoas consegue produzir de forma mais eficaz do que os membros desse grupo de forma individual, observa-se a emergência da crowd translation, também facilmente designada por crowdsourcing de traduções, sendo que esta metodologia de tradução poderá surgir em diversos contextos, mas tendencialmente potenciados pela web. A ilustração seguinte pretende explicitar a introdução desta metodologia de tradução mais recente, principal foco desta investigação, ao mesmo tempo que a enquadra junto das outras metodologias da tradução de uma forma generalista.

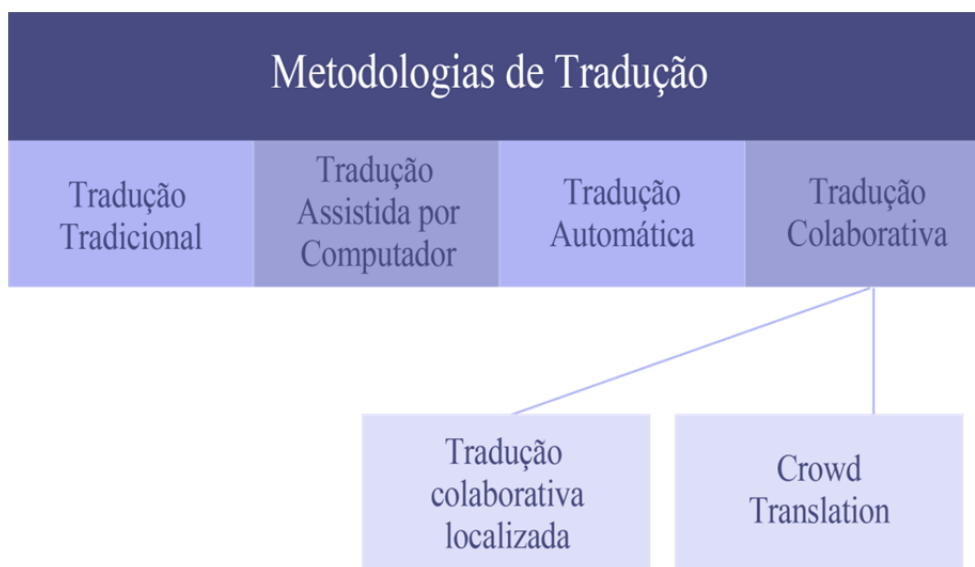


Ilustração 3: Esquema das metodologias de Tradução, com enfoque na crowd translation

Nos dois primeiros métodos de tradução identificados na ilustração, com maior ou menor recurso à tecnologia, é possível admitir que são aqueles que ainda povoam mais o universo da tradução. De facto, ainda existe um sistema implementado de trabalho, o TEP, que subentende um método de organização de trabalho que diverge da tradução colaborativa que se verifica hoje em dia na crowd translation. O TEP (Tradução, Edição e Prova de tradução) é baseado no sistema de impressão de Gutenberg, onde o autor submetia o manuscrito, alguém digitava o manuscrito e uma terceira parte fazia uma prova/revisão ao manuscrito. Como referem Renato Beninatto e Donald DePalma este método é ainda muito frequente na atualidade, sendo que “Most translation agencies still operate this way — it works, it pays the bills, and everyone knows what his or her role is” (2006:49).

Na Tradução Automática esse método passa a conhecer diferenças significativas, como genericamente foi já abordado no Capítulo 2. O mesmo se passa com a tradução colaborativa, sendo que estas duas tendências vivem bastante a par, como sendo as formas mais evidentes de quebrar barreiras linguísticas de forma mais rápida.

Se, por um lado, a Tradução Automática tem pouca intervenção humana, sendo baseada em grandes bases de dados que trabalham por algoritmos, por outro lado, a crowd translation tem a sua base precisamente na intervenção humana, suportada pela tecnologia,

ainda que essa mesma intervenção humana possa ver as suas competências postas em causa. Em ambos os casos, é possível assinalar que existem questões de confiança e qualidade em causa, ainda que os motivos que levam a essas questões sejam substancialmente diferentes em ambos os casos.

Voltando ao foco na tradução colaborativa, ainda é possível verificar na ilustração acima que neste tipo de tradução se poderão ainda identificar duas ramificações, dado que a tradução pelas multidões não será a única tipologia de tradução colaborativa existente. Efetivamente podem reconhecer-se fenómenos de tradução colaborativa em grupos mais pequenos, cuja denominação proposta passará a ser “Tradução colaborativa Localizada”, e que são compostos por pessoas selecionadas previamente, com competências reconhecidas para a realização da tarefa, e que não se enquadram nas particularidades evidenciadas na crowd translation. Convém ainda ressaltar que na Tradução Colaborativa Localizada se podem ainda encontrar formatos que não passam pelo voluntariado, mas sim por um processo de tradução colaborativa que prevê uma situação remuneratória. No caso da crowd translation, a “multidão” é convidada a participar, num esforço que é gigantesco, voluntário e de uma dimensão sem comparação. Assim, embora nestes dois casos - a tradução colaborativa localizada e crowd translation - se trabalhe numa dada tradução de forma coletiva, acabam essencialmente por diferir na seleção dos intervenientes, na dimensão que a tarefa adquire e possivelmente na compensação remuneratória da mesma.

Efetivamente, a intervenção de grupos sociais amplos no processo tradutivo passou a ser uma realidade cada vez menos estranha no panorama em que hoje se vive e que é particularmente evidente nas redes construídas por largas comunidades de pessoas, como são as redes sociais. A intervenção de pessoas comuns num processo até agora cingido a pessoas qualificadas passou a ser aparentemente normal e visto com a mesma importância com que se vê intervenção de pessoas comuns em outras áreas do conhecimento especializado em fenómenos de crowdsourcing.

No entanto, esta realidade tem vindo igualmente a ser designada por outros termos que não aquele usado nesta tese. Alguns teóricos têm-se debruçado recentemente sobre esta temática, pelo que acabaram por emergir termos que pretendem refletir esta realidade de forma mais particular. Assim, daquilo que foi possível apurar para esta investigação, os conceitos refletores desta realidade, por ordem alfabética, são: crowd translation;

crowdsourcing de traduções; CT3 – community, collaborative and crowdsourced translation; massive on-line collaboration e UGT - user-generated translation.

A opção recaiu sobre a conservação das designações destes termos em inglês, de forma a preservar o nome pelo qual são efetivamente reconhecidos, dado que a utilização de traduções para este efeito poderia revelar-se como um agente transformador de identificação, visto que, mesmo em português, estes termos acabam por ser conhecidos pelas suas designações originais.

Assim, foi identificável o termo CT3, introduzido pelo Common Sense Advisory (empresa de pesquisa de mercado ligada, essencialmente, à prestação de serviços linguísticos), cuja sigla significa “community, collaborative and crowdsourced translation” (Kelly, 2009 e Ray e Kelly, 2011). Este conceito reflete o trabalho desenvolvido em comunidade, de forma colaborativa, como o objetivo de realizar traduções. Surge igualmente o termo “massive em linha collaboration” de Frank Austermyhl (2011), que pretende espelhar “a joint implementation of tasks by a large crowd connected via social networking technologies” (2011:15). O termo UGT, cuja sigla significa “user-generated translation” é utilizado por O’Hagan (2009) ou até Saverio Perrino (2009), que o entendem como um conceito abrangente que se usa “to define translation practices made possible by various em linha services” (Perrino, 2009:55).

O “crowdsourcing de traduções” e a “crowd translation” são os termos que parecem mais amplamente divulgados, sucedendo que no caso do crowdsourcing de traduções, o termo não foi cunhado por nenhum teórico em particular, sendo somente uma adaptação do termo “crowdsourcing” de Howe (2010), aplicado à área da tradução.

Assim, os termos que parecem surgir na web de forma mais significativa são o “crowdsourcing” associado às traduções, assim como a “crowd translation” ou o “collaborative translation” que envolve um fenómeno mais generalizado. Nesse sentido, e dado que nesta tese se optou por utilizar uma designação em detrimento de outra, passar-se-ão a identificar as pequenas diferenças que os distinguem, e o motivo pelo qual se optou pela utilização de um termo, em detrimento do outro, neste trabalho de investigação. Assim, e no caso do crowdsourcing de traduções, o conceito pode igualmente ser associado a trabalho não voluntário, pelo que a sua utilização ao longo de todo este estudo poderia

refletir uma realidade mais ampla do que aquela que aqui é explorada. Pode lembrar-se o exemplo do Amazon Mechanical Turk, em que as traduções são uma parte do tipo de tarefas solicitadas e posteriormente remuneradas. Contudo, o trabalho só será pago se o requisitante do trabalho validar a sua qualidade. Como Rebecca Ray e Nataly Kelly referem, um projecto de crowdsourcing de traduções ocorre quando um determinado projecto é atribuído a equipas:

comprising any mix of volunteer translators, employees, contractors, or language service providers (LSPs). It leverages the power of the swarm to accomplish much more than a single translator or even an LSP alone could do. Crowdsourcing requires both technology and a business process to induct ad hoc resources and then manage them as users within a collaborative on-line environment. In some cases, it refers to the business strategy of eliciting free or paid labor from arms-length resources. (Ray e Kelly, 2001:2)

Assim, acredita-se que as diferenças que emergem destes dois termos, crowd translation e crowdsourcing, encontram-se efetivamente relacionadas com a componente profissional, profissional e voluntária ou somente voluntária das traduções em causa. Na vertente profissional, é possível encontrar empresas (a maioria a prestar serviços em linha) que oferecem serviços de tradução e que recorrem a diversos tradutores com quem trabalham, por todo o mundo, para oferecer a melhor proposta e o menor tempo de resolução ao cliente. Nesta área, é possível identificar empresas como a Acclaro, a Ackuna ou a Star Translation Services, apenas para enumerar algumas.

No entanto, estas empresas recorrem, tendencialmente, a profissionais da área e não a pessoas comuns para a realização dos trabalhos contratados, sendo um dos motivos pelo qual se fala de um processo remunerado e não de um trabalho voluntário. No caso do Amazon Mechanical Turk isso pode não acontecer, dado que a mais diversa tipologia de pessoas pode concorrer, mas só depois da validação do seu trabalho é que serão remunerados. Para além disso, nestes casos, o número de tradutores selecionados tende a distanciar-se do número massificado de tradutores envolvidos em casos como o Facebook ou o Twitter, até porque, “traditionally for quality translation only one translation agency or

small number of translators would work on a project” (Star Translation Services, sem data). Assim, há uma maior tendência para limitar o número de tradutores envolvidos em cada projeto, de forma a controlar com mais precisão as inconsistências que podem decorrer, precisamente, do uso de diferentes tradutores, como acontece noutros casos:

Just considering English alone, everyone speaks English slightly differently. We share a common understanding but may often use similar but different words. For example is it a table or a desk? A stool or a chair? Application, software, technology or program? With many people translating at the same time you get lots of inconsistencies like this. (Star Translation Services, sem data).

De facto, essas inconsistências podem surgir no caso dos modelos voluntários, dado que é um grupo substancial de pessoas que, tendencialmente, não se conhecem, não fazem da tradução a sua área profissional, nem colaboram normalmente de forma estreita para afinar estratégias de tradução. Neste sentido, os modelos de crowdsourcing de traduções implementados por empresas acabam por ser diferentes dos modelos de crowd translation voluntários que atualmente povoam algumas áreas, nomeadamente algumas as redes sociais.

Assim sendo, e dado o âmbito particular desta tese, optou-se pela utilização do termo “crowd translation”, em inglês, uma vez que parece ser o termo que melhor reflete a temática que aqui se vê explorada. Neste sentido, considera-se que a definição de crowd translation se enquadra num modelo de produção colaborativa de tradução, que alia a competência natural de tradução de colaboradores voluntários (de qualquer nível de competência e legitimidade no campo da tradução) para traduzir, ao conhecimento coletivo de voluntários espalhados pela web, tradutores ou não.

2.4.1 As motivações para a emergência do fenómeno

O fenómeno da crowd translation encontra a sua sustentação em diversos fatores que decorrem das necessidades do público em geral e também das necessidades de comunicação de certas organizações. Atualmente torna-se imperativo que todo o conteúdo tenha a possibilidade de chegar ao maior número de pessoas possível e isso só é passível de acontecer com o recurso à tradução e localização. Assim, acaba por emergir a necessidade de potenciar e produzir traduções em línguas de maior ou menor espectro, no entanto, uma produção tradutiva desse género não só poderia implicar custos significativos, devido à necessidade de contratar pessoas especializadas, como também poderia implicar um tempo de execução relativamente substancial.

Especialmente nos casos de línguas de menor espectro é possível verificar que a maioria das empresas de renome apenas disponibiliza os seus conteúdos essencialmente em línguas de maior dimensão, enquanto as grandes comunidades que recorrem ao crowd translation têm a capacidade de chegar a públicos mais alargados, dado que podem potenciar traduções de línguas consideradas como minoritárias. Como Julie Dolmaya refere:

smaller linguistic communities within a region are not often targeted by the larger corporations, as these groups may not have the purchasing power to justify translation costs. Microsoft, Coca-Cola, IBM, Procter & Gamble, and Ikea, for instance, all offer their Spain *website* s only in Spanish, while some TED videos (as well as Google) are available in Catalan and Galician (Dolmaya, 2010).

Assim, dada a necessidade de chegar a um público o mais alargado possível, a crowd translation emergiu como um dos meios pelo qual se contornaram os obstáculos socio-linguísticos recorrendo à partilha e ao trabalho colaborativo. É notório, no entanto, que algum desse trabalho já vinha sendo desenvolvido com o recurso à tradução automática, ainda que com menos sucesso, dada a ausência de intervenção humana para detetar questões gramaticais e de sintaxe.

Como aludem Ambati, Vogel e Carbonell (2010) este modelo reduz os custos através do poder das multidões para realizar estas tarefas evitando o recurso a peritos linguístas mais dispendiosos. Nessa sequência, acredita-se que as principais razões que contribuíram para o nascimento da crowd translation são, nomeadamente (Papula, 2011): custos de tradução; velocidade de tradução e qualidade de tradução. O primeiro ponto revela-se, efetivamente, como um fator de alguma relevância neste processo. No entanto, não é possível encará-lo como um fator decisivo, dado que na realidade a crowd translation também implica custos. Como menciona Adam Wooten, num artigo para a Deseret News, a Sun Microsystems, por exemplo, admitiu que ter voluntários a trabalhar nestes processos implicava custos, dado que é necessário geri-los, mantê-los motivados e, por fim, contratar alguns especialistas para a edição e desenvolvimento dos sistemas que gerem este tipo de trabalho de tradução, como por exemplo a plataforma desenvolvida pela Lingotek (Wooten, 2011). O segundo ponto, esse sim, acaba por ser um fator crucial. Efetivamente no contexto profissional atual, o tempo é da maior relevância e estar constantemente à frente dos concorrentes exige recursos e disponibilidade. Como referem Chang Hu, Benjamin Bederson e Philip Resnik (2010), os humanos, por si só, são dispendiosos e surpreendentemente lentos, pelo que todas as formas de promover uma maior rapidez para um determinado trabalho acabam por ser decisivas em todo o processo. No caso do Facebook, por exemplo, o fator temporal foi da maior importância e a sua principal motivação para recorrer ao crowd translation. As traduções do Facebook para diversas línguas começaram a aparecer numa questão de dias em vez de demorarem meses a serem produzidas, o que resultou numa diminuição muito considerável do tempo investido neste processo. No que respeita ao último ponto, parece possível que exista a consciência de que a qualidade poderá ser algo volátil neste tipo de processos tradutivos. Como refere Michael Cox, gestor de projetos e especialista em localização, é muito difícil ter a certeza daquilo que se vai obter de estranhos ou multidões, dado que estes tanto podem reunir peritos, como não peritos, resultando numa enorme mistura (Cox e Vashee, 2010). Por outro lado, Kirti Vashee, vice-presidente de uma empresa de tradução e especialista em tradução automática, refere que o contraponto desta questão é que com o processo certo, a tecnologia certa e a supervisão necessária “you can corral the efforts and knowledge of the crowd to produce a quality product, in many ways better than any subset of people could create. Wikipedia, Apache, OpenOffice and Linux have proven this” (Cox e Vashee, 2010).

Assim, e para além dos pontos anteriormente anunciados, acredita-se que outro dos fatores decisivos que pesa a favor da utilização deste tipo de método tradutivo é a necessidade que estas entidades têm de se sentirem mais próximas do seu próprio público, ou seja, de conseguirem promover meios de comunicação que estejam mais de acordo com a realidade das suas comunidades. Assim, é dada uma especial importância ao produto resultante destas traduções, esperando que este se encontre o mais próximo possível da cultura e da compreensão do público de destino. Esta mesma preocupação com o produto da tradução e a sua relação com o público de destino é uma premissa dos Estudos Descritivos da Tradução, anteriormente enquadrados nesta tese, e acredita-se que encontra o seu eco, pelo menos em parte, nesta modalidade de tradução que aqui se explana.

Nessa sequência, acredita-se que o facto de trabalharem com voluntários muitas vezes nativos das línguas de destino será outro dos benefícios que se poderão considerar associados a este modelo. Poderá não ser um facto profundamente evidente, ou mesmo consciente por parte das empresas que recorrem a ele, mas é sem dúvida um elemento decisivo no processo, dado que a componente cultural que estes indivíduos trazem à tradução acaba por permitir um maior enquadramento da mesma. Além disso, o facto de serem nativos, recupera igualmente o conceito de tradução natural que também já tinha sido abordado. Como mencionava Toury, numa citação já anteriormente referida “translations are facts of target cultures; on occasion facts of a special status, sometimes even constituting identifiable (sub)systems of their own, but of the target culture in any event” (Toury, 1995:29). Estas situações acabam por ser facilmente identificáveis em casos como o do Facebook em que não se limitam a disponibilizar a sua plataforma em espanhol, tendo-a disponível em espanhol da Colômbia e do México, por exemplo. O mesmo se aplica ao português do Brasil e ao Português de Portugal havendo, portanto, uma preocupação com as questões culturais e linguísticas inerentes ao processo.

Em suma, parece evidente que o trabalho produzido neste tipo de moldes e suportado em pessoas que podem, efetivamente, não possuir as competências necessárias para o realizar de forma adequada, provavelmente comporta algumas falhas. No entanto, quando se trabalham línguas de menor espectro, esta possibilidade de facilitar os processos comunicativos tem resultado de forma estratégica. Essa facilitação pode, por vezes, contribuir para uma simplificação da língua, como já anteriormente foi abordado no caso

da tradução automática, mas por outro lado, contribui para um enriquecimento cultural, na medida em que permite uma difusão do conhecimento e a integração e interação de um público mais alargado.

Para David Horsager (2012:189) “we can become paralyzed, because we want something to be perfect. I am all for excellence, but sometimes a line needs to be drawn between finished and perfect”. Neste sentido, acaba por ser dada mais relevância a um produto imediato, que possa suprir as necessidades imediatas de compreensão, deixando espaço para que, mais tarde, e caso seja necessário, outros voluntários detetem as falhas ou incongruências e contribuam para a sua correção e melhoria. Com isto não se pretende validar como corretas as inconsistências tradutivas e os erros de tradução que acabam por surgir aquando da implementação deste tipo de métodos de tradução, no entanto, acredita-se que é essencial evidenciar que são uma consequência direta deste tipo de método e que podem, temporariamente, suprir algumas necessidades comunicativas.

2.4.2 Modelos de crowd translation

O fenómeno da crowd translation, como anteriormente descrito, acabou por se dispersar por diversas áreas e projetos. Os seus aparentes benefícios conduziram à sua aplicação em diversas organizações, tanto lucrativas, como sem fins lucrativos. Nesse sentido, e porque existem alguns exemplos deste fenómeno dignos de registo e que refletem o produto tradutivo desse trabalho colaborativo, passar-se-á a explorar alguns desses exemplos neste capítulo.

Começando pelos casos de organizações sem fins lucrativos é possível verificar, por exemplo, o caso das TED Talks. A TED é uma organização dedicada ao conceito de Ideas Worth Spreading (ideias que valem a pena partilhar). Começou em 1984 como uma conferência que reuniu pessoas dos mundos da Tecnologia, do Entretenimento e do Design. Desde então, o seu âmbito tem-se tornado cada vez mais amplo, com diversos projetos associados. Um desses projetos é o “Open Translation Project”, que promove a tradução das conferências TED para diversas línguas através do trabalho de um grupo de

voluntários. Este trabalho é especialmente desenvolvido para as TEDTalks, que são vídeos isolados das palestras realizadas nas conferências TED. O TED Open Translation Project promove assim um trabalho de legendagem considerável, para que estes vídeos possam chegar ao maior número de pessoas e não somente aos falantes de língua inglesa. Este projeto promove transcrições interativas e a possibilidade de qualquer conversa ser traduzida por voluntários de todo o mundo. O projeto foi lançado com 300 traduções, para 40 idiomas e com 200 tradutores voluntários, sendo que atualmente existem mais de 32.000 traduções feitas por esta comunidade de milhares de pessoas. Dolmaya refere que, desde 2010, as TEDTalks têm sido “subtitled into more than 70 languages, including Swahili, Tagalog, Tamil, Icelandic and Hungarian. More than 400 talks have been subtitled in Bulgarian, nearly 300 in Arabic, and more than 200 in Romanian, Polish and Turkish” (Dolmaya, 2010). Estes números encontram-se, aliás, próximos dos números que são passíveis de encontrar em línguas de maior espectro, como o Francês com 304 “talks”, o Italiano com 263, o Alemão com 195 e o Espanhol com 575 (Dolmaya, 2010).

Como refere Nick Summers, ao referir-se sobre o projeto para a revista *Newsweek*, “it’s an ambitious and experimental effort to translate as many of its videos into as many languages as possible, using a crowd-sourced army of untrained linguists” (Summers, 2010). É, assim, um projeto ambicioso, que melhora radicalmente a acessibilidade destes vídeos para os deficientes auditivos, para aqueles que falam o inglês como segunda língua e, também, para a grande audiência de pessoas que não falam inglês por todo o mundo.

Outro projeto de crowd translation digno de menção é o projeto realizado pela KIVA que é uma organização de microcrédito, sem fins lucrativos, que pretende providenciar empréstimos de pequena dimensão a pessoas necessitadas, para que estas possam criar oportunidades de negócio e permitir o alívio da pobreza. Esta associação tem experienciado um crescimento muito rápido, pelo que ficou claro que precisavam de uma solução para lidar com os problemas inerentes às barreiras da língua. Sendo uma organização sem fins lucrativos e, por isso, com recursos limitados, desenvolveram um modelo híbrido em que conjugam o contributo de uma empresa de tradução profissional, a “Idem”, através de conhecimentos e apoio linguístico (desenvolvimento glossários, serviços de consultoria, etc.) que aliás fornecem de forma gratuita, com uma equipa de 400 voluntários (tradutores profissionais e amadores) que traduzem para garantir, de forma

rápida, cerca de um milhão de termos por mês de Espanhol, Francês, Português ou russo para o Inglês (Dolmaya, 2010).

Outro projeto menor, mas igualmente representativo de um processo de crowd translation foi a tradução do romance “140story – From Reality to Another”. Este romance começou a ser traduzido no verão de 2010 e cerca de 8 meses depois, através de 500 co-autores e 2500 tweets, surge o primeiro romance co-traduzido via Twitter. Este romance intitulado “Todellisuudesta Toiseen” (Da realidade para Outro) foi traduzido do finlandês para inglês, sueco, espanhol, alemão e francês (Crowdsourcing, sem data).

Também o conhecido sistema de gestão de aprendizagem Moodle, já referido anteriormente, é igualmente fruto de trabalho voluntário no que diz respeito a sua tradução para as mais diversas línguas. Algumas não se encontram totalmente concluídas, mas o sistema permite ao próprio utilizador local finalizar essa mesma tradução, caso se sinta capaz de o fazer.

É possível ainda destacar o caso da Rosetta Foundation. Esta organização, tal como refere no próprio *website* “is a non-profit organisation registered in Ireland working to provide equal access to information and knowledge across the language of the world.” (Rosetta Foundation, 2014). As suas preocupações atuais residem no facto de considerarem que o acesso à informação é um direito humano fundamental e universal, que pode fazer toda a diferença na vida de uma pessoa. Nesse sentido, e porque o acesso à informação é por vezes restrito para milhões de pessoas que vivem em regiões menos desenvolvidas do mundo, que falam línguas minoritárias, ou não tem os meios económicos para pagar pelas informações de que necessitam, esta organização tenta, através de um trabalho considerável no campo da tradução colaborativa, fazer esse tipo de trabalho.

Por outro lado, no campo das organizações com fins lucrativos que enveredam por este método podemos, por exemplo, destacar o exemplo da Adobe. Como refere Francis Tsang, Diretor para a Globalização da Adobe, numa entrevista à TAUS (sem data), o seu principal objetivo no que concerne a estratégia de globalização da empresa é reduzir a complexidade do trabalho e da gestão inerente à implementação de mais línguas nos seus produtos. Como existem demasiados produtos a necessitar de tradução é imperativo definir prioridades, o que implica que alguns produtos ficariam vedados desse avanço. Nesse sentido, Tsang

acredita que “if we allow a community of users to start making those choices, then we gain a powerful insight into which parts of our products are most important.” (Taus, sem data). A Adobe tem como objetivo principal ir de encontro à derradeira necessidade de experiência dos seus produtos por parte do utilizador, projetando esta necessidade ao nível de um serviço. Isso só se torna alcançável se existir um crowdsourcing da tradução que lhes permita, como produtores de conteúdos, atingir um maior nível de compreensão, dado que uma das virtudes do crowdsourcing é precisamente construir os produtos e os mercados ao mesmo tempo (TAUS, sem data). Aliás, Tsang acaba mesmo por admitir, nessa mesma entrevista à TAUS, que esta situação lhes permite criar um ecossistema à volta de uma série de produtos, oferecendo mais conteúdos, materiais de formação, livros sobre aplicações, entre outros, em diversas línguas, sendo que, como ele próprio menciona “we would never be able to generate this kind of momentum by using the traditional localization model.” (TAUS, sem data).

Como referido anteriormente e para finalizar os casos exemplificativos deste fenómeno, convém ressaltar a evidente proliferação deste fenómeno nas redes sociais. Tanto o Twitter, como o Facebook, são duas plataformas que recorrem ao método da crowd translation, no sentido de obterem de forma mais rápida o seu *website* traduzido para diversas línguas. No entanto, e devido ao facto de serem o ponto de estudo central desta tese, serão devidamente explorados seguidamente.

Convém somente referir que haverá possivelmente muitos mais casos passíveis de menção. No entanto, a opção recaiu pelo destaque de apenas alguns, uma vez que um dos objetivos principais deste estudo é sobre o impacto deste fenómeno nas redes sociais.

2.4.3 Crowd translation e as Redes Sociais

Existem inúmeros casos em que é possível identificar a colaboração de diversos indivíduos na elaboração de traduções colaborativas, uma vez que a tipologia de agentes que intervém na tradução atualmente é cada vez mais diversificada. A Localização acabou por ser uma

das áreas em que este tipo de método mais facilmente se implementou e deu frutos, especialmente no caso da tradução do interface de algumas redes sociais.

Apesar de alguns destes sistemas possuírem processos mais avançados que sustentam a tradução colaborativa voluntária, não deixa de ser um trabalho com um elevado grau de dificuldade, visto que, regra geral, estes *websites* não oferecem praticamente nenhuma das ferramentas que os tradutores estão habituados a usar no desempenho da sua atividade, como gramáticas, memórias de tradução e ferramentas de definição e gestão de terminologia (Guyon, 2010:33). Em todo o caso, dado que a maioria dos tradutores voluntários que integram estes projetos não o fazem de forma profissional, possivelmente também não estariam familiarizados com este tipo de recursos. Ainda assim, mesmo que haja conhecimento da sua existência, são recursos caros, cujo investimento compensa apenas quando se desenvolve este tipo de atividade de forma profissional. Aliás, é precisamente a existência de ferramentas comerciais no desenvolvimento de atividades tradutivas, que muitas vezes funciona como um fator distintivo do tradutor profissional. Apesar dessas limitações, cada tradutor voluntário acaba por desenvolver o seu próprio método de trabalho, descobrindo as mais diversas ferramentas para o auxiliarem neste contributo tradutivo que faz à comunidade onde está envolvido. Neste contexto, têm-se observado uma especial incidência deste método de tradução colaborativa nas redes sociais, potenciado pelo elevado número de utilizadores que as mesmas albergam e pelo valor estratégico que as traduções acabam por ter para este tipo de organizações. Aliás, numa análise superficial, é possível identificar como valor estratégico o aumento do número de pessoas que passa a usar estas redes sociais pelo facto de estas se encontrarem disponíveis na sua língua. Como a própria equipa de tradução do Facebook refere numa versão melhorada do seu guia de estilo (ver anexo 2), denominado por “European portuguese Style Guide for Community” (EPSGC), o Facebook acaba por alcançar “people of all ages and backgrounds in nearly every country around the world. While most websites have a target demographic, we want to help people around the world connect each other on Facebook. This means our audience is truly everyone” (Facebook Translation Team, 2014:5).

Além disso, o facto de reconhecerem a necessidade de existirem nas traduções desenvolvidas aspetos mais localizados da sua língua e da sua cultura (traduções para o

basco, por exemplo) pode eventualmente contribuir para um aumento da relação de proximidade que os indivíduos estabelecem com a rede e, por consequência, aumentar o valor estratégico que a tradução tem para eles. Ainda no caso do Facebook, por exemplo, essa proximidade é altamente promovida, dado que evidenciam a sua importância no guia de estilo que fornecem aos seus tradutores voluntários. Nesse guia de estilo (2014:4-5) é possível observar pedidos do Facebook, como:

- “Talk like a person – keep things friendly, conversational and respectful, like you’re talking to a neighbor”
- “The Facebook voice is our personality. Our tone may change in different contexts, but we always sound like Facebook: simple, straightforward and human”
- “Translate like you’re talking to someone one-to-one. (Read your content out loud if you’re not sure it sounds natural.)”.

Foi possível observar alguns casos em que este processo de tradução colaborativa ocorreu, dos quais é possível destacar o Facebook, o Hi5, o Pinterest e o Twitter. Tanto o Facebook, como o Twitter irão ser alvo de um maior desataque mais à frente nesta tese. No entanto, torna-se igualmente relevante que se aborde, ainda que de forma mais superficial, os processos de tradução colaborativa que se verificaram nas outras duas redes sociais que foram acima mencionadas, o Hi5 e o Pinterest.

Importa ainda referir o porquê da seleção destas quatro redes sociais para abordar nesta tese, uma vez que existirão mais casos similares. No caso do Hi5, a escolha emerge do facto de ter sido uma das redes sociais com mais sucesso em Portugal, embora nos últimos anos tenha sido claramente ultrapassada pelo Facebook que, à data de conclusão desta tese, é a rede social com mais utilizadores em todo o mundo. O Pinterest surge por ser uma das redes sociais emergentes com mais sucesso atualmente tendo inclusive, em Janeiro de 2012, e segundo a comScore, obtido um total de 11,7 milhões de utilizadores únicos, tornando-o no *website* mais rápido da história a quebrar a marca dos 10 milhões de visitas únicas (Constantine, 2012). Por fim, optou-se pela seleção do Facebook e também do Twitter para trabalhar de forma mais pormenorizada, pelo facto destas duas redes sociais serem as que conglomeram mais utilizadores a nível mundial e, por consequência, a sua influência junto dos utilizadores acaba por ser mais evidente.

- **Hi5²**

O Hi5 é uma rede social criada em 2003. Inicialmente foi a rede social que, em Portugal, teve mais sucesso, dado que, segundo números da Marktest (empresa portuguesa de estudos de mercado) indicados pela Casa dos Bites, quase 3,2 milhões de portugueses acediam a esta rede social em 2008, numa média de 1 milhão por semana (Casa dos Bites, 2009), sendo que este valor “corresponde a 77,4% do universo de utilizadores Internet residentes em Portugal continental com 4 ou mais anos” (Casa dos Bites, 2009). No entanto, nos últimos anos, esta rede social foi ultrapassada pelo Facebook, o que condicionou certos avanços que pretendiam implementar, para cimentar o desenvolvimento desta rede. Todavia, o ponto que interessa focar sobre o Hi5 encontra-se relacionado com a introdução de um processo de crowd translation em 2008, quando esta rede social já possuía o *website* traduzido para 13 línguas.

Em 2008, esta rede social deu início a um processo de tradução colaborativa, com o objetivo de aumentar a rapidez das traduções e de melhor acomodar as especificidades de cada língua. Como referiu Greg Holmes (Gestor de Localização do Hi5) numa entrevista dada nesse período:

For us, it's all about speed and quality of translations. As far as quality goes, authenticity and natural voice is important. For example, addressing all of the regional Spanishes is very important to us. There's a lot of pent up demand – we want to remove language as a barrier to hi5 usage (Smith, 2008).

A metodologia que o Hi5 colocou em prática, tendo em conta os tradutores voluntários, caracteriza-se por um modelo de tradução em contexto, em que os utilizadores podem votar nas traduções realizadas por outros utilizadores, e quando essas traduções reunirem um

- ² <http://www.hi5.com/> (consultado a 12/05/2012)

número de votos suficiente, passam para um editor que terá de proceder à sua aprovação final (Smith, 2008). De forma a garantir a existência de um nível de qualidade que fosse de encontro aos padrões da empresa, e numa fase inicial em que os receios e a má qualidade emergem, o HI5 optou igualmente por remeter as traduções para análise ao seu parceiro oficial de traduções, a Lionbridge (empresa reconhecida pelos serviços de tradução e localização), e também à sua equipa de localização, de forma a garantir a qualidade das traduções obtidas (Gascoigne, 2008). Este processo conseguiu obter um sucesso inicial considerável, tanto que o fundador do Hi5 e CEO Ramu Yalamanchi chegou mesmo a afirmar que "It is amazing to see the energy and enthusiasm of our global user community in action, taking our site into new languages and geographies that we otherwise wouldn't have the resources to address." (McCarthy, 2008).

Aliás, para melhor especificar o nível de rapidez que estes processos podem trazer ao processo tradutivo, é possível destacar o exemplo do HI5 para língua albanesa. A ferramenta de tradução foi lançada para o albanês a pedido de diversos utilizadores e, em menos de 24h, 20% do *website* já se encontrava traduzido, com um total de 1,203 frases traduzidas e 227 votos nas traduções (Gascoigne, 2008). O caso da tradução do HI5 para macedónio, em 2008, é igualmente um caso de sucesso, dado que também 24 horas após o lançamento da ferramenta para a sua tradução, já se tinham associado 400 utilizadores para traduzir e 16% da tradução ficou feita. Ainda no mesmo ano esta comunidade já reunia 2,215 utilizadores e a tradução do *website* estava concluída. Aliás, convém referir que só um dos utilizadores registados submeteu cerca de 3653 unidades de traduções (Gascoigne, 2008).

No entanto, em 2013, se se verificar o número de línguas para as quais o Hi5 está traduzido é possível verificar que passou apenas para 21 línguas, tendo crescido, em 5 anos, somente em sete línguas. Esta situação permite questionar o sucesso do processo de crowd translation nesta rede social ou, por outro lado, sobre o sucesso da própria rede.

Na fase de redação desta tese, o Hi5 passou por um processo aquisição da Tagged, que conduziu a algumas transformações substanciais nesta rede social que deixam transparecer, por exemplo, uma clara associação ao Facebook, uma vez que esta rede, atualmente, permite que os seus utilizadores usem as suas credenciais de acesso ao Facebook para entrar no hi5.

- **Pinterest**³

O Pinterest surgiu em 2010 e é uma aplicação que permite colecionar e organizar “coisas” que os utilizadores gostam. Como o próprio Pinterest refere “Os Pins são marcadores visuais para coisas interessantes que encontras na Internet ou diretamente no Pinterest.” (Pinterest, sem data). Este processo realiza-se através de fotografias/composição de imagens que podem estar relacionadas com os mais diversos temas, como por exemplo a culinária, a decoração, a moda, a natureza, entre muitos outros tópicos.

O Pinterest possui igualmente as características inerentes a uma rede social, tentando que a interação entre os seus utilizadores seja promovida. Nesse sentido, e para que essa interação seja o mais aberta e o mais viável possível, esta aplicação também se encontra ligada ao Facebook e ao Twitter, permitindo aos seus utilizadores que acessem a esta aplicação através das suas credenciais destas duas redes. Desta forma, as ações levadas a cabo pelos utilizadores do Pinterest podem igualmente ter eco nas outras redes sociais.

Em 2012, o Pinterest optou, à semelhança de outras redes sociais, por fazer um pedido de colaboração através do seu blogue, no sentido de conseguir que a sua comunidade de utilizadores contribuísse para a tradução da plataforma. Esta abordagem foi introduzida da seguinte forma:

At Pinterest, we've always wanted to make it easy for people all over the world to organize and share all the beautiful things they find on the web. We want to take another step towards making this vision a reality by translating Pinterest into other languages (Wolford, 2012).

Apesar de atualmente já não ser possível consultar o referido post no blogue onde realizaram este apelo, será possível inferir, através do texto apresentado, que a necessidade de chegar a um público cada vez mais alargado é o motivo que está na base desta

³ <http://pinterest.com/> (consultado a 12/05/2012)

abordagem. No entanto, esta incursão pela crowd translation acabou por ser lenta e cautelosa. O Pinterest optou por recrutar indivíduos para o seu processo de crowd translation através do preenchimento prévio de um formulário de inscrição onde, entre outras questões elementares que eram colocadas, os respondentes tinham de responder a questões como (Pinterest, 2013):

- Which language/s do you read, write, and speak fluently?
- How did you learn that (or those) language/s? (Native? Study abroad for a year? A couple years in college?)
- Do you have any experience translating sites? (No problem if you don't, but we're always curious!) (Pinterest Googledocs)

Por fim, solicitavam que o respondente indicasse um endereço de email, de forma a que o pudessem contactar em caso de optarem pela sua colaboração. Esta conduta demonstra que, ao contrário de outras redes sociais (como é o caso do Facebook, que se irão analisar posteriormente), o Pinterest entendeu que seria mais adequado fazer uma seleção das pessoas que podiam eventualmente vir a colaborar neste processo. Ter uma formação de base em línguas não seria obrigatório para se candidatarem, mas seria um fator provavelmente abonatório no processo, dada a pergunta sobre isso.

2.4.3.1 Facebook

O Facebook é uma rede social que surgiu no ano de 2004 pelas mãos de Mark Zuckerberg. Nesta investigação, optou-se por conceder maior ênfase a esta rede social, dado que era, à data de início desta investigação, a que reunia o maior número de utilizadores a nível mundial. Este lugar cimeiro era atestado pelos dados de tráfego recolhidos pela Alexa (empresa que reúne informação da web) e tratados por Vincenzo Cosenza, que referia que a liderança do Facebook era estabelecida pelo facto de possuir cerca de 1 bilião de utilizadores ativos em 127 dos 137 países em estudo. A Ásia, com cerca de 351 milhões de utilizadores era o continente que registava o maior número de utilizadores, ultrapassando a Europa com cerca de 276 milhões (Cosenza, 2013).

Mesmo em Portugal, segundo dados de um estudo publicado pela OberCom em 2012, os portugueses “são, também, adeptos das redes sociais, sobretudo do Facebook, 97,3% dos que utilizam redes sociais têm perfil criado nesta rede)” (OberCom, 2012:6). Além disso, o Facebook é uma das redes sociais que mais ativamente promove o processo de crowd translation e que tem, efetivamente, desenvolvidos inúmeros esforços para potenciar este processo, tendo obtido resultados bastante significativos ao longo destes anos de trabalho. Foi um processo ao qual deram início em 2008 e em que pretendiam, como refere uma das programadoras envolvidas neste processo, passar o processo de tradução para os utilizadores, que são as pessoas que melhor compreendem o Facebook e a sua língua (Lee, 2009). O Facebook refere ainda, através de Chad Little (membro da equipa de internacionalização) e cinco meses depois de terem dado início a este esforço colaborativo de tradução, que:

Our goal is to support Facebook in the native language of all our users and people who want to use the site. In this regard, we've received requests from thousands of people who want to help translate Facebook into languages beyond the sixteen released languages and the eight that are in the process of being translated (Little, 2008).

Este processo de tradução em massa operou-se por fases. Numa primeira fase, os utilizadores contribuíram para a construção de um glossário, votando nas traduções que consideravam adequar-se melhor a determinados termos e só depois passaram para o processo de tradução em si. Numa última fase, o Facebook recorreu igualmente a tradutores profissionais, de forma a detetarem possíveis erros, principalmente nas línguas de menor espectro e que, portanto, não possuíam um número tão elevado de tradutores voluntários para trabalhar. Nesta sequência de eventos, acabou por surgir o Centro de Tradução do Facebook⁴, cujo intuito era montar um sistema aberto que permitisse aos utilizadores do Facebook contribuir com traduções para as suas línguas, como já mencionado.

Qualquer indivíduo poderá fazer parte deste processo de tradução, definindo previamente com que par de línguas pretende trabalhar. Em seguida, tem a oportunidade de inserir

⁴ <http://www.Facebook.com/?sk=translations> (consultado a 20/05/2012)

traduções que considera pertinentes e corretas para as “strings” que o Facebook vai indicando como estando sem tradução até ao momento. Apesar de haver liberdade na inserção de traduções, essas mesmas traduções ficam, no entanto, sujeitas a uma votação por parte de outros utilizadores e que funcionam como um processo de validação para a tradução que foi inserida de novo.

Inicialmente, a língua que despoletou o desenvolvimento deste processo foi o espanhol. No entanto, e paralelamente a esta situação, foram mantendo sempre um grupo de tradutores profissionais em funções, caso a experiência com os tradutores voluntários não fosse de encontro às suas expectativas iniciais e não produzisse os resultados que a empresa tinha previsto para este processo. Todavia, e apesar de algumas reservas iniciais, os primeiros resultados obtidos com este processo foram bastante aceitáveis e acabaram mesmo por superar as expectativas iniciais da empresa, mesmo com uma abordagem mais lenta ao processo. Como refere Michael Arrington (2008):

Facebook says that the Spanish site was completed in less than four weeks and is based on the work of nearly 1,500 Spanish-speaking Facebook users. One user alone, though, was responsible for translating almost 3% of the site. Facebook has 2.8 million active users in Latin America and Spain.

Uma vez verificada a qualidade bastante aceitável dos resultados desta primeira abordagem, o Facebook considerou apropriada a abertura deste processo a mais duas línguas, sendo elas o francês e o alemão. Demoraram 24h e 48h respetivamente a serem concluídos, o que demonstrou uma celeridade surpreendente na realização deste tipo de trabalho e que só seria possível, efetivamente, quando diversas pessoas estão a trabalhar para um mesmo fim. Apesar de no caso do Alemão e do Francês a tradução ter evidenciado resultados que não foram encarados como sendo de tão boa qualidade como os de espanhol, acabaram por facilmente se tornarem melhores através de sucessivas melhorias introduzidas por outros utilizadores, numa fase posterior.

Um dos fatores que poderá ter beneficiado o trabalho destes tradutores voluntários é o conhecimento profundo que possuem da plataforma, pelo facto de serem utilizadores, assim como um conhecimento mais próximo da cultura de destino que é a deles para a qual

se está a traduzir. Além disso, o Facebook disponibiliza toda a informação necessária para quem pretende integrar este grupo de voluntários. Essa informação pode ser encontrada numa página web dedicada aos seus programadores, numa seção denominada por “Localization and Translation”⁵.

O Centro de Tradução do Facebook tem milhões de voluntários que contribuem para o processo de tradução e que vão variando em número consoante as línguas. Através da página pessoal de cada pessoa no Facebook torna-se muito fácil aceder ao centro de tradução e contribuir, como a ilustração seguinte demonstra:



Ilustração 4: Acesso ao Centro de Tradução do Facebook (consultado a 05/04/2014)

⁵ <https://developers.facebook.com/docs/internationalization/> (consultado a 15/02/2013)

Como é possível verificar na ilustração acima, o acesso à aplicação de tradução do Facebook está à distância de um clique, sendo permitido ao utilizador “Ligar à Tradução em linha”, que permite “Votar em traduções” e facilita a deteção de traduções menos corretas do ponto de vista do utilizador. Por fim, permite igualmente aceder à “Aplicação de Tradução”, onde se encontram reunidas todas as potencialidades do sistema de tradução albergado pelo Facebook.

Depois, será possível encontrar um ecrã similar, com algumas opções de tradução e a indicação dos votos do lado direito.



Ilustração 5: Imagem parcial do ecrã de tradução por utilizador do Facebook (consultado a 05/04/2014)

Efetivamente, este método de tradução é levado a cabo por inúmeros utilizadores que acabam, maioritariamente, por funcionar com boas intenções, tentando, efetivamente, contribuir para a eliminação de barreiras linguísticas. No entanto, importa igualmente

referir que por vezes também ocorrem situações em que pessoas menos bem-intencionadas tentam inserir traduções jocosas no Facebook. A título de exemplo, é possível identificar um período em que um grupo de indivíduos introduziu, de forma propositada, traduções erradas e supostamente divertidas do *website*, colocando outros indivíduos a votar favoravelmente nas mesmas, para que estas fossem publicadas. Em todo o caso estes casos não correspondem à maioria das situações e as traduções introduzidas pelos voluntários pretendem, efetivamente, contribuir para uma correta tradução da aplicação.

Para além do trabalho que é desenvolvido para o benefício da própria rede, o Facebook ajuda ainda ao processo de tradução de outros *websites* ou aplicações, como referem na seguinte publicação:

You can start integrating Translations for Facebook Connect into your site with an HTML file and a few lines of JavaScript in less than an hour. Whether you want to translate an application, a social widget, or an entire *website*, you have complete control over every aspect of the translation process. After you choose what languages you want your site or application to support, you can get help from the Facebook community to translate your site, as we did, or you can do the translation yourself, or make a specific person the administrator of the process (Lee, 2009).

Por fim, importa referir que o Facebook, em Dezembro de 2008, deu entrada de um processo de registo de patente sobre o sistema que tinha montado para potenciar o desenvolvimento e a receção das traduções colaborativas (Kincaid, 2009). Este pedido de patente foi bastante contestado, não só por fações que consideraram que o Facebook não teria sido pioneiro no processo, como também por parte de alguns utilizadores que encararam este avanço do Facebook como uma falta de consideração pelo trabalho voluntário que eles se encontravam a desenvolver. Elizabeth Linder, na altura porta-voz do Facebook, esclareceu numa resposta a Gus Sentements do *The Baltimore Sun*, que:

The translation app has been available on our site since we first introduced Spanish, and has been instrumental in enabling us to translate Facebook quickly and efficiently: it calls on the collective expertise of our users around the world to translate Facebook, so that the site feels comfortable for everyone, no matter what language they speak (Linder, 2009).

Esta declaração pretendia amenizar as consequências do pedido de patente que tinha sido avançado pelo Facebook, para que os voluntários não se voltassem contra o sistema. No que concerne o resultado da patente não foi possível, efetivamente, apurar se o mesmo foi avante.

2.4.3.2 *Twitter*

O Twitter foi criado em 2006 por Jack Dorsey e, tanto à data de início desta investigação, como atualmente, é a segunda rede social com mais utilizadores do mundo (eBizMBA, 2014).

Apesar desta rede social já existir desde 2006, foi somente no ano de 2011 que esta deu os seus primeiros passos no desenvolvimento de um processo de tradução colaborativa ao anunciar a existência do “Twitter Translation Centre”⁶. Como eles próprios referem no seu blogue “The Translation Center allows us to crowdsource translations from our passionate users in order to more quickly launch Twitter in additional languages” (Twitter, 2011). No entanto, esta realidade já era familiar para o Twitter desde 2009, dado que desde essa altura que já contavam com a ajuda dos seus utilizadores para trabalharem como tradutores voluntários no processo de localização desta rede social (Twitter, 2011). A experiência tem-se revelado tão positiva para o Twitter que, em 2012, aplicaram novamente este método de tradução, mas agora para as línguas árabes, “right-to-left languages are now available for volunteers to translate in the Twitter Translation Center, starting with Arabic, Farsi, Hebrew and Urdu” (Twitter, 2012).

Em 2014, o Twitter possuía cerca de 350 mil indivíduos na sua comunidade de tradutores voluntários, sendo que estes são geridos por um leque de moderadores que pretendem manter e aprimorar a experiência localizada desta ferramenta (Twitter, 2014). Atualmente possui o interface da sua plataforma traduzido para 35 idiomas.

⁶ <http://translate.twtr.com/welcome> (consultado a 02/05/2011)

2.4.3.3 Crowd translation como estratégia das redes sociais

A tradução pode afetar diretamente a capacidade de uma organização atingir os seus objetivos internacionalmente. É o meio que permite chegar a um público mais alargado, cimentando uma estratégia de internacionalização mais eficaz e aumentando parcialmente o nível de influência e de importância que determinada organização pode atingir. Quanto maior for o número de pessoas a que se chega, maior pode ser a dimensão e a importância desse organismo a nível mundial. Assim, e na sequência do primeiro objetivo de investigação formulado para esta tese, irá analisar-se nesta secção o valor da crowd translation na estratégia das redes sociais.

Como referem Tania Petcovici e Sorin Vintilă (sem data), o comércio ao nível global é parcialmente potenciado pelo crescente número de agências de tradução, que surgem com avanços tecnológicos significativos e acabam por influenciar o desenvolvimento de processos comunicativos e contribuir para o desenvolvimento económico de diversos países. Pode até dizer-se que a indústria da tradução e da localização tem uma grande influência nas importações e nas exportações dos países (Petcovici e Vintilă, sem data), pelo que a sua gestão se revela estratégica para as empresas.

Um estudo de 2007, publicado na BusinessWire por Nicola Bogle e sustentado em dados de um inquérito promovido pela SDL International, chegou mesmo a afirmar que oito em cada dez empresas internacionais estavam a passar por problemas devido a erros de tradução que, consequentemente resultaram em perda de receitas, atraso na entrega de produtos, atrasos no lançamentos ou mesmo multas decorrentes de inconformidades linguísticas (Bogle, 2007). Chris Boorman, Diretor de Marketing da SDL International, chega mesmo a afirmar que “Keeping material consistent in all markets is vital to success. A lethargic approach to language simply won’t work” (Bogle, 2007).

Ainda existem organizações que se baseiam em métodos antigos para o desenvolvimento das suas comunicações corporativas, conduzindo a perdas significativas de dinheiro em diversas frentes de trabalho. Como Chris Boorman refere a articulação da mensagem para a

língua local é a única forma de garantir o sucesso e deve ser central a qualquer estratégia de marketing (*Ibid*, 2007).

Assim, dada a importância que a tradução pode adquirir no desenvolvimento internacional de uma determinada entidade, há que desenvolver uma estratégia de tradução que permita gerir esta necessidade da melhor forma, pelo que existem organismos que optam por tradutores profissionais ou por agências de tradução que coordenem esse processo, enquanto outros encontram caminhos alternativos em estratégias de crowd translation.

Após uma análise sobre a implementação da crowd translation em redes sociais como o Facebook e o Twitter torna-se claro que a introdução deste método tradutivo tem um valor estratégico decisivo para estas organizações. São as redes sociais mais utilizadas a nível mundial e isso decorre, parcialmente, de uma estratégia de tradução sem precedentes que envolve a análise de diversas variáveis como o tempo, o custo e a qualidade do serviço, que acabam por ter um papel fundamental na estratégia a desenhar.

Diversas redes sociais encontraram a melhor conjugação entre estes fatores junto de métodos como a crowd translation em que a velocidade de execução é considerável, os custos são menores e a qualidade encontra-se dentro dos padrões esperados. No entanto, para que entidades como o Facebook e o Twitter possam obter a melhor relação entre o tempo, a qualidade e o custo, é essencial que possam potenciar as condições necessárias a isso. Não só é essencial que se possam providenciar os meios técnicos para que os voluntários possam contribuir para as traduções, como também é necessário que os consigam manter motivados, uma vez que os voluntários acabam por ser a principal força motriz de todo este processo. Assim, torna-se crucial que os voluntários se sintam acompanhados e reconhecidos pelo seu trabalho. No caso do Twitter, por exemplo, é evidente a relação que tentam construir com a sua comunidade de tradutores, dado que é frequente verificarem-se interações entre @Translator, figura moderadora da comunidade de tradutores do Twitter (<https://twitter.com/translator>) e as pessoas que contribuem para esse processo. Um exemplo dessa mesma interação pode ser visualizado na ilustração seguinte:

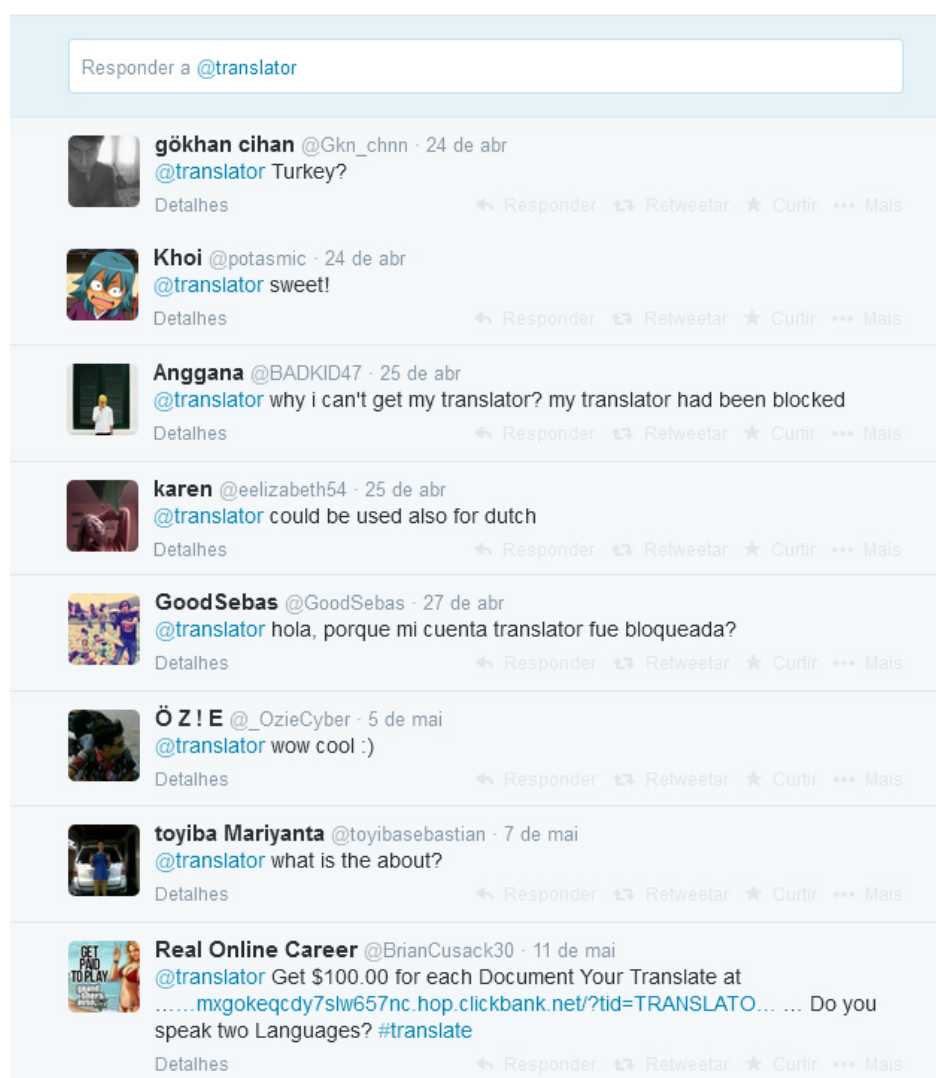


Ilustração 6: Interação entre o Twitter, através do @Translator e os seus tradutores voluntários
(consultado a 24/04/2014)

Efetivamente, nos casos em que se recorre a metodologias de tradução como a crowd translation torna-se decisivo fomentar canais de comunicação que providenciem algum tipo de apoio à comunidade participante. O desenvolvimento destes canais de comunicação poderá envolver custos para a organização, mas acaba por potenciar um maior nível de sucesso no processo, compensando a sua implementação. Como se poderá verificar nas entrevistas conduzidas no âmbito do estudo de caso realizado, é notório que os participantes valorizam o feedback dados pelas entidades com as quais colaboram.

2.4.4 Os desafios da crowd translation

Atualmente, o fenómeno da crowd translation reúne visões algo complexas sobre a forma como opera e subsiste, tornando-se claro que, como em muitas outras áreas do quotidiano, determinados métodos podem ser benéficos em determinados momentos e mais ou menos proveitosos noutros. Neste sentido, pretende-se, nesta seção da tese, alertar para as realidades que podem coexistir neste tipo de processos, sem formular uma classificação positiva ou negativa do mesmo. Assim, e analisando de forma concreta este fenómeno, onde atua um tipo de público relativamente diversificado, há que ter em linha de consideração que as traduções feitas por uma tipologia diversificada de pessoas acarretam os seus riscos, seja em atividades tradutivas de cariz voluntário, seja num âmbito profissional. A título de exemplo, podemos destacar um caso evidenciado por Francisco Magalhães, em que o antigo Ministério do Emprego português solicitou a um gabinete de tradução, a tradução de um texto para inglês sobre “Concertação Social”. Um dos tradutores desse gabinete fez o dequalque “Social Concertation”, sendo que esta expressão não é usada no Reino Unido (1996:176). Ora esta situação denota que a tradução foi efetuada por um generalista, cuja língua materna não deveria ser o inglês.

No entanto, num outro caso identificado por Magalhães, é igualmente possível comprovar que uma aparente formação na área das línguas, também não é garante da realização de um bom trabalho. É dado o caso de um professor de línguas do ensino secundário que realiza

uma tradução de 80 páginas para a revista da Organização Mundial de Saúde, repleta de frases incompreensíveis (1996:177).

Existem ainda os casos dos “habilitados”, ou seja, de indivíduos que possuindo algumas competências orais numa determinada língua, as encaram como suficientes para a realização de determinadas tarefas. A título de exemplo, é possível destacar o caso do Vice-Presidente de uma instituição que afirmou numa conferência que apesar de a sua empresa possuir um departamento de tradução, nunca recorria ao mesmo (Magalhães, 1996:180). Este tipo de afirmação, vindo de um indivíduo que era cientista, causa, de facto, alguma perplexidade. Efetivamente, segundo Magalhães “mesmo entre as pessoas cultas persiste a confusão entre o que é a competência geral da comunidade numa língua estrangeira e a competência tradutícia” (1996:180).

De facto, os casos identificados acabam por desvelar uma realidade complexa no mundo da tradução profissional, que facilmente é transponível para o processo de crowd translation onde a tradução é de cariz voluntário. É perfeitamente possível que se encontrem a coexistir indivíduos que possuem as competências necessárias para a realização daquele tipo de tarefas, com indivíduos que não as tendo, acreditam que as podem realizar.

Todos estes casos, a par com esta realidade recente, acabam por ter impactos consideráveis na forma como a tradução se desenvolve e é encarada pelos seus intervenientes. Emergem preocupações sobre este método no seio das comunidades de tradutores e das associações que os protegem, apesar de, nesta fase, não haver nada que possam fazer que impeça uma normal progressão deste fenómeno. Por um lado, é notório que tem inerentes a si aspetos positivos que facilmente são identificáveis e que se prendem com a diminuição de custos, o aumento da rapidez no processo tradutivo e também, por exemplo, um maior envolvimento da comunidade para quem se destina a tradução. No entanto, existem outros fatores que passam a estar em causa com a utilização deste método, nomeadamente a questão da qualidade da tradução, da ameaça ao trabalho produzido por tradutores profissionais e a consequente descredibilização da profissão. Estas questões emergem e lançam preocupações entre a comunidade de tradutores profissionais.

Em 2010, por exemplo, Jiri Stejskal, anunciou juntamente com Associação de Tradutores Americanos (ATA) que o crowdsourcing era uma das principais ameaças aos profissionais

da tradução e à associação, colocando esta ameaça ao mesmo nível da recessão económica (Baer, 2010).

Este tipo de declarações espelha, de forma clara, o sentimento de insegurança que estes avanços na tradução têm suscitado entre os profissionais da área que, inesperadamente, se deparam com uma reviravolta na forma como as traduções se processavam há uns anos atrás.

No entanto, como refere Magalhães é necessário ter em linha de consideração que:

Em tradução o diploma não é tudo. (...) vimos que existem ótimos profissionais sem formação superior e licenciados que são péssimos profissionais. O que é importante para a tradução profissional é que o tradutor tenha profundos conhecimentos da área de trabalho, sejam eles adquiridos através da prática ou da formação (1996:214).

Apesar da lucidez desta afirmação, as vozes discordante continuam a ser inúmeras. Luis Pérez-González e Şebnem Susam-Sarajeva, por exemplo, referem que são essencialmente os tradutores e os intérpretes não profissionais, ou seja, indivíduos sem formação formal na área linguística e que trabalham de forma gratuita, que representam a maior ameaça para as estruturas do mercado de trabalho (Pérez-González e Susam-Sarajeva, 2012:151).

Efetivamente, e se se analisar com clareza o fenómeno do trabalho voluntário, facilmente é possível verificar que o mesmo tem tido impacto em diversas áreas profissionais. A área da tecnologia e da programação, por exemplo, têm igualmente experienciado este tipo de atividades, nomeadamente com a surgimento de programas de uso livre, desenvolvidos por voluntários e que pretendem competir com grandes produtos comerciais.

Neste contexto, o envolvimento de voluntários nas mais diversas áreas de atividade acaba por ter impactos positivos e menos positivos para o público em geral e para os profissionais da área. No caso da tradução, a sua intervenção faz com que por vezes o tradutor profissional não veja reconhecido o seu devido valor. O público em geral tem expectativas relativamente ao conhecimento linguístico de cada um, e supõe que esse mesmo conhecimento linguístico é facilmente transponível para trabalhos tradutivos. Apesar dessa situação nem sempre ocorrer, passa a ser natural que, em alguns casos, os

conhecimentos linguísticos de um determinado indivíduo possam contribuir para um consequente desenvolvimento das suas capacidades tradutivas. Toury (1995:248-251) denomina esse fenómeno como “native translation” reconhecendo a capacidade que alguns indivíduos possuem de adquirirem algumas competências tradutivas, de forma inconsciente, no seu ambiente natural, ao mesmo tempo que desenvolvem as suas competências mono-linguísticas.

No entanto, nem todos os indivíduos que contribuem para estes projetos de tradução colaborativa voluntária surgem de um contexto nativo, pelo que as imprecisões decorrentes de competências que se julga ter podem efetivamente descredibilizar o trabalho de um profissional de tradução. Mesmo o trabalho desenvolvido por um profissional confiante das suas capacidades, será sempre passível de erros ocasionais, como referem Pérez-González e Susam-Sarajeva (2012:151), pelo que os mesmos autores, suportados em teóricos que igualmente exploraram esta temática, consideram que os bilingues inexperientes têm a capacidade de atingir altos níveis de especialização quando confrontados com tarefas de tradução complexas que requerem processos de mediação alternativos, o que acaba por minimizar as tentativas de provar que a profissionalização é o garante da aquisição de altos níveis de especialização, através da experiência em programas de treino formais.

Assim, é possível depreender que embora existam trabalhos de qualidade duvidosa no mundo da tradução colaborativa, o trabalho de um tradutor voluntário acaba já por ser encarado como uma alternativa barata ao trabalho de um profissional, tornando-se assim numa verdadeira ameaça ao trabalho desenvolvido por profissionais. Esta problemática foi colocada a Francis Tsang, Diretor de Globalização da Adobe (marca já anteriormente referenciada como utilizadora de crowd translation), que tentou desmistificar este problema ao afirmar que “if you simply try and get the crowd to help your company, you will end up with a severe management problem and lose out” (TAUS, sem data). Tsang acabou ainda por mencionar que o uso do crowdsourcing tem de ser encarado como uma forma de fazer crescer a comunidade à volta dos produtos. A comunidade irá ganhar o controlo do processo, cabendo à empresa, neste caso a Adobe, providenciar o devido apoio (TAUS, sem data). No entanto, apesar de Tsang tentar desmistificar essa problemática, não deixa de ser um problema real, uma vez que a barreira entre um tradutor profissional e um tradutor amador passa a ser cada vez mais ténue neste contexto de produção tradutiva.

Como refere O'Hagan, "the boundary between the professional translator and the amateur is no longer clear" (2009:115).

Assim, os contextos em que estas situações decorrem vão sendo os mais variados, contribuindo para uma disseminação, cada vez maior, deste método de trabalho. Para além dos exemplos já enumerados anteriormente nesta tese é possível encontrar processos de tradução colaborativa voluntária em áreas tão distintas como serviços noticiosos (para divulgação imediata de situações de catástrofe, etc.), serviços religiosos, comunidades de fãs, blogues, entre muitos outros (Pérez-Gonzalés e Susam-Saraeva, 2012).

Aliás, no caso das redes sociais é o trabalho de tradutores voluntários que parece dominar sobre os restantes, sendo por isso a área em que se concentraram os esforços de investigação desta tese, a par com os fatores pessoais que sustentam a vontade dos tradutores voluntários em colaborarem neste tipo de projetos e terem confiança no trabalho que desenvolvem, como será possível verificar no capítulo seguinte.

No entanto, acredita-se que este método de tradução é mais popular em tarefas tradutivas cuja complexidade linguística é, aparentemente menor. No que respeita os interfaces das redes sociais, por exemplo, é evidente que os mesmos são compostos por pequenos segmentos de texto em linguagem acessível para os utilizadores. Nos outros exemplos enumerados, também é possível depreender que o nível linguístico desta tipologia de textos não é, geralmente, muito complexo (comunidades de fãs, blogues, etc.). Nesse sentido, acredita-se que este fenómeno não encontra o mesmo tipo de popularidade em casos onde a complexidade linguística é maior e requiere um tipo de competências mais aprofundadas, como seriam os casos de áreas extremamente técnicas onde a terminologia específica é decisiva para uma correta aceitabilidade da mensagem, ou mesmo a área literária com todas as subtilezas que possui e o domínio da língua que exige e que a elevam a um patamar quase artístico. Apesar de ter sido identificado nesta tese o caso de um romance digital finlandês que recorreu a este modelo de tradução (ver ponto 2.4.2 deste capítulo), este caso não poderá ser encarado como uma tendência.

Em suma, o segundo capítulo pretendeu evidenciar as bases que sustentam este modelo de tradução e que se compreendem melhor quando vistas sob a perspetiva dos aspetos culturais e sociais que envolvem a tradução, do impacto que a tecnologia acaba por ter em

determinados modelos de tradução, e também pelos sistemas de comunidade que se moldam e proliferam, promovendo estratégias de trabalho colaborativo que funcionam e cujo um dos exemplos é o crowd translation, com todos os aspetos positivos e todos os desafios que coloca.

3 O CROWD TRANSLATION E A EMERGÊNCIA DA CONFIANÇA TRADUTIVA

Atualmente coexistem na nossa sociedade tradutores que operam tanto no campo profissional como tradutores que operam no campo voluntário e cuja preparação para o fazer poderá, eventualmente, ser questionada. No entanto, a figura do tradutor foi experienciando transformações que conduziram à visão que hoje se tem dele e que se viveram com particular evidência nos períodos de guerra e conflito da nossa história recente, mas que continuam até aos dias de hoje, dada a indefinição de estatuto que a caracteriza. Importa assim observar como forma introdutória, e ainda que brevemente, alguns dos contextos que anteciparam a realidade que hoje se vive e que criaram as bases para o papel do tradutor voluntário e do seu perfil. As questões associadas à confiança serão tidas em linha de consideração neste contexto, dada a relevância que possuem no âmbito da crowd translation.

Essa abordagem surgirá como finalização do capítulo, não sem antes ser antecedida por uma incursão, ainda que breve, sobre o conceito de confiança no seu sentido mais geral, partindo então depois para a particularização do conceito de confiança tradutiva que se propõe neste estudo e onde se permite uma abordagem sociológica que vai para além daquelas que já foram realizadas no campo profissional e que envolveram tópicos como o mercado da tradução, o papel desempenhado pelas editoras, o estatuto social do tradutor, o papel dos tradutores e da profissão do tradutor, a tradução como uma prática social e o evento da tradução (Dolmaya, 2012:167). Esta abordagem, que se foca no plano voluntário da tradução, deixa margem para explorar a relação que resulta dos processos de tradução colaborativa realizados pela comunidade – crowd translation – e de onde emerge o fenómeno de confiança tradutiva que aqui se propõe, com consideração pela intervenção e pelo papel que todos os intervenientes possuem neste processo.

3.1 A confiança durante a história contemporânea da tradução

Dado que escasseiam estudos sociológicos específicos sobre as questões da confiança tradutiva que se irão abordar num dos pontos deste capítulo, cabe-nos considerar algumas questões ligadas à confiança que, através de uma exploração superficial (embora transversal), já se podiam observar em momentos da história recente da tradução.

Assim, interessa refletir sobre uma história da tradução contemporânea e prévia à revolução digital que veio operar transformações no campo da tradução, de forma a descrever quais dos atuais conceitos associados à confiança têm uma projeção duradoura no passado recente, sendo especialmente destacados os períodos de guerra e conflito que se viveram durante a I e Segunda Guerra Mundial e também a Guerra Fria, dado que, como referem Hilary Footitt e Michael Kelly (2012) a guerra e outras formas de conflito são um ponto de contacto clássico entre pessoas de diferentes nações e etnias, envolvendo uma enorme diversidade de intervenientes que tornam as zonas de contacto como algumas das mais dependentes de língua e tradução.

A figura do tradutor começou a ganhar contornos mais próximos daquilo que é hoje aquando da Segunda Guerra Mundial. Para além disso, Magalhães faz referência ao “subsequente desenvolvimento das atividades diplomáticas, as novas nações e o rápido crescimento das Nações Unidas e das suas organizações internacionais” (1996:23), ou seja, foi essencialmente na sequência da Segunda Guerra Mundial e da criação das diversas organizações internacionais que se seguiram, que a visão do tradutor começou a ganhar contornos mais definidos. Nos anos seguintes, de facto, “the Cold War situation encouraged the establishment of teams of translators in administrative bodies and the placement of skilled interpreters on the professional market, thus paving the way for the first modern training institutions” (Wolf e Fernández-Ocampo, 2014: 12). Nesta sequência, se examinarmos a história contemporânea dos tradutores e intérpretes através do prisma da confiança/desconfiança em alguns destes períodos, podem identificar-se então várias tendências que passam entre a confiança e a desconfiança que era depositada nesta atividade.

O tradutor/intérprete, pelas particularidades da sua profissão e também pelo desconhecimento associado à mesma, tem a si associada uma tendência/necessidade de explicar ou justificar o seu trabalho diante do público ou do cliente. A fase da revisão e correção de erros demonstra que é um trabalho que necessita se controlar a si próprio, ao contrário de outros, também ligados à escrita, que não profissionalizam a questão do processo de revisão (o notariado, por exemplo).

Por outro lado, a instabilidade vivida no seio desta atividade provocou, desde sempre, uma certa associação da figura do tradutor/intérprete com a de “traidor” (veja-se o caso da Malinche em Valdeón, 2013), uma vez que não se considera que pertença inteiramente a nenhuma das partes confrontadas. Por consequência, isso faz com que o tradutor/intérprete seja entendido como o elemento mais prescindível dum processo de negociação, o que significa que em caso de algum problema, a responsabilidade tendencialmente irá recair sobre o tradutor/intérprete e sobre o papel que ele desempenhou nessa mesma mediação.

À luz dessa realidade, circulam relatos apologéticos que imputam ao tradutor a responsabilidade de um erro que, por vezes, teria consequências em grande escala. Esses casos encontram-se essencialmente associados a momentos históricos ligados aos períodos de conflito e de guerra (Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria, por exemplo), dado que nestes períodos as consequências dos atos humanos têm um impacto muito elevado.

A título de exemplo, é possível rever um caso identificado na obra de Vincent Rafael *apud* Mona Baker (2010), que evidencia a desconfiança que acabou por emergir junto de indivíduos que pudessem falar duas línguas, durante o período da Primeira Guerra Mundial:

Theodore Roosevelt wrote in 1917 about the danger of harboring immigrants who by virtue of speaking a foreign language were mostlikely “paying allegiance to a foreign power.” Riding the wave of anti-immigrant hysteria directed particularly at German speakers that swept the country amidst the First World War, Roosevelt explicitly links the question of language to national security: “We have roomfor but one language here, and that is the English language... It would be not merely a misfortune but a crime to perpetuate differences of language in this country.” (Baker, 2010:200).

Entre as anedotas que emergiram durante a Segunda Guerra Mundial são numerosas as baseadas em erros de tradução e, na confiança. Um desses casos terá ocorrido em Julho de 1945, com o tratado de Potsdam, em que os EUA e os Aliados, entre outros aspetos, exigiam a rendição do Japão. Kantaro Suzuki, primeiro ministro do Japão, quando supostamente questionado acerca do ultimato dos Aliados, terá reagido com a palavra “mokusatsu” que deveria ter sido interpretada como uma abstenção de comentar. Contudo, não terá sido essa a tradução que as agências de informação fizeram para o inglês, dada a ambivalência do termo, que pode igualmente querer dizer “We’re ignoring it in contempt” (Salus, 2014). Ainda que a veracidade desta história tão divulgada deva ser colocada em causa (veja-se a este respeito Delisle, 1996 e Fernández Ocampo, 1999), acaba por ilustrar os receios inerentes a uma tradução mal realizada e as hipotéticas consequências que daí poderão decorrer.

Matt Bramowicz apresenta um conhecido caso do período da Guerra Fria, em 1956, quando o primeiro ministro soviético Nikita Khrushchev fez um discurso na embaixada polaca em Moscovo celebrando o comunismo e condenando o capitalismo. Nesse discurso, Khrushchev teria supostamente dito “We will bury you”, no entanto, o que Khrushchev teria pretendido dizer, numa tradução palavra por palavra, seria “We will be present when you are buried”, que é um provérbio popular russo e que não carrega a carga ameaçadora que os termos iniciais aparentavam, dado que pretende dizer algo como “We will outlast you” (Bramowicz, 2012).

Assim, e ainda que a veracidade total destes casos possa ser colocada em equação, permitem compreender que as questões inerentes à confiança sempre tiveram um papel de relevo no que concerne a atividade de tradutores e intérpretes. Aliás, e alicerçando este ponto na perspectiva de Brian Baer, é possível dizer que, efetivamente, o intérprete passou a ser encarado como uma máquina linguista e, dadas as pressões da Guerra Fria, teve a oportunidade de assumir um papel de diplomata linguista conduzindo a preocupações relacionadas com a fidelidade da mensagem (Baer, 2014:198). O mesmo autor reforça ainda que a fidelidade absoluta ao original passou a ser povoada por preocupações acerca da mensagem que é recebida, o que “necessarily complicates the notion of interpreters as neutral conduits, presenting them instead as co-constructors of meaning, framers of the event” (2014:198).

Ainda no período da Guerra Fria, outras questões povoaram o imaginário da desconfiança associada à tradução, nomeadamente em casos relacionados com a tradução automática. A título de exemplo, veja-se o caso ALPAC (Automatic Language Processing Advisory Committee) que foi uma comissão criada pelo governo dos EUA em 1964, cujo objetivo era avaliar os progressos existentes no campo da linguística computacional e da tradução automática. O seu relatório, emitido em 1966, acabou por veicular uma perspetiva bastante cética relativamente à tradução automática destacando um caso em que a mesma teria distorcido o simbolismo de uma frase russa para o inglês onde, em vez da tradução “the spirit is willing but the flesh is weak”, surgiu “the vodka is strong but the meat is rotten” (Slocum, 1985:1).

Assim, e como solução às questões de desconfiança que emergiam no âmbito das ferramentas tecnológicas surge novamente a confiança no tradutor humano, acreditando que este poderá, efetivamente, fazer um trabalho melhor que a máquina. Esta confiança passa a existir em determinadas condições e, historicamente, é possível voltar a mencionar o papel dos intérpretes diplomáticos durante a Guerra Fria, que surgem como representantes da ordem civil num contexto político e militar, e que garantem, num plano algo eufemístico, que nenhuma guerra nuclear seja provocada por um mal-entendido entre dirigentes políticos. Os meios de comunicação acabaram também por explorar esta imagem visual do intérprete diplomático (uma figura bem apresentada, culta, eficaz) para causar a sensação de controlo e estabilidade. No fundo, a figura do intérprete era encarada como alguém que inspirava confiança, como forma de contradizer a desconfiança no plano geoestratégico e político.

Assim, e porque a tradicional desconfiança deveria ser compensada ativamente, não faltavam iniciativas onde se elaborava um contra discurso de confiança. Um dos indícios desse contra discurso consiste na braçadeira concedida a um intérprete voluntário da área de Bordéus e cuja designação era “Homme de Confiance”. A braçadeira é representativa da cultura material associada à interação entre a povoação e a administração alemã durante a ocupação em França em 1940-44, identificando o voluntário como uma entidade aparentemente imparcial na comunicação e, por vezes, mediação entre as partes. A braçadeira assinalava assim uma tarefa auxiliar, que expressava um grau de confiança para

oferecer trabalho interlinguístico. A ilustração seguinte permite verificar essa mesma braçadeira (visão parcial).



Ilustração 7: Imagem parcial de uma braçadeira usada pelos intérpretes durante a ocupação alemã de França na Segunda Guerra Mundial (c. 1940, ICOTI 602001).

Tal como os intérpretes humanos, a tradução automática era alvo de um contra discurso que pretendia fomentar os níveis de confiança no seu uso. O valor repetitivo e o automatismo dos processos de tradução baseados na reativação de soluções de equivalência previamente utilizadas também geravam confiança.

Assim, ainda durante a Primeira Guerra Mundial, o automatismo aplicado ao processo da tradução, e portanto supostamente garante da eficácia, era também inerente ao discurso sobre a tradução, como o demonstram documentos de uso na vida quotidiana como esta versão do guia militar inglês/francês/alemão das Éditions Nationales de 1918, elaborado com frases feitas, alinhadas e numeradas, e denominando-se por intérprete automático devido ao automatismo do gesto que permite alinhar visualmente, com o dedo, unha frase em distintas línguas, e dar a um interlocutor essa linha para ler.

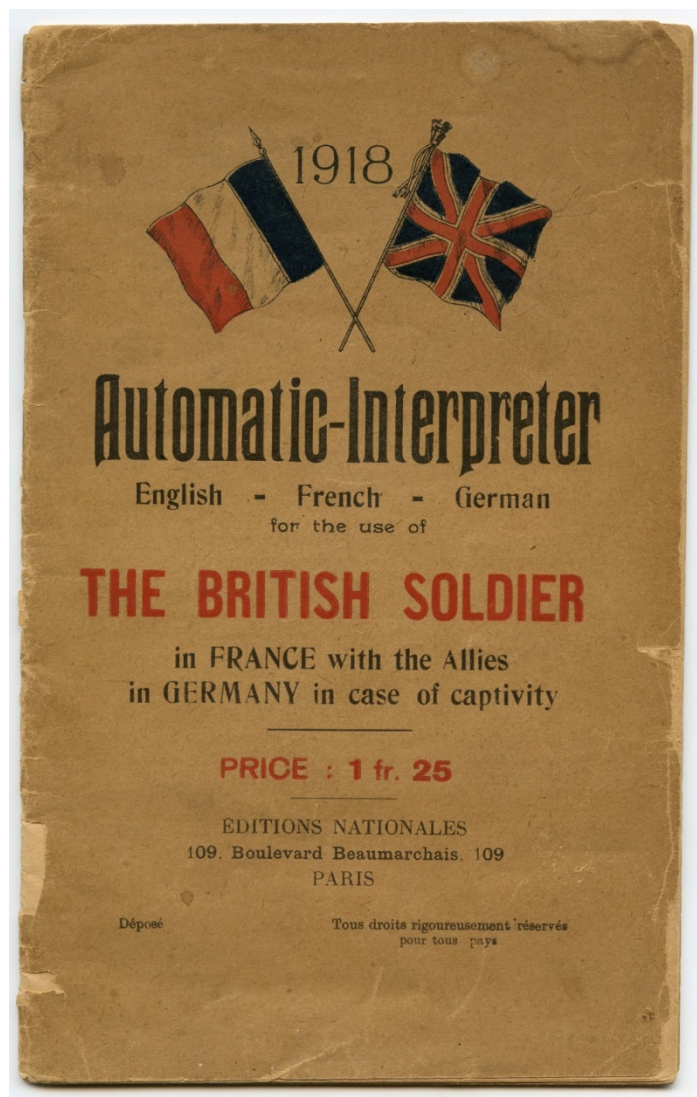


Ilustração 8: Capa do “Interprete Automático” (1918, ICOTI 131002)

Este princípio opõe-se diametralmente à confiança depositada no ser humano contra a máquina, como evocado anteriormente. Contudo, as circunstâncias tecnológicas e sociais da tradução no remate da Segunda Guerra Mundial não têm que ser vistas unicamente como o início de uma era moderna para a tradução aplicada e teórica, senão também como o resultado de dinâmicas observáveis ao longo do processo de industrialização, principalmente nas potências europeias ocidentais. Segundo Fernández Ocampo (2014), a industrialização provocou unha nova “economía do texto traducido”, entendendo aquí o termo de economia como o sistema dos meios de reprodução de textos através da tradução/interpretação numa dada época. A industrialização condicionou particularmente a

relação entre o texto e o consumidor, e mudou profundamente a classificação e o mapa dos ofícios da tradução no século XX. O incremento da produção textual técnica, publicitária ou jurídica ligada à produção em série de produtos, a internacionalização dos mercados, ou a exploração dos territórios coloniais, aumentaram a reprodução de textos e sua transferência à distância. Como consequência, a reprodutibilidade e a facilidade de difusão do texto veio transformar a consideração e o olhar que o público tem do trabalho do tradutor, ao ponto de limitar a importância da tarefa de traduzir, que passa a ser vista como uma "forma de reprodução" de um texto original, transparecendo a ideia de que qualquer pessoa pode reproduzir/traduzir. O texto parece ser mais acessível, rapidamente produzido, copiado e consumido, e essas circunstâncias podem eventualmente favorecer no público em geral a emergência gradual de uma confiança tradutiva de tipo colaborativo (*Ibid.*, 2014). Em suma, atualmente, a dualidade entre confiança/desconfiança sempre existiu e continua a determinar esta atividade, contribuindo para que as evoluções tecnológicas da atualidade também acabem por renovar o imaginário associado à desconfiança.

Parte dessas questões da confiança passam a ser palpáveis em produtos da cultura popular, emergindo quando, por exemplo, está em causa do trabalho desenvolvido por pessoas que não possuem, à partida, as competências necessárias para realizar essas atividades de tradução, como poderá ser o caso dos tradutores voluntários.

3.2 Tradutor Voluntário: O Perfil

Para melhor compreender como a atividade do tradutor/intérprete é vista e exercida atualmente, especialmente em Portugal, há que explorar não só o estatuto de um tradutor profissional como também analisar o perfil dos tradutores voluntários, que são uma realidade relativamente recente.

O estatuto do tradutor profissional na União Europeia foi abordado recentemente num relatório da autoria de Anthony Pym, François Grin, Claudio Sfreddo e Andy Chan. O estudo clarifica que em nenhum dos países explorados foi identificada a necessidade de

qualquer qualificação académica - ou mesmo qualquer tipo de qualificação formal - para que se pudesse usar o termo "tradutor" ou os seus termos genéricos equivalentes, o que faz com que o título de tradutor esteja virtualmente desprotegido (Pym *et al.*, 2012:20). No entanto, existem algumas exceções como, por exemplo, na Dinamarca. Neste país distingue-se entre o termo “oversætter” que é o termo associado a um tradutor tradicional e o termo “translator” que está associado a um tradutor autorizado, denotando um estatuto que se encontra protegido de forma oficial. Casos semelhantes podem ser encontrados na Noruega e na Suécia (Pym *et al.*, 2012:20).

Outro dos aspetos que confere um maior reconhecimento à profissão de um tradutor é ser um tradutor certificado e um tradutor acreditado. Stejskal, referenciado por Pym *et al.*, (2012:15), estabelece de forma clara a distinção entre os dois termos. Assim, a certificação é um processo voluntário através do qual uma organização garante um reconhecimento a um determinado indivíduo, pelo facto desse mesmo indivíduo preencher certos requisitos e qualificações encarados como essenciais à certificação. Por outro lado, a acreditação é um processo através do qual uma determinada entidade garante um reconhecimento público a uma certa organização, como uma escola, um instituto, um colégio ou uma empresa, que tenha preenchido determinados requisitos de aceitação (Pym *et al.*, 2012:15). Efetivamente, este tipo de classificações são os únicos meios que podem permitir algum tipo de reconhecimento e diferenciação a um tradutor profissional, dado que a utilização do termo tradutor já se encontra amplamente difundida e atribuída de forma praticamente indiferenciada, o que pode, inclusive, constituir-se num processo de descredibilização da profissão.

No caso de Portugal, o tradutor é, efetivamente, um profissional com um estatuto regulado. Não só existe formação superior na área, como é uma atividade profissional regulada com número de identificação no Departamento de Finanças. Além disso, a Associação Portuguesa de Tradutores exige, desde 1992, que os seus associados possuam, no mínimo, um bacharelato em qualquer área, além de competência comprovada na área da tradução (Magalhães, 1996:214). No entanto, há que realçar que para se exercer a profissão de tradutor em Portugal não é necessário ser associado da Associação Portuguesa de Tradutores.

Neste sentido, a visão existente da tradução em Portugal é a de uma atividade profissional regulada, embora esta visão não seja partilhada na totalidade em outras partes do mundo, dada a ausência de formação académica e específica disponível. Assim, e como consequência de algumas das lacunas existentes no enquadramento daquilo que é um profissional de tradução, os tradutores profissionais têm vindo a coexistir com os tradutores voluntários que povoam, entre outras, as estratégias de crowd translation. Os tradutores voluntários que habitam estes novos modelos de tradução são essencialmente amadores e transportam um sentido de comunidade e de voluntariado que torna o seu perfil substancialmente diferente do perfil de um tradutor que exerce esta atividade de forma profissional.

No entanto, antes de incidir com mais precisão sobre o perfil do tradutor voluntário, há que analisar o conceito de voluntariado que se encontra associado e que é decisivo na sua diferenciação. De facto, ser voluntário, seja no campo da tradução ou em outras áreas completamente distintas, é uma forma de estar na vida comum a diversas pessoas e que se distingue na forma como desempenham as atividades a que se propõem. Essa maneira de estar e essa vontade de participar em projetos/atividades de forma não remunerada será assente em motivações e em convicções muito vincadas, suportadas numa característica pessoal que é o facto de serem “givers” (dadores). Como refere Horsager “Some people are takers and some are givers. Takers are in relationships only to receive. Givers invest in others” (2012:188).

O conceito de voluntariado é, inclusive, enquadrado pelas Nações Unidas (*apud* Carol Packham, 2013:43) como detentor de três características base: é uma atividade não remunerada, embora se possam cobrir algumas despesas básicas; é uma atividade que deverá ser realizada de livre vontade e é atividade deverá beneficiar outras pessoas, embora se reconheça que o voluntário também retira benefícios da atividade. No geral, será certo que o envolvimento em atividades de cariz voluntário, como parte de um grupo ou de forma isolada, pode ser uma experiência enriquecedora e transformadora, conduzindo a mudanças positivas (*Ibid*, 2013:2).

De facto, os voluntários, tendencialmente, realizam as atividades que integram de forma livre, dado que acabam por possuir um sentido de pertença para com as causas ou as organizações em que participam e se antigamente os indivíduos acabavam por estabelecer

essas relações de afinidade baseadas em questões geográficas, religiosas, políticas, de nacionalidade, etc. a web veio mudar isso tudo (Brogan e Smith, 2010:96), visto que, efetivamente existem diversas atividades voluntárias que emergem através da web e proliferam, sendo o crowd translation uma delas.

Em 2005, a Russel Commission (comissão criada pelo governo britânico para promover o voluntariado entre as comunidades mais jovens), identificava quatro tipos de atividade voluntária: “mutual aid or self help, philanthropy or service to others, participation or civic engagement, and advocacy or campaigning” (Packham, 2013:43).

Nessa sequência, a sociedade acaba por identificar os indivíduos que desempenham tarefas de forma voluntária como pessoas associadas a determinado tipo de serviços/atividades que pretendem promover o bem de terceiros, como identificado anteriormente. Numa visão mais exemplificativa destas áreas, pode considerar-se que a facilmente são identificados os dadores de sangue, os voluntários em hospitais, em associações de animais, em instituições de solidariedade social e outras de cariz semelhante. No entanto, existem outro tipo de atividades, de natureza muito distinta, que albergam igualmente enormes comunidades de voluntários e que se movem por razões semelhantes, embora não tão identificáveis ao olho comum (voluntários na construção de *software* ou voluntários em campanhas políticas, por exemplo). Nesse sentido, é possível identificar também os voluntários na área das línguas, mais particularmente na área da tradução, seja ela associada à legendagem, à localização de *software*, entre outros.

Assim e analisando o tipo de tradutores voluntários que povoam estas novas estratégias de tradução é proposta a sua categorização em três tipos de tradutores voluntários:

- Também são tradutores profissionais, sejam eles acreditados com um curso superior ou não;
- Não são tradutores profissionais, mas acreditam que possuem as competências necessárias para realizar esta tarefa;
- Não são profissionais, mas consideram que apesar de não reunirem as condições ideais para realizar esta tarefa são capazes de o fazer.

Existe um elemento que se pode, eventualmente, tomar como dado adquirido, até pelos resultados obtidos no inquérito divulgado no âmbito desta tese: As pessoas que desenvolvem este trabalho de forma comprometida e honesta acreditam, efetivamente, na qualidade do trabalho que desenvolvem, mesmo tendo maiores ou menores competências formais para o fazer. Se isso não é particularmente surpreendente na primeira e na segunda tipologia de indivíduos acima indicados, poderá sê-lo na terceira. No entanto, como Brogan e Smith referem:

When you conclude that talent, though not quite a myth, is certainly overrated, you start to realize that you never need to see yourself as below anyone. Instead, you should believe only that you don't yet have the experience that another person does, then find a way to get it (2010:41).

Nesse sentido, será possivelmente com base neste tipo de pensamento que diversos indivíduos acabam por se considerar competentes no desempenho deste tipo de tarefas, acreditando que o seu nível de língua será suficiente para dar um contributo efetivo, ou então ainda irá crescer mais com a realização destas tarefas.

No caso da segunda tipologia identificada, poderá depreender-se que parte da confiança que depositam nas suas competências decorrerá da possibilidade de se encararem como bilingues, independentemente das caracterizações teóricas que já foram realizadas à volta do conceito.

Desta forma, e observando para além do que serão as competências linguísticas necessárias, ou não, para realizar este tipo de traduções, há que considerar a existência de diversas motivações de base, que funcionam como potenciadoras da sua realização. No entanto, e antes de se discorrer sobre essas possíveis motivações, impõe-se uma explanação sobre o conceito de motivação que, segundo Afsaneh Nahavandi *et al.* é um estado de “desire, energy, or interest that translates into action. You are motivated when you are interested in doing something” (2015:144). Assim, e de acordo com o trabalho desenvolvido neste estudo, foi possível observar algumas motivações específicas que poderão encontrar-se associadas ao desenvolvimento de trabalho voluntário na área da tradução.

- **Para ajudar à difusão de conhecimento** – Esta motivação é evidente em casos como o da Wikipédia ou as conferências do TEDx. A motivação destes tradutores prende-se essencialmente com a necessidade de fazer chegar o conhecimento a outras pessoas, sejam elas mais ou menos próximas.
- **Para cultivar e adquirir competências linguísticas** – Concordamos com Packham quando refere que “Voluntary work experience can increase the range of skills and knowledge of a volunteer and so contribute to their future employability” (2013:3). Por isso há casos em que os tradutores voluntários sentem que não reúnem as condições ideais para contribuir para este tipo de projetos, mas que ao participarem neles acabarão por evoluir nas suas competências, em resultado do trabalho vivido.
- **Para testar as suas próprias capacidades** – Nestes casos, os tradutores voluntários pretendem somente testar o seu nível de conhecimentos e se os seus contributos acabam por ser validados pela restante comunidade participante.
- **Pelo reconhecimento e feedback** – Este tipo de motivação encontra eco especialmente em casos de voluntários que sentem uma necessidade de validação pessoal, que será fruto do reconhecimento do seu trabalho por terceiros.
- **Por comprometimento para com uma determinada causa ou organização** – Esta motivação é patente em casos onde as pessoas desenvolvem uma relação estreita com a organização em causa, e sentem uma vontade acentuada para ajudar. Casos como as traduções para Rosetta Foundation ou para a KIVA, uma organização de microcrédito, espelham bem essa situação.
- **Por mero passatempo** – Neste caso, a motivação é generalista e comum a outros tipos de voluntariado, dado que este tipo de voluntários apenas participa nela por mero passatempo.
- **Por ser nativo de uma língua minoritária** – Em casos explanados anteriormente nesta tese, como o caso do albanês ou do macedónio para o Hi5, ficou claro que a motivação dos utilizadores desta língua em possuir uma versão da sua língua nesta rede social foi o fator decisivo para que quisessem contribuir e a mesma ficasse completa em tempo record.

Por outro lado, há que reconhecer os esforços desenvolvidos pelo Facebook, no que respeita a difusão do conhecimento. Como a imagem seguinte ilustra, o Facebook tenta apelar ao sentimento de amizade que une os utilizadores, de forma a promover a sua intervenção na tradução da plataforma, como se pode verificar através da secção “Impacto”. Desta forma, o Facebook pretende evidenciar que ao contribuir para a tradução da plataforma, o utilizador poderá estar a ajudar os seus próprios amigos que, eventualmente, terão mais dificuldade em aceder aos conteúdos em inglês ou noutra língua que não a sua.



Ilustração 9: Apelo do Facebook à tradução voluntária

Convém realçar que é possível que nem todos os voluntários tenham as suas motivações assentes nos pontos acima elencados, nem esses pontos sejam os únicos. No entanto, foram estas as motivações identificadas neste processo de investigação, acabando por integrar o inquérito realizado no âmbito desta tese e que será explorado mais à frente. Existirão ainda outros tipos de características que se encontram na base da participação deste tipo de

voluntários. Lynn Dyne *et al.*, baseados em Motowidlo e Van Scotter referem precisamente que estes voluntários são o resultado de uma relação significativa entre “personality characteristics (dependability, adjustment, cooperativeness, and international control) and contextual performance (including volunteering, helping and cooperating” (Dyne *et al.*, 2000:3), pelo que é possível depreender que não são só determinadas motivações que se encontram na base da participação destes voluntários, mas também características de personalidade.

No entanto, durante o processo que se vê despoletado pelas motivações e que resulta num desempenho efetivo de uma determinada tarefa, Nahavandi *et al.* consideram ainda que existe a variável da competência, referindo que, em primeiro lugar “the person must be motivated or willing to perform (...). Second, the person must have the ability to perform. For example, while many of us may be motivated to play professional basketball, few have the ability and talent to do so” (Nahavandi *et al.*, 2015:144). No caso da tradução voluntária em modelos de crowd translation, a variável da competência não é decisiva numa primeira fase, dado que não é avaliada previamente. No entanto, e apesar da inexistência de uma triagem que proceda a uma verificação de competências, será possível inferir que apesar de qualquer indivíduo poder ser considerado um possível tradutor voluntário, a maioria dos indivíduos terá consciência acerca das competências que possui, ou não, em determinada área, limitando o seu âmbito de atuação às áreas em que se sentem mais confortáveis. Surgem igualmente os casos dos indivíduos que possuem efetivamente competência para desempenhar este tipo de tarefas, mas simplesmente não têm interesse suficiente ou disponibilidade para participar nas mesmas. Além disso, e principalmente nos casos em que esses indivíduos são tradutores profissionais, pode dar-se o caso de considerarem este tipo de atividades voluntárias diminuidoras da sua profissão, pelo que não se encontram na disponibilidade de as fomentar ainda mais. Este facto, ainda que de forma menor, acabou por se ver refletido em algumas opiniões que foram reunidas nos questionários realizados, assim como em algumas opiniões reunidas e sustentadas por associações de tradutores, como já referido no capítulo anterior aquando da menção das preocupações veiculadas pela Associação de Tradutores Americanos (ver “Os desafios da crowd translation”).

Ainda assim, apesar dos tradutores voluntários serem uma realidade crescente, ainda são uma franja da população de tradutores. É possível tomar como exemplo o caso da Wikipédia, que é consultada por um sem número de pessoas diariamente, mas que apenas reúne cerca de 2232 tradutores voluntários registados (Wikipedia, 2013). Assim, e dado que num sistema de crowd translation, qualquer indivíduo poderá ser encarado como um possível tradutor, há que considerar a clara limitação que este número revela. É possível, porém, que existam outro tipo de tradutores de forma encoberta, não sendo abrangidos pelos tradutores registados na wikipédia. A título de exemplo, podem verificar-se os indivíduos que inserem textos de raiz na wikipédia, mas cuja tradução já foi previamente realizada por eles.

Em síntese, o perfil dos tradutores voluntários reúne determinadas características e motivações que permitem a sua distinção dos tradutores que o fazem de forma profissional, mas que permitem um afloramento mais rico e complexo das questões relacionadas com a confiança.

3.3 A Confiança

O conceito de confiança já tem sido utilizado em diversas áreas do conhecimento, como o direito, a economia, a gestão, entre outras. No entanto, e antes de se incorrer sobre essa exploração no campo da tradução colaborativa, é necessário enquadrar este conceito de uma forma mais generalista, passando por alguns teóricos que já se debruçaram sobre esta área.

De facto, o conceito de confiança já foi largamente estudado ao longo dos anos por teóricos como Niklas Luhmann (1979), Bernard Barber (1983) ou Anthony Giddens (1984), dado que sempre foi um elemento fundamental para o sucesso genuíno (Horsager, 2012:1) e é também o factor que se encontra na base da maioria das relações que se estabelecem entre os indivíduos. Nesse sentido, este conceito poderá ser caracterizado pela crença em alguém ou alguma coisa, aliando a isso a certeza de que essa pessoa ou essa “alguma coisa” irá fazer o que é certo, cumprir com o prometido e manter um determinado

nível de expectativas, sejam quais forem as circunstâncias (Horsager, 2012). Poderá igualmente ser retratado como um determinado grau de crença numa dada hipótese (Griffin e Tversky, 2002). No entanto, o conceito de confiança é, efetivamente, um conceito que suscita algumas diferenças de interpretação, quanto ao que está na sua base. Algumas dessas diferenças de base residem em dois componentes, sendo um deles a intenção de aceitar a vulnerabilidade que se encontra enraizada em diversas conceptualizações mais antigas de confiança, e o outro componente as expectativas positivas (Colquitt, Scott e LePine, 2007:909).

Apesar da sua relevância, a confiança é um estágio que implica um processo difícil de se alcançar e, por consequência, é muito frágil. Essa mesma fragilidade é referenciada por Horsager (2012:224) quando afirma que “Trust is the highest value and greatest compliment, and it is reserved for those who earn it. Even where there is love, trust may be broken or weakened. Trust is fragile”. Nesse sentido, e devido a essa fragilidade que lhe está inerente, existe uma tendência acentuada para que os indivíduos se associem a comunidades em que haja uma partilha dos mesmos interesses, dado que, de uma forma geral, as pessoas tendem a desconfiar de qualquer coisa que venha de fora do seu círculo de amigos, acabando por formar grupos de pessoas que pensam da mesma forma, possuem a mesma opinião sobre determinado tópico, ou gostam das mesmas coisas (Brogan e Smith, 2010:14).

Existem ainda outros factores que podem, eventualmente, contribuir para uma maior ou menor existência de confiança, podendo esses fatores estar relacionados com questões culturais e a própria sociedade. A título de exemplo, Stephen Covey e Rebecca Merrill mencionam um estudo que explorou as regiões dos EUA, assim como outros países, que apresentavam índices maiores ou menores de confiança. Esse estudo indica, por exemplo, que as regiões do Sul mais meridionais dos EUA, assim como do estado do Nevada, são regiões onde os índices de confiança são mais baixos, enquanto no estado do Minnesota o índice de confiança é mais alto. A nível internacional, o mesmo estudo indicado por estes autores faz igualmente generalizações fortes, afirmando que apenas 2% dos brasileiros confiam nas pessoas, por comparação a 65% dos noruegueses (2006:41).

Seria, por ventura, interessante analisar de que forma este estudo foi levado a cabo, dadas as generalizações complexas e talvez polémicas que veicula, no entanto, e não sendo essa a

intenção desta tese, foi encarado como pertinente uma breve referência ao mesmo, dadas as reflexões que poderá suscitar. Efetivamente, as generalizações têm um determinado grau de subjetividade, dado que não correspondem à realidade total de uma dada situação, no entanto, continuam a ser benéficas para uma compreensão mais imediata de determinada realidade, dado que, como referem James Watt e Sjef van den Berg (2002:52):

To be totally confident that any findings are really general statements about the population, we would have to inspect the entire population (...).It is obvious that a scientist will hardly ever be in a situation where the whole population can be scrutinized”.

Além disso, esta generalização demonstra, sobretudo, que a confiança, ou a falta dela, é um conceito que serve para polarizar ou caracterizar determinadas povoações.

Afastando as questões geográficas e culturais deste processo, as dimensões que se encontram mais facilmente associadas ao crescimento de confiança são o “tempo”, dado que a confiança não é um estágio imediato, construindo-se ao longo de um determinado período de tempo que pode variar de pessoa para pessoa e de situação para situação, e a “profundidade”, sendo que esta última pode variar entre um nível de confiança mais superficial, avançando para um nível de confiança mais profundo e enraizado quando as relações se tornam mais próximas e permanentes. Ainda assim, mesmo que o fator temporal em causa seja extenso, nem sempre poderá atuar como fator decisivo para o crescimento de confiança, dado que as variáveis que contribuem para a sua existência no caso de uma pessoa são diversas (generosidade, simpatia ou altruísmo, por exemplo). Assim, é possível admitir que a confiança pode ganhar força com alguns fatores de base que advêm do indivíduo em que se confia, nomeadamente os aspetos associados à sua personalidade e ao seu carácter.

Neste sentido, e partindo das premissas de Mayer *et al.* é desenhada uma distinção entre a confiança como um estado situacional e a confiança como uma variável da personalidade, com a propensão para confiar sendo definida como uma diferença individual estável, que afeta a probabilidade de determinada pessoa confiar (Colquitt, Scott e LePine, 2007:909-910).

Como referem Flores e Solomon, a situação ideal é que determinada pessoa confie em alguém, porque essa pessoa é tida como confiável, e a confiabilidade que alguém possui inspira, por consequência, confiança (Colquitt, Scott e LePine, 2007:910). Em todo o caso, enquanto a propensão para a confiança é primeiramente uma questão emocional, a análise é primeiramente uma questão racional (Covey e Link, 2012:59).

No que respeita à Internet, acredita-se que a confiança pode emergir quando algumas condições ficam reunidas. Como Brogan e Smith referem, a confiança constroi-se na web devido a um determinado número de sinais que não existem necessariamente na vida real, sendo que esses sinais de confiança podem revestir-se das seguintes características (2010:85): *design*; longevidade; volume de produtividade; número e qualidade dos comentários; número e qualidade das ligações; nome do domínio; página do “sobre” e, finalmente, a existência de uma conta no Facebook ou no Twitter.

No que concerne o *design*, é provável que se um *website* se caracterizar por uma estrutura muito básica, sem nenhum estilo ou edição, mais depressa seja encarado como um *website* que não é de confiança. Um *design* cuidado e estilizado acaba por inspirar mais confiança. Relativamente à longevidade, é possível que um *website* que seja muito recente, por oposição a *websites* que existem há mais tempo e que se conhecem melhor, gere menos confiança de início. Quanto ao volume de produtividade será possível intuir que um *website* com bastante conteúdo, por oposição a um que tenha pouco conteúdo e seja pouco atualizado, acaba também por gerar mais confiança. No que respeita o número e a qualidade dos comentários, pode depreender-se que se ninguém fala ou comenta determinada plataforma web, ela também irá acabar por gerar menos confiança, sendo que o mesmo acontece com o número e a qualidade das ligações, visto que se um determinado *website* é recomendado por outros *websites* ou por outras pessoas, este acaba por gerar maior confiança que outro que não o seja. A existência de ligações em *websites* como o Reddit ou no Digg, também tem a sua importância, no sentido de aumentar essa mesma confiança. Relativamente ao nome do domínio é possível observar que se um determinado *website* possui um domínio profissional, tendencialmente acabará por ser mais credível do que um domínio do Blogger ou do Wordpress. Além disso, também os domínios que acabam em .com, acabam por ser mais confiáveis do que domínios acabados em .info, por exemplo. A existência de uma página “Sobre”, também se revela como benéfica neste

contexto, dado que uma página que explicita a origem e o percurso da empresa/organização, ou o percurso profissional do seu autor, acaba por tornar-se mais confiável. Da mesma forma, a disponibilização de uma foto do seu(s) autor(es), pode igualmente contribuir para aumentar o nível de fiabilidade. Por fim, a existência de uma conta no Facebook ou no Twitter, cimentando uma presença constante nas redes sociais, pode igualmente contribuir para uma relação mais estreita com os seus leitores/utilizadores e, por consequência, torná-lo mais confiável.

Apesar de nem todas estas características se aplicarem a todos os *websites* ou portais, é necessário reconhecer que são elementos que poderão contribuir para a construção da confiança que os indivíduos depositam naquilo que vêem e que frequentam em linha, e é precisamente a confiança que é promovida no desenvolvimento de um trabalho colaborativo em linha, mais especificamente a confiança gerada a partir das traduções colaborativas para redes sociais, que se analisará mais à frente nesta tese.

3.4 Confiança Tradutiva: O contributo para uma teoria da tradução

Uma vez que a confiança na tradução sempre foi uma questão colocada em causa, os estudos existentes no campo da confiança na tradução que surgiram estão essencialmente relacionados com estimativas de confiança no campo da tradução automática. A título de exemplo, é possível destacar um estudo de doutoramento de Nicola Uefing (2006) sobre medidas de confiança para a tradução automática, um estudo sobre a fiabilidade dos próprios sistemas de tradução automática (Bach, Huang e Al-Onaiza, 2011) e outro estudo de Marwa Hadj Salah (2014) sobre a capacidade dos sistemas se autoavaliarem.

Neste tipo de estudos, o objetivo primário prendia-se fundamentalmente com a necessidade de aferir, por via de programação informática, o nível de exatidão de cada termo, ou frase, traduzida – *Statistical Machine Translation*. Através dessa análise estatística acerca do nível de exatidão de cada tradução, tentavam aferir o nível de confiança que a ferramenta

seria capaz de fornecer aos seus utilizadores. No entanto, a presente tese procura descrever os graus de confiança nos agentes humanos envolvidos em processos de tradução colaborativa, pelo que essa confiança não se refere ao aspecto tecnológico, mas sim ao social e colaborativo.

Nesta investigação, porém, o conceito de confiança tradutiva aqui proposto pretende explorar uma perspetiva diferente. O foco desta investigação reside na confiança tradutiva que se deposita em processos de tradução colaborativa desempenhados por indivíduos que, tendencialmente poderão não possuir competência específica para o efeito, pelo que a confiança tradutiva que se pretende explorar, reside nos fenómenos de crowd translation, já explanados anteriormente neste estudo. Será assim analisada a confiança tradutiva que se gera por parte dos indivíduos que colaboram em processos de crowd translation, assim como pela entidade que os promove, como figura no terceiro objetivo de investigação desta tese. Dado que o tipo de confiança que se pretende analisar reside mais no indivíduo do que na máquina, convém referir que neste caso depende mais da competência do que do carácter, pois como referem Covey e Merrill, as pessoas competentes são credíveis e por isso inspiram confiança (2006:92).

Assim, no caso da confiança gerada nos processos de tradução colaborativa em massa, proponho a sua divisão em três categorias sendo elas: confiança de fé; confiança fundamentada e confiança ponderada.

A primeira irá-se denominar por “confiança de fé”, ou seja, o estágio de confiança que se gera apesar de não existirem provas de que o processo de tradução colaborativa irá resultar. É uma confiança gerada num ato de boa-fé em que em vez de ocorrer numa situação conhecida (tradução efetuada por tradutores profissionais) ocorre numa situação desconhecida (tradução efetuada por um grupo de voluntários sem conhecimentos linguísticos, nem experiência profissional comprovada).

A segunda categoria é aquela que se irá denominar por “confiança fundamentada” e que se caracteriza pela confiança depositada num processo que já se verificou como eficaz e com bons resultados em momentos anteriores, apesar das variáveis que o compõem poderem mudar de caso para caso. Nesta situação poderão entender-se como variáveis não só as línguas de trabalho, como as pessoas voluntárias envolvidas no processo de tradução e as

suas próprias motivações. Encarando não só os processos, mas também os indivíduos que os realizam, Roy Lewicki e Edward Tomlinson afirmam (2003) que a nossa confiança num determinado indivíduo pode ser baseada na nossa avaliação da sua capacidade, integridade e benevolência, ou seja, quanto mais observamos estas características noutra pessoa, mais provável é que a nossa confiança nela aumente. Revela-se igualmente numa expectativa gerada sobre um comportamento futuro de outra pessoa, associada a um sentimento de calma e segurança. Essa outra pessoa deve comportar-se como acordado ou pelo menos de acordo com expectativas subjetivas, deixando sempre aberta a possibilidade de a pessoa agir de forma diferente, dado que é impossível ou indesejável controlar essa mesma pessoa (Kassebaum, 2004:21). Por fim, a confiança nessa pessoa também pode decorrer de uma transferência, ou seja, essa pessoa tornar-se confiável, pelo facto de alguém pertencente a um determinado ciclo de confiança a recomendar.

Contudo, neste contexto, não é possível alegar que a relação de confiança se constrói com cada um dos indivíduos que integram esta rede de trabalho colaborativo, dado que acaba por ser impossível conhecer e estabelecer uma relação com cada uma das pessoas que colaboram nestes projetos. Assim, considero que a questão da confiança tradutiva acaba por ser um sentimento generalista associado a uma situação e a uma estratégia residindo no grupo e no método aplicado e não em cada uma das pessoas que para ele contribuíram em particular, até porque, na maioria dos casos, não é efetuada nenhuma seleção das pessoas que participam nestes projetos.

Em inglês, acredita-se que a distinção que se está a efetuar entre confiança de boa-fé e confiança fundamentada já existe de alguma forma se se encararem os termos “trust” e “confidence”. Como refere Barbara Adams (2005:iii). “A confidence judgement typically has a very specific referent, and is influenced by base rates and prior probabilities”. Já o conceito de trust “is characterized by the need to take a “leap of faith” from what is known to what is unknown”. Como ainda refere Adams, baseada em Mayer, a confiança só se coloca em causa na presença do risco, da incerteza, da vulnerabilidade e da necessidade de interdependência com outra pessoa (Adams, 2005:iii). Em suma, quando se fala de “confidence”, este conceito é suportado num determinado grau de probabilidade e em factos anteriores que atestam maiores níveis de confiança. O uso do termo “trust”, por outro lado, já indicia uma confiança existente sem bases concretas que a sustentem. A

título de exemplo, é possível destacar o lema nacional dos Estados Unidos da América - “In God we Trust” - para explicitar precisamente esta diferença, ou seja, para compreender que dada a ausência palpável de provas relativas à existência de Deus, o termo “confide” não teria o mesmo impacto.

Como referido acima, proponho ainda a existência de “confiança ponderada”, que é um estágio intermédio de confiança, que se encontraria entre a “confiança de fé” e a “confiança fundamentada”. As redes sociais que recorrem às traduções colaborativas, e analisando o caso do Facebook e do Twitter em particular, possuem uma estrutura que sugere que o projeto de tradução colaborativa assentou precisamente pela confiança ponderada. Será possível encontrar algumas bases para aquilo que aqui se entende como confiança ponderada, nos estudos de Stephen Covey e Greg Link (2012) quando abordam o conceito de “smart trust”. A “smart trust” é caracterizada por estes autores como reunindo três variáveis em particular, que são: oportunidade; risco e credibilidade. Assim, considero que a confiança ponderada analisa igualmente a questão da oportunidade, do risco, da credibilidade, mas também do comprometimento para com uma dada causa, dado que o sentido de comunidade e comprometimento existente em muitos casos, atesta uma segurança que permite garantir, à partida, um determinado nível de confiança.

Os três tipos de confiança tradutiva propostos dentro do fenómeno da crowd translation e que se identificam nesta tese (confiança de fé, confiança ponderada e confiança fundamentada) podem ser visualizados na ilustração seguinte.

Confiança Tradutiva na Crowd Translation

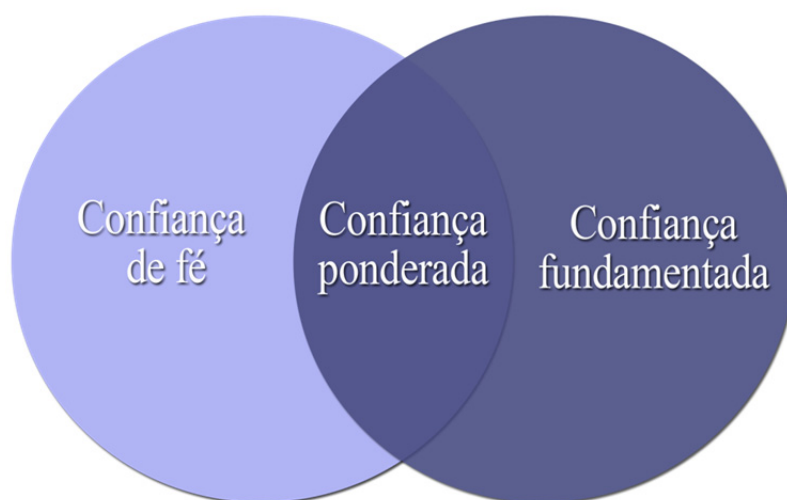


Ilustração 10: Esquema da Confiança Tradutiva

No caso do Facebook em particular, e observando a forma como decorreu a implementação deste processo, antevê-se que inicialmente apenas se terá baseado na oportunidade, no risco e no comprometimento para a sua causa. A “oportunidade” emerge da necessidade do Facebook em disponibilizar, o mais rápido possível, traduções do interface da sua plataforma, com o objetivo de a tornar disponível para um público mais alargado, como já mencionado anteriormente nesta tese. A variável do “risco”, por outro lado, encontra-se sempre presente, visto que todas as situações enfrentam, tendencialmente, um determinado grau de risco. No que se refere à possibilidade do “comprometimento com uma dada causa”, observa-se igualmente a sua intervenção na sustentação da confiança fundamentada, dado que muitas pessoas desenvolvem um sentimento de comunidade e de pertença por determinados organismos, que faz com que pretendam providenciar o melhor tipo de trabalho que lhes for possível, junto dessas mesmas causas ou organismos. Como esse comprometimento já vai sendo passível de verificação noutras situações da comunidade, prevê-se que será extensível e verificável também noutras áreas como a tradução. Aliás, nos questionários realizados no âmbito desta tese, é possível verificar isso mesmo, dado que todas as pessoas que afirmaram integrar projetos de crowd translation

garantiram ter confiança nas traduções que realizavam para as plataformas com as quais trabalhavam de forma voluntária.

A “credibilidade” será a única variável que se prevê como não constante de uma fase inicial, uma vez que não foi completamente tida em linha de conta pelo Facebook. Numa fase inicial não são desenvolvidos processos que controlem o tipo de pessoas que se voluntariam para o projeto de tradução colaborativa, pelo que não há nada que possa atestar uma possível credibilidade dos seus intervenientes no início. Aliás, se se ponderar devidamente esta situação, chega-se facilmente à conclusão de que a ausência de verificação de competências foi um enorme risco, dado que, efetivamente existem pessoas a quem se reconhece a capacidade para desempenhar determinadas tarefas e outras pessoas a quem não seria reconhecida essa mesma capacidade. A título de exemplo, seria comum confiar que um mecânico irá desempenhar as suas funções com eficácia na reparação de um automóvel; no entanto já não se confia que ele será capaz de proceder à contabilidade de uma empresa. Não quer dizer que não seja capaz de o fazer, no entanto o seu contexto profissional leva a crer, mesmo que com base em poucos factos, que ele não será capaz de o fazer.

Nesse sentido, torna-se curioso pensar por que motivos entidades como o Facebook ou outras redes sociais não tiveram em conta, inicialmente, nenhum tipo de validação que pudesse promover uma confiança fundamentada nos indivíduos que colaboram nestes processos de tradução colaborativa. Acredito porém, que poderá não ter havido uma confiança fundamentada nas pessoas, mas poderá ter havido no processo. Apesar do processo desenvolvido pelo Facebook ser diferente dos desenvolvidos até à data, motivo pelo qual pretenderam patentear esse método (Kincaid, 2009), foi também ele impulsionado por experiências desenvolvidas anteriormente com as traduções colaborativas de outro tipo de aplicações (ex: Mozilla Firefox). Apesar disso, pode reconhecer-se que ao longo do tempo o Facebook tentou desenvolver esforços que permitissem um aumento da credibilidade do sistema. Assim, no pedido de patente, encontra-se igualmente o sistema de votação entre utilizadores, que desenvolveram com o intuito de validar as traduções inseridas (Holliday, 2009). Além disso, no caso do português europeu, por exemplo, existiu igualmente um guia de estilo, elaborado por alguns tradutores voluntários, que pretendia elucidar sobre algumas questões culturais e de

estilo que deveriam ser tidas em conta e que, essencialmente, não deveriam ser confundidas ou aplicadas ao português do Brasil. Dada a importância de uma ferramenta linguística deste género, desde 2014 que existe outro guia de estilo, desta vez promovido e elaborado pelo Facebook e que substituiu o anterior (ver o Guia de Estilo no Anexo 1 e 2).

Assim, o processo de tradução colaborativa potenciado pelo Facebook terá sido assente numa “confiança ponderada”, ainda que a variável do risco estivesse sempre presente. Em todo o caso, e apesar de se considerar nesta tese que a “confiança ponderada” foi a base para avançarem com um projeto deste género, convém igualmente analisar as relações de confiança que se desenvolvem posteriormente, no decorrer do processo, e que acabaram por contribuir, no futuro, para o desenvolvimento de uma “confiança fundamentada”. Neste sentido, isso leva-nos a observar as relações estabelecidas entre a entidade que recorre ao processo de crowd translation na web e as pessoas que, de forma voluntária, participam nessas atividades, dado que, é o estado de confiança e credibilidade que depois se gera entre estes dois lados que permite que esta colaboração aconteça num ambiente de rede e de partilha que acaba por permanecer ao longo do tempo. No entanto, como refere Piotr Cofta, baseado em Russel Hardin, apesar de não ser totalmente claro se é o efeito de rede que facilita a existência de confiança, ou se é a confiança que permite que se estabeleça uma rede de relações sociais, é óbvio o benefício de ambas (Cofta, 2007).

Neste sentido, para uma melhor compreensão desta relação tida como benéfica, impõe-se uma exploração sobre as motivações inerentes a estes projetos e que já foram abordadas no perfil do tradutor voluntário. Para além disso, é interessante observar também o que leva determinadas organizações (Facebook, Twitter, etc.) a considerar que o trabalho dos tradutores voluntários é bom o suficiente para ser usado, uma vez que a grande maioria desses tradutores voluntários, tendencialmente, não possuem qualificações académicas específicas ou experiência profissional para o fazer. Ainda assim, e apesar de normalmente estes voluntários não possuírem essas mesmas competências formais, é possível atentar às palavras de Pym quando este refere que, por diversas vezes, a competência não pode ser confundida com questões de qualificações profissionais (Pym, 2002:2).

Assim, o que acaba por ocorrer é que os tradutores voluntários possuem diversas oportunidades para evidenciar a competência que acreditam ter, sendo que essa mesma competência e confiança no seu trabalho, pode revelar-se em vários contributos e não

exclusivamente num determinado momento que poderá ter resultado numa tradução menos adequada. Como refere Horsager “You will never get one big chance to be trusted in your life; you will get thousands of small ones” (2012:221). Assim, se ao longo do tempo as traduções desenvolvidas e validadas pelo sistema de controlo de votações se mostram como respeitadores dos padrões esperados pelo Facebook e pelo Twitter, acaba por emergir uma relação de confiança.

Desta forma, sugiro que a variável da confiança se poderá revelar por três vias, ou seja, por parte da entidade que solicita as traduções colaborativas aos voluntários, por parte do tradutor voluntário, através da confiança que ele tem em si mesmo para realizar a tarefa de tradução e, por fim, pela confiança do utilizador que recebe e lê o produto resultante dessa mesma tradução. Com base nos conceitos anteriormente identificados, os diversos intervenientes neste processo depositariam também diferentes tipos de confiança no mesmo. No caso das entidades potenciadoras do processo, e como já anteriormente explanado, considera-se que se verifica uma situação de confiança ponderada, dada a existência de algumas bases anteriores com outras entidades que anteviam algumas possibilidades de sucesso. No caso dos tradutores voluntários intervenientes nestes processos, ocorrerá um misto de confiança, variando entre confiança fundamentada por parte dos indivíduos que possuem competências técnicas e formais para intervir neste tipo de tarefas e uma confiança de fé por parte dos indivíduos que acreditam que poderão fazer um bom trabalho, embora nunca tenham participado em atividades do género, nem possuam competências formais/profissionais para o fazer. Por fim, e por parte de quem recebe e usufrui do produto resultante das traduções voluntárias, existirá um misto entre a confiança fundamentada, pelo facto de confiarem no Facebook e acreditarem que esta entidade irá certificar-se de que a mensagem correta é veiculada, como também uma confiança de fé, baseada na inexistência de preocupações sobre este factor, decorrentes do desconhecimento da tradução voluntária implicada no processo. Além disso, recordamos junto de Pym que “such language workers ultimately achieve trust not on the basis of where their words have come from, but on what can be done with the texts they produce” (2004:175), pelo que a confiança que o leitor/utilizador deposita no texto localizado é muitas vezes associada à forma como este é percebido e aplicado no seu destino. Quanto maior a sua adaptabilidade ao público de destino, maior é a confiança que o leitor deposita nele.

Confiança Tradutiva na Crowd Translation

(a visão dos intervenientes no processo)

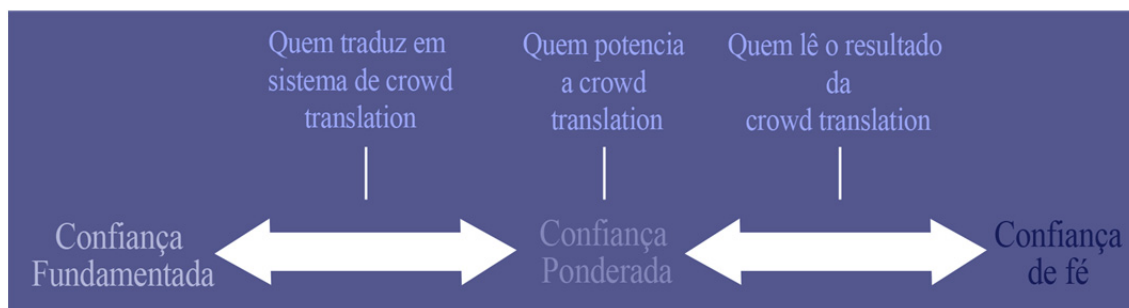


Ilustração 11: A Confiança Tradutiva de cada um dos intervenientes no processo de tradução nas redes sociais

Para finalizar e também para sustentar as perspetivas e as ilações que têm vindo a ser veiculadas nesta tese, no que respeita o processo de crowd translation nas redes sociais, as motivações que lhe estão de base, assim como as variáveis que lhe permitem permanecer como viável, procedeu-se à realização de um estudo de caso.

A sua análise será feita num dos capítulos seguintes, não sem antes proceder à devida explanação da metodologia aplicada neste estudo de caso.

Convém ainda mencionar que a ausência de uma fase prévia de pesquisa sobre os conceitos aqui expostos se deve ao facto dos conceitos de confiança tradutiva que são propostos nesta investigação resultarem de uma perspetiva original sobre o fenómeno da crowd translation, não sendo conhecidos estudos prévios que trabalhassem sob a confiança nesta perspectiva.

4 METODOLOGIA

É amplamente reconhecido que as atuais formas de comunicação e informação abrem novas e recorrentes possibilidades em termos de pesquisa e de investigação. Assim, não é surpreendente que dado o uso alargado e o fácil acesso a este meio, a internet se tenha revelado como um objeto de investigação e também como uma ferramenta para o uso na investigação (Flick, 2006:255). Estes novos contextos permitem ao investigador comunicar com uma população geograficamente dispersa e que poderia ser de mais difícil acesso.

Assim, e dadas as especificidades do estudo que se pretendia fazer, o tipo de investigação escolhido foi o estudo de caso, como instrumentos de avaliação foram usados questionários e entrevistas.

4.1 Tipo de Investigação

Para o desenvolvimento desta investigação, ao “estudo de caso” foi associada uma abordagem mista, com uma incursão quantitativa e qualitativa dos dados. Quando se opta por este tipo de abordagem mista, segundo John Creswell, é sinal de que o investigador baseia a sua investigação na assunção de que irá recolher uma tipologia diversa de dados e de que será capaz de providenciar um melhor entendimento para o problema de investigação. Assim, o estudo começa com um inquérito geral, aberto a toda a potencial população do estudo, finalizando, numa segunda fase, com entrevistas qualitativas que permitam recolher dados mais detalhados acerca de alguns participantes (Creswell, 2003:21).

O estudo de caso é uma metodologia que compreende uma dada realidade, específica, que poderá beneficiar de diversos instrumentos de avaliação para a sua análise, entre outros: questionários, entrevistas, observação direta e indireta, diários, registos de áudio e vídeo.

A complexidade dessa dada realidade (pessoa, grupo, organização, etc.) é alvo de uma análise tão profunda quanto possível, passando por diversas fases de trabalho. No entanto, podem ser feitas alterações ao caso ou aos métodos de recolha de dados, consoante o desenvolvimento de novas hipóteses.

Em suma, esta metodologia visa, essencialmente:

a compreensão de um sujeito, de um dado acontecimento, ou de um grupo de sujeitos ou instituição, considerados como uma entidade única, diferente de qualquer outra, uma dada situação contextual específica, que é o seu ambiente natural (Sousa, 2005:137).

De acordo com Robert Yin (2003:21) é necessário ter especial atenção a cinco questões que se colocam, de forma frequente, no desenvolvimento de um estudo de caso e que são: as questões de investigação; as suas proposições, no caso de existirem; as unidades de análise; a correta ligação entre os dados e as proposições e os critérios para a interpretação dos resultados.

A utilização do estudo de caso é por vezes criticada devido à dificuldade de transposição dos resultados nele obtidos para a generalidade das situações. Porém, há que concordar com Kurt Lewin quando este, citado por Alberto Sousa, afirma que “a validade e o carácter provativo do caso dependem exclusivamente da sua realidade, da sua autenticidade, e não da sua frequência ou da sua representatividade em relação a uma média estatística” (Sousa, 2006:40). Nesse sentido, a análise resultante do estudo de caso aqui em causa pretende refletir esta realidade e não outra, embora se acredite que existem resultados que se poderão inferir, em certa parte, para outros casos. Yin sustenta a mesma opinião quando menciona que os estudos de caso, tal como as experiências, são generalizáveis às proposições teóricas que se criam em torno deles e não pretendem ser generalizáveis a toda a população ou universo, pois o objetivo do estudo de caso é posteriormente expandir e generalizar as teorias (Yin, 2003:10).

Alguns dos benefícios inerentes à utilização do estudo de caso encontram-se relacionados com a sua capacidade para lidar com uma diversa tipologia de elementos (documentos, observações, entrevistas, entre outros), assim como com a sua capacidade de abrir caminho

para novas descobertas, podendo facilmente servir de base a outras perspectivas e hipóteses hipóteses que poderão ser seguidas em estudos subsequentes (Berg, 2001:231)

Segundo Sousa (2005:140-141), o estudo de caso pressupõe a existência de três fases, que são: recolha de dados o mais exaustiva possível; análise qualitativa e quantitativa desses dados e realização de inferências a partir da análise e chegada a conclusões.

Assim, de forma a concretizar o primeiro passo pretendeu-se, numa fase prévia, recolher o máximo possível de informação, pelo que se optou pela realização de questionários. Os dados provenientes dos questionários serão alvo de um estudo quantitativo e qualitativo, permitindo extrair algumas ilações sobre os seus resultados. No entanto, como refere William Foddy (2001:38), acaba por ser muitas vezes difícil para um investigador ter uma ideia clara da informação que precisa de recolher, assim como também é difícil que os inquiridos compreendam sempre que tipo de informação é que o investigador pretende.

Convém ainda salientar, no que respeita aos estudos de caso, que este em particular se relaciona mais diretamente com o estudo de caso de comunidades, sendo que uma comunidade pode ser definida como uma parte bem delineada da sociedade, parte essa que deverá ser pequena o suficiente para permitir uma homogeneidade cultural considerável, interações e relações difusas entre os seus membros e que produza uma certa identificação social por parte dos seus membros (Berg, 2001:233). Este tipo de estudos de caso pode ainda ser definido como uma reunião sistemática de informação acerca de uma determinada comunidade, com o intuito de fornecer ao investigador a compreensão necessária para analisar a atividade que acontece dentro dessa comunidade, assim como que membros dessa comunidade integram determinadas atividades e possuem determinados comportamentos (*Ibid.*, 2001:234). Nesta tese em particular, interessa concentrar o foco desta investigação na forma como se processa o método de tradução colaborativa aplicado pelo Facebook e pelo Twitter.

Quanto ao tipo de abordagem e como já referido anteriormente, esta será uma abordagem quantitativa no que se refere aos questionários, com uma incursão qualitativa no que se refere à análise das entrevistas e de também de alguns aspetos dos questionários. Esta junção de abordagens impunha-se, dado que, como refere David Silverman (2006), por vezes deve começar-se com um estudo quantitativo, definindo uma amostra de

respondentes que permita estabelecer os contornos do estudo, só depois recorrendo à investigação qualitativa para investigar de forma mais aprofundada alguns conceitos chave da primeira amostra. De facto, como Stephen Gorard e Chris Taylor (2004:47) também referem, se não houver simpatia pelas abordagens qualitativas, estar-se-ia assim a ignorar, e portanto a desperdiçar, dados importantes que derivam deste tipo de análise.

Durante muito tempo as abordagens qualitativas foram tidas como menos sérias do que as abordagens quantitativas. Porém, é errado considerar que a investigação qualitativa tem inerentes a si fragilidades baseadas na má compreensão do que é a lógica dos questionários qualitativos. Não é compreendida a importância estratégica do contexto e do particular no desenvolvimento das nossas percepções acerca do mundo social (Mason, 2002). Nessa sequência, existe sim uma maior variabilidade inerente à abordagem qualitativa, pois pelo facto de ser aceite um certo grau de subjetividade nos dados recolhidos, as conclusões acabam por ser objeto de uma validação mais exigente e o grau de subjetividade acaba por tornar-se num recurso.

No entanto, é necessário manter a consciência de que devido ao recurso à Internet, o uso da investigação qualitativa passa a ser mais desafiante. Como refere Flick neste contexto, nascem questões relacionadas com a forma como se empregam métodos e abordagens e como se adaptam os conceitos de participação, amostragem e análise (2006:268). Ainda assim, se todas as questões éticas e deontológicas estiverem salvaguardadas não existe razão para não haver recurso à Internet quando considerado relevante, pois o interesse que a Internet tem vindo a arrecadar como nova forma de cultura vai incitar ao desenvolvimento de metodologias adaptadas.

A estrutura de trabalho seguida nesta investigação poderá verificar-se na ilustração seguinte, com posterior exploração nos pontos que se seguem nesta tese.

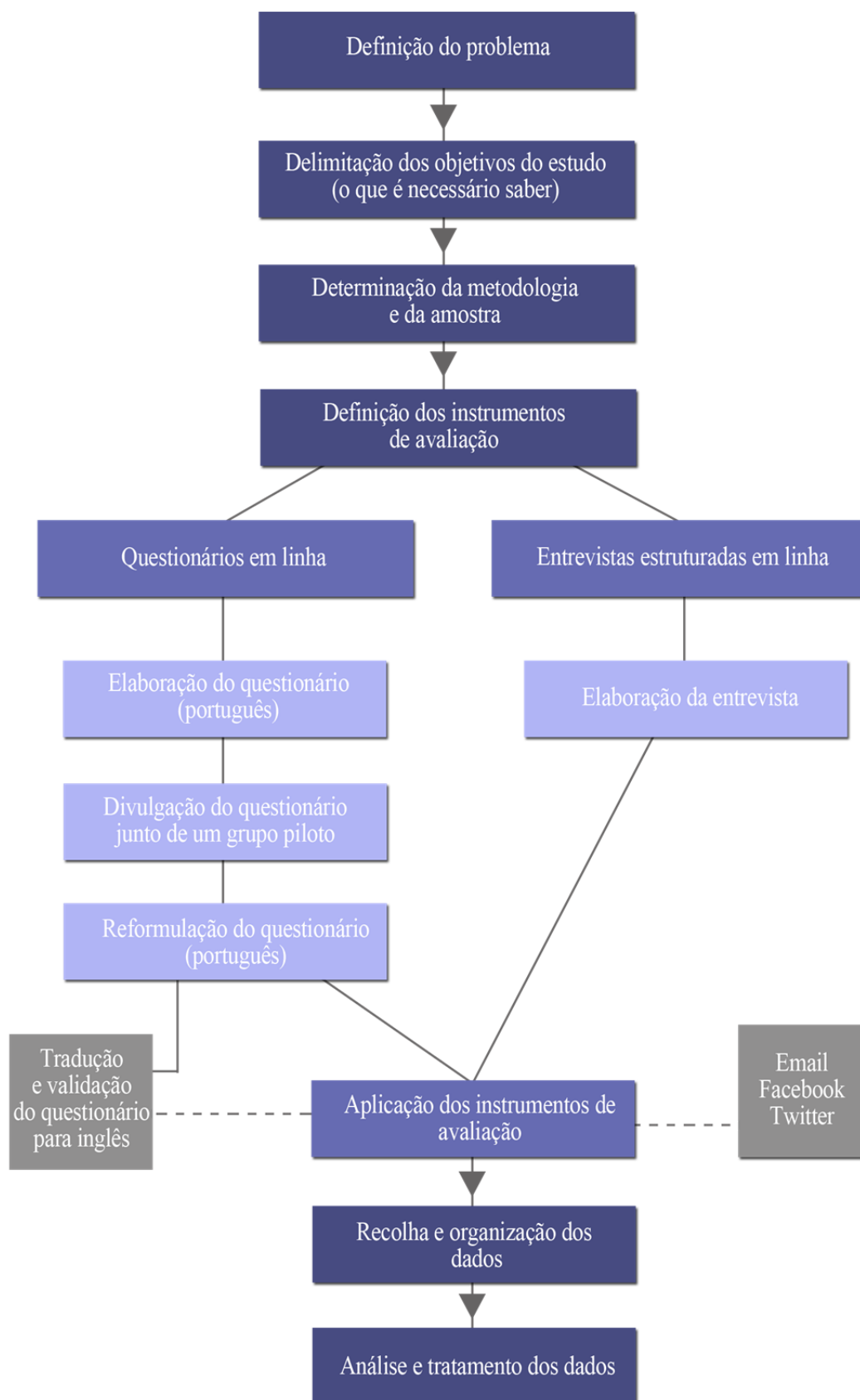


Ilustração 12: Fases operativas da metodologia de investigação

4.2 Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados

Para o desenvolvimento deste estudo, e dado que se pretendem obter dados de três tipologias de intervenientes diferentes (entidades promotoras do crowd translation nas redes sociais; tradutores voluntários para estas redes sociais e os utilizadores das redes sociais), houve recurso à entrevista e questionário como instrumentos de avaliação.

Apesar dos questionários terem sido o primeiro instrumento de avaliação a ser usado, a análise nesta tese irá começar com as entrevistas, visto serem o instrumento de avaliação que se pretendia usar para duas das tipologias de intervenientes neste modelo de tradução em estudo.

4.2.1 Entrevistas

A realização de entrevistas é um dos métodos mais utilizados no que diz respeito à investigação qualitativa. A sua utilização ocorreu não só porque é um instrumento de interesse comprovado, mas também porque se entendeu que os dados resultantes das perspetivas, opiniões e experiências de outras pessoas, são centrais a este processo e devem ser recolhidos e tratados, de forma a ser possível completar a análise.

Inicialmente era pretendido que o processo de entrevistas pudesse ocorrer tanto da parte das entidades que promovem estes processos de tradução colaborativa (Centros de Tradução do Facebook e do Twitter), como da parte dos voluntários que as realizam para o português. No entanto, e no que respeita à primeira pretensão, a mesma verificou-se como extremamente difícil de alcançar, dada a falta de abertura do Facebook para responder a questões dos seus utilizadores e também devido à ausência de resposta em duas tentativas de contacto personalizadas efetuadas. Os contactos efetuados foram junto de Vadim

Lavrusik⁷, “Journalism program manager do Facebook” (28/02/2013) e com a equipa de tradução do Facebook⁸ (05/03/2013). Os dois contactos efetuados podem, eventualmente, parecer diminutos, no entanto, após uma análise exaustiva do Facebook é possível verificar que esta plataforma não disponibiliza formas de contacto efetivas e intuitivas, o que inviabiliza em grande monta o contacto entre os utilizadores e o Facebook. Este aspeto acabou por ser confirmado também pelos utilizadores entrevistados, que acabaram por reconhecer a quase inexistência de contacto direto com o Facebook.

Aliás, mais tarde, outra das tentativas efetuadas no sentido de compreender qual a forma mais eficaz de contactar o Facebook foi realizada junto de Gustavo Silva, um dos tradutores voluntários portugueses identificados. Esperava-se que este tradutor, dada a sua experiência neste âmbito, pudesse fornecer alguma pista importante acerca de formas de contactar a equipa do Facebook neste processo. No entanto, este tradutor expressou igualmente a sua dificuldade em contactar o Facebook, como se poderá observar pela resposta que remeteu.

Tal como já reparou, o Facebook não é assim muito aberto para comunicar com os utilizadores, e quando existem formulários de contacto, destinam-se única e exclusivamente a um assunto apenas. Existe maneira de contactar a equipa das traduções acerca de falhas na aplicação de tradução ou para denunciar más traduções que tenham sido aprovadas, mas os formulários indicam explicitamente que não serão capazes de responder a mensagens com outros fins. Até a página da Facebook Translations Team ignora a grande maioria dos comentários, mesmo aqueles que são legítimos.” (Entrevistado A, 07/03/2013)

No caso do Twitter, foram igualmente desenvolvidos esforços que acabaram por não resultar em nenhum contacto efetivo, nomeadamente através de um formulário de contacto (12/05/2013) e de um tweet na conta da Central de Ajuda do Twitter (06/04/2014). Apesar destas entrevistas não se terem concretizado, poderão igualmente ser consultadas no apêndice 2, como forma de ilustrar o trabalho preparado e revelar com maior clareza o tipo

⁷ <http://www.Facebook.com/vadim> (consultado a 16/09/2012)

⁸ <http://www.Facebook.com/FacebookTranslationsTeam?ref=ts&fref=ts> (consultado a 16/09/2012)

de informação que se pretendia obter junto dos Centros de Tradução destas entidades (Facebook e Twitter).

No que respeita às entrevistas que se realizaram junto de tradutores voluntários nestas redes sociais, as mesmas podem classificar-se no tipo de entrevista estruturada, que se caracterizam pela existência de um questionário previamente elaborado, onde todos os entrevistados respondem às mesmas perguntas. No fundo, e como refere Piergiorgio Corbetta, as entrevistas estruturadas são entrevistas “in which all respondents are asked the same questions with the same wording and in the same sequence” (Corbetta, 2003:269). Este método permite assegurar que as comparações se podem efetuar ao conteúdo das respostas e não são condicionadas por diferenças existentes nas perguntas realizadas a cada um dos entrevistados. Este tipo de entrevistas utiliza-se igualmente quando o investigador assume e acredita que a seleção de perguntas em causa é a suficiente para os entrevistados responderem de forma clara aos tópicos previstos (Berg, 2001:69).

Neste caso, as entrevistas estruturadas foram enviadas aos entrevistados através do Facebook e do Twitter apenas foi possível realizar cinco entrevistas, apesar de mais abordagens terem sido feitas.

Uma das pretensões deste estudo era que todos os entrevistados fossem efetivamente tradutores voluntários bastante ativos, mas que também pudessem reunir a perspetiva de origem portuguesa e brasileira, de vinculação com a comunidade de tradutores voluntários do Facebook e do Twitter, de género masculino e feminino e de idade contrastada entre tradutores mais jovens ou mais velhos. Apesar de ter sido uma ambição alcançada, ainda que de forma moderada (cinco entrevistados), foi-se tornando óbvio que não seria possível obter tantos entrevistados como desejado. Efetivamente, o processo de angariação de indivíduos para a entrevista é um processo complicado e não beneficia do facto dos indivíduos contactados não conhecerem a pessoa que se encontra por detrás da abordagem. Esse desconhecimento gera algumas reservas relativamente à sua participação no processo. Os contactos efetuados com os possíveis entrevistados foram efetuados através do sistema de mensagem privada, na tentativa de haver a maior clarificação possível acerca do que se pretendia com a entrevista e com o estudo. Porém, foi difícil estabelecer contactos efetivos, como já referido anteriormente.

Na seleção das pessoas a contactar e, posteriormente a entrevistar, foram tidos em conta os seguintes fatores:

- Fosse efetivamente um tradutor voluntário no Facebook e/ou Twitter;
- Fizesse trabalhos de tradução regulares no Facebook e/ou Twitter;
- Votasse regularmente outras traduções no Facebook e/ou Twitter.

Estes fatores foram tidos como significativos, visto que pretendiam assegurar um contributo efetivo para a entrevista, decorrente do benefício associado à experiência regular de um tradutor voluntário do Facebook e/ou no Twitter. Convém igualmente acrescentar que foi possível confirmar os pré-requisitos acima mencionados através da lista de tradutores do Facebook e do Twitter, dado que estas redes sociais disponibilizam o ranking das pessoas que mais contribuem para as suas traduções. Atualmente poderão estar classificados outros tradutores, mas à data de Abril de 2013, os indivíduos contactados encontravam-se figurados na lista de tradutores mais ativos. Além disso, foi igualmente possível verificar nas comunidades de trabalho de tradução, que estes indivíduos em particular eram bastante interventivos com comentários e reflexões sobre a temática de trabalho.

Apesar da situação esperada ser a de uma entrevista realizada presencialmente, se os entrevistados se encontrarem espalhados pelo país, ou por diversos países, esta tarefa pode ser mais difícil de organizar e financiar, podendo, inclusive, fazer com que a amostra deixe de ser relevante para ser composta por pessoas meramente acessíveis (Flick, 2006:257). Efetivamente, a realização das entrevistas de forma presencial acabou por não ser uma situação viável, pelo que houve a necessidade de recorrer a formas de contacto em linha para concretizar esse processo. Teria, eventualmente, sido possível optar pela realização da entrevista de forma síncrona, recorrendo a ferramentas que permitem um tipo de interação síncrona textual, ou mesmo textual e visual como o Skype, por exemplo. No entanto, a abordagem assíncrona foi considerada como mais profícua, de forma a exercer menos pressão sobre os entrevistados e não os condicionar sobre o horário e o dia de resposta.

As entrevistas⁹ foram elaboradas na plataforma LimeSurvey (ver a estrutura da entrevista no Apêndice 1.1) e enviadas, via *email* ou através da própria rede social, para o entrevistado.

Alguns investigadores consideram este método de entrevista demasiado próximo do que são os questionários tradicionais, distanciando-se assim das características que favorecem o uso de entrevistas. Assim, e para evitar que este método de entrevistas seja demasiado similar, sugerem que se crie uma certa interação com o entrevistado facultando-lhe apenas algumas perguntas de cada vez, de forma a criar um tipo de diálogo e tornando a entrevista numa série de *emails* trocados (Flick, 2006:257). No entanto, nesta investigação, esse tipo de abordagem não foi considerado viável, pois é minha convicção que os entrevistados facilmente iriam encarar esta participação como demasiado morosa e desmotivante. É importante que não se abuse da disponibilidade das pessoas em colaboração, arrastando essa colaboração ao longo de dias de trocas de *emails*. Isso mesmo refletem Bampton e Cowton, num estudo que realizaram, detetando um declínio na qualidade das respostas, assim como uma maior morosidade na chegada das mesmas, como sinal de perda de interesse por parte dos participantes (apud Flick, 2006:259). Além disso, o facto de as perguntas serem disponibilizadas de uma só vez ao entrevistado, dando-lhe o tempo necessário para responder, leva a crer que isso lhes permite a formulação de respostas mais refletidas e, por ventura, mais relevantes para o estudo, dado que, por vezes, a espontaneidade pode conduzir ao ignorar de fatores de relevo.

Das oito pessoas contactadas com o pedido de entrevista, cinco acederam a concedê-la, sendo que as restantes três não responderam ao contacto efetuado. Os resultados obtidos através destas entrevistas em linha serão tratados de forma mais detalhada à frente neste estudo.

⁹ Ligação para a entrevista: <http://paol.iscap.ipp.pt/iscapsurvey/index.php?sid=19343&newtest=Y&lang=pt> (início da divulgação da entrevista: 28/03/2013)

4.2.2 Questionários

Para o desenvolvimento deste estudo um dos instrumentos de avaliação utilizados foi o questionário, dado que se revelava como uma das formas mais eficazes e mais rápidas de obter informação. Pretendia-se que o questionário pudesse abranger uma tipologia de pessoas muito diversificada, unida apenas pelo facto de serem utilizadores do Facebook e/ou do Twitter. Assim, e dada a diversidade que se esperava da amostra, foram introduzidos elementos que pretendiam classificar a amostragem conseguida, mesmo sendo os questionários anónimos.

Idealmente, o questionário deve possuir determinadas características que poderão potenciar o seu sucesso, nomeadamente no que diz respeito ao seu grafismo, à sua rapidez de resposta, à clareza nos propósitos e à linguagem utilizada. Assim, graficamente é importante que o questionário apele à resposta. Desta forma escolha facilmente recaiu sobre um questionário de linhas simples e claras, que não potenciasses confusão visual.

No que respeita à rapidez de resposta, é imprescindível ter em linha de consideração o número de questões que irão compor o inquérito, não perdendo a noção de que, como referem Pamela Munn e Eric Drever (2004:20) “Needing to ask is different from wanting to ask. You need to be ruthless in shedding questions that are interesting but not vital to your research”. Este ponto é extremamente relevante, uma vez que um questionário relativamente breve tem mais hipóteses de sucesso no que concerne o número de respostas obtidas. Um questionário demasiado longo pode tornar-se desmotivante e conduzir à desistência de alguns potenciais respondentes. Desta forma, o questionário acabou por ser composto por 15 perguntas, ainda que nem todas surgissem aos respondentes. Algumas perguntas eram condicionadas por percursos de resposta anteriores, pelo que apenas poderiam surgir a determinados respondentes. Além disso, a maioria das perguntas era de resposta fechada, o que contribui ainda mais para a rapidez de resposta.

A clareza com que o questionário está formulado também é essencial. O questionário não deve conter questões ambíguas, de resposta dúbia ou demasiado elaboradas. Desta forma, foram evitadas questões com duplas negativas, questões com duas temáticas inerentes (ex:

No geral, tem confiança ou desconfiança neste tipo de traduções?), ou questões que induzissem determinadas respostas (ex.: Tem confiança no trabalho que produziu, não tem?). Foram igualmente evitadas questões demasiado longas (questões com mais de uma frase), no entanto, na questão onde os respondentes são inquiridos acerca do seu conhecimento sobre o que é a crowd translation, surgiu a necessidade de acrescentar um esclarecimento sobre a temática, ainda que de forma breve. Apesar desta situação não ser a ideal, a clareza é fundamental, de forma à obtenção de respostas claras e conscientes.

Por fim, o nível de linguagem utilizada no inquérito deve corresponder ao do nível do público-alvo sem, no entanto, deixar transparecer condescendência na formulação das questões, usando linguagem exageradamente simples.

No processo de construção do questionário, para além de terem sido tidos em linha de conta os aspetos acima mencionados, foi igualmente realizada uma sessão de *brainstorming* (08/03/2013) com duas pessoas da área da tradução, de forma a despertar para alguns aspetos menos claros que pudessem estar a ocorrer no inquérito. As pessoas em questão foram a Paula Carvalho, Professora de Tradução de Texto Técnico de Inglês no ISCAP e Pedro Duarte, Professor de Ferramentas Eletrónicas Aplicadas à Tradução, também do ISCAP. Ambos possuíam uma noção básica daquilo que era o processo da crowd translation, o que se revelou como fulcral para a discussão que se seguiu e para as questões que foram emergindo.

Esta sessão de *brainstorming* exploratória, conduzida em ambiente informal de discussão, revelou-se como útil para dar o mote a algumas das questões que poderiam ser formuladas no questionário. Como refere Juliet Corbin e Anselm Strauss (2008:70), o processo de colocar questões e de pensar nas possibilidades de resposta ajuda a incorporar o papel do respondente, possibilitando uma melhor compreensão do problema sob a perspectiva do participante. Este processo permite desenvolver um pensamento que pode conduzir à deteção da informação é que relevante procurar.

Assim a opção recaiu sobre a construção de um questionário, misto, composto tanto por questões de resposta fechada, como por duas questões de resposta aberta, sendo a tipologia das primeiras perguntas aquela que predominou no questionário. Como refere João Moreira (2004:124), a opção por perguntas de resposta aberta ou fechada acaba por

depender, em grande parte, das opções teóricas assumidas pelo investigador e, neste caso, foi considerado que estes dois tipos de perguntas ocupavam um lugar necessário no inquérito. Por um lado, as perguntas de resposta aberta permitem a identificação dos mecanismos mentais subjacentes às respostas, não limitando o indivíduo a concentrar-se nas hipóteses de resposta consideradas pelo investigador. Por outro lado, as perguntas de resposta fechada permitem apurar mais facilmente dados factuais que passam a ser detetáveis em opções de respostas possíveis. Além disso, permitem um tratamento mais rápido da informação por parte do investigador.

O anonimato deste questionário traz alguns benefícios ao processo de inquirição, mas possui igualmente alguns aspetos menos vantajosos. Se, por um lado, impede o contacto com as pessoas que tenham tido respostas mais relevantes para o estudo, de forma a permitir a recolha de mais informações, por outro lado, potencia, à partida, uma maior abertura e uma maior honestidade na resposta (Cohen, Manion e Morrison, 2007:351).

Pode igualmente considerar-se que o facto de os questionários serem constituídos por matéria escrita, permite aos participantes uma maior ponderação nas suas respostas fazendo com que seja ultrapassada alguma incoerência existente na oralidade. Aliás, Susan Herring (1999) sugere essencialmente isso, quando considera que apesar da comunicação assíncrona estar sujeita a interrupções ou mesmo mudanças de tópico, a sua disponibilidade em termos de persistência textual, através do registo das conversações, ajuda os participantes a gerir de melhor forma as suas interações, conseguindo assim ultrapassar as incoerências que por vezes surgem no discurso oral.

A utilização do questionário permite igualmente que indivíduos mais reservados tenham menos resistência em participar, por oposição a pessoas mais extrovertidas que não teriam problemas em ser entrevistadas pessoalmente (Hiltz e Wellman, 1997). Evita também a interferência de variáveis pessoais e locais no decorrer das entrevistas, dado que os participantes estão no seu ambiente e por isso não sentirão, à partida, os condicionalismos de uma entrevista realizada pessoalmente, num local estranho ou, por exemplo, na empresa onde trabalham. Além disso, acabam por ser mais económicos e mais rápidos na sua execução o que é vantajoso num processo de investigação.

No entanto, alguns aspetos são menos positivos nomeadamente as dificuldades em: definir os parâmetros da amostragem, dado que a população das comunidades está constantemente a oscilar (pessoas a sair e novas pessoas a registarem-se na comunidade); interpretar intenções, na ausência das expressões faciais e variações de voz; controlar imprevistos técnicos (computador, ligação da internet, etc.) durante algum processo de entrevista, entre outros. Todavia, os benefícios inerentes à utilização deste tipo de instrumento de avaliação em particular acabam por superar os aspetos menos positivos que lhe poderão estar inerentes.

O questionário desenvolvido para esta investigação foi realizado em linha, através de uma aplicação para a construção de questionários eletrónicos, denominada por LimeSurvey (versão 1.7.2.), sendo que a escolha recaiu por esta ferramenta, pelo facto de ser considerada como uma das ferramentas gratuitas mais fiáveis na área.

Assim, um inquérito em linha acabou por surgir como a opção mais indicada, não só devido à facilidade de divulgação que este meio proporciona, mas também devido ao maior imediatismo na obtenção dos dados, dada a facilidade de resposta. O facto de ser em linha permite igualmente uma maior facilidade no armazenamento dos dados de resposta. Além disso, e dado que a crowd translation é um fenómeno potenciado pela internet, faria todo o sentido que os instrumentos de avaliação fossem difundidos em linha.

Este questionário foi desenvolvido com o o propósito de apurar o nível de conhecimento dos respondentes acerca da existência de processos de crowd translation, assim como apurar opiniões sobre este fenómeno, junto daqueles que afirmaram ter participado nestes processos. No entanto, e dada a necessidade de aferição da tipologia de pessoas que responderam ao questionário, foram introduzidas questões de base através de perguntas sobre o género, idade, nacionalidade, habilitações literárias e, caso se justificasse, área das habilitações literárias. A existência destes parâmetros justifica-se pela necessidade de permitir, futuramente, que os dados deste estudo possam ser contrastados com dados de outros estudos e permitir assim investigações futuras. Destaca-se apenas que, no caso das habilitações literárias, foi utilizada a listagem de áreas científicas indicada pela plataforma DeGois para que os respondentes pudessem indicar as áreas em que possuíam formação superior (nos casos em que isso se aplicava). Foi utilizada a listagem da Plataforma DeGois, uma vez que pertence à Plataforma Nacional de Ciência e Tecnologia de Portugal

(sistema de gestão de currícula dos investigadores portugueses) e revela, por isso mesmo, validade oficial. A única dificuldade que se apresentou na utilização desta lista foi a sua tradução para o inglês. No entanto, optou-se por realizar uma versão traduzida e não a substituir por uma listagem típica do sistema inglês, de forma a manter a coerência entre as perguntas do inquérito.

Para apurar o nível de conhecimento dos respondentes sobre a existência de processos de crowd translation, e de forma a clarificar o mais possível este termo, foi introduzida uma breve explicação sobre o mesmo. A partir dessa pergunta sobre o nível de conhecimento acerca do que é a crowd translation, o inquérito estava sujeito a um percurso condicionado. Caso o respondente afirmasse ter conhecimento sobre o que era a crowd translation era encaminhado para uma série de perguntas que pretendiam analisar se já tinha participado em algum desses processos, de que forma o fez e assente em que motivações. Caso o respondente afirmasse o seu desconhecimento sobre o processo de crowd translation era-lhe apenas dada a possibilidade de deixar um comentário, caso entendesse, e o inquérito era dado por terminado. Efetivamente, e dado que o propósito final deste estudo é averiguar sobre os processos de confiança tradutiva inerentes à crowd translation, considerou-se que os respondentes que afirmassem não ter conhecimento sobre o processo de crowd translation teriam menos relevância para efeitos de investigação, pelo que o questionário terminaria nesta fase para os mesmos.

Neste sentido, os casos mais relevantes para esta investigação residem naqueles que afirmavam já ter ouvido falar de crowd translation, assim como naqueles que, efetivamente, já tinham participado nestes processos de tradução, seja como tradutores ou como votantes de traduções.

Voltando um pouco atrás e no que concerne as motivações que levaram os respondentes a participar, convém esclarecer que a listagem disponibilizada aos respondentes foi elaborada com base no trabalho desenvolvido acerca do perfil do tradutor voluntário. A listagem acabou por ser composta pelas motivações abaixo descritas, havendo margem, no entanto, para o respondente acrescentar outras motivações que considerasse pertinentes na opção “outros”. Assim sendo, a listagem utilizada foi composta pelas opções abaixo descritas:

- Para ajudar à difusão de conhecimento;
- Para cultivar e adquirir competências linguísticas;
- Para testar as suas próprias capacidades;
- Pelo reconhecimento e feedback;
- Por comprometimento para com uma determinada causa ou organização;
- Por mero passatempo;
- Por ser nativo de uma língua minoritária;
- Outro:_____

Para além disto, era igualmente necessário aferir em que situações os respondentes participaram em movimentos de crowd translation, porque o fizeram, que línguas de trabalho foram usadas e se tiveram confiança no trabalho produzido (ver a totalidade do inquérito em português, tanto através do URL¹⁰, como através dos documentos constantes do Apêndice 3). Apesar do principal foco desta investigação serem pessoas que efetivamente participam/participaram em processos de tradução colaborativa no Facebook e no Twitter a mesma foi alargada a todos os utilizadores do Facebook, dado que, de antemão, não seria possível ter uma noção clara de todos os utilizadores que já participaram neste tipo de processos, condicionando o questionário aos mesmos.

A comunidade de utilizadores do Facebook e do Twitter é muito vasta, pelo que o intuito deste questionário era reunir o maior número de respostas possível. De forma a aumentar o leque de possíveis respondentes, o inquérito foi formulado não só na língua portuguesa, como também em língua inglesa (ver a totalidade do inquérito em inglês, tanto através do URL¹¹, como através dos documentos constantes do Apêndice 5). Em todo o caso, havia uma consciência clara de que o número de respostas recolhidas seria diminuto se

¹⁰ Ligação ao inquérito em português (início da divulgação a 25/03/2013):
<http://paol.iscap.ipp.pt/iscapsurvey/index.php?sid=12743&newtest=Y&lang=pt>

¹¹ Ligação ao inquérito em inglês (início da divulgação a 23/03/2013):
<http://paol.iscap.ipp.pt/iscapsurvey/index.php?sid=12743&newtest=Y&lang=en>

comparado com aquilo que é o número de utilizadores do Facebook e do Twitter na sua generalidade.

A divulgação deste questionário foi realizada num processo composto por três fases. Na primeira fase, ocorreu a divulgação, por email, junto dos meus contactos pessoais (foi tido em conta a necessidade desses contactos pessoais serem utilizadores Facebook). Nesta fase a abordagem foi a mais direta, de forma a poder detetar, uma vez mais, se algum aspeto do inquérito estava a gerar algum tipo de confusão. Sendo pessoas de um contacto mais próximo, foi esperado que expusessem as suas dúvidas ou dificuldades, ainda que não tenha surgido nenhuma situação digna de registo. Numa segunda fase, divulgou-se o inquérito através do Facebook, não só através da minha página pessoal, como também da comunidade de tradutores de língua portuguesa do Facebook, assim como de outras comunidades. Estas iniciativas foram renovadas, uma segunda vez, nos mesmos espaços. Foram também efetuados pedidos de inclusão em comunidades que não foram aceites ou simplesmente ficaram pendentes. Nessa sequência, não foi possível proceder a atividades de divulgação do questionário nessas páginas. Neste mesmo período, foram efetuadas atividades de divulgação também no Twitter. Por fim, numa terceira fase, ocorreu a divulgação do inquérito, em inglês, em páginas e comunidades de tradutores, nomeadamente na “Facebook Translation Team”.

A literatura sustenta que é mais fácil adquirir a colaboração de uma determinada pessoa, se se optar por uma abordagem que seja menos distante dela ou se essas pessoas, por si só, já fizerem parte de algum tipo de círculo pessoal, até porque, como sustenta Horsager (2012:36), o medo do desconhecido é humano e uma barreira clara à confiança, podendo dificultar a colaboração e participação dos indivíduos nas atividades que são propostas por pessoas fora do seu círculo. Nesse sentido, convém desenvolver estratégias que possam contribuir para uma maior humanização e, por consequência, proximidade, dos pedidos que se tentaram fazer chegar aos indivíduos em geral.

Brogan e Smith (2010:78) sustentam precisamente esta ideia quando referem:

People will become more comfortable with you if you are openly sharing your thoughts and ideas. You won't just be perceived as a professional, you'll be a person first, and that's how you'll be treated. People will respond to you with respect, maybe even as

friends, sharing thoughts that you (or your company) may never otherwise have heard, accompanied by insights your competition may never get.

Por consequência, caso a opção tivesse recaído pela criação de uma conta fictícia no Facebook o número de obstáculos a enfrentar seria possivelmente maior, no que concerne a obtenção de informação/respostas. Esse possível perfil fictício facilmente denotaria características que o poderiam revelar como menos confiável aos olhos de terceiros, nomeadamente: ausência de um número substancial de amigos; ausência de credibilidade do perfil e ausência de uma imagem real de perfil.

No que concerne a ausência de “amigos”, seria necessário um grande investimento de tempo para alcançar um número substancial de pessoas associadas ao novo perfil que pudessem, mais tarde, ser usadas no estudo. No que diz respeito à credibilidade, há que ter em linha de consideração que a entrada recente no Facebook, acrescida pelo diminuto número de “amigos” e da ausência de conteúdo constante no mural, tornaria difícil estabelecer relações de credibilidade e, por consequência, de colaboração. Como referem Brogan e Smith acerca dos sinais geradores de confiança nas redes sociais e já anteriormente citado, o número e a qualidade dos comentários são essenciais, porque “If no one’s around and no one’s talking, are you really a trusted part of the larger conversation?” (2010:85). Por fim, se efetivamente fosse intenção dissociar a minha imagem pessoal do perfil no Facebook, seria necessário usar uma imagem de carácter genérico ou abstrato. Este aspeto, como se encontra revisto em literatura, afastaria um processo de humanização que se tornaria fulcral para a obtenção de colaboração neste estudo. Aliás, Brogan e Smith, quando apontam os aspetos necessários a um processo de humanização nas redes sociais, encorajam ao uso de uma boa fotografia pessoal como avatar em todas as redes sociais que se encontre presentes (*Ibid.*, 2010:78), uma vez que desta forma cria-se um processo de identificação mais claro e mais credível do perfil.

Além disso, e apesar de existir margem para se poder considerar que uma conta, que não a da investigadora pudesse eventualmente surtir melhores efeitos, seria sempre necessário ter em linha de consideração o gigante sistema de reputação que é a web e facto de ser claramente desvantajoso ser-se conhecido por tentar forçar uma entrada falsa numa

determinada comunidade ou “tribo”, dado que isso se nota e facilmente é detetado pela comunidade (Brogan e Smith, 2010:114).

De facto, apesar das tentativas de proximidade que se podem tentar implementar, a confiança é algo que necessita de um período de tempo alargado para ser construída, sendo o resultado natural de milhares de pequenas ações, palavras e pensamentos, pelo que não acontecem por acidente, nem acontecem de uma só vez (Horsager, 2012:45). Nesse sentido, e dado o número de respondentes não foi o mais expressivo, poderá intuir-se que a falta de proximidade com o promotor do questionário pode ter conduzido a alguma ausência de respostas, por parte de alguns dos utilizadores do Facebook e do Twitter.

É evidente, no entanto, que os fatores que podem conduzir uma pessoa a não responder a um determinado questionário podem ser os mais diversos (falta de tempo, falta de interesse, falta de conhecimento sobre o tópico em escrutínio, entre outros) não estando a ausência de resposta unicamente relacionada com a maior ou menor proximidade que se tem com o promotor do questionário. Por vezes, o simples ato de clicar numa hiperligação, método utilizado nesta investigação já que os questionários eram em linha, pode ter associadas desconfianças que impedem determinado indivíduo de clicar e, por consequência, responder. Apesar disso, a utilização de questionários eletrónicos foi a metodologia tida como mais eficaz neste caso já que, de outra forma, o número de respondentes teria sido, potencialmente, ainda menor, dados os constrangimentos associados à distribuição do questionário em papel.

Ainda assim, e no sentido de promover o maior número de respostas possível, foram realizados esforços no sentido de humanizar os pedidos, esperando que essa proximidade pudesse contribuir um aumento da motivação para responder.

4.2.3 Validação dos Instrumentos utilizados

Durante o seu processo de elaboração, foram desenvolvidos esforços no sentido de validar a utilização e a utilidade dos questionários e das entrevistas. Nesse sentido, e como já

referido anteriormente, o questionário surgiu fruto de uma sessão de brainstorming com duas pessoas da área da tradução, que expuseram algumas dúvidas e algumas questões que contribuíram para a clarificação do questionário. Posteriormente, depois de ser elaborada uma primeira versão, a mesma foi alvo de uma validação junto de um grupo de quatro pessoas distintas que receberam o questionário para responder, sem possuírem nenhum tipo de enquadramento prévio. Com isto, pretendeu-se, uma vez mais, testar a clareza das perguntas que constavam do questionário desenvolvido.

As pessoas seleccionadas para esta fase (dois homens e duas mulheres) não preencheram nenhum requisito particular, a não ser o facto de serem as quatro utilizadoras do Facebook. As pessoas seleccionadas foram:

Luciana Oliveira – 30 anos (05/03/2013).

Liliana Azevedo – 39 anos (07/03/2013).

Vítor Carvalho – 29 anos (08/03/2013).

André Monteiro – 34 anos (12/03/2013).

Dado que este requisito era o único que seria pedido aos respondentes reais, não foi encarado como necessário sujeitar este grupo piloto a nenhum outro. Esta disponibilização do questionário junto de um grupo piloto verificou-se como bastante profícua, dado que foram obtidas algumas sugestões de melhoria que permitiram uma melhor clareza das perguntas inseridas no questionário. Uma das sugestões obtidas foi, por exemplo, a inserção de uma pequena explicação sobre o que era a “crowd translation” ou tradução colaborativa.

Esse grupo de indivíduos também fizeram chegar algumas sugestões relacionadas, sobretudo, com a necessidade de eliminação de algumas questões de resposta aberta, convertendo-as em questões de resposta fechada, de forma a tornar o questionário mais rápido de responder. Esta fase foi de extrema relevância, no sentido de permitir uma melhor composição do questionário e uma melhor compreensão do mesmo.

Convém ainda mencionar que a tradução do questionário para inglês foi igualmente alvo de validação, de forma a garantir que não existissem incongruências entre as versões.

Nesse sentido, para a tradução efetuada por mim ser validada houve recurso a um tradutor externo que, com base à tradução em inglês, e sem conhecimento do original, traduziu novamente o questionário para português. Assim, se a retroversão para português estivesse bastante semelhante à versão portuguesa original isso seria indicativo que a tradução realizada previamente para inglês se encontrava de acordo com o previsto. Esse serviço de tradução foi solicitado a um Professor do ISCAP de “Ferramentas Eletrónicas Aplicadas à Tradução”, de seu nome Pedro Duarte, que trabalha igualmente como tradutor freelancer (18/03/2013). Foi elaborado um ficheiro que espelha este processo de tradução (ver Apêndice 4).

Foi mais complicado desenvolver a fase de validação da entrevista, dado que não havia conhecimento de nenhum tradutor voluntário do Facebook que pudesse usar da sua experiência para analisar com mais propriedade a validade das perguntas inseridas no guião da entrevista. Em todo o caso, na primeira entrevista concedida, e beneficiando da extrema disponibilidade que esse voluntário demonstrou (pois já tinha providenciado alguma ajuda no contacto com o Facebook), o mesmo afirmou que todas as perguntas eram claras e perfeitamente perceptíveis. À data da entrevista o Entrevistado A tinha 19 anos e era estudante de Engenharia Informática e Computação na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.

4.3 Amostra

De forma muito frequente, a dimensão da amostra do estudo é uma questão que deverá perturbar os investigadores. Como referem Cohen, Manion e Morrison (2007:101), não existe uma resposta curta e clara no que concerne a correta dimensão de uma dada amostra, dado que a dimensão da amostra irá depender do propósito do estudo e da natureza da população em escrutínio.

No estudo de caso em comunidades, apesar da escolha da amostra ser uma parte significativa do estudo, acaba por ter um papel secundário, dado que o investigador, ao escolher esta metodologia, acaba por guiar todo o processo de recolha de dados

condicionando, de certa forma, a definição da amostra, uma vez que quando se opta pelo estudo de caso, a investigação é conduzida para que se possa compreender aquele caso e não outros.

Nesta investigação em particular, a análise do fenómeno da crowd translation não pretende estender-se a todas as áreas onde ele se verifica, nem tão pouco a todas as redes sociais onde este fenómeno conheceu expressão. Pretende apenas retirar algumas ilações sobre este fenómeno no caso o Facebook e também do Twitter. Assim sendo, é natural que nos estudos de caso a constituição da amostra acabe por ser algo intencional, em vez de se basear em critérios probabilísticos (Bravo e Eisman, 1998).

Ainda assim, e apesar de um estudo probabilístico ter sido uma hipótese considerada, a amostra em uso neste estudo foi não-probabilística. As amostras não-probabilísticas, apesar de serem tidas como menos representativas da população total, acabam por ser necessárias em situações em que uma amostragem representativa de toda a população não se torna viável de alcançar, não só pela dimensão, mas também pelo espectro temporal associado à investigação. Como referem Shenyang Guo e David Hussey (2004:2):

Nonprobability sampling refers to procedures in which researchers select their sample elements not based on a predetermined probability, but based on research purpose, availability of subjects, subjective judgment, or a variety of other non-statistical criteria. Social work researchers often face challenges and dilemmas to employ a random sample, because such samples in a real-world research are not readily available.

O Facebook, por exemplo, reunia, à data deste estudo, cerca de 1 bilião de utilizadores ativos (Cosenza, 2013), o que implicaria um número gigantesco de respostas ao inquérito para que este possuísse uma amostra considerada representativa de toda a população. Nesse sentido, a dimensão associada à representatividade confere dificuldades acrescidas à implementação de um método de amostragem probabilístico, pelo que, neste estudo em particular, não era viável enveredar por esse caminho.

Teria sido possível, eventualmente, reduzir o espectro da população em escrutínio no Facebook e no Twitter de forma a diminuir o número de utilizadores envolvidos na população em estudo. Aliás, numa primeira fase, talvez fosse evidente que a amostragem se deveria limitar a, por exemplo, utilizadores do Facebook em língua portuguesa (português europeu e português do Brasil). No entanto, e apesar desses respondentes acabarem por ser o número mais alto que se registou nestes questionários, acreditou-se que o contributo dado por outras nacionalidades seria igualmente interessante, motivo pelo qual o questionário esteve disponível em português e em inglês. Esta ampla abertura não pareceu, de todo, condicionante, parecendo evidente que apenas acrescentaria valor ao estudo. Além disso, dada a necessidade de recolher informação sobre o conhecimento dos indivíduos acerca do que era a crowd translation, foi fundamental que o questionário estivesse aberto ao maior número de utilizadores do Facebook e do Twitter possível, não fazendo sentido que estivesse vedado a nenhum utilizador destas plataformas.

Seria também possível concentrar este estudo unicamente nos utilizadores que fossem tradutores voluntários nestas plataformas, mas isso iria condicionar uma visão mais geral sobre a perspetiva que os utilizadores possuem, ou não, sobre este fenómeno em particular, assim como a sua influência e importância para as redes sociais, dado que apenas daria relevo à opinião aqueles que já integram e conhecem o processo. Assim, e dado que se optou por uma abordagem aos utilizadores mais genérica, há que reconhecer que as barreiras que se encontram no decurso de uma investigação deste tipo podem ser difíceis de ultrapassar, acabando, em certos casos, por impedir a utilização de amostras em grande escala (Guo e Hussey, 2004:5), como foi o caso deste estudo em que a amostra conseguida foi relativamente diminuta tendo em conta a população teórica total. No entanto, este questionário realizou-se com base em duas premissas que lhe permitiriam obter respostas, sendo a primeira premissa diretamente relacionada com a acessibilidade dos respondentes, ou seja, com os utilizadores do Facebook que fazem parte do meu ciclo de contactos nesta rede e também com base nos potenciais respondentes que essas mesmas pessoas conseguissem angariar para responder. Essencialmente partiu-se de uma amostra por conveniência que acabou por evoluir para uma amostra bola de neve, beneficiando posteriormente das motivações pessoais de cada utilizador para responder.

A “amostra por conveniência”, segundo Bruce Berg, caracteriza-se pelo facto desta categoria de amostragem “relies on available subjects – those who are close at hand or easily accessible” (2001:32). Efetivamente, a divulgação do questionário foi, em primeira instância, realizada junto dos meus contactos do Facebook, beneficiando assim de uma maior disponibilidade dos utilizadores para responder. Depois foi igualmente divulgado em comunidades do Facebook e em postagens disponíveis para todo o público, mas a recetividade de resposta não era significativa. Assim, e dadas as dificuldades que se estavam a experienciar em obter um número significativo de respostas, a amostragem acabou por evoluir para uma estratégia próxima à da bola de neve. Segundo Chaim Noy (2008:330), a amostragem bola de neve acontece quando:

the researcher accesses informants through contact information that is provided by other informants. This process is, by necessity, repetitive: informants refer the researcher to other informants, who are contacted by the researcher and then refer her or him to yet other informants, and so on. Hence the evolving ‘snowball’ effect, captured in a metaphor that touches on the central quality of this sampling procedure: its accumulative (diachronic and dynamic) dimension.

No fundo, esta metodologia beneficia das relações interpessoais que os primeiros respondentes possuem, para que possam estender a sua influência a mais respondentes. Neste estudo, o efeito bola de neve revestiu-se de pequenas diferenças, dado que, sendo um questionário disponível em linha, não houve necessidade da minha parte em contactar essas pessoas subsequentes de forma pessoal. Beneficiou apenas dos contactos estabelecidos e partilhados posteriormente pelos seus contactos iniciais, que acabaram por partilhar o pedido junto do seus contactos e instigando à resposta. De facto, a estratégia da bola de neve acaba por depender das relações pessoais em cadeia que se geram e que permitem chegar a pessoas que, de outra forma, não seriam tidas em linha de consideração para o estudo.

Como refere Nissim Cohen e Tamar Arieli (2011:429), a amostragem bola de neve serve como uma estratégia de investigação complementar, quando outras metodologias não se tornam viáveis, dadas a circunstâncias desafiantes que encontram no seu ambiente de investigação. Este método de amostragem confere alguma relevância aos dados obtidos

ainda que estes não tenham sido em grande monta. Essas dimensões prendem-se com o conhecimento social e o poder das relações que se estabelecem e potenciam a sua dinamização. O conhecimento social obtido resulta de uma visão que é dinâmica, processual e emergente, estando em linha com as conceptualizações do conhecimento (Noy, 2008:329). O poder das relações, por outro lado, revela a relação existente entre o investigador e os “investigados” e entre os próprios informantes, sendo que esta característica está intimamente ligada ao facto da amostragem bola de neve fazer uso das redes sociais existentes (Noy, 2008:329). De facto, este método de amostragem possui particularidades que implicam consequências únicas que, quando apreciadas de forma crítica, podem contribuir com conhecimento extremamente valioso (*Ibid.*, 2008:330), pelo que na ausência de uma amostragem probabilística, este método revestiu-se de características que lhe permitiram extrair ilações também elas relevantes para este estudo em particular.

Para finalizar, e no que respeita a amostra de respondentes para o questionário, existiram dois condicionalismos mais evidentes que podem ter evitado que um número maior de respondentes tivesse acedido ao inquérito. Esses condicionalismos encontram-se relacionados com a disponibilização do inquérito em somente duas línguas (português e inglês) e a limitação relacionada com a divulgação da ligação para o inquérito, uma vez que existiram entraves ao número de comunidades a que foi possível aceder e, por consequência, deixar a ligação para o inquérito. Assim, acabou por se verificar uma adesão relativamente limitada ao inquérito que, naturalmente acabou por reunir respostas essencialmente de indivíduos de nacionalidade portuguesa e brasileira, ainda que os de nacionalidade portuguesa tenham obtido um destaque mais significativo por comparação aos de nacionalidade brasileira.

No que respeita as entrevistas pode considerar-se as pessoas seleccionadas partiram de uma “amostra propositada”, uma vez que foram previamente seleccionadas com base no facto de serem tradutores voluntários ativos numa ou nas duas redes sociais em estudo. Assim, e como refere Berg (2001:32), “When developing a purposive sample, researchers use their special knowledge or expertise about some group to select subjects who represent this population”, pelo que estes entrevistados, dentro da comunidade de tradutores voluntários portugueses, não só se evidenciaram como sendo dos mais ativos e participativos como

também, de todos os contactados, foram aqueles que demonstraram mais interesse e disponibilidade em responder.

4.4 Papel da Investigadora

No decurso de uma dada investigação, é fundamental que um investigador clarifique o seu papel, de forma a tornar mais compreensível o seu nível de intervenção no processo. Em casos onde a investigação quantitativa é predominante, o papel do investigador vai parecer menos ativo do que nos casos onde a investigação é maioritariamente qualitativa. Neste estudo, no entanto, devido ao facto terem sido usados tanto instrumentos de avaliação quantitativa como qualitativa, o meu papel de investigadora acabou por ser fundamental na gestão das entrevistas e na promoção dos questionários.

Para as entrevistas, e uma vez que os entrevistados não pertencem ao meu círculo de conhecimentos, nem tão pouco desenvolvo atividade como tradutora voluntária para o Facebook e/ou Twitter, o meu papel concentrou-se na investigação acerca dos potenciais candidatos que deveriam ser seleccionados. Era intenção que os entrevistados fossem tradutores voluntários para o português, pelo que a minha integração na comunidade de tradutores portugueses surgiu como o caminho mais indicado a seguir. De seguida, a seleção de tradutores voluntários a contactar fez-se tentando perceber quem seriam os tradutores mais ativos para o português, não só através das suas intervenções na comunidade de tradutores, mas também através de um ranking existente de tradutores. Para isso, tentei analisar os contributos dos utilizadores desta comunidade, percebendo em que medida alguns seriam mais interventivos que outros.

Dado que o meu perfil pessoal foi igualmente utilizado para divulgar o questionário eletronicamente e para incitar à sua participação, pode considerar-se que a minha presença foi mais orientadora, até porque parte dessa divulgação foi efetuada junto dos meus contactos pessoais com contas ativas no Facebook. Neste caso, e dada a existência familiaridade com a investigadora, poderá supor-se que a confiança no promotor destes questionários poderá ter contribuído para o aumento de respostas junto das pessoas que

pertencem ao meu círculo profissional ou de amizade. Ainda assim, estes dados não são passíveis de apuramento, dado que os questionários são anónimos.

5 RESULTADOS

Neste capítulo serão explanados os resultados obtidos através dos instrumentos de avaliação aplicados: as entrevistas e os questionários. A exploração de resultados irá começar pelas entrevistas, dado que foram a forma mais proveitosa de ter acesso a informação pormenorizada sobre a visão dos tradutores voluntários neste processo.

Os dados obtidos serão analisados em detalhe e formuladas interpretações acerca dos mesmos.

5.1 Entrevistas

A primeira entrevista foi obtida a 3 de Abril de 2013, sendo que a última foi obtida a 23 de Julho de 2013.

As cinco entrevistas obtidas foram realizadas em linha. Essa particularidade pode ter resultado em favor da investigação, dado que, como exposto anteriormente, os respondentes acabaram por ter mais tempo para responder ao questionário, num horário que lhes fosse propício e no conforto de um espaço que lhes fosse familiar. Pelo contrário, uma entrevista presencial, efetuada por uma pessoa que desconheciam (a investigadora), poderia potenciar respostas mais rápidas e menos ponderadas, podendo eventualmente não ser mencionados factos relevantes a esta investigação. Em todo o caso, e mesmo que o cenário de uma entrevista presencial pudesse, eventualmente, ter sido melhor, não era uma situação viável.

Como já mencionado, e apesar de o objetivo inicial passar igualmente por inquerir os responsáveis pelo processo de crowd translation do Facebook (alguém responsável pelo Centro de Traduções de cada uma das Redes Sociais analisadas), as tentativas de contacto com algum membro do Facebook verificaram-se como infrutíferas, pelo que as entrevistas realizadas foram efetuadas somente a cinco tradutores voluntários, sendo que três deles eram tradutores voluntários para o Facebook e para o Twitter, outro era tradutor somente

no Facebook, outro somente no Twitter e o último para o Facebook e para outras aplicações.

Os entrevistados foram quatro homens e uma mulher, tendo sido selecionados por serem tradutores voluntários ativos nestas redes (pelo menos até à data do contacto), facilitando assim uma compreensão mais clara das motivações que levam ao desenvolvimento deste tipo de trabalho. Todos os entrevistados têm como línguas de trabalho o português e o inglês, sendo que em dois dos casos é o português do Brasil.

Em primeiro lugar, e apesar de esta investigação estar na posse dos nomes reais dos entrevistados, a referência aos mesmos será feita como “Entrevistado A”, “Entrevistado B”, “Entrevistado C”, “Entrevistado D” e “Entrevistado E”, de forma a manter a privacidade da identidade dos entrevistados, naquilo que é um trabalho de investigação público.

Como já referido anteriormente tentou-se que a composição da entrevista não fosse demasiado extensa sob pena dos entrevistados se desmotivarem no processo de resposta. As perguntas tentaram ser o mais incisivas possível, reduzindo-se ao essencial naquilo que respeitava a matéria que se pretendia apurar.

De seguida, será apresentada uma leitura dos dados recolhidos neste processo de entrevistas.

5.1.1 Entrevista A

O Entrevistado A, tal como o Entrevistado E, são os entrevistados mais novos de todos, com 19 anos. No entanto, o Entrevistado A, apesar da idade, é um dos tradutores voluntários mais ativos na comunidade de tradutores. É português, do sexo masculino e frequenta o curso de Engenharia Informática e Computação. A sua intervenção ao nível das traduções colaborativas realiza-se tanto no Facebook, como no Twitter e, em ambas as

redes sociais intervêm como tradutor e como votante de traduções. Fá-lo há um período que se compreende entre 1 e 2 anos.

Quando questionando acerca da forma como tomou conhecimento destes processos de traduções colaborativas, o entrevistado afirmou que foi junto das próprias redes sociais.

Uma das perguntas centrais a este questionário pretendia-se com as motivações que estão inerentes à participação neste tipo de comunidades de tradução. Segundo o Entrevistado A, a sua principal motivação para participar nestes projetos, reside essencialmente em três aspetos, tendo justificado cada um deles:

- Para cultivar e adquirir competências linguísticas – “Sinto que, ao traduzir e adaptar texto de um idioma para outro, melhoro as minhas competências em ambas as línguas”.
- Pelo reconhecimento e feedback – “Gosto de sentir que sou uma das pessoas que contribuí, embora apenas numa pequena parte, para serviços utilizados por muitas pessoas.”
- Por mero passatempo – “Sempre tive algum interesse em línguas e gosto de traduzir”.

Apesar do entrevistado valorizar o reconhecimento e o feedback que este tipo de iniciativas pode trazer para as pessoas que nele participam, quando questionado sobre se “Sente que o seu trabalho, assim como o dos outros voluntários, é reconhecido pelo organismo com quem colabora?”, acaba por afirmar que não. Efetivamente, e também como se poderá verificar pelas entrevistas seguintes, o Facebook é visto como uma entidade que não reconhece devidamente o esforço que os seus voluntários depositam na realização das traduções colaborativas, assim como na votação das traduções efetuadas por outros voluntários. O Entrevistado A chega mesmo a afirmar:

Referindo-me ao Facebook, que é o projeto para o qual mais contribuo (visto o Twitter ainda não ter aberto as traduções para português de Portugal), não acho que o nosso trabalho seja muito reconhecido. A aplicação de traduções possui bastantes problemas (tanto técnicos como do ponto de vista da organização e otimização do trabalho) e é raramente atualizada. Também não dispomos de um meio eficiente de comunicar tanto com os responsáveis por desenvolver a aplicação como com os

administradores do nosso idioma (que são quem se encarrega de aprovar/rejeitar traduções e de traduzir os diversos textos que nunca chegam a aparecer na aplicação), pelo que o modelo de tradução "colaborativa" não é aplicado da melhor maneira.

Esta afirmação do Entrevistado A, em que menciona a ausência de feedback por parte da equipa do Facebook, acaba igualmente por confirmar as dificuldades sentidas nesta investigação no estabelecimento de contactos para entrevistas. Efetivamente os esforços acabaram por não resultar em nenhum contacto efetivo. No entanto, apesar das dificuldades sentidas, acaba por ser curioso que muitos indivíduos não desistam de enveredar por esta caminhada e continuem a contribuir para os avanços linguísticos registados pelo Facebook. Provavelmente será por razões de índole mais pessoal, com especial enfoque nas motivações anteriormente enunciadas.

O ponto fulcral desta tese era aferir os níveis de confiança que este tipo de voluntários acaba por depositar no seu próprio trabalho, de forma a melhor compreender as razões que levam pessoas que, à partida, não estão habilitadas para o efeito, possam considerar-se capazes de realizar traduções. No caso deste entrevistado, que aliás afirmou confiar no tipo de traduções que produz, recolheu-se o seguinte comentário:

Pessoalmente, tento não dar apenas importância ao texto a traduzir, mas também a muitas outras variáveis, tais como a coerência da tradução com outras traduções já existentes, a adaptação de certas particularidades que ocorrem em português mas que não se distinguem no texto original em inglês (ou vice-versa), o comprimento da tradução, o contexto, entre outros aspetos. Considero-me, também, uma pessoa com muito bons conhecimentos de ortografia e gramática do português e conhecedor de diversos pormenores do inglês (incluindo termos do âmbito da informática): tudo isto, a meu ver, importante para o trabalho voluntário que realizo.

Efetivamente, o entrevistado indica alguns aspetos aos quais ele tem atenção e que, naturalmente contribuem para a realização de um trabalho de melhor qualidade. No entanto, se se analisar o seu próprio texto com atenção, o entrevistado acaba por denotar algumas dificuldades no que respeita à pontuação e mesmo à estruturação de texto.

Nesse sentido, será que é legítimo considerar-se que a confiança depositada no trabalho desenvolvido corresponde às boas intenções anunciadas? É uma preocupação legítima, mas difícil de comprovar, dado que não há conhecimento de que partes de tradução do Facebook são da sua autoria.

Quando o entrevistado é questionado acerca da sua confiança ao nível das traduções colaborativas em geral, este refere que:

Sim, desde que sejam moderadas por uma entidade de confiança que se certifique de que, no geral, a tradução mantém uma boa qualidade, o que acontece frequentemente. Caso contrário, não, visto que não se torna muito simples gerir uma tradução com um conjunto numeroso de participantes e na qual possa participar qualquer pessoa, sem controlo.

Neste sentido, o entrevistado acaba por denotar confiança no processo de tradução colaborativa somente se existir uma equipa de controlo e revisão das traduções introduzidas, que certifique uma qualidade regular das traduções, coisa que, no seu entendimento, acontece frequentemente.

A entrevista poderá ser consultada na sua íntegra no Apêndice 1.2.

5.1.2 Entrevista B

A Entrevistada B é portuguesa, do sexo feminino, tem 44 anos e é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, com a variante de Português-Inglês. Possui igualmente um Curso de Especialização em Tradução e Legendagem. Esta entrevistada torna-se, assim, na única que possui, efetivamente, formação para o trabalho de tradução que desempenha no Facebook, sendo que intervém como tradutora e como votante de traduções, e aquela que intervém neste processo há mais tempo, tendo indicado na sua entrevista que o faz há mais de 3 anos.

No caso desta entrevistada em particular, o seu contacto com este processo de tradução colaborativa deu-se, como ela própria refere, através de um voluntário da tradução para português do Brasil que a contactou no início do processo, de forma a colaborarem em alguns aspetos, nomeadamente na elaboração da primeira versão do Guia de Estilo (ver o Guia de Estilo no Anexo 1), já anteriormente mencionado nesta tese.

Uma das perguntas centrais deste questionário, e como já anteriormente referido, prendia-se com as motivações que estão inerentes à participação neste tipo de comunidades de tradução. Segundo a Entrevistada B, a sua principal motivação para participar nestes projetos, reside essencialmente em três aspetos que, curiosamente, são os mesmos indicados pelo entrevistado Um:

- Para cultivar e adquirir competências linguísticas – “Apesar do conhecimento que tenho das línguas inglesa e portuguesa, a tradução aprofunda conhecimentos na língua de partida e de chegada”
- Pelo reconhecimento e feedback – “O facto de haver uma tabela de líderes, suscitou-me um certo espírito de saudável competição e permitiu troca de ideias com outros tradutores”.
- Por mero passatempo – “Apesar de não ser a minha área profissional, sempre gostei de tradução”.

Apesar da entrevistada valorizar o reconhecimento e o *feedback* deste tipo de iniciativas, acaba por admitir, tal como entrevistado anterior, que não existe um reconhecimento por parte do Facebook, justificando esta sua resposta com “Apesar de terem sido feitas algumas correções que apontei, o Facebook nunca me respondeu pessoalmente. Nem a outros tradutores voluntários com quem contactei.” No entanto, e porque encara esta atividade também como um passatempo, esta ausência de contacto por parte do Facebook não a tem impedido de continuar com este trabalho voluntário.

Quando confrontada com outro dos principais aspetos desta tese, o que se prende com a confiança depositada no trabalho que se desenvolve, a entrevistada afirma a sua confiança, sendo que esta reside principalmente no facto de que “Creio que o conhecimento que tenho das duas línguas me dá confiança no trabalho que tenho feito”. Efetivamente, e dada a

formação de base que possui, o trabalho desenvolvido por esta entrevistada terá, à partida, uma qualidade condicente com a sua formação em línguas.

Na sequência da questão acerca da sua confiança neste tipo de traduções em geral, a entrevistada afirma que “No geral, há sempre um método de supervisão das traduções que faz com que estas sejam, na maior parte das vezes, fiáveis. No entanto, com o português-pt há sempre o problema de "apanharmos" traduções do português-br.”

A entrevista poderá ser consultada na sua íntegra no Apêndice 1.3.

5.1.3 Entrevista C

O Entrevistado C é de nacionalidade brasileira, do sexo masculino, tem 28 anos e possui o equivalente ao 12º ano de escolaridade em Portugal.

Das pessoas contactadas foi a única que respondeu ao primeiro contacto efetuado. Por esse motivo, num segundo contacto encetado, optou-se por enviar a ligação direta para a entrevista, de forma a facilitar o processo. Efetivamente, e na sequência desse segundo contacto, o entrevistado acabou por responder à entrevista em linha, apesar de ter mantido a sua ausência de contacto com a investigadora. Assim, pode afirmar-se que esta entrevista foi aquela que, eventualmente, menos contribuiu para o estudo, visto que o entrevistado, para além de não ter contactado com a investigadora, acabou por não justificar algumas das suas opções de resposta, o que teria contribuído em muito para um melhor entendimento da sua posição relativamente a este campo.

Este entrevistado é um dos tradutores mais ativos no Twitter e trabalha somente com essa rede social, tendo sido através do próprio Twitter que tomou conhecimento deste processo de tradução colaborativa. Intervém igualmente como tradutor e como votante, estando envolvido nestes processos num período que vai de 6 meses a 1 ano.

Ao contrário dos entrevistados anteriores, este voluntário identifica outros aspetos como os motivadores deste seu trabalho no Twitter:

- Para ajudar à difusão de conhecimento
- Para cultivar e adquirir competências linguísticas
- Para testar as suas próprias capacidades
- Pelo reconhecimento e feedback
- Por comprometimento com uma determinada causa ou organização

No entanto, não foram fornecidas as justificações para a seleção destas opções, pelo que apenas se poderão fazer algumas inferências das suas respostas. Assim, acredita-se que o facto de ter somente o 12º ano de escolaridade justifica a sua seleção da segunda e da terceira opções, dado que, efetivamente, não deverá possuir as competências formais suficientes para desempenhar este tipo de tarefas.

Identifica igualmente a necessidade de reconhecimento e *feedback* como um dos fatores que o motiva a participar tendo afirmado que esse reconhecimento e *feedback* é dado pelo Twitter, ao contrário dos outros entrevistados que trabalham com o Facebook e dos quais registamos a opinião. Em todo o caso, e dado que somente foi possível registar a sua opinião com relação ao Twitter, dificilmente se poderá inferir que este sentimento será generalizado entre os restantes utilizadores. Além disso, o entrevistado também acabou por não justificar o motivo de sentir o seu trabalho reconhecido pelo Twitter.

Apesar do entrevistado afirmar que duas das motivações que se encontram na base da sua participação em traduções colaborativas serem “Para cultivar e adquirir competências linguísticas” e “Para testar as suas próprias capacidades”, acaba por afirmar que tem confiança no trabalho que desenvolve, o que, de certa forma, parece ser uma contradição. Em todo o caso, não se poderão fazer grandes inferências dado que, uma vez mais, o entrevistado acabou por não justificar a sua resposta. Na pergunta seguinte registou-se a mesma realidade, ou seja, o entrevistado afirma que confia neste tipo de traduções em geral, mas não justificaa a sua resposta.

Ainda que esta entrevista não tenha providenciado todas as informações desejadas, a sua inclusão neste trabalho de investigação foi encarada como necessária, uma vez que é a

única realizada a um tradutor voluntário só do Twitter. Além disso, este tradutor voluntário é dos mais ativos nessa rede social.

A entrevista poderá ser consultada na sua íntegra no Apêndice 1.4.

5.1.4 Entrevista D

O Entrevistado D é português, tem 23 anos e é licenciado em Engenharia da Computação Gráfica e Multimédia.

A sua intervenção ao nível das traduções colaborativas realiza-se somente no Facebook, onde intervém como tradutor e como votante de traduções há mais de três anos. Além disso, contribui igualmente para a tradução de outras aplicações como Extensões Chrome e Firefox, e aplicações para Android.

Quando questionado acerca da forma como tomou conhecimento destes processos de tradução colaborativa no Facebook, o entrevistado afirmou que foi junto da própria rede social.

No que concerne as motivações inerentes à sua participação neste tipo de comunidades de tradução, o entrevistado refere essencialmente quatro aspetos:

- Para ajudar à difusão do conhecimento – “Eu próprio faço apps, que quando estão traduzidas em vários idiomas ganham muitos mais utilizadores.”
- Para cultivar e adquirir competências linguísticas – “A verdade é que muitas vezes dou por mim a tirar dúvidas sobre uma tradução ou expressão, e muitas vezes aprendo coisas sobre a minha própria língua”.
- Por comprometimento para com uma determinada causa ou organização – “Sou a favor de ser tudo livre na Internet, todas as apps que faço são livres e estão distribuídas pela "www", e vejo muita gente a cobrar dinheiro por traduções, desse modo contribuo como posso para contrariar essa tendência”.

- Por mero passatempo – “Eu não gosto de jogos em linha, por isso de vez em quando perco/ passo 5 ou 10 ou 15 minutos a traduzir, sempre é mais produtivo que jogar farmville :)”.

Das afirmações do Entrevistado D parece-nos que aquela que pode gerar mais debate e reflexão ao mesmo tempo é quando ele refere “Sou a favor de ser tudo livre na Internet, todas as apps que faço são livres e estão distribuídas pela "www", e vejo muita gente a cobrar dinheiro por traduções, desse modo contribuo como posso para contrariar essa tendência”.

A afirmação veiculada reflete um tipo de pensamento que, por vezes, povoa as pessoas menos informadas, que é o de que o trabalho de tradução é fácil e, por isso, os tradutores não deveriam cobrar por ele ou cobrar tanto por ele. De facto, para quem não trabalha nesta área de forma profissional, subsistem por vezes dúvidas acerca do trabalho e do tempo investido num trabalho de tradução com qualidade.

Quanto ao reconhecimento e *feedback* dado pela entidade solicitante, neste caso o Facebook, o entrevistado encontra-se na mesma linha de opinião que os anteriores, uma vez que considera não existir nenhum tipo de reconhecimento ou *feedback* por parte do Facebook, no que concerne o trabalho voluntário realizado.

À semelhança dos entrevistados anteriores, também o Entrevistado D confia no trabalho que produz, sustentando essa confiança com a seguinte afirmação:

Eu tenho confiança no trabalho que eu desenvolvo porque procuro sempre aplicar as traduções no devido contexto (ou no máximo de contextos possível, caso se aplique) e procuro que a tradução esteja verbalizada com o português corrente, com linguagem adequada, com os termos técnicos corretos e que siga todas normas como por exemplo o novo acordo ortográfico.

O entrevistado afirma ainda que possui confiança nas traduções colaborativas em geral, mas em particular no caso das do Facebook, quando refere que:

No caso do Facebook sim, porque as traduções são revistas e votadas por vários membros, o que permite que estas só sejam publicadas caso tenham qualidade. Mas em muitos outros casos não existe este mecanismo de validação das traduções, que faz com que algumas vezes se encontrem traduções de fraca qualidade. De qualquer modo isto são casos raros porque quem se dá ao trabalho de traduzir, normalmente fá-lo bem.

A entrevista poderá ser consultada na sua íntegra no Apêndice 1.5.

5.1.5 Entrevista E

O Entrevistado E é brasileiro, do sexo masculino, tem 19 anos e tem o ensino médio completo, ou seja, o equivalente ao 12º ano em Portugal. É Técnico em Mecatrônica.

Participa nas traduções do Facebook, tanto como tradutor voluntário, como tradutor votante e tomou conhecimento deste processo através da própria aplicação. É tradutor voluntário no Facebook num período que vai de 1 a 2 anos.

As suas motivações para integrar este tipo de projetos, assentam nos motivos que descrevemos abaixo.

- Para cultivar e adquirir competências linguísticas – “Estava começando a traduzir o Facebook para o guarani (idioma falado no Paraguai), como uma forma de conhecer melhor sua estrutura linguística.”
- Para testar as suas próprias capacidades – “Apesar de tímido, sempre tive facilidade de escolher e organizar palavras para expressar idéias ou explicar coisas tanto verbalmente quanto textualmente. Logo pensei que poderia ser útil.”

Este entrevistado partilha igualmente de todas as opiniões anteriores quando refere que considera que o seu trabalho não é reconhecido pelo Facebook, sustentando essa afirmação ao referir que:

Por ser aberto ao público sem fazer qualquer tipo de seleção quanto ao nível de conhecimento do tradutor, o aplicativo de tradução muitas vezes é vandalizado com o envio de spams, o que atrapalha o trabalho dos tradutores em manter a qualidade das traduções.

Não está, diretamente, a comentar a afirmação anterior, no entanto reforça a ideia de que, efetivamente, não é feita uma seleção dos tradutores voluntários o que conduz, por vezes, a uma vandalização do processo. Também à semelhança de todos os outros entrevistados, o 05 afirma ter confiança no trabalho que desenvolve para as traduções do Facebook já que:

Antes de escrever e de enviar uma tradução eu presto atenção a vários fatores: a escolha de palavras, como soa para o leitor, se a frase tem ambiguidade, se é fiel ao sentido original, se é coerente, se é agradável de se ler, etc. Com isso já tive mais de trinta traduções de minha autoria que foram aprovadas oficialmente.

Quando questionado sobre a confiança neste tipo de traduções em geral, continua a afirmar que a mantém:

Apesar do vandalismo sofrido, o resultado final (depois de muitas etapas sofridas) é razoavelmente bom. Os tradutores sérios e verdadeiramente envolvidos com o projeto cuidam de que os vândalos não interfiram totalmente no resultado final.

A entrevista poderá ser consultada na sua íntegra no Apêndice 1.6.

5.1.6 Observações sobre as entrevistas

Analisadas as cinco entrevistas que foi possível reunir, acredita-se que se podem retirar algumas leituras que, apesar de não poderem ser generalizadas à população de tradutores voluntários, podem indicar alguns aspetos importantes e servir para calibrar hipóteses iniciais de trabalho de uma investigação futura.

Um dos aspetos a reter é, sem dúvida, a formação de base de cada um dos entrevistados. Em cinco pessoas, apenas uma possuía habilitações académicas na área das línguas, o que

reforça a ausência de uma seleção dos voluntários. Não se pretende com isto afirmar que indivíduos de outro contexto académico não possam possuir as competências necessárias para desempenhar este tipo de tarefas, no entanto, dada a ausência de uma seleção, essas competências pecam pela ausência de confirmação.

Outro aspeto fundamental são as motivações de base inerentes ao desenvolvimento deste trabalho. Como é possível constatar no gráfico abaixo, um dos motivos pelo qual todos o fazem é a vontade de “cultivar e adquirir competências linguísticas”. Este aspeto não deixa de ser curioso, uma vez que seria esperado que todos os tradutores, dada a confiança que todos afirmaram sentir no seu trabalho, já não sentissem uma grande necessidade de adquirir competências linguísticas. Em todo o caso, este aspeto poderá revelar que, efetivamente são conscientes de que podem não possuir todas as competências necessárias ao desempenho desta tarefa.

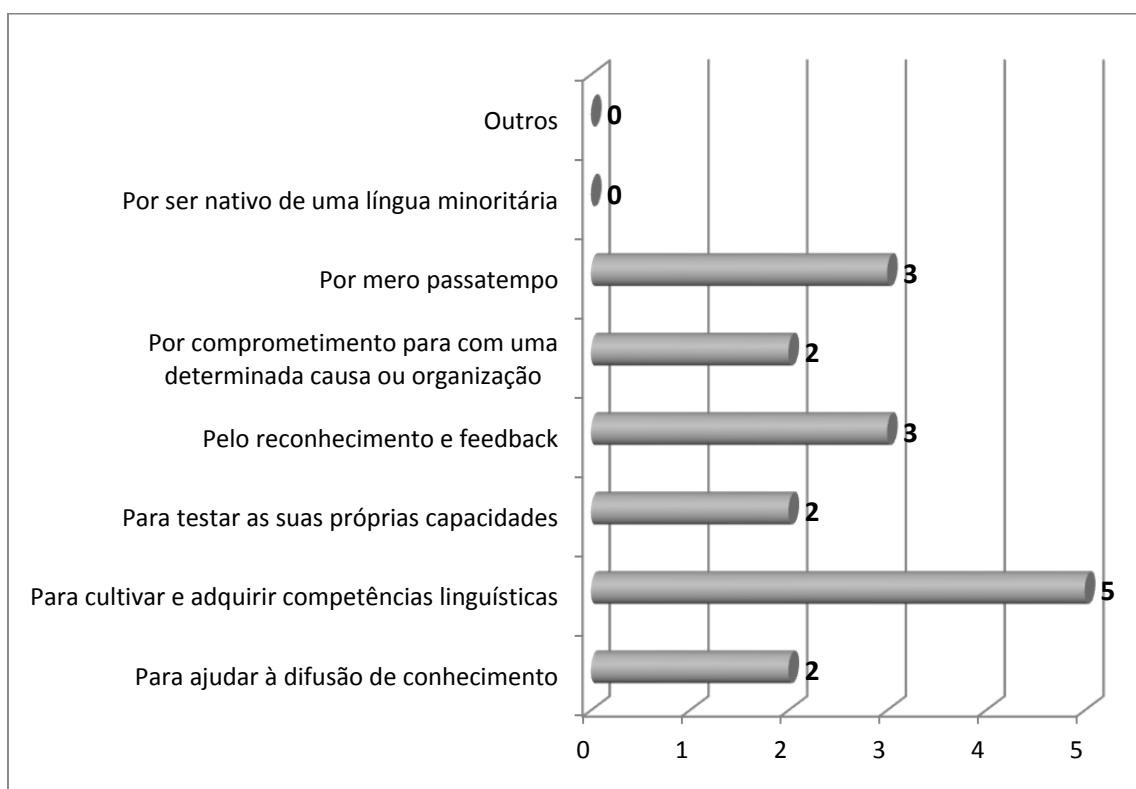


Gráfico 1: Motivações subjacentes à participação em projetos de tradução colaborativa

Como se pode ainda verificar no gráfico acima, as duas motivações que se encontram logo de seguida são “Pelo reconhecimento e feedback” e “Por mero passatempo”, tendo sido

selecionadas por três dos entrevistados. Efetivamente, o reconhecimento é um dos elementos que motiva a participação da maioria destes indivíduos nestes projetos, mas todos afirmam que não recebem nenhum por parte do Facebook. Ainda assim, este aspeto não tem, aparentemente, demovido os entrevistados de continuarem a participar.

É de ressaltar que, ao contrário dos gráficos que serão apresentados na secção dos questionários e que se encontram em percentagem, neste caso, dado o número diminuto de entrevistados, não pareceu como profícuo proceder à identificação de valores percentual. O formato dos gráficos apresentados poderá igualmente variar entre barras verticais e barras horizontais, mediante o posicionamento que melhor permitir uma leitura, de acordo com as legendas associadas.

Para finalizar, todos os entrevistados têm confiança no trabalho de tradução que produzem, assim como neste tipo de traduções em geral, apesar de reconhecerem que por vezes poderão existir participantes menos bem-intencionados que tentam minar o trabalho dos outros.

Pode, assim, inferir-se destes entrevistados, dado que a maioria não possui qualificações formais para o fazer, que a par com uma confiança ponderada existe essencialmente uma confiança de fé no trabalho que produzem. Isto acontece dado que a sua experiência fá-los acreditar que as pessoas que se encontram comprometidas com este tipo de trabalho de forma séria, fazem-no com a melhor das suas capacidades, e o trabalho desenvolvido até agora demonstra o alcance dessas capacidades.

5.2 Questionários

O questionário divulgado no âmbito desta tese de doutoramento obteve um total de 192 respostas completas e 7 respostas incompletas. Os únicos dados passíveis de tratamento estatístico serão as 192 respostas completas, dada a necessidade de uniformização dos resultados.

O questionário esteve aberto quatro meses, desde 25 de Março de 2013 até 25 de Julho de 2013, sendo sensivelmente o mesmo intervalo de tempo em que enquadrava a prospeção das entrevistas. Este intervalo de quatro meses corresponde ao marco temporal suficiente para o trabalho de campo de uma tese de doutoramento em ciências sociais, segundo a proposta por Stéphane Beaud e Florence Weber (2003: 133-134). Atualmente encontra-se ativo para que a sua visualização em linha seja possível.

O questionário destinou-se apenas a indivíduos que fossem utilizadores do Facebook e/ou do Twitter, de forma a garantir uma melhor noção acerca das suas aplicações, assim como das suas potencialidades/serviços. Apesar do número de respostas ser bastante reduzido face ao universo de utilizadores do Facebook, como seria expectável, será um número possivelmente indicador de algumas particularidades que se passarão a analisar mais à frente.

Para uma interpretação mais clara dos resultados, os mesmos serão identificados em percentagem, tendo em conta o universo de 192 respostas completas obtidas.

A utilização deste questionário reunia dois objetivos em particular. O primeiro era classificar a tipologia de respondentes, no que concerne a aspetos como o género, a idade, a nacionalidade e as habilitações literárias. O segundo objetivo era incidir em questões que abordassem os pontos fulcrais desta tese e que permitissem tirar possíveis conclusões de base acerca do conhecimento, ou não, sobre o que é o modelo de crowd translation e a possível participação, ou não, dos respondentes em modelos de tradução deste tipo. Era igualmente objetivo deste questionário, reunir alguns indicadores que permitissem aferir da perspetiva dos utilizadores no que respeita a confiança que depositam, ou não, nos processos de crowd translation aplicados nestas duas redes sociais.

Assim, e em primeiro lugar, é possível proceder a um enquadramento da tipologia de respondentes que se obtiveram neste questionário, sendo que, com relação ao “género”, obtiveram-se mais respostas de indivíduos do género feminino (59%), do que do género masculino (41%). Este enquadramento de género pretendia perceber se, por ventura, haveria um maior nível de participação por parte de homens ou mulheres, mas acabou por desvelar que esta variável não tem um papel significativo no estudo.

No que respeita à “Idade”, a amostra de utilizadores que respondeu ao inquérito centra-se essencialmente na escala dos 26-35, como o gráfico seguinte passa a demonstrar.

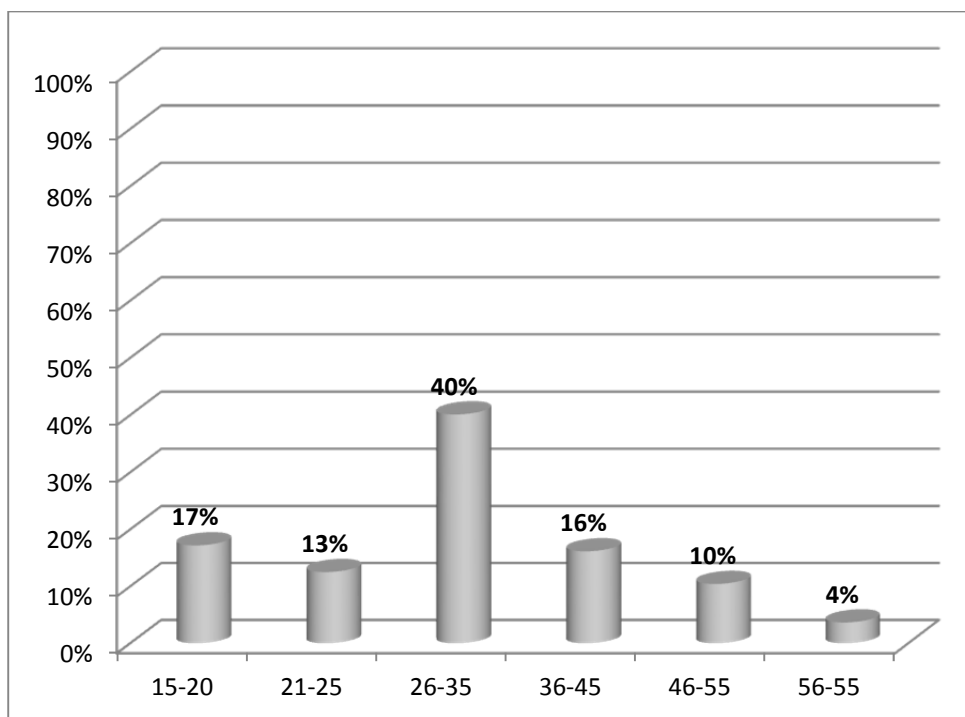


Gráfico 2: Escala de idades dos respondentes

Esta situação poderá ser potencialmente reveladora de uma realidade já analisada num estudo realizado pela *BI Intelligence* sobre os utilizadores do Facebook nos EUA, e mencionado por Cooper Smith na revista *Business Week*, que assinala que o maior número de utilizadores do Facebooks se centra na escala dos 18-29 anos.

Facebook still skews young. In the U.S., 83% of 18 to 29-year-olds who use the Internet are on it, but the proportion is only 67% across all age brackets. However, the 45- to 54-year-old age bracket has seen 46% growth since year-end 2012 (Smith, 2013).

Apesar de não ser uma escala exatamente igual à expressada no inquérito conduzido, há que admitir que não é completamente distinta, uma vez que partilha a faixa do 26 aos 29 anos. Ainda no que respeita a escala de idades, é necessário explicitar o motivo pelo qual a escala de idades deste questionário começa nos 15 anos de idade, quando o Facebook

permite utilizadores registados a partir dos 13. De facto, foi considerado que apesar de existirem utilizadores abaixo dos 15 anos de idade, estes dificilmente teriam o conhecimento suficiente acerca da matéria em estudo, para poder dar um contributo efetivo ao mesmo. Aliás, se o objetivo deste estudo fosse chegar a todos os utilizadores do Facebook a escala deveria, inclusive, ser abaixo dos 13 anos, dado que esses utilizadores existem em grande número, apesar de ser um registo ilegal. Existe, inclusive, um estudo de 2010 que aponta para a existência de cerca de 7,5 milhões de utilizadores do Facebook abaixo dos 13 anos de idade (Horn, 2011).

Quanto à nacionalidade dos respondentes, os resultados centraram-se na nacionalidade portuguesa (92%). No que respeita aos respondentes de nacionalidade espanhola apenas se registou um (1%), e na categoria “Outros” foi apenas possível denotar a presença de indivíduos de nacionalidade brasileira e casos isolados de um romeno, um russo e um cabo-verdiano (8%). Esta tendência clara para os respondentes de nacionalidade portuguesa facilmente se explica pelo facto de um dos anúncios ter sido feito no Facebook em português e eu, como autora deste projeto, estar facilmente identificada como sendo portuguesa.

Ainda assim, todas as informações respeitantes ao inquérito, assim como o próprio inquérito e também os pedidos de colaboração, também se encontravam disponíveis em inglês, de forma a tornar a sua difusão o mais internacional possível. No entanto, como os números indicam, acabou por não surtir o efeito pretendido. De facto, o pedido de colaboração para este questionário para além de ter sido colocado em comunidades de tradutores portugueses e brasileiros, também o foi em comunidade de tradutores para língua inglesa não tendo, no entanto, tido o mesmo retorno.

No que concerne as habilitações académicas dos respondentes é possível verificar que a maioria se encontra entre o 12º ano, a Licenciatura e o Mestrado. Os valores que se podem identificar nos outros escalões são mais residuais, como o gráfico seguinte revela.

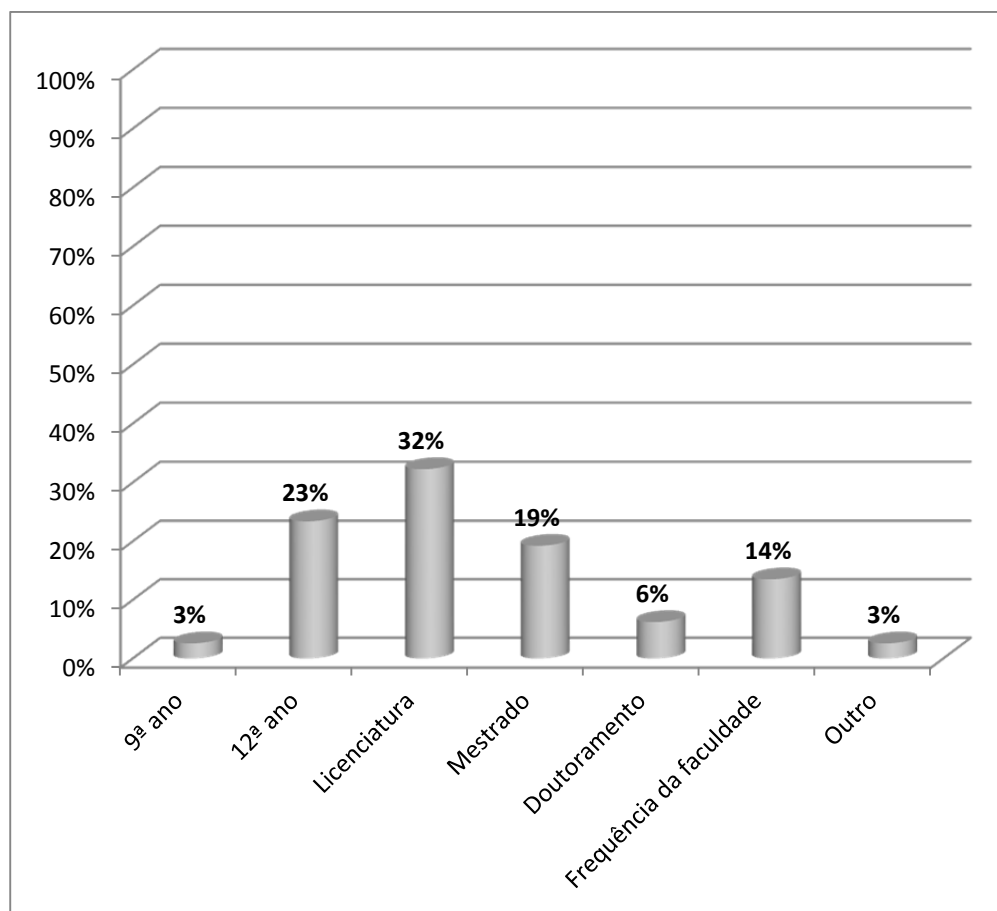


Gráfico 3: Habilitações académicas dos respondentes

Estes dados poderão revelar uma maior literacia e um maior acesso à informação, como se irá ver mais à frente neste estudo, pela relação estabelecida entre as habilitações literárias dos respondentes e o facto de saberem o que é uma tradução colaborativa. Dentro dos que afirmaram ter licenciatura, mestrado ou frequência universitária (sem conclusão de qualquer curso), foi possível identificar que a área científica com mais incidência dentro destes respondentes foi a das Ciências Sociais logo seguida das Humanidades. Dado que a temática do inquérito era o crowd translation e essa nova metodologia de tradução reúne influências destas duas áreas do conhecimento, poderá inferir-se que o inquérito pode, eventualmente, ter potenciado um maior interesse de participação destas áreas, quer tivessem uma maior ou menor perceção da temática em si. Esse interesse pode ter sido despoletado pelo texto introdutório do questionário, que pode ser visualizado no apêndice 3.1.

Recorda-se apenas que a listagem das áreas científicas usada foi retirada da plataforma DeGois, uma vez que é Plataforma Nacional de Ciência e Tecnologia de Portugal (sistema de gestão de curricula dos investigadores portugueses).

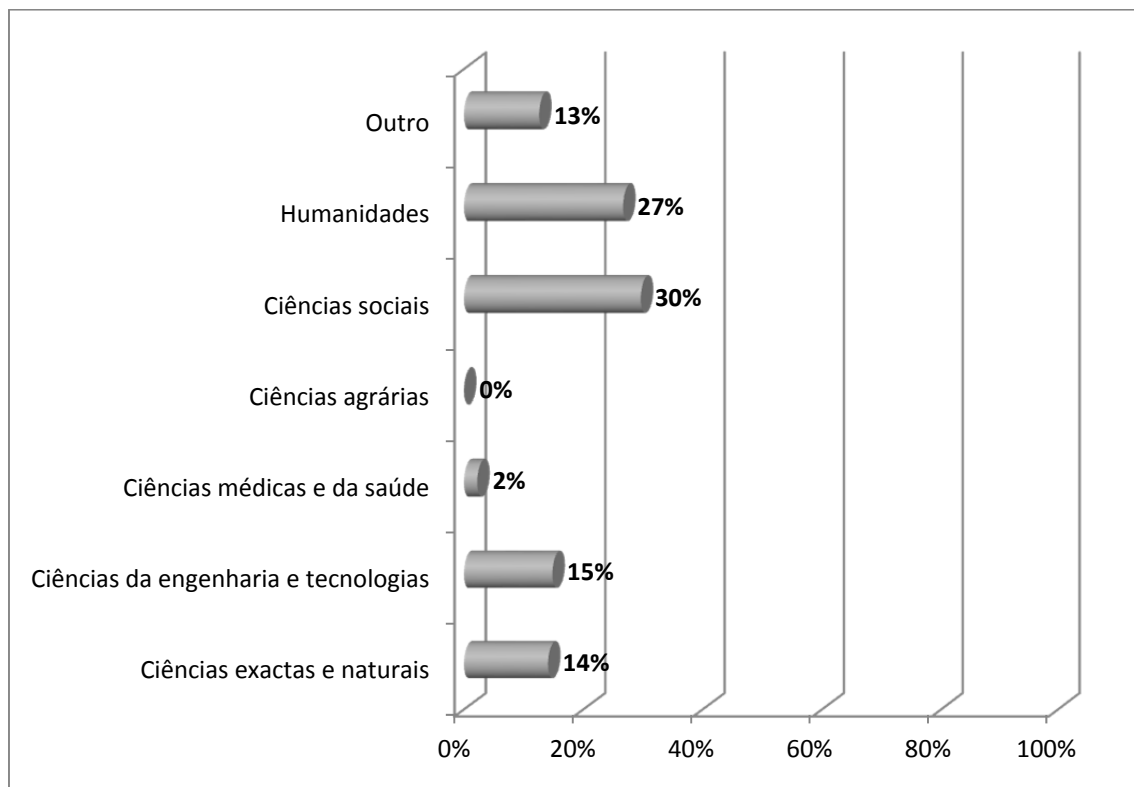


Gráfico 4: Área científica do ensino superior frequentado pelos respondentes

Depois do enquadramento realizado acerca da tipologia de respondentes que se obtiveram neste questionário, procedeu-se a uma fase mais concreta em que se introduziram questões mais diretamente relacionadas com as traduções colaborativas.

A primeira questão pretendia aferir do conhecimento dos respondentes relativamente a este conceito, ou seja, se os respondentes já alguma vez tinham ouvido falar de traduções colaborativas:

Já ouviu falar de traduções colaborativas (crowd translation)?

Onde, por exemplo, qualquer indivíduo pode contribuir para a tradução de um determinado site em linha (exemplos: Facebook, Twitter...)

Apesar do número de pessoas que não sabe o que é a tradução colaborativa em linha (54%) ser maior do que o contrário (46%), o número de pessoas que sabem ainda é considerável neste estudo, visto que a percentagem que os separa não é muito significativa. Neste sentido, e dada a dimensão do número de pessoas que afirmam ter conhecimento do que é a crowd translation (46%), surgiu a dúvida se haveria uma relação entre este tipo de conhecimento e as habilitações literárias dos respondentes.

Efetivamente, e como é possível comprovar pelo gráfico 5, a Licenciatura e o Mestrado são as qualificações académicas que predominam entre os respondentes que “afirmaram saber” o que era uma tradução colaborativa, mas são também as que predominam no gráfico 6, que estabelece a relação entre os indivíduos que afirmam “não saber o que é tradução colaborativa” e as suas habilitação académicas.

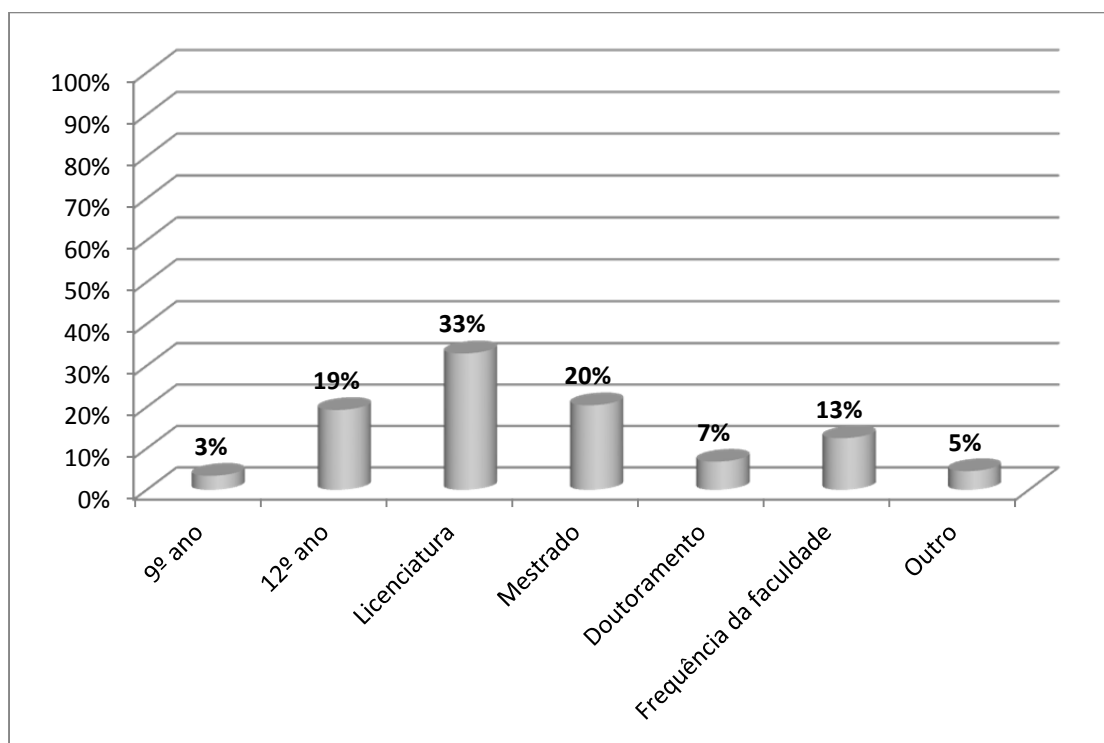


Gráfico 5: Respondentes que afirmaram saber o que é tradução colaborativa e as suas habilitações literárias

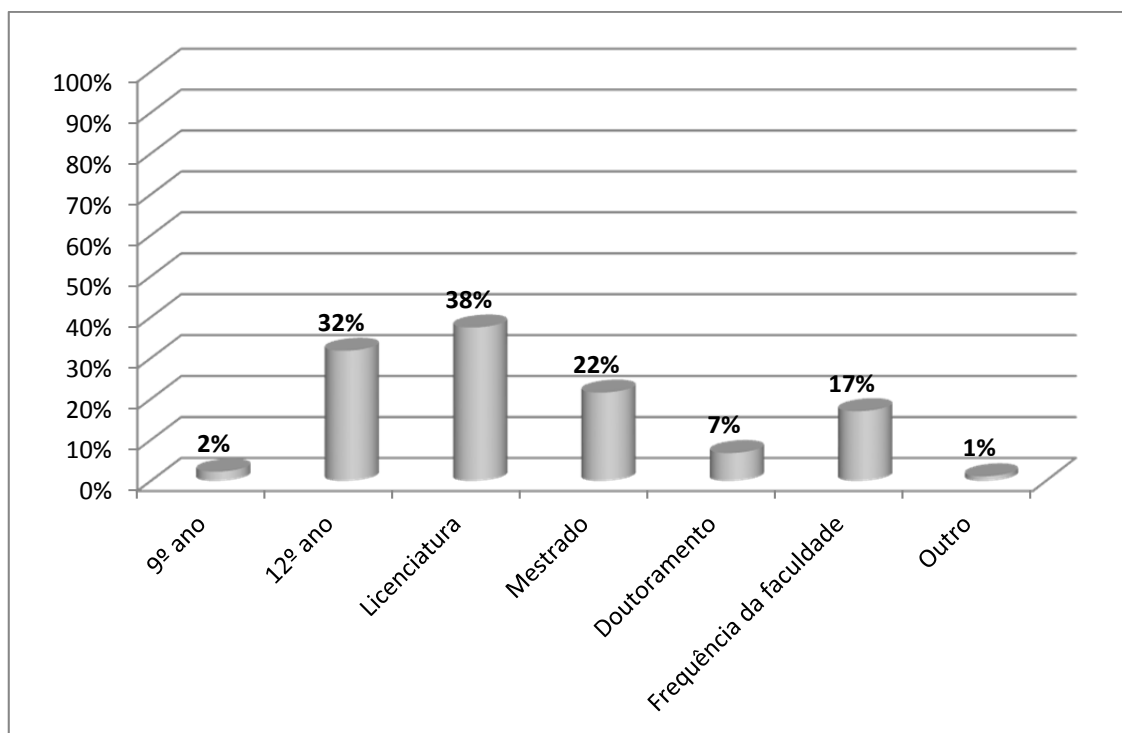


Gráfico 6: Respondentes que afirmaram não saber o que é tradução colaborativa e as suas habilitações literárias

A única leitura evidente neste segundo gráfico é o aumento dos indivíduos com o 12º ano que desconhecem o que é o crowd translation (19% dos respondentes com o 12º ano sabem o que é, mas 38% dos respondentes com o 12º ano afirmam não saber). Porém, não se acredita que esta diferença de valores seja significativa o suficiente, para ser indicativa dessa relação. Nesse sentido, não existem bases que possam estabelecer uma relação entre o grau académico e um maior ou menor conhecimento acerca da existência de modelos de crowd translation. No entanto, dentro dos indivíduos detentores de licenciatura e de mestrado que afirmam ter conhecimento (50 respondentes), é possível verificar que a área das Humanidades é aquela que se sobrepõe ligeiramente no estudo (17 respondentes). Neste aspeto, permitem-se considerar a existência de um possível interesse pela área da tradução, que justifique o aumento desta área.

No entanto, e apesar de diversos respondentes saberem do que se trata, na realidade são poucos aqueles que participam neste tipo de atividades, como o gráfico 7 demonstra.

Assim, dos 46% (88 respondentes) dos que afirmavam estar familiarizados com o conceito, apenas 28 pessoas tinham efetivamente participado nalgum projeto do género.

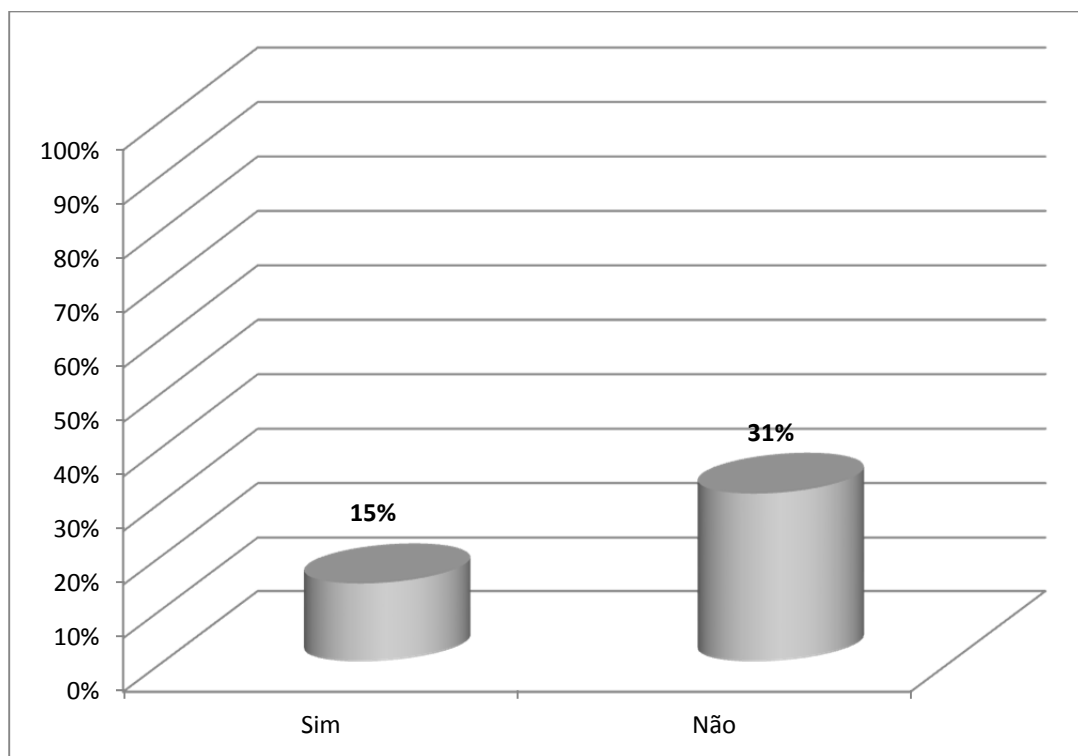


Gráfico 7: Respondentes que participaram em projetos de tradução colaborativa

Dessas 28 pessoas, continua a denotar-se uma sobreposição dos indivíduos que possuem formação superior, por oposição aos que participam e não a possuem. Será ainda de particular interesse notar que dessas 28 pessoas que já participaram em projetos de crowd translation, 16 possuem formação superior (ou frequentam/frequentaram o ensino superior), sendo que desses 16 se pode verificar que as ciências de engenharia e as ciências exatas (8 respondentes) se encontram a par das Humanidades (6 respondentes) revelando que, de facto, a abertura deste tipo de projetos às massas pode reunir pessoas de todas as áreas do saber mesmo que nem todas reúnam, necessariamente, as competências mais indicadas para o fazer.

Dos respondentes que afirmaram já ter participado ou que estavam a participar em projetos de tradução colaborativa, foi possível apurar que o tinham feito/faziam, essencialmente no Facebook e no Twitter. No entanto, e apesar de serem entradas individuais, também foram

igualmente recolhidas as seguintes respostas no que diz respeito a trabalho em projetos de tradução colaborativa:

- Google Tradutor (ferramenta de tradução automática)
- Mubi (portal de filmes)
- Avaaz (comunidade de campanhas da sociedade civil)
- Imdb (portal de cinema, televisão e celebridades)
- Rdio (serviço de música digital)
- uTorrent (software em formato peer to peer em que é permitido o upload e partilha de conteúdos)
- imo app (aplicação de chat)

Este estudo pretendia igualmente compreender como é que a população estudada expressa as motivações subjacentes à participação nestes projetos, pelo que uma das questões deste questionário incidia precisamente sobre essas motivações. Foi providenciada uma lista de possíveis motivações, sendo que os respondentes tinham a possibilidade de escolher mais o que uma hipótese (ver apêndice 3.3).

Por que motivo o fez?

- ☐ Para ajudar à difusão de conhecimento
- ☐ Para cultivar e adquirir competências linguísticas
- ☐ Para testar as suas próprias capacidades
- ☐ Pelo reconhecimento e feedback
- ☐ Por comprometimento para com uma determinada causa ou organização
- ☐ Por mero passatempo
- ☐ Por ser nativo de uma língua minoritária
- ☐ Outro: _____

A seleção de motivações disponibilizada no questionário resultou da exploração das motivações inerentes ao voluntariado extraídas da análise de diversas opiniões expressas em comunidades de tradução no Facebook, assim como de fóruns de discussão e de artigos científicos na área na Localização. Essa exploração permitiu reunir um conjunto de ideias que conduziram à identificação destas motivações, que aliás pretenderam ser o mais alargadas possível, de forma a evitar que os respondentes tivessem de redigir muitas outras

possibilidades no campo “Outros”. Dada a essa mesma abrangência, de facto, os registos nesse campo acabaram por ser diminutos (três registos).

O gráfico 8 explana os resultados obtidos com esta questão junto dos respondentes que afirmaram estar familiarizados com o conceito de crowd translation, ao mesmo tempo que já tinham participado em projetos na área (28 respondentes). Pode verificar-se que uma das motivações mais seleccionadas pelos respondentes desta seção do questionário se prende com o “ajudar à difusão do conhecimento”, logo seguido do “por mero passatempo”.

Na opção “Outro” os motivos indicados pelos respondentes e que agora se transcrevem diretamente são:

- “Fui automaticamente inserido para fazer parte do serviço de tradução”;
- “Para auxiliar à publicação da versão em português da plataforma em questão”;
- “Para que a ferramenta esteja acessível para pessoas com o mesmo idioma. (Mesmo com certas pessoas que não sabem nem o básico do idioma nativo, vir estragar)”.

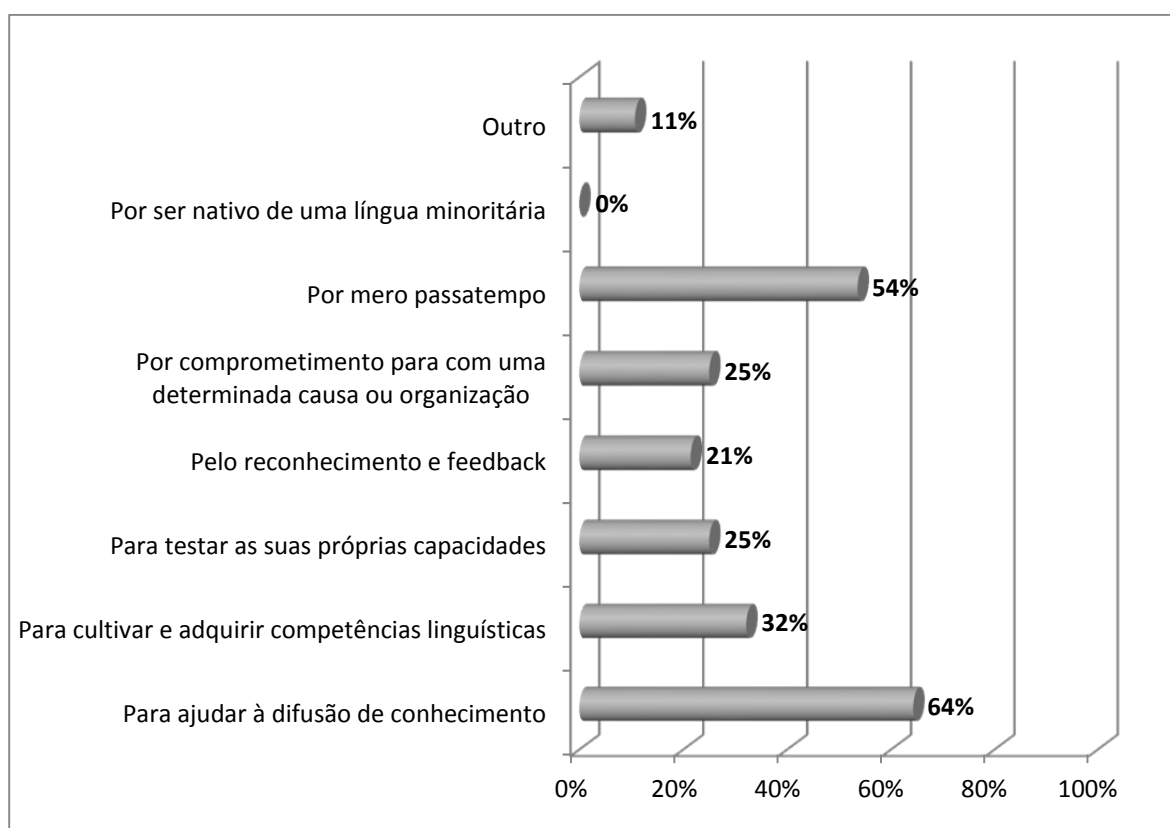


Gráfico 8: Motivos que levam à participação em projetos de tradução colaborativa

Outro aspeto que foi possível verificar neste estudo é que todos os respondentes que intervieram em projetos de tradução colaborativa (28 respondentes) tiveram como línguas de trabalho o português e o inglês, pelo facto da grande maioria dos respondentes ser de nacionalidade portuguesa. Uma das grandes motivações de empresas como o Facebook para potenciar este tipo de projetos é, também, levar estas plataformas a minorias linguísticas, não foi possível apurar neste estudo se essa motivação resulta em resultados concretos, dada a ausência de respondentes de minorias linguísticas neste inquérito. Caso surgissem diferentes pares de línguas de trabalho podiam eventualmente tirar-se outras ilações.

Um dos pontos fulcrais deste inquérito residia na pergunta: “Tem confiança no trabalho que produziu?”. A totalidade dos 28 respondentes respondeu que sim. No entanto, quando questionados acerca da confiança neste tipo de traduções em geral, o tipo de respostas já se difere e 8 pessoas, dessas mesmas 28, afirmam que não. Assim, ainda existem indivíduos que depositam pouca confiança neste tipo de modelo tradutivo, e por outro lado, as pessoas que afirmam já ter participado nestes projetos indicam uma total confiança no trabalho que produziram. Neste sentido, a potencial conclusão que é possível retirar daqui é que, como refere Horsager “Becoming trustworthy ourselves, although not easy, is far less complex than the concept of extending trust to others” (2012:237).

Ainda no campo das motivações, e depois de apuradas aquelas que estavam presentes nos indivíduos que participaram em projetos de tradução colaborativa, considerou-se igualmente importante apurar as motivações que levavam os outros respondentes a não participar. Neste caso, os indivíduos estavam familiarizados com o conceito, mas acabaram por nunca intervir num projeto do género (60 respondentes).

Foi providenciada uma lista de possíveis motivações, sendo que os respondentes tinham a possibilidade de escolher mais o que uma hipótese (ver apêndice 3.2).

Porque nunca o fez?

- ☐ Não me considero capaz de realizar tal tarefa
- ☐ Nunca me deparei com uma situação concreta
- ☐ Não tenho interesse
- ☐ Não tenho tempo
- ☐ Outro: _____

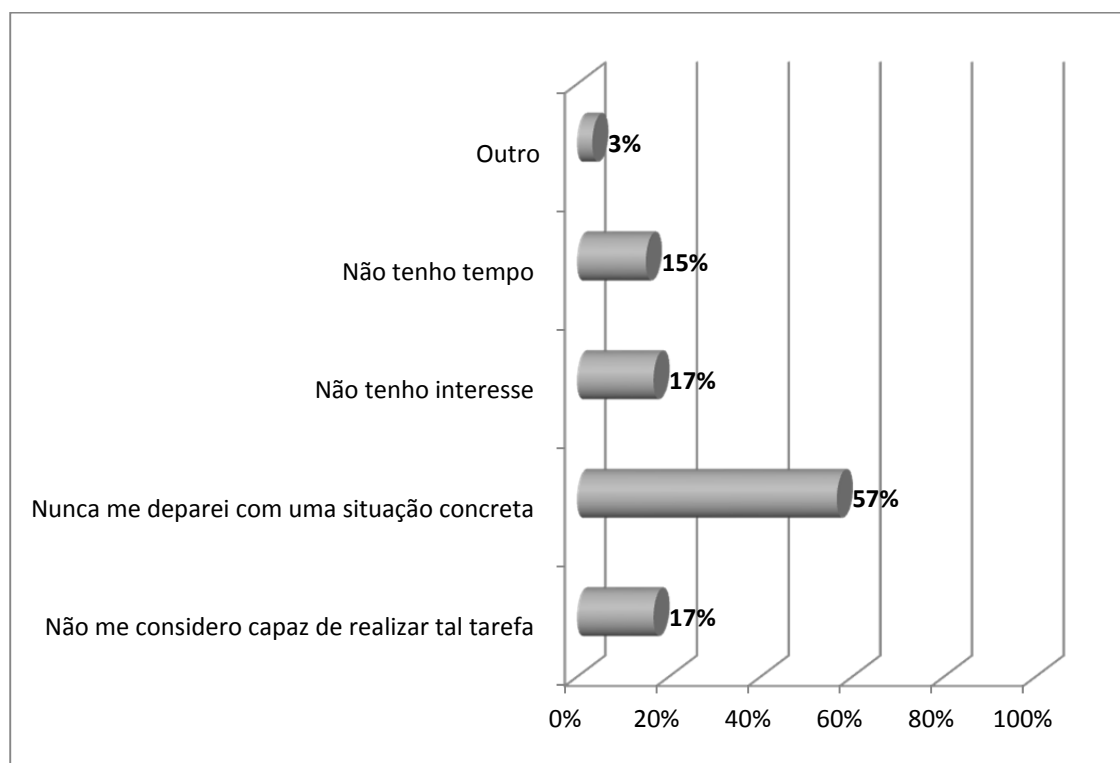


Gráfico 9: Motivos que levam à não participação em projetos de tradução colaborativa

Em todo o caso, o motivo com maior expressão no questionário foi “Nunca me deparei com uma situação concreta”. Efetivamente, os respondentes não encaram a possível falta de competências para realizar a tarefa, como o motivo mais forte para não o fazer. Esse motivo, aliás, encontra-se em percentagens muito semelhantes aos restantes, rondando a casa dos 15%-17%.

Além disso, se for estabelecida uma relação entre os indivíduos que deram essa resposta e as suas áreas de formação, podemos verificar que os dados são bastante equilibrados. Na área das Ciências da Engenharia e Tecnologias foram registados 6 respondentes, na área das Ciências Sociais 9 respondentes e, por fim, na área das Humanidades foram registados 10 respondentes. À partida, as duas primeiras áreas poderiam indicar menos competência para a realização de tarefas deste género, mas não foram obstáculo para os respondentes que afirmaram que apenas nunca participaram, por nunca se terem deparado com uma situação em concreto.

Voltando à questão da confiança depositada neste tipo de traduções, a mesma foi colocada a todos aqueles que afirmaram já ter ouvido falar de traduções colaborativas (88 respondentes). Foi solicitado que justificassem a sua resposta, quer fosse negativa (não tem confiança), quer fosse positiva (tem confiança) e, de facto, foram obtidos resultados muito particulares, como será possível verificar na listagem que se segue:

- **Respostas positivas (tem confiança)**

Alerta-se apenas para o facto dos comentários dos respondentes estarem numerados, de forma a permitir uma melhor identificação dos mesmos na tese.

Todos os comentários encontram-se literalmente reproduzidos, não tendo sido efetuado nenhum tipo de correção por parte da investigadora (ortografia, pontuação e gramática).

1.	Porque tenho conhecimentos linguísticos e em alguns casos posso verificar se tem lógica a tradução e também deduzo que as pessoas que o façam não tenham nada a ganhar com a "má" tradução do conteúdo.
2.	Porque considera que podem ter interesse em eventuais dificuldades de tradução.
3.	Normalmente os projectos onde encontro este tipo de tradução são projectos que incentivam o envolvimento da comunidade de utilizadores e facilitam a comunicação com as pessoas responsáveis pela tradução. Torna-se mais fácil sugerir alterações/correções a quem de direito e a comunidade ajuda a assegurar a qualidade da tradução.
4.	Presumo que usem algum algoritmo para medir a frequência de respostas e assim chegar a um resultado mais próximo da solução ótima.
5.	Acredito que as pessoas que participam nestes processos são bem intencionadas e competentes. E há sempre uma verificação que tem que ser feita. A confiança não pode ser cega.
6.	Se forem de fontes fidedignas
7.	Porque o processo colaborativo acaba por introduzir refinamentos na tradução

	que não conseguiríamos se se fizesse a tradução de modo isolado.
8.	Por vezes não é utilizada a melhor sistematização de frases numa tradução. Mas em termos gerais tenho confiança neste tipo de traduções.
9.	No caso do Facebook, o sistema de votação equilibra a correção das traduções. Também já contactei os responsáveis por este processo quando encontrei erros e estes foram corrigidos.
10.	São o resultado do trabalho de várias pessoas.
11.	Muitas das vezes, quem procede à tradução, são pessoas que lidam diariamente com ambientes deste mesmo género, pelo que se enquadram num perfeito perfil para que possa efetuar uma tradução com elevada precisão, recorrendo a uma linguagem real e perfeitamente adequada à situação.
12.	Em primeiro lugar porque são traduções humanas e não realizadas por software de tradução, o que reduz os erros cometidos pelos ditos softwares, e em segundo lugar porque, se tivermos em conta o numero de pessoas envolvidas, o numero de verificações antes da aprovação, chegamos à conclusão que é extremamente difícil existirem falhas. Resumindo tudo o que esta acima: traduções humanas são mais fiáveis e precisas do que traduções com software.
13.	Sempre é mais fiável do que a tradução computadorizada.
14.	porque o conhecimento que temos hoje sempre foi com base no conhecimento da população e ja vi em apresentação que os resultados são bastante bons
15.	Porque, frequentemente, este modelo é moderado por responsáveis que asseguram, entre outros, a correção linguística e a coesão e a utilização de um estilo comum entre as traduções.
16.	No caso do Facebook por exemplo, as traduções são revistas por várias pessoas e avaliadas, só depois aceites. Não há que desconfiar.
17.	Porque acredito que quando as pessoas dispendem tempo neste tipo de atividades, o fazem também por interesse próprio ou porque pretendem usufruir do produto final que resultará do trabalho colaborativo. Assim sendo, parto sempre da base de que as pessoas fazem o melhor que podem/sabem neste tipo de situações, muito embora isso não garanta a qualidade da tradução final.
18.	Auto-regulação
19.	Porque, mesmo sendo realizadas por pessoas sem formação genérica em

	tradução, são levadas a cabo por profissionais do domínio, altamente motivados e competentes na sua língua de especialidade.
20.	A noção que tenho é que apenas pessoas interessadas e motivadas se envolvem neste tipo de colaboração. Pelo meu conhecimento, há ainda uma equipa de revisores que se assegura de que o trabalho realizado tem a qualidade necessária para ser publicado/difundido.
21.	São traduções que, regra geral, cumprem aquilo que se propõem. Ou seja, são traduções cujo objectivo é permitir a compreensão de uma informação pelo utilizador e não a produção de um texto bem elaborado ou consistente.
22.	No projeto existiam revisores que se asseguravam da qualidade do produto final.
23.	sao sistemas seguros
24.	diversidade de fontes. Porém sempre com verificação posterior.
25.	pois demonstra a capacidade dos nossos estudantes
26.	No TED pq tem sistema de revisão, imperfeito mas quando funciona, funciona.
27.	Por norma são feitas por pessoas que se interessam pelo assunto.
28.	Porque, em princípio, quem emite opinião deve ter algum tipo de certeza :)
29.	Sou
30.	Tenho encontrado boas traduções embora, de uma forma geral, não se possam utilizar literalmente.
31.	Os meus conhecimentos de línguas permitem-me "validar" a qualidade da tradução.
32.	Porque normalmente quem colabora neste tipo de traduções tem determinados skills para o efeito.
33.	Face às necessidades do dia dia e às suas exigências produz efeitos positivos.
34.	Porque até á data nunca me apercebi de algo errado.
35.	Uma vez que são várias pessoas a traduzir, qualquer erro pode ser corrigido por outros, ou adaptado para melhor transmitir a informação.
36.	Porque muita gente poderá corrigir

37.	Porque acho que as pessoas que o fazem são responsáveis
38.	Porque são normalmente pessoas do país que ajudam a traduzir... não digo que é 100% fiável porque muita gente dá erros na sua própria língua
39.	espírito comunitário
40.	É uma forma de ajudar a ultrapassar muitas barreiras
41.	Normalmente as traduções são bem traduzidas
42.	faço traduções com frequência.
43.	parecem ser eficientes!
44.	Porque penso que quem se dispõe a fazer tal trabalho, perdendo para isso um bom bocado do seu tempo, deve ser uma pessoa bem qualificada. Mesmo que a tradução não seja excelente, servirá o propósito com certeza.
45.	ate hoje nao me desarei com uma situacao que nao estivessem bem
46.	Porque, à partida, as pessoas que realizam estas traduções têm interesse e capacidade para tal.
47.	Porque acredito que quanto mais pessoas trabalham junto para traduzir uma única frase, por exemplo, o resultado tende a ser melhor.
48.	Pois toda a comunidade pode revisar os erros, o mesmo processo de confiança de um programa open source.
49.	A comunidade, em geral, possui rapidez em reparar traduções incorretas.
50.	Feito por pessoas competentes.
51.	creio que quem se dedica a isso faz o melhor e dá o melhor de si.
52.	É mais livre e aberto para o público, onde podemos ajudar no crescimento de algo que gostamos, claro que devemos ter cuidado na avaliação das traduções.

Tabela 1: Listagem dos comentários indicativos de confiança na tradução colaborativo

Analisando todos os comentários formulados na tabela anterior, e apesar da diversidade de opiniões existir, é possível destacar especialmente cinco razões dominantes por parte dos respondentes, no que concerne a existência de confiança neste tipo de traduções:

- O trabalho colaborativo permite assegurar a qualidade do trabalho coletivo (comentários: 3, 7, 9, 12, 14, 16, 18, 35, 36, 39, 47, 48, 49, 52);
- Quem o faz terá as competências necessárias (comentários: 1, 11, 19, 31, 32, 37, 38, 45, 50);
- Quem o faz é bem-intencionado e sente responsabilidade (comentários: 5, 17, 20, 27, 28, 46, 51);
- Este método é moderado por um conjunto de responsáveis que asseguram a qualidade (comentários: 14, 20, 22);
- Porque nunca detetei problemas neste tipo de traduções (comentários: 34, 41, 43).

De facto, tendo em conta somente o espectro de respondentes que afirmou ter confiança neste tipo de traduções, é possível verificar que a maioria considera o elemento “comunidade” como decisivo no processo de validação da qualidade de tradução. Não descartam a possibilidade de surgirem erros de tradução, mas consideram que o trabalho coletivo, assim com o sistema de auto-regulação implementado, terão a capacidade de detetar os erros e formular melhores opções tradutivas.

Acreditam também que os indivíduos que intervêm neste tipo de processos terão, à partida, as competências necessárias para desempenhar este tipo de papel. Neste ponto em particular observa-se, uma vez mais, a crença dos participantes nas boas intenções dos restantes, considerando que ninguém se envolveria num projeto desta natureza caso não possuísse as competências necessárias para o efeito. É possível, desta forma, detetar que também por parte dos participantes há uma confiança de fé depositada nos restantes participantes, mesmo que não conheçam as pessoas em causa.

Este ponto acaba por estar também ligado ao ponto seguinte, quando elegem as boas intenções e o sentimento de responsabilidade dos participantes para atestar a confiança neste tipo de traduções. Neste caso, os respondentes acreditam que nenhum indivíduo se

envolveria num projeto deste tipo de má-fé, pelo que as pessoas envolvidas apenas quererão, efetivamente, prestar um contributo à comunidade.

Por fim, e com menor expressão, surgem os respondentes que justificam a sua confiança pela existência de uma equipa de regulação do processo e os respondentes que confiam, uma vez que nunca se depararam com erros no produto tradutivo deste tipo de trabalho colaborativo.

De facto, torna-se claro que parte dos respondentes deste questionário centra a sua confiança em elementos não só fatuais (a existência de um processo de revisão e votação), mas também em elementos que poderão, ou não, existir e que apenas se confirmam nas suas convicções pessoais. Neste caso, é possível identificar a certeza com que afirmam que as pessoas envolvidas neste processo serão bem-intencionadas, caso contrário não participariam, ou quando mencionam que as pessoas terão, à partida, competências para realizar esta tarefa, caso contrário também não o fariam. Este tipo de assunções dificilmente poderá ser confirmado e, com certeza, existirão sempre casos, em maior ou menor monta, que contradizem estas convicções.

- **Respostas negativas (não tem confiança)**

Nem todas as respostas relativamente à existência de confiança neste tipo de traduções foram positivas. De facto, uma parte dos respondentes afirmou não depositar confiança neste tipo de traduções, identificando as razões que sustentam essa mesma convicção.

Os comentários recolhidos nesta fação encontram-se igualmente numerados, de forma a permitir uma melhor identificação de alguns elementos. Todos os comentários encontram-se fielmente reproduzidos, tal como os anteriores.

1	Há uma tendência para traduzir demasiado "à letra", pelo que acabo por preferir a versão original.
2	Penso que não há nenhuma validação de qualidade.

3	Porque nunca participei em nenhuma!
4	Porque o que tenho visto traduzido por esse tipo de traduções está normalmente mal traduzido...
5	Por ter a ideia de pouca preparação dos tradutores...
6	Não há garantia que os participantes tenham formação adequada para realizar trabalhos de tradução
7	Dentro das línguas que falo, consigo ter um espírito crítico relativamente às traduções. Com base no que vejo nas línguas que domino, inferi para outras situações que este tipo de traduções por vezes comporta incorrecções.
8	Não sei até que ponto são fiáveis, uma vez que são várias pessoas na sua elaboração.
9	Difícil QA
10	Derivam do uso e do número de utilizações e não de trabalho científico.
11	Uma vez que podem ser feitas por qualquer pessoa, com ou sem conhecimentos para tal, não me transmite muita confiança.
12	Porque o conhecimento coletivo não é certo para todas as áreas. Julgo que a tradução de um site com linguagem técnica deverá ser cuidada. Para sites mais genéricos e à falta de poder monetário e avisando a comunidade que frequenta o site, poderá ser uma solução interessante.
13	A pessoa que dá o contributo pode não estar habilitada para o fazer.
14	Porque não se pode aferir a qualidade da tradução e ninguém se responsabiliza
15	Porque não sei se o indivíduo estará devidamente habilitado para o fazer.
16	Porque a Tradução deverá ser levada a cabo apenas por profissionais com formação adequada. Uma tradução mal feita pode ser um verdadeiro desastre aos mais variados níveis.
17	Porque qualquer pessoa pode traduzir, seja uma pessoa capaz ou não.
18	Costumam, pelo menos pelo que tenho visto, surgido traduções em português do Brasil quando as traduções pedidas são de português europeu.

19	Acho que a possibilidade de erro é bastante elevada.
20	Demasiado "democráticas"
21	Porque as que encontrei tem vários erros
22	Não tenho experiência de utilização suficiente para avaliar
23	No Brasil, isso se leva a serio, tirando certas pessoas. Tem pessoas que sabem traduzir, as que colocam qualquer tradução por não saber o que é, ou para "brincar" simplesmente.
24	Porque neste tipo de traduções existem muitos vândalos e pessoas mal instruídas, que acabam por fazer traduções equivocadas.
25	Confio quando sou eu que faço. Quando não é por alguém conhecido, identificável ou não tem pré-seleção dos voluntários, isso se torna mais difícil.
26	Pois nem todos os indivíduos que se dedicam a este tipo de tradução aberta e livre têm a capacidade linguística ou técnica de traduzir correctamente ou apropriadamente.
27	Tem algumas falhas.
28	Porque mesmo sem termos grandes conhecimentos na língua traduzida, conseguimos ver que existem erros de tradução.
29	Os termos técnicos, em especial, são muitas vezes incorrectos.
30	Porque podem ser feitas por pessoas sem nenhum grau de conhecimento, logo podemos ser induzidos em erro.
31	Muitas destas traduções são feitas com recurso a tradutores em linha automáticos e não respeitam regras básicas de sintaxe.
32	Essas traduções dependem não diretamente de mim
33	Não, pois há algumas pessoas que não sabem traduzir o mais certo possível, apenas a deixa genérica ou coloca a tradução errada mesmo. Na maioria das vezes isso atrapalha os demais.
34	geralmente estão incorrectas
35	Porque qualquer indivíduo pode traduzir e pode não ter as capacidades suficientes

	para tal
--	----------

Tabela 2: Listagem dos comentários indicativos de ausência de confiança na tradução colaborativo

Neste grupo de comentários é igualmente possível destacar uma tipologia de opiniões que surge com maior frequência. Assim, apesar da diversidade de respostas, foi possível analisar que as opiniões registadas acerca da ausência de confiança neste tipo de traduções residiam, essencialmente, nos seguintes motivos:

- Pouca competência dos participantes envolvidos, dado que qualquer pessoa pode participar (comentários: 5, 4, 11, 13, 15, 16, 17, 24, 25, 26, 30, 33, 35);
- Deparar-se frequentemente com erros de tradução (comentários: 4, 7, 21, 27, 28, 34);
- Serem demasiadas pessoas envolvidas no processo (comentários: 8, 12, 20).

O maior destaque reside na falta de confiança que estes respondentes depositam nas competências, ou falta delas, das pessoas envolvidas. O facto de a participação ser completamente aberta a todos os intervenientes que o desejarem poderá conduzir, na perspetiva destes respondentes, à colaboração de pessoas que não possuem as competências linguísticas para o fazer. Como refere um dos respondentes, através do comentário 16 “a Tradução deverá ser levada a cabo apenas por profissionais com formação adequada. Uma tradução mal feita pode ser um verdadeiro desastre aos mais variados níveis.”

A má experiência registada com traduções deste tipo é outro dos fatores identificados pelos respondentes, dado que afirmam já se ter deparado com traduções erradas, contribuindo isso para a diminuição da sua confiança neste tipo de trabalho.

Algumas destas opiniões podem igualmente demonstrar um certo sentimento de superioridade que, aliás, poderá ser encarado como uma motivação transversal. Dos respondentes que emitiram a sua opinião, pode depreender-se que alguns consideram ter a capacidade necessária para ler na língua de partida e criticar a tradução: 1, 4, 7, 18, 21, 27,

29, 34. Por outro lado, existem outros respondentes que consideram ter capacidade para traduzir, mas apenas não o fazem por falta de tempo: 25, 32.

Há, também, quem considere que o facto de ser um processo que envolve um número de pessoas substancial, também pode não surtir o efeito desejado. O comentário 12 refere até que “o conhecimento coletivo não é certo para todas as áreas”. Apesar da questionabilidade desta afirmação, a realidade é que se este aspeto é positivo para muitos dos respondentes, também os há que consideram que quanto mais pessoas envolvidas mais complicado de gerir e controlar se torna.

Por fim, e para finalizar o inquérito, foi igualmente solicitado aos respondentes que deixassem um comentário se assim achassem pertinente. Esta questão foi colocada a todos os respondentes do inquérito, mas a resposta à mesma era opcional. Registaram-se somente 14 opiniões por parte dos respondentes deste inquérito, que são as que se podem observar de seguida.

Uma vez mais, convém ressaltar que os comentários abaixo identificados foram literalmente reproduzidos.

1	Em minha opinião, o problema não se põe apenas nas traduções "colaborativas". Há erros frequentes em traduções que supomos serem feitas por profissionais, nomeadamente nas legendas dos filmes.
2	Por acaso já tive a ideia de o fazer, mas não tenho muito tempo e sei que para já não ia ter a disponibilidade suficiente para isso, mas faz falta à Internet um site de traduções gratuitas e voluntárias, com sistema de pontuação do género do "stack overflow", onde se ganhassem pontos e badges por boas traduções. Não sei se é essa a vossa ideia, mas caso seja apoio-a a 100% ;) Caso precisem de um programador, aqui fica o meu contacto: promatik@gmail.com, http://promatik.no.sapo.pt
3	Deixem a tradução para os tradutores...
4	Acredito que este tipo de paradigma ganhe cada vez maior força em função da necessidade de disseminação do conhecimento e da necessidade de dar a conhecer

	projectos específicos de grande valor.
5	É urgente uma revisão de quem pode, efectivamente, trabalhar em Tradução. Saber uma língua estrangeira não chega. É importante que os tradutores tenham o reconhecimento que merecem assim como é muito importante a obrigatoriedade de uma carteira profissional, como acontece em profissões como a advocacia, engenharia, arquitectura, jornalismo, entre outras.
6	Boa sorte para a sua investigação
7	Não tenho confiança mas acho que pode ajudar bastante em caso de dúvida porque quem tiver conhecimentos de tradução pode ser capaz de entender a tradução proposta e tirar as devidas relações.
8	Neste caso específico, nunca ouvi falar em "crowd translation", mas parece-me interessante...
9	Eu acho muito interessante usar desse sistema, para promover um site no meu idioma, so que as vezes, isso parece que nao valeu a pena, pelo simples fato de que fica acessivel a pessoas que nao levam a serio. Por isso eu prefiro estar em um site onde tudo e em ingles, porque la so entra pessoas que conhecem, geralmente pessoas mais "cultas". E chato falar isso, mas e a realidade do Brasil.
10	Seria útil ter a tradução no Facebook ajudava bastante em linguas, por exemplo, inglês francês alemão entre outras linguas.
11	A partir do momento que o Facebook é uma empresa cotada em bolsa, com o objectivo do lucro, e não mais uma ferramenta comunitária, se quiserem traduções que as paguem!
12	Seramente, deveria ter um certo tipo de "teste" antes que alguém possa fazer esse tipo de tradução.
13	Gosto de ajudar mas não colaboro em todas os projetos, tradução é um trabalho duro e que merece reconhecimento.

14	Não conheço projetos específicos de crowd translation mas me ofereci em tradução voluntária.
----	--

Tabela 3: Comentários opcionais sobre os processos de tradução colaborativa

Apesar de terem sido registadas somente 14 opiniões, tanto são observáveis indivíduos que não conhecem a crowd translation (nº 8 e 14), como indivíduos que consideram este sistema interessante (nº2). Podem igualmente verificar-se opiniões que reconhecem a fragilidade do sistema (nº 12), assim como outras que, simplesmente consideram que este tipo de modelo tradutivo não deveria ter um carácter voluntário e ser antes feito por profissionais (nº 3, 5 e 11).

O número de opiniões registado é claramente residual, mas permite a observação de determinadas particularidades que, apesar da sua importância relativa, vão de encontro a algumas preocupações que abundam neste modelo e que se relacionam com a limitação de competências que alguns utilizadores revelam neste tipo de traduções. A título de exemplo é possível destacar os comentários nº 2 e nº13, onde os respondentes afirmam que gostariam de participar neste tipo de processos, ao mesmo tempo que evidenciam problemas de escrita na redação do comentário. Não é possível saber, de forma factual, se estes indivíduos o fizeram efetivamente. No entanto, é uma situação que conduz, uma vez mais, a uma reflexão sobre a abertura deste tipo de processos a todos os indivíduos que pretendam participar neles.

Em suma, e tendo os dados obtidos nos questionários por base, é possível retirar algumas ilações acerca da forma como os utilizadores das redes sociais, com especial enfoque no Facebook e no Twitter, encaram a questão da tradução colaborativa e do seu impacto/valor na rede, sendo que as perspetivas dos respondentes suportam posições algo opostas. Assim, poderá depreender-se que apesar do conhecimento acerca deste modelo de tradução já ser significativo, será prudente dizer que uma maioria significativa dos utilizadores não tem conhecimento da presença dele. Dos que compreendem a existência deste modelo de tradução, apenas uma pequena parte acaba por, de facto, contribuir para ele. Existem igualmente posições contraditórias acerca da validade deste tipo de modelos, mas acaba

por ser certo que as pessoas que neles participam confiam no trabalho voluntário que produzem independentemente da sua formação de base contribuir, ou não, para a execução desse trabalho.

6 CONCLUSÕES

A investigação apresentada destinou-se a aprofundar tanto teórica como empiricamente a emergência de confiança tradutiva em processos de tradução colaborativa efetuados por indivíduos comuns nas redes sociais, com particular enfoque no Facebook e no Twitter. Foi seu objetivo, portanto, compreender como se consegue desenvolver confiança num processo que, à partida, não reuniria as condições necessárias para produzir um trabalho ao nível de profissionais.

Esses processos aqui explorados, denominados por crowdsourcing de traduções ou crowd translation podem contribuir de uma forma significativa para alterações no paradigma dos estudos descritivos da tradução, pelo que o estudo que aqui se desenvolveu revelou algumas dessas mesmas mudanças.

Antes de discorrer sobre o desenvolvimento desta investigação e de refletir sobre os resultados alcançados, há que evidenciar dois obstáculos que são o tempo e a amostra. No que concerne o tempo, há que reconhecer que se, efetivamente, o tempo não fosse uma variável a ter em profunda consideração poderia, eventualmente, ter sido mais profícuo o desenvolvimento do estudo de forma infiltrada, com outra conta de Facebook e contribuindo efetivamente para as traduções do Facebook e para a comunidade de tradutores. Desta forma, haveria a possibilidade de criar laços com as pessoas intervenientes, e seria possível adquirir uma perceção mais próxima da realidade, permitindo um estudo com uma base de confiança pré-estabelecida, de uma pessoa supostamente integrada na comunidade e com a qual todos gostariam de colaborar, fosse na resposta ao inquérito, fosse a partir de uma entrevista.

No entanto, a aplicação de uma metodologia desta natureza iria implicar mais de um ano só de participação e integração nas comunidades, de criação de uma presença constante, de contacto, do estabelecimento de raízes. Tudo isto levaria mais tempo do que aquele que se previa disponível para a realização desta tarefa, pelo que uma abordagem real e concreta, a partir da pessoa da investigadora, julgou-se como sendo a mais apropriada neste contexto,

sendo necessário lidar com as consequências que daí adviessem, nomeadamente no que diz respeito à participação de pessoas externas ao ciclo de conhecimentos da investigadora.

Em todo o caso, apraz-se verificar que a metodologia adotada acabou igualmente por apresentar resultados bastante satisfatórios, pelo que se acredita que, dadas as circunstâncias foi o melhor caminho a seguir.

A outra limitação que se reconhece neste estudo prende-se com a dimensão da amostra tratada. Efetivamente tornou-se claro que um estudo desta natureza teria um interesse acrescido se pudesse ter sido alargado a uma comunidade de respondentes muito maior, em que fossem tratados resultados na base dos milhares. No entanto, devido a uma serie de fatores que já acabaram por ser enumerados ao longo da tese, essa situação acabou por não ser possível e reuniram-se menos de 200 respostas para análise. Ainda assim, acredita-se que os resultados recolhidos acabam por refletir, em certa medida, aquilo que se previa como sendo a realidade associada a este tipo de fenómeno, pelo que as ilações que puderam ser retiradas dos resultados poderão igualmente dar o seu contributo para a compreensão do fenómeno.

Assim, de forma a evidenciar de forma mais estruturada o percurso levado a cabo nesta investigação, assim como o seu contributo para a compreensão da mesma, serão analisados os capítulos que a compõe.

No capítulo 2 desta tese foram explorados os caminhos e as bases que conduziram à exploração do fenómeno crowd translation passando, no início, por um enquadramento teórico sobre a tradução e pela relação da tradução com os avanços tecnológicos. Esta revisão da literatura permitiu compreender que os Estudos Descritivos da Tradução são um quadro especialmente indicado para representar esta realidade, dada a relevância que conferem ao texto de destino e ao público de destino. Foram igualmente abordados os modelos de tradução onde o impacto tecnológico é mais notório, evidenciando-os como o ponto de partida tecnológico para outras mudanças que se foram operando e que encontram eco em sistemas que promovem o desenvolvimento da crowd translation.

Foram também recreados os fenómenos coletivos que influenciaram e influenciam a emergência de novos métodos de trabalho e de aprendizagem partilhada, suportando esta

reflexão teórica não só nas mudanças que a tecnologia e a Internet potenciam nas pessoas e na forma como elas desenvolvem o seu trabalho, como também compreendendo que a sociedade molda a tecnologia de acordo com as suas necessidades, valores e interesses. Nesse sentido, depreende-se a influência que o coletivismo tem na crowd translation, dado que o trabalho colaborativo desenvolvido neste tipo de fenómenos só se compreende mais claramente se se analisar determinados conceitos de base como: comunidades de prática virtuais, cidadania organizacional e crowdsourcing.

Partindo dos pressupostos inerentes ao conceito de coletivismo e de sociedade em rede, passa-se para um dos principais enfoques desta tese onde se discorre sobre o processo de crowd translation nas redes sociais. Em primeiro lugar, concluiu-se que este conceito se reflete num modelo de produção colaborativa de tradução, que alia a competência natural de tradução de colaboradores voluntários (de qualquer nível de competência e legitimidade no campo da tradução), ao conhecimento coletivo de voluntários espalhados pela web, tradutores ou não.

Neste sentido, outros fatores de relevo na análise deste fenómeno foram as motivações subjacentes, assim como as implicações que este tem na estratégia das entidades que os potenciam, fazendo alusão à primeira pergunta de investigação que se colocou nesta tese: Será que a tradução tem um valor estratégico na dinâmica das redes sociais?

De facto, a tradução surge como uma componente fundamental na estratégia de qualquer entidade que tenha a internacionalização como objetivo, assim como a pretensão de alcançar o maior número de pessoas/utilizadores possível, através da minimização de barreiras linguísticas. No entanto, a implementação de uma estratégia que passe pela promoção deste tipo de métodos colaborativos tem as suas implicações. Tal como em todos os projetos de voluntariado, uma das maiores preocupações subjacentes a programas de tradução voluntários é conseguir que estes sejam sustentáveis ao longo do tempo. Esse processo depende de diversas variáveis, sendo que uma delas é, por exemplo, a manutenção do interesse, ou seja, ter a capacidade de manter os voluntários motivados, para que o trabalho possa continuar a ser desenvolvido. Para além disso, é igualmente necessária a existência de uma estrutura tecnológica sólida, intuitiva, que seja capaz de suportar as contribuições tradutivas dos voluntários e que promova, ao mesmo tempo, um controlo da qualidade (sistemas de votação entre pares, por exemplo).

Assim, essas manobras de gestão configuram-se como essenciais à estratégia da empresa, dado o tempo investido tanto pelo Facebook como pelo Twitter, no melhoramento do sistema que potencia este processo.

Dada a ainda novidade do fenómeno, foi igualmente feita nesta tese uma incursão sobre os desafios que se colocam a este novo modelo e as perspetivas que se encontram sobre o mesmo, concluindo-se que, genericamente e partindo da perspetiva dos profissionais, este método ainda tem um largo caminho a percorrer, apesar dos benefícios que se retiram da sabedoria das multidões. Muitos profissionais levantam preocupações acerca da entrega de um trabalho de língua a pessoas que poderão não possuir as competências linguísticas necessárias para o concretizar. No entanto, as entidades promotoras desses fenómenos vão limitando essas preocupações à medida que o trabalho vai correspondendo às expectativas.

Ainda assim, pôde concluir-se que este modelo de tradução é mais popular em tarefas tradutivas cuja complexidade linguística é, aparentemente menor, uma vez que os interfaces das plataformas em linha são, tendencialmente, compostos por pequenos segmentos de texto em linguagem acessível para os utilizadores. Nesse sentido, parece observar-se que este fenómeno não encontra o mesmo tipo de popularidade em casos onde a complexidade linguística e textual é maior e requiere um tipo de competências que o público considera mais aprofundadas, como é o caso da literatura, por exemplo.

É de ressaltar, no entanto, que a metodologia de tradução por segmentos também prevalece no campo das traduções profissionais, dado o trabalho maioritariamente desenvolvido com o recurso a memórias de tradução. Nesse sentido, o Facebook, por exemplo, soube reconhecer as vantagens associadas a uma metodologia deste género associando-o ao sistema de tradução em plataforma que desenvolveu, permitindo assim condições técnicas semelhantes ao que já se desenvolve a nível profissional.

No capítulo 3 discorre-se sobre o perfil do tradutor voluntário e a forma como este encara o seu papel neste tipo de processos tradutivos, chegando-se à identificar os tradutores que povoam estas novas estratégias de tradução como essencialmente amadores e portadores de um sentido de comunidade e de voluntariado que acaba por tornar o seu perfil diferente do perfil de um tradutor que exerce esta atividade de forma profissional. Além disso, tem subjacentes a si motivações que permitiram propor um perfil tradutivo do tradutor

voluntário, como era aliás um dos objetivos associados a este trabalho de investigação. Os perfis socioprofissionais dos tradutores voluntários definidos nesta tese são três e caracterizam-se dentro das tipologias seguintes: Também são tradutores profissionais, sejam eles acreditados com um curso superior ou não; Não são tradutores profissionais, mas acreditam que possuem as competências necessárias para realizar esta tarefa e, por fim, não são profissionais, mas consideram que apesar de não reunirem as condições ideais para realizar esta tarefa são capazes de o fazer.

Ainda no capítulo 3 poderá observar-se outro ponto que marca este trabalho de investigação e que se relaciona com o contributo para a elaboração de um modelo teórico que sustente a existência de confiança tradutiva nos fenómenos de crowd translation. Ao fazê-lo, tenta-se igualmente produzir respostas que sejam capazes de defrontar as outras duas questões de investigação formuladas no âmbito desta tese: Será que as empresas que recorrem a processos de crowd translation têm confiança no método e no trabalho produzido? E será que os indivíduos que participam em processos de crowd translation têm confiança no trabalho que desenvolvem?

Antes de se prosseguir para as possíveis respostas a estas perguntas, foram exploradas, em primeiro lugar, as características que se encontram na base do conceito de confiança e que, em termos gerais, encaram a confiança como um sentimento positivo que envolve um determinado grau de crença em alguém, em algo ou alguma coisa. O relevo histórico da confiança na tradução foi igualmente evocado, como forma de compreender a preponderância deste conceito no imaginário social contemporâneo.

Para finalizar este capítulo, e dada a investigação efetuada, será possível afirmar genericamente que a resposta às duas perguntas de investigação formuladas será que a confiança das empresas em estudo (Facebook e Twitter) revela-se não só pelos constantes desenvolvimentos técnicos que vão implementando no sistema de tradução disponível, como também no desenvolvimento de meios que possam tornar o trabalho dos tradutores voluntários mais eficaz, como o desenvolvimento de um guia de estilo, por exemplo. Todas essas melhorias têm sido operadas ao longo do seu percurso com esta experiência, pelo que essa necessidade de melhoramento só espelha os benefícios que consideram ver associados ao modelo de crowd translation.

Quanto à confiança existente por parte dos tradutores voluntários envolvidos, e com base também nos questionários e nas entrevistas desenvolvidos pôde depreender-se que estes voluntários acreditam, que o trabalho que desenvolvem possui qualidade suficiente para dar um contributo efetivo a este modelo de tradução. No entanto, o tipo de confiança tradutiva entre os diversos intervenientes neste processo aparenta possuir características diferentes, pelo que nesta tese é proposta uma categorização, que pretende transparecer estas mesmas diferenças. As três denominações de confiança tradutiva propostas são: *confiança de fé*, *confiança fundamentada* e a *confiança ponderada*.

Este posicionamento teórico pretende clarificar a confiança tradutiva por parte das entidades que potenciam este processo, como também o posicionamento da confiança tradutiva por parte de quem integra estes fenómenos de tradução de forma voluntária e de quem deles beneficia. Assim, e numa tentativa de responder à pergunta de investigação que foi colocada, considerou-se que os indivíduos que desenvolvem este trabalho de forma comprometida e honesta acreditam na qualidade do trabalho que desenvolvem, apesar de por vezes não possuírem competências formais para o fazer, pelo que o tipo de confiança tradutiva que denotam deverá oscilar entre a confiança ponderada e a confiança fundamentada. No caso do modelo de tradução das empresas (Facebook e Twitter) considera-se que o tipo de confiança tradutiva é a confiança ponderada, dados os esforços que têm mantido para melhorar o processo, a par com os benefícios que consideram retirar dele. Teria sido mais profícuo confirmar estas perspetivas junto das próprias empresas, porém tal não foi possível como já explanado.

Apesar de não se ter constituído como uma pergunta de investigação, acredita-se igualmente, com base nos resultados obtidos através do estudo de caso, que os utilizadores das redes sociais desvelam uma confiança tradutiva ponderada e uma confiança tradutiva fundamentada, dado que, em geral, acreditam que o produto linguístico do interface das redes sociais será o correto.

No capítulo 4, é explanada a metodologia de investigação implementada nesta investigação, assim como os instrumentos de avaliação utilizados. Foi realizado um estudo de caso que permitiu a retirada de ilações acerca da forma como os utilizadores das redes sociais, com especial enfoque no Facebook, encaram a questão da tradução colaborativa e do seu impacto/valor na rede.

Dos resultados obtidos que se poderão consultar no capítulo 5, poderá depreender-se que apesar de existir um conhecimento significativo acerca do que é o modelo de crowd translation, esse conhecimento não é comum à maioria dos respondentes, assim como provavelmente também não será na população total do Facebook e do Twitter. Dos que afirmam ter conhecimento deste modelo de tradução, apenas uma pequena parte acaba por, efetivamente dar o seu contributo para ele. Conclui-se também que existem posições contraditórias acerca da validade deste tipo de modelos, mas acaba por ser certo que as pessoas que nele participam confiam no trabalho voluntário que produzem independentemente da sua formação de base contribuir, ou não, para a realização dessas traduções.

O discurso dos entrevistados também esclarece algumas questões de base, nomeadamente no que diz respeito ao posicionamento das redes sociais junto dos tradutores voluntários, posicionamento esse que parece ser escasso e que denota uma dificuldade de comunicação entre o organismo promotor da tradução e o próprio tradutor voluntário, contradizendo a noção de que os tradutores voluntários para fazerem um bom trabalho deverão ser motivados para que o seu interesse seja mantido.

Em suma, esta reflexão sobre a crowd translation torna evidente que nada é estanque entre as categorias profissionais e voluntárias daqueles que executam trabalhos de tradução. Se não existir em tradutores voluntários associados a projetos de crowd translation, fica por saber se realmente as tarefas específicas, os géneros textuais e os volumes de palavras desenvolvidos por estas comunidades fariam parte ou não do fluxo de traduções assumido pelos canais profissionais convencionais. Assim, fica por saber até que ponto a massa de texto traduzido de maneira colaborativa pode ser o fruto do seu próprio desenvolvimento social e tecnológico. Este caminho encontra-se por explorar e seria tema para um desenvolvimento futuro desta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

- Adams, Barbara (2005). Trust vs. Confidence, Toronto: Department of National Defence.
Em linha. Ligação: <http://cradpdf.drdc-rddc.gc.ca/PDFS/unc48/p524541.pdf>
(consultado a 07/05/2012).
- Ambati, Vamshi; Vogel, Stephan e Carbonell (2010). Active Learning and Crowd-Sourcing for Machine Translation. Em linha. *Proceedings of the Seventh International Conference on Language Resources and Evaluation*. Ligação: https://www.academia.edu/2876378/Active_learning_and_crowdsourcing_for_machine_translation
- Arrington, Michael (2008). Facebook Turns 1,500 Users Into Spanish Translation Slaves. Em linha. *TechCrunch* (publicado a 7 de Fevereiro) Ligação: <http://techcrunch.com/2008/02/07/facebook-turns-1500-users-into-spanish-translation-slaves/>
- Austermühl, Frank (2011, Setembro). Clouds and Crowds: Current Developments in Translation. Em T21N - *Translation in Transition*. Em linha. Ligação: <http://www.t21n.com/homepage/articles/T21N-2011-09-Austermuehl.pdf> (consultado a 02/11/2013)
- Bach, Nguyen; Huang, Fei e Al-Onaiza, Yaser (2011). Goodness: A Method for Measuring Machine Translation Confidence. Em *Proceedings of the 49th Annual Meeting of the Association for Computational Linguistics*. Portland: Association for Computational Linguistics, 211-219. Em linha. Ligação: <http://www.cs.cmu.edu/~nbach/papers/ACL2011.pdf> (consultado a 01/01/2015)
- Baer, Brian (2014). “Through the Cold War Lens – Russian and US interpreters as cultural and political mediators”. Em Fernández-Ocampo, Anxo e Wolf, Michaela (eds), *Framing the Interpreter - Towards a visual perspective (190-199)*. Londres e Nova Iorque: Routledge.

- Baer, Naomi (2010). "Crowdsourcing: outrage or opportunity". Em linha. *Translorial – Journal of the Northern California Translators Association* (online Edition), (publicado a 1 de Fevereiro). Ligação: <http://translorial.com/2010/02/01/crowdsourcing-outrage-or-opportunity/> (consultado a 26/11/2013).
- Baker, Mona (1992). *In Other Words - A Coursebook on Translation*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Baker, Mona (2009). Norms. Em Baker, Mona e Saldanha, Gabriela (eds), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (189-193). Nova Iorque: Routledge.
- Baker, Mona (2010). "Interpreters and Translators in the War Zone - Narrated and Narrators". *The Translator*, v. 16, n. 2, 197-222. Em linha. Ligação: https://www.academia.edu/228635/Interpreters_and_Translators_in_the_War_Zone_Narrated_and_Narrators (consultado a 21/03/2014).
- Barber, Bernard (1983). *The Logic and Limits of Trust*. Rutgers University Press.
- Baron, Naomi (sem data). Does technology have a negative effect on the way we use language? Em linha. *Curiosity – Discovery*. Ligação: <http://curiosity.discovery.com/question/technology-negative-effect-language> (consultado a 11/07/2014).
- Bassnett, Susan (2002). *Translation Studies*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Beaud, Stéphane e Weber, Florence (2003). *Guide de l'enquête de terrain*. Paris: Éditions La Découverte.
- Bell, Roger (1991). *Translation and Translating*. Londres: Longman.
- Berg, Bruce (2001). *Qualitative Research Methods for the Social Sciences*. Boston: Allyn and Bacon.
- Beninato, Renato e DePalma, Donald (2006). Collaborative Translation. *Multilingual Magazine*, 2008. Resource Directory & Index 2007. Em linha.

Ligação: <http://pt.scribd.com/doc/4069269/Structuring-Collaborative-Translation-2-0-Less-Delivery-Time-Better-Quality> (consultado a 20/05/2014).

Bloomfield, Leonard (1933). *Language*. Londres: John Allen & Unwin Ltd.

Bogle, Nicola (2007). Translation Errors Cause Lost Revenue in 80 Percent of Global Firms - Product launches delayed due to communication ignorance. Em linha. *BusinessWire* (publicado a 30 de Março). Ligação: <http://www.businesswire.com/news/home/20070330005539/en/Translation-Errors-Lost-Revenue-80-Percent-Global#.U4mr1Cg2R0o> (consultado a 30/05/2014).

Bramowicz, Matt (2012). 5 Historically Legendary Translation Blunders. Em linha. *Lackuna* (publicado a 13 de Abril). Ligação: <http://www.lackuna.com/2012/04/13/5-historically-legendary-translation-blunders/#flj6G4IAprvcoG1w.99>

Bravo, Maria Pilar e Eisman, Leonor (1998). *Investigación Educativa*. Sevilha: Ediciones Alfar.

Brogan, Chris, e Smith, Julien (2010). *Trust agents: Using the web to build influence, improve reputation, and earn trust*. Nova Jérsea: John Wiley & Sons, Inc.

Brownlie, Siobhán (2009). Descriptive vs. committed approaches. Em Baker, Mona e Saldanha, Gabriela (eds), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (77-80). Nova Iorque: Routledge.

Casa dos Bites (2009). 3,2 milhões de portugueses ligam-se ao hi5. *Tek Sapo* (publicado a 29 de Maio). Em linha. Ligação: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/3_2_milhoes_de_portugueses_ligam_se_ao_hi5_997105.html (consultado a 02/11/2013).

Castells, Manuel (2005). The Network Society: From Knowledge to Policy. Em Castells, Manuel e Cardoso, Gustavo (eds), *The Network Society: From Knowledge to Policy* (3-22). Washington, DC: Johns Hopkins Center for Transatlantic Relations.

Castells, Manuel (2007). *O Poder da Identidade - A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Lisboa: Edições Da Fundação Calouste Gulbenkian.

- Catford, John (1965). *A Linguistic Theory of Translation*. Oxford: Oxford University Press.
- Chromá, Marta (2014). The role of translation in professional communication. Em Bhatia, Vijay e Bremner, Stephen (eds), *The Routledge Handbook of Language and Professional Communication* (147-164). Nova Iorque: Routledge.
- Clark, Jack (2014). Google admits 'garbage in, garbage out' translation problem. Em *The Register*. Fevereiro, Em linha. Ligação: http://www.theregister.co.uk/2014/02/06/google_translate_issue/ (consultado a 17/07/2014)
- Cofta, Piotr (2007). *Trust, Complexity and Control: Confidence in a convergent world*. Chichester: John Wiley & Sons Ltd.
- Cohen, Louis; Manion, Lawrence e Morrison, Keith (2007). *Research Methods in Education*. Londres & Nova Iorque: Routledge.
- Cohen, Nissim e Arieli, Tamar (2011). “Field research in conflict environments: Methodological challenges and snowball sampling”. *Journal of Peace Research*, v.48, nº.4, 423–435. Em linha. Ligação: <http://jpr.sagepub.com/content/48/4/423.full.pdf+html> (consultado a 14/05/2013).
- Colquitt, Jason; Scott, Brent e LePine, Jeffery (2007). “Trust, Trustworthiness, and Trust Propensity: A Meta-Analytic Test of Their Unique Relationships With Risk Taking and Job Performance”. *Journal of Applied Psychology*, v. 92, n. 4, 909–927.
- Constantine, Josh (2012). Pinterest Hits 10 Million U.S. Monthly Uniques Faster Than Any Standalone Site Ever –comScore. Em linha. *TechCrunch* (publicado a 7 de Fevereiro). Ligação: <http://techcrunch.com/2012/02/07/pinterest-monthly-uniques/> (consultado a 25/06/2012).
- Corbetta, Piergiorgio (2003). *Social Research Theory, Methods and Techniques*. Londres: Sage Publications.

- Corbin, Juliet e Strauss, Anselm (2008). *Basics of Qualitative Research 3ª Edição*. Los Angeles: Sage Publications.
- Cosenza, Vincenzo (2013). World Map of Social Networks. Em linha. *Vincos Blog* (publicado em Dezembro). Ligação: <http://vincos.it/world-map-of-social-networks/> (consultado a 07/01/2013).
- Covey, Stephen e Link, Greg (2012). *Smart Trust*. Londres: Simon & Schuster.
- Covey, Stephen e Merrill, Rebecca (2006). *The Speed of Trust – The one thing that changes everything*. Londres: Simon & Schuster.
- Cox, Michael & Vashee, Kirti (2010). Collaboration and localization. Em linha. *TC World* (publicado em Julho). Ligação: <http://www.tcworld.info/e-magazine/business-culture/article/collaboration-and-localization/> (consultado a 27/12/2011).
- Creswell, John (2003). *Research Design: Qualitative, Quantitative and Mixed Method Approaches*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Crowdsourcing (sem data). 140 Story – From Reality to Another. Em linha. Crowdsourcing.org. Ligação: <http://www.crowdsourcing.org/blog/140story-todellisuudesta-toiseenfrom-reality-to-another/5690> (consultado a 05/02/2012).
- Cuellar, Sergio (2002). “Equivalence Revisited: A Key Concept in Modern Translation Theory”. *Forma y Función*, n. 15, 60-88. Em linha. Ligação: <http://www.idiomtransfer.com/pdf/artikel1.pdf> (consultado a 14/07/2012).
- Darwish, Ali (2000). Is Translation Natural?. Em linha. Ligação: <http://www.translocutions.com/translation/natural.pdf> (consultado a 03/03/2014).
- Dolmaya, Julie (2010). Crowdsourcing: One of the top two threats to professional translators?. Em linha. *Julie McDonough Dolmaya, PhD - Some thoughts on translation research and teaching*. Ligação: <http://mcdonough-dolmaya.ca/2010/03/26/crowdsourcing-one-of-the-top-two-threats-to-professional-translators/> (consultado a 14/02/2014).

- Dolmaya, Julie (2012). Analyzing the Crowdsourcing Model and Its Impact on Public Perceptions of Translation. *The Translator: Non-Professionals Translating and Interpreting. Participatory and Engaged Perspectives*, v.18, n.2, 167-91. Em linha. Ligação: <https://www.stjerome.co.uk/tsa/abstract/14604/>(consultado a 07/06/2013).
- Dyne, Lynn; Vandevale, Don; Kostova, Tatiana; Latham, Michael e Cummings, L. (2000). "Collectivism, propensity to trust and self-esteem as predictors of organizational citizenship in a non-work setting". *Journal of Organizational Behavior*, n. 21, 3-23. Em linha. Ligação: <http://www.linnvandyne.com/papers/JOB%202000%20Van%20Dyne%20OCB%20non%20work%20setting.pdf>(consultado a 07/01/2012).
- eBizMBA (2014). Top 15 Most Popular Social Networking Sites. Em linha. eBiz | MBA. Junho. Ligação: http://www.ebizmba.com/articles/social-networking-website_s (consultado a 09/06/2014).
- Esselink, Bert (2000). *A Practical Guide to Localization*. Amesterdão e Filadélfia: John Benjamins Publishing Company.
- Esteki, Azadeh (2010). Corpus Linguistics Approach: A Novel Framework for Translation Studies Research. Em linha. *Translation Directory*. Ligação: <http://www.translationdirectory.com/articles/article2123.php>(consultado a 14/08/2012).
- Facebook Translation Team (2014). European Portuguese Style Guide for Community. Em linha. Ligação: https://www.facebook.com/download/1441348609471277/Facebook_Style_Guide_pt_PT_for_Community.pdf (consultado a 22/07/2014).
- Fawcett, Peter (2003). *Translation and Language - Linguistic Theories Explained*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- Fernández Ocampo, Anxo (1999) "Erro ergo rego - une fonction pour les anecdotes sur la traduction". Em *Actes du XVe Congrès de la Fédération Internationale des Traducteurs*, v.1, 229-232. Mons: FIT.

- Fernández Ocampo, Anxo (2014) Guía de curso para a formación no grao de doutoramento, 2014-2015. Documento interno. Doutoramento en Tradución & Paratradución, Universidade de Vigo.
- Flick, Uwe (2006). *An introduction to qualitative research*. Londres: Sage Publications.
- Foddy, William (2001). *Constructing Questions for Interviews and questionnaires – Theory and Practice in Social Research*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gascoigne, Adriana (2008). Hi5 Increases Global Reach with Launch of New Community-Driven Translations. Em rede. *Adriana Gascoigne website*. 3 de Outubro. Ligação: <http://www.adrianagascoigne.com/2008/10/03/hi5-increases-global-reach-with-launch-of-new-community-driven-translations/> (consultado a 02/11/2013).
- Genabith, Josef Van (2009). Three Challenges for Localisation. Em rede. Ligação: https://www.flarenet.eu/sites/default/files/van_Genabith_Presentation.pdf (consultado a 01/05/2014).
- Genabith, Josef Van (2012). Centre for Next Generation Localisation Annual Report 2012. Em linha. Ligação: <http://www.cngl.ie/wp-content/uploads/2013/02/CNGL-Annual-Report-2012.pdf> (consultado a 01/05/2014).
- Ghosh, Rishab, e Prakash, Vipul (2000). “The Orbiten Free Software Survey”. *First Monday*, v. 5, n. 7 (publicado a 3 de Julho). Em linha. Ligação: <http://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/769/678> (consultado a 15/04/2012).
- Giddens, Anthony (1984). *The Constitution of Society: Outline of the Theory of Structuration*. Cambridge: Polity Press
- Glasbergen, Randy (sem data). Toon 347. Em linha. Ligação: <http://www.glasbergen.com/cartoons-about-social-networking/> (consultado a 15/04/2014).

- Goldsmith, Stephen; Georges, Gigi; e Burke, Tim Glynn (2010). *The Power of Social Innovation: How Civic Entrepreneurs Ignite Community Networks for Good*. Nova Jérsea: John Wiley & Sons.
- Gomes, Ana (2010). *Tradução Automática e Linguagens Controladas: Contributos para um Português Controlado* (Tese de Mestrado). Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Em linha. Ligação: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3656/1/ulfl082230_tm.pdf (consultado a 15/02/2013).
- Gorard, Stephen e Taylor, Chris (2004). Combining Methods in Educational and Social Research. Em Torrance, H. (ed.), *Conducting Educational Research* (42-57). Maidenhead: Open University Press.
- Gray, Bette (2004). “Informal Learning in an Online Community of Practice”. *Journal of Distance Education/Revue de l'enseignement à distance*, v.19, n.1, 20-35.
- Griffin, Dale e Tversky, Amos (2002). The weighing of evidence and the determinants of confidence. Em Gilovich, Thomas; Griffin, Dale e Kahneman, Daniel (eds). *Heuristics and biases: The psychology of intuitive judgment* (230-249). Nova Iorque: Cambridge University Press.
- Guyon, Andre (2010). “The ups and downs of online collaborative translation”. *Language Update*, v.7, n.1, 33. Em linha. Ligação: http://www.btb.termiumplus.gc.ca/tpv2guides/guides/favart/index-fra.html?lang=fra&lettr=indx_autr8o7vhUcC4c0s&page=9Q0FtHBZRpRk.html (consultado a 25/05/2013).
- Halliday, Michael; McIntosh, Angus e Stevens, Peter (1964). *The Linguistic Sciences and Language Teaching*. Londres: Longman.
- Harris, Brian (1976). “The Importance of Natural Translation”. *Working Papers in Bilingualism*, n. 12, 96-114. Em linha. Ligação: https://www.academia.edu/1406388/The_importance_of_natural_translation (consultado a 03/03/2014).

- Harris, Brian (2009). Essential Definitions. Em linha. *Unprofessional Translation* (publicado a 13 de Julho). <http://unprofessionaltranslation.blogspot.pt/2009/07/essential-definitions.html> (consultado a 04/03/2014).
- Harris, Brian (2010). Blogpost 100. Em linha. *Unprofessional Translation* (publicado a 30 de Maio). Ligação: <http://unprofessionaltranslation.blogspot.pt/2010/05/blogpost-100.html> (consultado a: 04/03/2014).
- Helzer, Amir (2011). “Localizing for software *website* s and global apps”. *Multilingual – Localization Core Focus*. Abril/Maio, 34-37.
- Herring, Susan (1999). Interactional Coherence in CMC. *Journal of Computer Mediated Communication*, v.4, n.4, 0. Em linha. Ligação: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.1999.tb00106.x/full> (consultado a 23/08/2012).
- Hiltz, Starr e Wellman, Barry (1997). “Asynchronous Learning Networks as a Virtual Classroom”. *Magazine Communications of the ACM*, v.40, n.9, 44-49.
- Holliday, Matt (2009). Facebook Seeks To Patent Crowd-Sourcing Translations Application. Em linha. *Inside Facebook* (publicado a 3 de Setembro). Ligação: <http://www.insidefacebook.com/2009/09/03/facebook-seeks-to-patent-translations-crowd-sourcing-language-application/>
- Horn, Leslie (2011). 7.5 Million Facebook Users Are Below the Minimum Age. Em linha. *PC* (publicado a 10 de Maio). Ligação: <http://www.pcmag.com/article2/0,2817,2385122,00.asp> (consultado a 10/04/2014).
- Horsager, David (2012). *The Trust Edge: How Top Leaders Gain Faster Results, Deeper Relationships, and a Stronger Bottom Line*. Nova Iorque: First Free Press.
- Howe, Jeff (2010). *Crowdsourcing: Como o poder das multidões impulsiona o futuro dos negócios*. Lisboa: Actual Editora.

- Hu, Chang; Bederson, Benjamin e Resnik, Philip (2010). Monotrans: Human-Computer Collaborative Translation. Em *Human-Computer Interaction Lab 27th Annual Symposium*. Em linha. Ligação: http://www.cs.umd.edu/hcil/about/events/symposium2010/Abstracts%20for%20Website/26b_chang.pdf (consultado a 22/05/2012).
- Hurtado Albir, Amparo (2001). *Traducción y traductología*. Madrid: Cátedra.
- Ibrahim, Náhedá (2010). *Para uma Tradução Automática baseada em Conhecimento: especificação da modificação e da predicação adjetival* (Tese de Mestrado), Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Em linha. Ligação: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4125/1/ulfl081176_tm.pdf (consultado a 22/05/2012).
- Jääskeläinen, Riitta (2010). Are all Professionals Experts? Definitions of Expertise and Reinterpretation of Research Evidence in Process Studies. Em Angelone, Erik e Shreve, Gregory (eds), *Translation and Cognition: Recent Developments* (213-27). Amesterdão e Filadélfia: John Benjamins.
- Jackson, Peter e Moulinier, Isabelle (2002). Natural Language Processing for On-line Applications: Text retrieval, Extraction and Categorization. Em Mitkov, Ruslan (ed.), *Natural Language Processing*, v.5. Amesterdão e Filadélfia: John Benjamins Publishing Company.
- Jakobson, Roman (1959). *Linguistics Aspects of Translation*. Nova Iorque: Harvard University Press.
- Janssens, Maddy; Lambert, Jose e Steyaert, Chris (2004). Developing language strategies for international companies: the contribution of translation studies. Em linha. *Journal of World Business*, v.39, n.4, 414-430. Ligação: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1090951604000355/pdf?md5=8f72f1e33679d679a449bbe59a6e7eee&pid=1-s2.0-S1090951604000355-main.pdf> (consultado a 14/07/2014).

- Kariminia, A. e Heidary, J. (sem data). Cultural Equivalence and Linguistic Equivalence. *Articles Database*. Em linha. Ligação: <http://www.articlesbase.com/languages-articles/equivalence-in-translation-922552.html> (consultado a 12/04/2012).
- Kassebaum, Ulf (2004). *Interpersonelles Vertrauen: Entwicklung eines Inventars zur Erfassung spezifischer Aspekte des Konstrukts* (Tese de Doutorado), Hamburgo: Universität Hamburg. Em linha. Ligação: <http://ediss.sub.uni-hamburg.de/volltexte/2004/2125/pdf/Dissertation.pdf> (consultado a 07/02/2012).
- Kelly, Nataly (2009). Freelance Translators Clash with LinkedIn over Crowdsourced Translation. *Global Watcher*. Em linha: Ligação: <http://www.common senseadvisory.com/Default.aspx?Contenttype=ArticleDetAD&tabID=63&Aid=591&moduleId=391> (consultado a 13/10/2013).
- Kenny, Dorothy (2009). Equivalence. Em Baker, Mona e Saldanha, Gabriela (eds), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (96-99). Nova Iorque: Routledge.
- Kenny, Dorothy (2009b). Unit of translation. Em Baker, Mona e Saldanha, Gabriela (eds), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (304-306). Nova Iorque: Routledge.
- Kincaid, Jason (2009). Facebook Wants To Own Idea Of Crowdsourced Translations. Em linha. *Techcrunch* (publicado a 26 de Agosto). Ligação: <http://techcrunch.com/2009/08/26/Facebook-files-for-patent-on-crowdsourced-translations/> (consultado a 18/04/2013).
- Koller, Werner (2000). Der Begriff der Äquivalenz in der Übersetzungswissenschaft. Em Cathrine, Fabricius-Hansen e Johannes Ostbo (eds), *Übertragung, Annäherung, Angleichung. Sieben Beiträge zu Theorie und Praxis des Übersetzens*. Frankfurt sobre o Meno: Peter Lang.
- Laviosa, Sara (2002). *Corpus-based Translation Studies – Theory, Finding, Applications*. Nova Iorque: Editions Rodopi.

- Laviosa, Sara (2003). Corpora and Translation Studies. Em Granger, Sylviane; Lerot, Jacques e Petch-Tyson, Stephanie (eds), *Corpus Based Approaches to Contrastive Linguistics and Translation Studies* (45-56). Nova Iorque: Editions Rodopi.
- Lebaron, Frédéric (2010). *A Sociologia de A a Z – 250 palavras para compreender*. Lisboa: Escolar Editora.
- Lee, Cat (2009). Introducing Translators for Facebook Connect. Em linha. *Facebook Developers – Blogue de Programadores* (publicado em Setembro). Ligação: <https://developers.facebook.com/blog/post/2009/09/29/introducing-translations-for-facebook-connect/> (consultado a 12/02/2012).
- Leonardi, Vanessa (2000). “Equivalence in Translation: Between Myth and Reality”. *Translation Journal*, v. 4, n. 4. Em linha. Ligação: <http://translationjournal.net/journal/14equiv.htm> (consultado a 12/02/2012).
- Lewicki, Roy e Tomlinson, Edward (2003). Trust and Trust Building. *Beyond Intractability* (publicado em Dezembro). Em linha. Ligação: <http://www.beyondintractability.org/bi-essay/trust-building> (consultado a 05/07/2012).
- Linder, Elizabeth (2009). Facebook applies for patent for community translation tool. Em linha. *The Baltimore Sun* (publicado a 24 de Agosto). Ligação: http://weblogs.baltimoresun.com/news/technology/2009/08/Facebook_applies_for_patent_fo.html (consultado a 17/08/2012).
- Little, Chad (2008). Facebook in Translation. Em linha. *Facebook* (publicado a 23 de Junho). Ligação: <https://www.facebook.com/notes/facebook/facebook-in-translation/20734392130chad>
- López-Domínguez, Mercedes; Enache, Mihaela; Sallan, Jose e Simo, Pep (2013). Transformational leadership as an antecedent of change-oriented organizational citizenship behavior. Em linha. *Journal of Business Research*, v. 66, n. 10, 2147-2152. Ligação: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0148296313000659> (consultado a 10/05/2014).

- Lorcher, Wolfgang (2012). Bilingualism and Translation Competence – A research project and its first results. Em linha. Ligação: <https://www.nhh.no/Files/Filer/institutter/fsk/Synaps/27-2012/Artikkel%201%2027-12.pdf> (consultado a 13/03/2014).
- Luhmann, Niklas (1979). *Trust and Power*. Nova Iorque: John Wiley & Sons.
- Magalhães, Francisco (1996). *Da Tradução Profissional em Portugal*. Lisboa: Edições Colibri.
- Mason, Jennifer (2002). *Qualitative Researching*. Londres: Sage Publications.
- Mason, Winter e Suri, Siddharth (2012). Conducting behavioral research on Amazon's Mechanical Turk. Em linha. *Behavior Research Methods*, v.44, n.1, 1–23. Ligação: http://download.springer.com/static/pdf/811/art%253A10.3758%252Fs13428-011-0124-6.pdf?auth66=1405520996_4d2c735b1b47b536241a820af844020c&ext=.pdf
- McCarthy, Caroline (2008). Hi5 translations go live. Em linha. *News.Cnet.com*. (publicado a 2 de Outubro). Ligação: http://news.cnet.com/8301-13577_3-10056261-36.html (consultado a 02/11/2013).
- Mechanical Turk (2012). Amazon Mechanical Turk: Artificial Intelligence. Em linha. Ligação: <https://www.mturk.com/mturk/welcome> (consultado a 05/11/2013).
- Moreira, João (2004). *Questionários: Teoria e Prática*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Mossop, Brian (2006). “Has Computerization Changed Translation?” Em linha. *Meta*, v. 51, n. 4, 787-805. Ligação: <http://www.erudit.org/revue/meta/2006/v51/n4/014342ar.pdf> (consultado a 01/02/2013).
- Mota, Mailce (1996). “Verifying the Productivity of Toury's Descriptive Model”. Em linha. *Cadernos de Tradução (UFSC)*, v.1, n.1, 248-260. Ligação: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5093/4549> (consultado a 15/08/2012).

- Munn, Pamela e Drever, Eric (2004). *Using Questionnaires in Small Scale Research – A Beginners Guide*. University of Glasgow. Edimburgo: Lutton Press.
- Nahavandi, Afsane; Denhardt, Robert; Denhardt, Janet e Aristigueta, Maria (2015). *Organizational Behavior*. California: Sage Publications.
- National Writing Project (2014). Em linha. National Writing Project. Ligação: <http://www.nwp.org/cs/public/print/doc/about.csp> (consultado a 13/07/2014)
- Newmark, Peter (1988). *A textbook of translation*. Singapura: Prentice Hall International.
- Noy, Chaim (2008). “Sampling Knowledge: The Hermeneutics of Snowball Sampling in Qualitative Research”. *International Journal of Social Research Methodology*, v.11, n.4, 327-344. Em linha. Ligação: <http://dx.doi.org/10.1080/13645570701401305> (consultado a 14/05/2013).
- OberCom (2012). *A Sociedade em Rede: A Internet em Portugal*, Lisboa: Publicações OberCom. Em linha. Ligação: <http://www.obercom.pt/client/?newsId=548&fileName=sociedadeRede2012.pdf> (consultado a 14/04/2012).
- Och, Franz (2006). Statistical machine translation live. Em linha. *Research Blog The latest news on Google Research* (publicado a 28 de Agosto). Ligação: <http://googleresearch.blogspot.pt/2006/04/statistical-machine-translation-live.html> (consultado a 12/05/2013).
- O’Hagan, Minako (2009b). “Evolution of User-generated Translation: Fansubs, Translation Hacking and Crowdsourcing”. *Journal of Internationalisation and Localisation*, v.1, 94–121.
- O’Hagan, Minako (2009b). “Evolution of User-generated Translation: Fansubs, Translation Hacking and Crowdsourcing”. *Journal of Internationalisation and Localisation*, v.1, 94–121.

- O'Hagan, Minako e Ashworth, David (2002). *Translation-mediated Communication in a Digital World – Facing the Challenges of Globalization and Localization*. Clevedon: Multilingual Matters, Ltd.
- Packham, Carol (2013). *Active Citizenship and Community Learning*. Londres: Sage Publications.
- Paolacci, Gabriele; Chandler, Jesse e Ipeirotis, Panagiotis (2010). Running experiments on Amazon Mechanical Turk. Em linha. *Judgment and Decision Making*, v. 5, n. 5, 411-419. Ligação: repub.eur.nl/pub/31983/jdm10630a%5B1%5D.pdf (consultado a 10/07/2014).
- Papula, Niko (2011). Top Reasons For Translation Crowdsourcing. *Multilizer Translation Blog* (publicado a 13 de Maio). Em linha. Ligação: <http://translation-blog.multilizer.com/top-reasons-for-translation-crowdsourcing/> (consultado a 13/04/2013).
- Pérez-González, Luis e Susam-Saraeva, Sebnem (2012). Non-Professional Translating and Interpreting – Participatory and Engaged Perspectives. Em Baker, Mona e Inghilleri, Moira (eds), *The Translator* (149-165). Manchester: St Jerome Publishing.
- Perrino, Saverio (2009). “User-generated Translation: The Future of Translation in a Web 2.0 Environment”. Em linha. *Jostran - Journal of Specialized Translation*, n.12. Ligação: http://www.jostrans.org/issue12/art_perrino.php (consultado a 20/09/2013).
- Petcovici, Tania e Vintilă, Sorin (sem data) *Translation and Localization - Instruments of Improving the Economic Mechanism*. Em linha. Ligação: <http://confcontact.com/articles/Petcovici.pdf> (consultado a 30/05/2014).
- Ping, Ke (2009). Machine Translation. Em Baker, Mona e Saldanha, Gabriela (eds), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (162-169). Nova Iorque: Routledge.
- Pinterest (sem data). O que é o Pinterest?. Em linha. *Pinterest*. Ligação: <https://about.pinterest.com/pt-pt> (consultado em 15/12/2014).

- Pinterest (2013). Pinterest Translators Form. Em linha. *Pinterest*. Ligação: <https://docs.google.com/spreadsheets/viewform?formkey=dEhyYjhZT1JJb0lyWG12V05IMVA4UWc6MQ> (consultado a 12/04/2013).
- Purcell, Kristen; Buchanan, Judy e Friedrich, Linda (2013). Em linha. The Impact of Digital Tools on Student Writing and How Writing is Taught in Schools. *National Writing Project e Pew Research Center*. Ligação: http://www.pewinternet.org/files/oldmedia/Files/Reports/2013/PIP_NWP%20Writing%20and%20Tech.pdf (consultado a 12/07/2014).
- Pym, Anthony (1992). *Translating and interpreting; Intercultural communication*. Frankfurt sobre o Meno: Peter Lang
- Pym, Anthony (2002). Redefining Translation Competence in an Electronic Age. In defense of a minimalist approach. Em linha. *Tinet*. Ligação: <http://www.tinet.cat/~apym/on-line/training/competence.pdf> (consultado a 15/12/2011).
- Pym, Anthony (2004). *The Moving Text, Localization, Translation, and Distribution*. Amesterdão/Filadélfia: John Benjamins.
- Pym, Anthony (2010). Translation Theory Today and Tomorrow – Responses to Equivalence. Em Zybatow, Lew N. (ed.), *Translationswissenschaft - Stand und Perspektiven* (1-14), Frankfurt sobre o Meno: Peter Lang. Ligação: http://www.tinet.cat/~apym/on-line/translation/2010_innsbruck.pdf (consultado a 07/03/2012).
- Pym, Anthony; Grin, François; Sfreddo, Claudio e Chan, Andy (2012). *Studies on translation and multilingualism - The Status of the Translation Profession in the European Union*. European Comission. Em linha. Ligação: http://ec.europa.eu/dgs/translation/publications/studies/translation_profession_en.pdf (consultado a 14/06/2013)
- Ray, Rebecca e Kelly, Nataly (2011). Crowdsourced Translation – Best Practices for Implementation. Common Sense Advisory, Inc. Em linha: Ligação:

http://www.commonseadvisory.com/Portals/default/Knowledgebase/ArticleImages/110201_R_GL_Crowdsourcing_Preview.pdf (consultado a 14/11/2013).

Rosetta Foundation (2014). About: History. Em linha. The Rosetta Foundation. Ligação: <http://www.therosettafoundation.org/about/history/> (consultado a 09/04/2013).

Salah, Marwa Hadj (2014). Corpus oral pour les mesures de confiance pour la Traduction Automatique de la Parole. *Linguistics*. Em linha. Ligação: <http://dumas.ccsd.cnrs.fr/dumas-01023835/document> (consultado a 10/12/2014).

Salus, Peter (2014). The History of Computer Language Translation. Em linha. *Smartbear* (publicado a 30 de Janeiro). Ligação: <http://blog.smartbear.com/testing/the-history-of-computer-language-translation/> (consultado a 27/03/2014).

Sánchez-Cartagena, Víctor, Sánchez-Martínez, Felipe e Pérez-Ortiz, Juan (2011). Integrating shallow-transfer rules into phrase-based statistical machine translation. Em linha. *Proceedings of the 13th Machine Translation Summit*, 562-569. Ligação: <http://www.dlsi.ua.es/~fsanchez/pub/pdf/sanchez-cartagena11c.pdf>

Shenyang, Guo e David L. Hussey (2004). “Nonprobability Sampling in Social Work Research, Journal of Social Service Research”. *Journal of Social Service Research*, v.30, n.3, 1-18. Em linha. Ligação: http://dx.doi.org/10.1300/J079v30n03_01 (consultado a 14/05/2013).

Silverman, David (2006). *Interpreting Qualitative Data*. Londres: Sage Publication.

Simard, Michel (2003). Translation spotting for translation memories. *Proceedings of the HLT-NAACL 2003 Workshop on Building and using parallel texts: data driven machine translation and beyond*, v. 3, 65-72.

Sirén, Seija e Kai Hakkarainen (2002). “Expertise in Translation”, *Across Languages and Cultures*, v.3, n.1, 71-82

Smith, Cooper (2013). 7 Statistics About Facebook Users That Reveal Why It's Such A Powerful Marketing Platform. Em linha. *Business Insider* (publicado a 16 de

- Novembro). Ligação: <http://www.businessinsider.com/a-primer-on-Facebook-demographics-2013-10> (consultado a 10/04/2014).
- Smith, Justin (2008). Hi5 Launching Crowd-sourced Translation Service for Hi5 and Apps. Em linha: *Inside Facebook* (publicado a 21 de Maio). Ligação: <http://www.insideFacebook.com/2008/05/21/hi5-launching-crowd-sourced-translation-service-for-hi5-and-apps/> (consultado a 15/06/2012).
- Snell-Hornby, Mary (2006). *The Turns on Translation Studies*. Amesterdão/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company.
- Sousa, Alberto (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Star Translation Services (sem data) About. Em linha. *Star*. Ligação: <http://www.star-ts.com/about-star-ts/translation-faq/what-is-crowd-translation/> (consultado a 15/06/2012).
- Steiner, Peter (1993). *New Yorker*. On the Internet nobody knows you're a dog (cartoon). v.69, n.20, 61.
- Sturge, Kate (2009). Cultural Translation. Em Baker, Mona e Saldanha, Gabriela (eds), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (67-70). Nova Iorque: Routledge.
- Summers, Nick (2010). Crowd-Sourcing Translations of TED's Lectures. *Newsweek* (publicado a 13 de Março). Ligação: <http://www.newsweek.com/crowd-sourcing-translations-teds-lectures-80275> (consultado a 10/06/2012).
- Surowiecki, James (2007). *A Sabedoria das Multidões*. Lisboa: Lua de Papel.
- Taus (sem data). Crowdsourcing at Adobe: Closer to the Madding Crowd. Em linha. *Taus – Enabling Better Translation*. Ligação: https://www.taus.net/?option=com_content&view=article&id=27:crowdsourcing-at-adobe&catid=6:user-cases&Itemid=11 (consultado a 14/02/2014).
- Toury, Gideon (1995). *Descriptive Translation Studies and beyond*. Amesterdão/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company.

- Twitter (2011). Translating Twitter into more languages. Em linha. *Twitter Blog* (publicado a 14 de Fevereiro). Ligação: <http://blog.Twitter.com/2011/02/translating-Twitter-into-more-languages.html> (consultado a 12/05/2012).
- Twitter (2012). Twitter Translation Center adds Right-to-Left Languages. Em linha. *Twitter Blog* (publicado a 25 de Janeiro). Ligação: <http://blog.Twitter.com/2012/01/Twitter-translation-center-adds-right.html> (consultado a 12/05/2012).
- Twitter (2014). About Twitter. Em linha. *Twitter Website* (publicado em 2014). Ligação: <https://about.twitter.com/pt/company/translation> (consultado a 28/05/2014).
- Ueffing, Nicola (2006). *Word Confidence Measures for Machine Translation* (Tese de Doutoramento), Aachen: RWTH Universidade de Aachen
- Van Dijk (2012). *The Network Society*. 3ª Edição. Londres: Sage Publications
- Watt, James e Berg, Sief van den (2002). Populations and Samples: The Principle of Generalization. Em linha. *Research Methods For Communication Science*, 50-61. Ligação: <http://ciosmail.cios.org:3375/readbook/rmcs/ch05.pdf> (consultado a 19/07/2014).
- Wenger, Etienne; Mcdermott, Richard e Snyder, William (2002). *Cultivating Communities of Practice: A Guide to Managing Knowledge*. Boston: Harvard Business School Press.
- Wenger, Etienne (2012). Communities of Practice – A brief introduction. Em linha. Ligação: <http://wenger-trayner.com/wp-content/uploads/2012/01/06-Brief-introduction-to-communities-of-practice.pdf> (consultado a 10/10/2012).
- Wikipedia (2013). Available translators in Wikipedia. Em linha. *Wikipedia* (publicado a 21 de Março). Ligação: http://en.wikipedia.org/wiki/Category:Available_translators_in_Wikipedia (consultado a 05/04/2014).

- Wolf, Michaela e Fernández-Ocampo, Anxo (2014). "Framing the Interpreter". Em Fernández-Ocampo, Anxo e Wolf, Michaela (eds), *Framing the Interpreter - Towards a visual perspective* (1-16). Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Wolford, Josh (2012). Pinterest Is Crowdsourcing The Site's Translation: Starting off with Spanish, French, German, Japanese, and Portuguese. Em linha. WebPronNews/Social Media (publicado a 3 de Maio). Ligação: <http://www.webpronews.com/pinterest-is-crowdsourcing-the-sites-translation-2012-05> (consultado a 12/05/2012).
- Valdeón, Roberto A. (2013) "Doña Marina/La Malinche. A historiographical approach to the interpreter/traitor", *Target*, v. 25, n.2, 157–179.
- Wooten, Adam (2011). Can companies obtain free professional services through crowdsourcing?. Em linha. *Deseret News* (publicado a 18 de Fevereiro). Ligação: <http://www.deseretnews.com/article/705366964/Can-companies-obtain-free-professional-services-through-crowdsourcing.html?pg=2> (consultado a 07/02/2012).
- Yin, Robert (2003). *Case Study Research – Design and Methods. Applied Social Research Methods Series*, v. 5. Londres: Sage Publications.
- Zens, Richard (2008). *Phrase-based Statistical Machine Translation: Models, Search, Training*. Tese de Doutoramento. Aachen: RWTH Universidade de Aachen.
- Zhang, Deww (2011). Organizational Citizenship Behaviour. Em linha. Ligação: <https://cdn.auckland.ac.nz/assets/psych/about/our-people/documents/Deww%20Zhang%20-%20Organisational%20Citizenship%20Behaviour%20-%20White%20Paper.pdf> (consultado a 10/05/2014).

Apêndices

APÊNDICE 1 – ENTREVISTA EM PORTUGUÊS

Entrevista disponibilizada a tradutores voluntários selecionados do Facebook e do Twitter.

Apendice 1.1 – Estrutura da entrevista

Descrição:	Estrutura da entrevista disponibilizada junto do tradutor voluntário.
Apresentação:	Esta entrevista pretende aferir os motivos subjacentes à participação voluntária nos processos de tradução colaborativa das redes sociais. Muito obrigada pela sua colaboração!
URL da entrevista	http://paol.iscap.ipp.pt/iscapsurvey/index.php?sid=19343&lang=pt

Estrutura da entrevista

Primeiro e último nome: _____

Idade: _____

Habilitações académicas:

- ☐ 9º ano
☐ 12º ano
☐ Licenciatura
☐ Mestrado
☐ Doutoramento
☐ Frequência da faculdade, sem conclusão de qualquer curso
☐ Outro: _____

Observação: A pergunta seguinte só surge em caso do respondente assinalar uma das seguintes opções: Licenciatura, Mestrado, Doutoramento e Frequência da faculdade, sem conclusão de qualquer curso.

Que curso frequentou/se encontra a frequentar? _____

Participa na tradução voluntária de que redes sociais?

- ☐ Facebook
- ☐ Twitter
- ☐ Outro: _____

Observação: A pergunta seguinte só surge, caso o respondente selecione a opção “Facebook”.

Como é que tomou conhecimento do processo de tradução colaborativa do Facebook?

- ☐ Pelo próprio Facebook
- ☐ Através de um amigo
- ☐ Através de outros meios de comunicação
- ☐ Outro: _____

Observação: A pergunta seguinte só surge, caso o respondente selecione a opção “Twitter”.

Como é que tomou conhecimento do processo de tradução colaborativa do Twitter?

- ☐ Pelo próprio twitter
- ☐ Através de um amigo
- ☐ Através de outros meios de comunicação
- ☐ Outro: _____

Participa essencialmente, como:

- ☐ Tradutor
- ☐ Votante de traduções
- ☐ Tradutor e votante
- ☐ Outro: _____

Há quanto tempo participa em processos de tradução colaborativa?

- ☐ Há menos de 6 meses
- ☐ Entre 6 meses a 1 ano
- ☐ Entre 1 e 2 anos
- ☐ Mais de 3 anos

Por que motivos participa em processos de tradução colaborativa. Por favor comente a sua opção

- ☐ Para ajudar à difusão de conhecimento _____
- ☐ Para cultivar e adquirir competências linguísticas _____
- ☐ Para testar as suas próprias capacidades _____
- ☐ Pelo reconhecimento e feedback _____
- ☐ Por comprometimento para com uma determinada causa ou organização _____
- ☐ Por mero passatempo _____
- ☐ Por ser nativo de uma língua minoritária _____

Outro: _____

Sente que o seu trabalho, assim como o dos outros voluntários, é reconhecido pelo organismo com quem colabora? (Por favor comente a sua opção)

- ☐ Sim
- ☐ Não

Tem confiança no trabalho que tem vindo a desenvolver? (Por favor comente a sua opção)

- ☐ Sim
- ☐ Não

Tem confiança nas traduções colaborativas no geral? (Por favor comente a sua opção)

- ☐ Sim
- ☐ Não

Apêndice 1.2 – Entrevista A

Descrição:

Neste apêndice é feita uma transcrição da entrevista Um.

As opções deixadas na transcrição são as opções selecionadas pelo entrevistado.

Entrevista A

Primeiro e último nome: Entrevistado do sexo masculino. O nome foi ocultado da transcrição por razões de privacidade.

Idade: 19

Habilitações académicas:

☐ Frequência da faculdade, sem conclusão de qualquer curso

Que curso frequentou/se encontra a frequentar?

Engenharia Informática e Computação

Participa na tradução voluntária de que redes sociais?

☐ Facebook

☐ Twitter

Como é que tomou conhecimento do processo de tradução colaborativa do Facebook?

☐ Pelo próprio Facebook

Como é que tomou conhecimento do processo de tradução colaborativa do Twitter?

☐ Pelo próprio twitter

Participa essencialmente, como:

☐ Tradutor e votante

Há quanto tempo participa em processos de tradução colaborativa?

☐ Entre 1 e 2 anos

Por que motivos participa em processos de tradução colaborativa. Por favor comente a sua opção

☐ Para cultivar e adquirir competências linguísticas

Sinto que, ao traduzir e adaptar texto de um idioma para outro, melhora as minhas competências em ambas as línguas.

☐ Pelo reconhecimento e feedback

Gosto de sentir que sou uma das pessoas que contribui, embora apenas numa pequena parte, para serviços utilizados por muitas pessoas.

☐ Por mero passatempo

Sempre tive algum interesse em línguas e gosto de traduzir.

Sente que o seu trabalho, assim como o dos outros voluntários, é reconhecido pelo organismo com quem colabora? (Por favor comente a sua opção)

☐ Não

acho que o nosso trabalho seja muito reconhecido. A aplicação de traduções possui bastantes problemas (tanto técnicos como do ponto de vista da organização e otimização do trabalho) e é raramente atualizada. Também não dispomos de um meio eficiente de comunicar tanto com os responsáveis por desenvolver a aplicação como com os administradores do nosso idioma (que são quem se encarrega de aprovar/rejeitar traduções e de traduzir os diversos textos que nunca chegam a aparecer na aplicação), pelo que o modelo de tradução "colaborativa" não é aplicado da melhor maneira.

Tem confiança no trabalho que tem vindo a desenvolver? (Por favor comente a sua opção)

☐ Sim

como a coerência da tradução com outras traduções já existentes, a adaptação de certas particularidades que ocorrem em português mas que não se distinguem no texto original em inglês (ou vice-versa), o comprimento da tradução, o contexto, entre outros aspetos. Considero-me, também, uma pessoa com muito bons conhecimentos de ortografia e gramática do português e conhecedor de diversos pormenores do inglês (incluindo termos

do âmbito da informática): tudo isto, a meu ver, importante para o trabalho voluntário que realizo.

Tem confiança nas traduções colaborativas no geral? (Por favor comente a sua opção)

☐ Sim

Sim, desde que sejam moderadas por uma entidade de confiança que se certifique de que, no geral, a tradução mantém uma boa qualidade, o que acontece frequentemente. Caso contrário, não, visto que não se torna muito simples gerir uma tradução com um conjunto numeroso de participantes e na qual possa participar qualquer pessoa, sem controlo.

Apêndice 1.3 – Entrevista B

Descrição:

Neste apêndice é feita uma transcrição da entrevista Dois.

As opções deixadas na transcrição, são as opções seleccionadas pelo entrevistado.

Entrevista B

Primeiro e último nome: Entrevistado do sexo feminino. O nome foi ocultado da transcrição por razões de privacidade.

Idade: 44

Habilitações académicas:

☐ Outro: *curso de especialização em tradução e legendagem*

Que curso frequentou/se encontra a frequentar?

Línguas e Literaturas Modernas - variante de Português/Inglês

Participa na tradução voluntária de que redes sociais?

☐ Facebook

Como é que tomou conhecimento do processo de tradução colaborativa do Facebook?

☐ Outro: *Um voluntário da tradução português-br contactou-me logo no início do processo e colaborámos em alguns aspectos, como na elaboração do Guia de Estilo.*

Participa essencialmente, como:

☐ Tradutor e votante

Há quanto tempo participa em processos de tradução colaborativa?

☐ Mais de 3 anos

Por que motivos participa em processos de tradução colaborativa. Por favor comente a sua opção

☐ Para cultivar e adquirir competências linguísticas

Apesar do conhecimento que tenho das línguas inglesa e portuguesa, a tradução aprofunda conhecimentos na língua de partida e de chegada

☐ Pelo reconhecimento e feedback

o facto de haver uma tabela de líderes, suscitou-me um certo espírito de saudável competição e permitiu troca de ideias com outros tradutores ☐

☐ Por mero passatempo

Apesar de não ser a minha área profissional, sempre gostei de tradução.

Sente que o seu trabalho, assim como o dos outros voluntários, é reconhecido pelo organismo com quem colabora? (Por favor comente a sua opção)

☐ Não

Apesar de terem sido feitas algumas correções que apontei, o Facebook nunca me respondeu pessoalmente. Nem a outros tradutores voluntários com quem contactei.

Tem confiança no trabalho que tem vindo a desenvolver? (Por favor comente a sua opção)

☐ Sim

Creio que o conhecimento que tenho das duas línguas me dá confiança no trabalho que tenho feito.

Tem confiança nas traduções colaborativas no geral? (Por favor comente a sua opção)

☐ Sim

No geral, há sempre um método de supervisão das traduções que faz com que estas sejam, na maior parte das vezes, fiáveis. No entanto, com o português-pt há sempre o problema de "apanharmos" traduções do português-br.

Apêndice 1.4 – Entrevista C

Descrição:

Neste apêndice é feita uma transcrição da entrevista três.

As opções deixadas na transcrição, são as opções selecionadas pelo entrevistado.

Entrevista C

Primeiro e último nome: Entrevistado do sexo masculino. O nome foi ocultado da transcrição por razões de privacidade.

Idade: 28

Habilitações acadêmicas:

☐ 12º ano

Participa na tradução voluntária de que redes sociais?

☐ Twitter

Como é que tomou conhecimento do processo de tradução colaborativa do Twitter?

☐ Pelo próprio twitter

Participa essencialmente, como:

☐ Tradutor e votante

Há quanto tempo participa em processos de tradução colaborativa?

☐ Entre 6 meses a 1 ano

Por que motivos participa em processos de tradução colaborativa. Por favor comente a sua opção

☐ Para ajudar à difusão de conhecimento
Sem comentário

- ☐ Para cultivar e adquirir competências linguísticas
Sem comentário
- ☐ Para testar as suas próprias capacidades
- ☐ *Sem comentário*
- ☐ Pelo reconhecimento e feedback
- ☐ *Sem comentário*
- ☐ Por comprometimento para com uma determinada causa ou organização
- ☐ *Sem comentário*

Sente que o seu trabalho, assim como o dos outros voluntários, é reconhecido pelo organismo com quem colabora? (Por favor comente a sua opção)

☐ Sim

Sem comentário

Tem confiança no trabalho que tem vindo a desenvolver? (Por favor comente a sua opção)

☐ Sim

Sem comentário

Tem confiança nas traduções colaborativas no geral? (Por favor comente a sua opção)

☐ Sim

Sem comentário

Apêndice 1.5 – Entrevista D

Descrição:

Neste apêndice é feita uma transcrição da entrevista quatro.

As opções deixadas na transcrição, são as opções seleccionadas pelo entrevistado.

Entrevista D

Primeiro e último nome: Entrevistado do sexo masculino. O nome foi ocultado da transcrição por razões de privacidade.

Idade: 23

Habilitações académicas:

☐ Licenciatura

Que curso frequentou/se encontra a frequentar?

Engenharia da Computação Gráfica e Multimédia

Participa na tradução voluntária de que redes sociais?

☐ Facebook

☐ Outro: *Extensões Chrome e Firefox, Apps Android*

Como é que tomou conhecimento do processo de tradução colaborativa do Facebook?

☐ Pelo próprio Facebook

Participa essencialmente, como:

☐ Tradutor e votante

Há quanto tempo participa em processos de tradução colaborativa?

☐ Mais de 3 anos

Por que motivos participa em processos de tradução colaborativa. Por favor comente a sua opção

☐ Para ajudar à difusão de conhecimento

Eu próprio faço apps, que quando estão traduzidas em vários idiomas ganham muitos mais utilizadores.

☐ Para cultivar e adquirir competências linguísticas

A verdade é que muitas vezes dou por mim a tirar dúvidas sobre uma tradução ou expressão, e muitas vezes aprendo coisas sobre a minha própria língua.

☐ Por comprometimento para com uma determinada causa ou organização

Sou a favor de ser tudo livre na Internet, todas as apps que faço são livres e estão distribuídas pela "www", e vejo muita gente a cobrar dinheiro por traduções, desse modo contribuo como posso para contrariar essa tendência.

☐ Por mero passatempo

Eu não gosto de jogos em linha, por isso de vez em quando perco/ passo 5 ou 10 ou 15 minutos a traduzir, sempre é mais produtivo que jogar farm vile :)

Sente que o seu trabalho, assim como o dos outros voluntários, é reconhecido pelo organismo com quem colabora? (Por favor comente a sua opção)

☐ Não

Sinto que não é valorizado, mas também não tem de o ser. Quando traduzo para o Facebook, obviamente o Mark Zuckerberg não me agradece pelo meu trabalho voluntário, e nem sequer sabe quem sou, mas também não o faço com essas intenções.

Tem confiança no trabalho que tem vindo a desenvolver? (Por favor comente a sua opção)

☐ Sim

Eu tenho confiança no trabalho que eu desenvolvo porque procuro sempre aplicar as traduções no devido contexto (ou no máximo de contextos possível, caso se aplique) e procuro que a tradução esteja verbalizada com o português corrente, com linguagem adequada, com os termos técnicos corretos e que siga todas normas como por exemplo o novo acordo ortográfico.

Tem confiança nas traduções colaborativas no geral? (Por favor comente a sua opção)

☐ Sim

No caso do Facebook sim, porque as traduções são revistas e votadas por vários membros, o que permite que estas só sejam publicadas caso tenham qualidade. Mas em muitos outros casos não existe este mecanismo de validação das traduções, que faz com que algumas vezes se encontrem traduções de fraca qualidade. De qualquer modo isto são casos raros porque quem se dá ao trabalho de traduzir, normalmente fá-lo bem.

Apêndice 1.6 – Entrevista E

Descrição:

Neste apêndice é feita uma transcrição da entrevista cinco.

As opções deixadas na transcrição, são as opções selecionadas pelo entrevistado.

Entrevista E

Primeiro e último nome: Entrevistado do sexo masculino. O nome foi ocultado da transcrição por razões de privacidade.

Idade: 19

Habilitações acadêmicas:

☐ Outro: Técnico, equivalente brasileiro do 12º ano

Que curso frequentou/se encontra a frequentar?

Técnico em Mecatrônica

Participa na tradução voluntária de que redes sociais?

☐ Facebook

Como é que tomou conhecimento do processo de tradução colaborativa do Facebook?

☐ Pelo próprio Facebook

Participa essencialmente, como:

☐ Tradutor e votante

Há quanto tempo participa em processos de tradução colaborativa?

☐ Entre 1 e 2 anos

Por que motivos participa em processos de tradução colaborativa. Por favor comente a sua opção

- ☐ Para cultivar e adquirir competências linguísticas

Estava começando a traduzir o Facebook para o guarani (idioma falado no Paraguai), como uma forma de conhecer melhor sua estrutura lingüística.

- ☐ Para testar as suas próprias capacidades

Apesar de tímido, sempre tive facilidade de escolher e organizar palavras para expressar idéias ou explicar coisas tanto verbalmente quanto textualmente. Logo pensei que poderia ser útil.

Sente que o seu trabalho, assim como o dos outros voluntários, é reconhecido pelo organismo com quem colabora? (Por favor comente a sua opção)

- ☐ Não

Por ser aberto ao público sem fazer qualquer tipo de seleção quanto ao nível de conhecimento do tradutor, o aplicativo de tradução muitas vezes é vandalizado com o envio de spams, o que atrapalha o trabalho dos tradutores em manter a qualidade das traduções.

Tem confiança no trabalho que tem vindo a desenvolver? (Por favor comente a sua opção)

- ☐ Sim

Antes de escrever e de enviar uma tradução eu presto atenção a vários fatores: a escolha de palavras, como soa para o leitor, se a frase tem ambigüidade, se é fiel ao sentido original, se é coerente, se é agradável de se ler, etc. Com isso já tive mais de trinta traduções de minha autoria que foram aprovadas oficialmente.

Tem confiança nas traduções colaborativas no geral? (Por favor comente a sua opção)

- ☐ Sim

Apesar do vandalismo sofrido, o resultado final (depois de muitas etapas sofridas) é razoavelmente bom. Os tradutores sérios e verdadeiramente envolvidos com o projeto cuidam de que os vândalos não interfiram totalmente no resultado final.

APÊNDICE 2: ENTREVISTA AOS CENTROS DE TRADUÇÃO

Estrutura da entrevista que se pretendia realizar junto do Centro de Tradução do Facebook e do Centro de Tradução do Twitter.

Apêndice 2.1 – Estrutura da Entrevista ao Centro de Tradução do Facebook

Descrição:	Estrutura da entrevista que se pretendia realizar junto do Centro de Tradução do Facebook
Apresentação da entrevista:	This interview is intended to support a PHD thesis about the crowd translation process that some social networks are using in order to obtain translations for their platforms. Thank you very much for your collaboration!
URL da entrevista	http://paol.iscap.ipp.pt/iscapsurvey/index.php?sid=14354&newtest=Y&lang=en

Who came up with the idea of using common Facebook users to translate the platform into other languages?

Facebook is managing this translation process for quite a long time now. Do you intend to continue?

Which benefits do you see in it?

Are there any disadvantages?

Did Facebook built any confidence in the users work or some supervision is still essential?

Apêndice 2.2 – Estrutura ao Centro de Tradução do Twitter

Descrição:	Estrutura da entrevista que se pretendia realizar junto do Centro de Tradução do Twitter
Apresentação da entrevista:	This interview is intended to support a PHD thesis about the crowd translation process that some social networks are using in order to obtain translations for their platforms. Thank you very much for your collaboration!
URL da entrevista	http://paol.iscap.ipp.pt/iscapsurvey/index.php?sid=76562&lang=en

Who came up with the idea of using common Twitter users to translate the platform into other languages?

Twitter is managing this translation process for quite a long time now. Do you intend to continue?

Which benefits do you see in it?

Are there any disadvantages?

Did Twitter built any confidence in the users work or some supervision is still essential?

APÊNDICE 3 – INQUÉRITO EM PORTUGUÊS

Inquérito disponibilizado a utilizadores do Facebook e do Twitter em português.

As versões apresentadas (3.1, 3.2 e 3.3) pretendem clarificar a estrutura mutável do mesmo, consoante o tipo de respostas dadas pelos respondentes.

Apêndice 3.1 - Percurso 1

Descrição:	Estrutura de inquérito que surge aos respondentes que indicam não ter conhecimento do que é a Crowd translation.
Apresentação:	Este inquérito é anónimo e destina-se a qualquer utilizador do Facebook e/ou do twitter. O seu intuito é aferir o nível de participação dos cibernautas em projetos de tradução colaborativa. Ao responder a este inquérito está a contribuir para o desenvolvimento da investigação dos estudos da tradução. Não demora mais do que 5 minutos a preencher. Obrigada pela vossa colaboração.
URL do inquérito	http://paol.iscap.ipp.pt/iscapsurvey/index.php?sid=12743&newtest=Y&lang=pt

Estrutura do inquérito

Género:

- ☐ Feminino
☐ Masculino

Idade:

- ☐ 15-20
☐ 21-25
☐ 26-35
☐ 36-45
☐ 46-55
☐ 56-65
☐ + 65

Nacionalidade:

- ☐ Portuguesa
☐ Espanhola
☐ Outro: _____

Habilitações académicas:

- ☐ 9º ano
- ☐ 12º ano
- ☐ Licenciatura
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutoramento
- ☐ Frequência da faculdade, sem conclusão de qualquer curso
- ☐ Outro: _____

Observação: A pergunta seguinte só surge em caso do respondente assinalar uma das seguintes opções: Licenciatura, Mestrado, Doutoramento e Frequência da faculdade, sem conclusão de qualquer curso.

Qual a área do curso que frequentou?

(No caso de possuir 2 graus, como a licenciatura e o mestrado, por exemplo, indique a área mais significativa na sua formação)

- ☐ Ciências exactas e naturais
- ☐ Ciências da engenharia e tecnologias
- ☐ Ciências médicas e da saúde
- ☐ Ciências agrárias
- ☐ Ciências sociais
- ☐ Humanidades
- ☐ Outro: _____

Já ouviu falar de traduções colaborativas (crowd translation)?

Onde, por exemplo, qualquer indivíduo pode contribuir para a tradução de um determinado site em linha (exemplos: Facebook, Twitter...)

- ☐ Sim
- ☐ Não

Observação: Ao seleccionar a opção “Não” o respondente apenas vê figurada no inquérito a pergunta seguinte, dando por terminado o preenchimento do mesmo.

Caso considere relevante, por favor sinta-se à vontade para deixar um comentário.

Apêndice 3.2 – Percurso 2

Descrição:	Estrutura de inquérito que surge aos respondentes que indicam ter conhecimento do que é a Crowd translation, mas não participaram em nenhuma atividade do género.
Apresentação:	Este inquérito é anónimo e destina-se a qualquer utilizador do Facebook e/ou do twitter. O seu intuito é aferir o nível de participação dos cibernautas em projetos de tradução colaborativa. Ao responder a este inquérito está a contribuir para o desenvolvimento da investigação dos estudos da tradução. Não demora mais do que 5 minutos a preencher. Obrigada pela vossa colaboração.
URL do inquérito	http://paol.iscap.ipp.pt/iscapsurvey/index.php?sid=12743&newtest=Y&lang=pt

Estrutura do inquérito

Género:

- ☐ Feminino
☐ Masculino

Idade:

- ☐ 15-20
☐ 21-25
☐ 26-35
☐ 36-45
☐ 46-55
☐ 56-65
☐ + 65

Nacionalidade:

- ☐ Portuguesa
☐ Espanhola
☐ Outro

Habilitações académicas:

- ☐ 9º ano
- ☐ 12º ano
- ☐ Licenciatura
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutoramento
- ☐ Frequência da faculdade, sem conclusão de qualquer curso
- ☐ Outro: _____

Observação: A pergunta seguinte só surge em caso do respondente assinalar uma das seguintes opções: Licenciatura, Mestrado, Doutoramento e Frequência da faculdade, sem conclusão de qualquer curso.

Qual a área do curso que frequentou?

(No caso de possuir 2 graus, como a licenciatura e o mestrado, por exemplo, indique a área mais significativa na sua formação)

- ☐ Ciências exactas e naturais
- ☐ Ciências da engenharia e tecnologias
- ☐ Ciências médicas e da saúde
- ☐ Ciências agrárias
- ☐ Ciências sociais
- ☐ Humanidades
- ☐ Outro: _____

Já ouviu falar de traduções colaborativas (crowd translation)?

Onde, por exemplo, qualquer indivíduo pode contribuir para a tradução de um determinado site em linha (exemplos: Facebook, Twitter...)

- ☐ Sim
- ☐ Não

Já alguma vez participou em algum destes processos de tradução?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Observação: No caso de o respondente indicar que “Não”, apenas lhe surgem mais três perguntas antes de finalizar o preenchimento do inquérito.

Porque nunca o fez?

- ☐ Não me considero capaz de realizar tal tarefa
- ☐ Nunca me deparei com uma situação concreta
- ☐ Não tenho interesse
- ☐ Não tenho tempo
- ☐ Outro: _____

No geral, tem confiança neste tipo de traduções?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Porquê?

Caso considere relevante, por favor sinta-se à vontade para deixar um comentário.

Apêndice 3.3 – Percurso 3

Descrição:	Estrutura de inquérito que surge aos respondentes que indicam ter conhecimento do que é a crowd translation e afirmam já ter participado em atividades do género.
Apresentação:	Este inquérito é anónimo e destina-se a qualquer utilizador do Facebook e/ou do twitter. O seu intuito é aferir o nível de participação dos cibernautas em projetos de tradução colaborativa. Ao responder a este inquérito está a contribuir para o desenvolvimento da investigação dos estudos da tradução. Não demora mais do que 5 minutos a preencher. Obrigada pela vossa colaboração.
URL do inquérito	http://paol.iscap.ipp.pt/iscapsurvey/index.php?sid=12743&newtest=Y&lang=pt

Estrutura do inquérito

Género:

- ☐ Feminino
☐ Masculino

Idade:

- ☐ 15-20
☐ 21-25
☐ 26-35
☐ 36-45
☐ 46-55
☐ 56-65
☐ + 65

Nacionalidade:

- ☐ Portuguesa
☐ Espanhola
☐ Outro: _____

Habilitações académicas:

- ☐ 9º ano
- ☐ 12º ano
- ☐ Licenciatura
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutoramento
- ☐ Frequência da faculdade, sem conclusão de qualquer curso
- ☐ Outro: _____

Observação: A pergunta seguinte só surge em caso do respondente assinalar uma das seguintes opções: Licenciatura, Mestrado, Doutoramento e Frequência da faculdade, sem conclusão de qualquer curso.

Qual a área do curso que frequentou?

(No caso de possuir 2 graus, como a licenciatura e o mestrado, por exemplo, indique a área mais significativa na sua formação)

- ☐ Ciências exactas e naturais
- ☐ Ciências da engenharia e tecnologias
- ☐ Ciências médicas e da saúde
- ☐ Ciências agrárias
- ☐ Ciências sociais
- ☐ Humanidades
- ☐ Outro: _____

Já ouviu falar de traduções colaborativas (crowd translation)?

Onde, por exemplo, qualquer indivíduo pode contribuir para a tradução de um determinado site em linha (exemplos: Facebook, Twitter...)

- ☐ Sim
- ☐ Não

Já alguma vez participou em algum destes processos de tradução?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Em que é que participou?

Por que motivo o fez?

- ☐ Para ajudar à difusão de conhecimento
- ☐ Para cultivar e adquirir competências linguísticas
- ☐ Para testar as suas próprias capacidades
- ☐ Pelo reconhecimento e feedback
- ☐ Por comprometimento para com uma determinada causa ou organização
- ☐ Por mero passatempo
- ☐ Por ser nativo de uma língua minoritária
- ☐ Outro: _____

Quais foram as suas línguas de trabalho?

- ☐ inglês - português
- ☐ inglês - espanhol
- ☐ Outro: _____

Tem confiança no trabalho que produziu?

- ☐ Sim
- ☐ Não

No geral, tem confiança neste tipo de traduções?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Porquê?

Caso considere relevante, por favor sinta-se à vontade para deixar um comentário.

APÊNDICE 4 – PROCESSO DE TRADUÇÃO

O processo de tradução do questionário pretende espelhar a forma como foi conduzida a tradução do mesmo para inglês, de forma a validar a versão disponibilizada.

Apêndice 4.1 - Processo de tradução do inquérito sobre crowd translation nas redes sociais

Dados gerais:

- Questionário original (PT) – Questionário desenvolvido por Célia Tavares e Anxo Ocampo
- Tradução para português (EN) – Célia Tavares
- Retroversão para Inglês (PT) – Pedro Duarte (Professor de Ferramentas Eletrónicas Aplicadas à Tradução e Tradutor Freelancer)
- Tradução final em português (EN) – Escolha da tradução mais adequada, com base na comparação do texto original em português com a retroversão efetuada.

Texto Introdutório	
Texto original (PT)	Este inquérito é anónimo e destina-se a qualquer utilizador do Facebook e/ou do twitter. O seu intuito é aferir o nível de participação dos cibernautas em projetos de tradução colaborativa. Ao responder a este inquérito está a contribuir para o desenvolvimento da investigação dos estudos da tradução. Não demora mais do que 5 minutos a preencher. Obrigada pela vossa colaboração.
Tradução (EN)	This survey is anonymous and it is aimed at any given Facebook and/or twitter user. Its goal is to assess the participation level of the internet users in collaborative translation projects. By answering to this questionnaire you are contributing to the research development in translation studies. It won't take more than 5 minutos to fill. Thank you for your cooperation.
Retroversão (PT) Pedro Duarte	Este questionário é anónimo e é destinado a qualquer utilizador do Facebook e/ou do twitter. O seu objetivo é aferir o nível de participação dos utilizadores da internet em projetos de tradução colaborativa. Ao responder a este questionário está a contribuir para o desenvolvimento da investigação nos estudos da tradução. Não irá demorar mais do 5 minutos a preencher.

	Muito obrigado pela sua colaboração.
Tradução final (EN)	This survey is anonymous and it is aimed at any given Facebook and/or twitter user. Its goal is to assess the level of participation of internet users in collaborative translation projects. By answering to this survey you are contributing to the development of research in translation studies. It won't take more than 5 minutes to fill. Thank you very much for your cooperation.

Pergunta 1	
Texto original (PT)	Género Feminino Masculino
Tradução (EN)	Gender Female Male
Retroversão (PT) Pedro Duarte	Género Feminino Masculino
Tradução final (EN)	Gender Female Male

Pergunta 2	
Texto original (PT)	Idade
Tradução (EN)	Age
Retroversão (PT) Pedro Duarte	Idade
Tradução final (EN)	Age

Pergunta 3	
-------------------	--

Texto original (PT)	Nacionalidade: Portuguesa Espanhola Outro
Tradução (EN)	Nationality: Portuguese Spanish Other
Retroversão (PT) Pedro Duarte	Nacionalidade: Portuguesa Espanhola Outro
Tradução final (EN)	Nationality: Portuguese Spanish Other

Pergunta 4	
Texto original (PT)	Habilitações Académicas 9º ano 12º ano Licenciatura Mestrado Doutoramento Frequência da Faculdade, sem conclusão do curso Outro
Tradução (EN)	Academic qualifications Middle School High School Bachelor Degree Master Degree Doctoral Degree University attendance with the conclusion of any degree
Retroversão (PT) Pedro Duarte	Habilitações Académicas Ensino Preparatório Ensino Secundário Licenciatura Mestrado Doutoramento

	Frequência da Universidade, sem conclusão de nenhum curso
Tradução final (EN)	Academic qualifications Middle School High School Associates and/or Bachelor's degree Master Degree Doctoral Degree College/University attendance with the conclusion of any degree Other

Pergunta 4.1	
Texto original (PT)	Qual a área do curso que frequentou? (No caso de possuir 2 graus, como a licenciatura e o mestrado, por exemplo, indique a área mais significativa na sua formação).
Tradução (EN)	In which area? (If you have 2 degrees such as bachelor and master's degree, for example, indicate the most significant area of your education).
Retroversão (PT) Pedro Duarte	Em que área? Caso possua 2 cursos como uma licenciatura e um mestrado, por exemplo, indique a área que for mais significativa na sua formação)
Tradução final (EN)	In which area? (If you have 2 degrees such as bachelor and master's degree, for example, indicate the most significant area of your education).

Pergunta 5

Texto original (PT)	Já ouviu falar de traduções colaborativas (crowd translation)? Onde, por exemplo, qualquer indivíduo pode contribuir para a tradução de um determinado site em linha (exemplos: Facebook, Twitter...)
Tradução (EN)	Have you ever heard about em linha collaborative translations (crowd translation)? Where, for instance, any person can contribute to the translation of a particular em linha site (Examples: Facebook, Twitter ...)
Retroversão (PT) Pedro Duarte	Já ouvir falar de traduções colaborativas em linha (crowd translation)? Onde, por exemplo, qualquer pessoa pode contribuir para a tradução de um <i>website</i> em particular (exemplos: Facebook, Twitter...)
Tradução final (EN)	Have you ever heard about em linha collaborative translations (crowd translation)? Where, for instance, any person can contribute to the translation of a particular <i>website</i> (Examples: Facebook, Twitter ...)

Pergunta 5.1	
Texto original (PT)	Já alguma vez participou em algum destes processos de tradução?
Tradução (EN)	Have you ever participated in one or more of these translation processes?
Retroversão (PT) Pedro Duarte	Já alguma vez participou em um ou mais destes processos de tradução?
Tradução final (EN)	Have you ever participated in any of these translation processes?

Pergunta 5.2	
Texto original (PT)	Em que é que participou?
Tradução (EN)	In which ones?
Retroversão (PT) Pedro Duarte	Em quais?
Tradução final (EN)	In which ones?

Pergunta 5.3	
Texto original (PT)	Porque motivo o fez? Para ajudar à difusão de conhecimento Para cultivar e adquirir competências linguísticas Para testar as suas próprias capacidades Pelo reconhecimento e feedback Por comprometimento para com uma determinada causa ou organização Por mero passatempo Por ser nativo de uma língua minoritária Outro:
Tradução (EN)	Why did you do it? To help disseminate knowledge To cultivate and acquire linguistic skills To test my own skills For recognition and feedback To demonstrate commitment to a certain cause or organization Just as a hobby Because I am a native speaker of a minority language Other:
Retroversão (PT) Pedro Duarte	Porque o fez? Para ajudar à difusão do conhecimento. Para cultivar e adquirir competências linguísticas Para testar as minhas próprias capacidades Pelo reconhecimento e feedback

	Para demonstrar comprometimento a uma determinada causa ou organização Como um hobby Porque sou nativo de uma língua minoritária Outros:
Tradução final (EN)	Why did you do it? To help disseminate knowledge To cultivate and acquire linguistic skills To test my own skills For recognition and feedback To demonstrate commitment to a certain cause or organization Just as a hobby Because I am a native speaker of a minority language Other:

Pergunta 5.4	
Texto original (PT)	Quais foram as suas línguas de trabalho? inglês - português inglês - espanhol Outro:
Tradução (EN)	Which were your working languages pairs? english - portuguese English – spanish Other
Retroversão (PT) Pedro Duarte	Quais foram as suas línguas de trabalho? inglês - português inglês - espanhol Outro:
Tradução final (EN)	Which were your working languages pairs? english - portuguese English – spanish Other

Pergunta 5.5	
Texto original (PT)	Tem confiança no trabalho que produziu?
Tradução (EN)	Do you trust the work you did?
Retroversão (PT) Pedro Duarte	Confia no trabalho que realizou?
Tradução final (EN)	Do you trust the work you did?

Pergunta 5.6	
Texto original (PT)	Porque nunca o fez? Não me considero capaz de realizar tal tarefa Nunca me deparei com uma situação concreta Não tenho interesse Não tenho tempo Outro:
Tradução (EN)	Why did you never participate? I did not feel I was capable of doing it Never faced that type of situation It is not interesting for me I don't have the time for it Other
Retroversão (PT) Pedro Duarte	Porque nunca participou? Não me sentia capaz de o fazer Nunca me deparei com uma situação do género Não considero interessante Não tenho tempo Outro
Tradução final (EN)	Why did you never participate? I don't feel capable of doing it Never faced that type of situation It is not interesting for me I don't have the time for it

Pergunta 6	
Texto original (PT)	No geral, tem confiança neste tipo de traduções?
Tradução (EN)	In general, do you trust in this type of translations?
Retroversão (PT) Pedro Duarte	No geral, confia neste tipo de traduções?
Tradução final (EN)	In general, do you trust in this type of translations?

Pergunta 6.1	
Texto original (PT)	Porquê?
Tradução (EN)	Why?
Retroversão (PT) Pedro Duarte	Porquê?
Tradução final (EN)	Why?

Pergunta 7	
Texto original (PT)	Caso considere relevante, por favor sinta-se à vontade para deixar um comentário.
Tradução (EN)	If relevant, please feel free to leave a comment.
Retroversão (PT) Pedro Duarte	Caso seja relevante, por favor sinta-se à vontade para deixar um comentário.
Tradução final (EN)	If relevant, please feel free to leave a comment.

APÊNDICE 5 – INQUÉRITO EM INGLÊS

Inquérito disponibilizado a utilizadores do Facebook e do Twiter em inglês.

As versões apresentadas (5.1, 5.2 e 5.3) pretendem clarificar a estrutura mutável do mesmo, consoante o tipo de respostas dadas pelos respondentes.

Apêndice 5.1 – Percurso 1

Descrição:	Estrutura de inquérito que surge aos respondentes que indicam não ter conhecimento do que é o Crowd translation.
Apresentação:	This survey is anonymous and it is aimed at any given Facebook and/or twitter user. Its goal is to assess the level of participation of internet users in collaborative translation projects. By answering to this survey you are contributing to the development of research in translation studies. It won't take more than 5 minutes to fill. Thank you very much for your cooperation.
URL do inquérito:	http://paol.iscap.ipp.pt/iscapsurvey/index.php?sid=12743&newtest=Y&lang=en

Estrutura do inquérito:

Gender:

- ☐ Female
☐ Male

Age:

- ☐ 15-20
☐ 21-25
☐ 26-35
☐ 36-45
☐ 46-55
☐ 56-65
☐ + 65

Nationality:

- ☐ Portuguese
☐ Spanish
☐ Other: _____

Academic qualifications:

- ☐ Middle School
- ☐ High School
- ☐ Associates and/or Bachelor's degree
- ☐ Master degree
- ☐ Doctoral degree
- ☐ College/University attendance with the conclusion of any degree
- ☐ Other: _____

Observação: A pergunta seguinte só surge em caso do respondente assinalar uma das seguintes opções: Licenciatura, Mestrado, Doutorado e Frequência da faculdade, sem conclusão de qualquer curso.

In which area?

- ☐ Natural Sciences & Math
- ☐ Engineering and Technologies
- ☐ Health
- ☐ Agriculture
- ☐ Social Sciences
- ☐ Humanities (Languages, law...)
- ☐ Other:

Have you ever heard about em linha collaborative translations (crowd translation)?

Where, for instance, any person can contribute to the translation of a particular website (Examples: Facebook, Twitter ...)

- ☐ Yes
- ☐ No

Observação: Ao seleccionar a opção “No”, o respondente apenas vê figurada no inquérito a pergunta seguinte, dando por terminado o preenchimento do mesmo.

If relevant, please feel free to leave a comment:

Apêndice 5.2 – Percurso 2

Descrição:	Estrutura de inquérito que surge aos respondentes que indicam ter conhecimento do que é o Crowd translation, mas não participaram em nenhuma atividade do género.
Apresentação:	This survey is anonymous and it is aimed at any given Facebook and/or twitter user. Its goal is to assess the level of participation of internet users in collaborative translation projects. By answering to this survey you are contributing to the development of research in translation studies. It won't take more than 5 minutes to fill. Thank you very much for your cooperation.
URL do inquérito	http://paol.iscap.ipp.pt/iscapsurvey/index.php?sid=12743&newtest=Y&lang=en

Estrutura do inquérito:

Gender:

- ☐ Female
☐ Male

Age:

- ☐ 15-20
☐ 21-25
☐ 26-35
☐ 36-45
☐ 46-55
☐ 56-65
☐ + 65

Nationality:

- ☐ Portuguese

- ☐ Spanish
- ☐ Other: _____

Academic qualifications:

- ☐ Middle School
- ☐ High School
- ☐ Associates and/or Bachelor's degree
- ☐ Master degree
- ☐ Doctoral degree
- ☐ College/University attendance with the conclusion of any degree
- ☐ Other: _____

Observação: A pergunta seguinte só surge em caso do respondente assinalar uma das seguintes opções: Licenciatura, Mestrado, Doutorado e Frequência da faculdade, sem conclusão de qualquer curso.

In which area?

- ☐ Natural Sciences & Math
- ☐ Engineering and Technologies
- ☐ Health
- ☐ Agriculture
- ☐ Social Sciences
- ☐ Humanities (Languages, law...)
- ☐ Other:

Have you ever heard about em linha collaborative translations (crowd translation)?

Where, for instance, any person can contribute to the translation of a particular website (Examples: Facebook, Twitter ...)

- ☐ Yes
- ☐ No

Why did you never participate?

- ☐ I don't feel capable of doing it
- ☐ Never faced that type of situation
- ☐ It is not interesting for me
- ☐ I don't have the time for it

☐ Other: _____

In general, do you trust in this type of translations?

☐ Yes

☐ No

Why?

If relevant, please feel free to leave a comment:

Apendice 5.3 – Percurso 3

Descrição:	Estrutura de inquérito que surge aos respondentes que indicam ter conhecimento do que é o Crowd translation, mas não participaram em nenhuma atividade do género.
Apresentação:	This survey is anonymous and it is aimed at any given Facebook and/or twitter user. Its goal is to assess the level of participation of internet users in collaborative translation projects. By answering to this survey you are contributing to the development of research in translation studies. It won't take more than 5 minutes to fill. Thank you very much for your cooperation.
URL do inquérito	http://paol.iscap.ipp.pt/iscapsurvey/index.php?sid=12743&newtest=Y&lang=en

Estrutura do inquérito:

Gender:

- ☐ Female
☐ Male

Age:

- ☐ 15-20
☐ 21-25
☐ 26-35
☐ 36-45
☐ 46-55
☐ 56-65
☐ + 65

Nationality:

- ☐ Portuguese
☐ Spanish

☐ Other: _____

Academic qualifications:

☐ Middle School

☐ High School

☐ Associates and/or Bachelor's degree

☐ Master degree

☐ Doctoral degree

☐ College/University attendance with the conclusion of any degree

☐ Other: _____

Observação: A pergunta seguinte só surge em caso do respondente assinalar uma das seguintes opções: Licenciatura, Mestrado, Doutorado e Frequência da faculdade, sem conclusão de qualquer curso.

In which area?

☐ Natural Sciences & Math

☐ Engineering and Technologies

☐ Health

☐ Agriculture

☐ Social Sciences

☐ Humanities (Languages, law...)

☐ Other:

Have you ever heard about em linha collaborative translations (crowd translation)?

Where, for instance, any person can contribute to the translation of a particular website (Examples: Facebook, Twitter ...)

☐ Yes

☐ No

In which ones?

Why did you do it?

☐ To help disseminate knowledge

☐ To cultivate and acquire linguistic skills

☐ To test my own skills

☐ For recognition and feedback

- ☐ To demonstrate commitment to a certain cause or organization
- ☐ Just as a hobby
- ☐ Because I am a native speaker of a minority language
- ☐ Other: _____

Which were your working languages pairs?

- ☐ english - portuguese
- ☐ english - spanish
- ☐ Other: _____

Do you trust the work you did?

- ☐ Yes
- ☐ No

In general, do you trust in this type of translations?

- ☐ Yes
- ☐ No

Why?

If relevant, please feel free to leave a comment:

Anexos

ANEXO 1 – GUIA DE ESTILO

Descrição:

Este anexo revela o Guia de Estilo desenvolvido para português europeu no Facebook, por alguns utilizadores do Facebook. O Guia pretende fornecer linhas orientadoras aos tradutores voluntários aquando da tradução ao Facebook para português europeu.

Pesquisa pessoas, locais e coisas



Celia Tavares
Editar perfil

FAVORITOS

Feed de notícias
Mensagens
 Eventos
Fotos

ANÚNCIOS

Gestor de Anúncios

PÁGINAS

Crowd Translation
 PAOL
 Feed de Páginas 20+
Gostar de Páginas 20+

APLICAÇÕES

Centro de Aplicações 20+
Traduções
Tabela de líderes
Guia de Estilo
Glossário
Prémios
 Posso adicionar teu ... 6
 Galeria de Sorrisos
 Cities I've Visited
 Couponxare
Feed de jogos 20+
Ligações

GRUPOS

Cantinho do Guilherme
Despedida solteira Rita :)
Criar grupo...

MAIS

Traduções Guia de Estilo

Português (Portugal) · [Settings](#)

Manual de estilo para o Português escrito e falado em Portugal

Atenção: antes de começar, verifica se seleccionaste "Português (Portugal)" no aplicativo de Traduções. Não interfiras nas decisões da comunidade de localização para o Brasil sem ter em conta as diferenças entre as duas variantes, e vice-versa.

Divulga a tua comunidade entre os teus amigos, mas pede-lhes que respeitem este wiki.

Público-alvo:

O Facebook em português (Portugal) destina-se a todos os portugueses que falam português, quer estejam em Portugal ou em qualquer parte do mundo. Este manual de estilo não se destina a outras variantes do português.

Regras fundamentais:

1. Em Portugal usam-se as formas de tratamento "tu" e "você". No Facebook deve-se usar a segunda pessoa do singular "tu". No entanto, não o uses repetitivamente e poderás omiti-lo se o pronome causar redundância com a conjugação verbal da segunda pessoa do singular.

Exemplo: You have a relationship request from {name}

Correcto: Tens um convite de amizade de {name}

Incorrecto: Tu tens um convite de amizade de {name}
2. Lê a indicação do contexto e procura identificar o género e o número dos participantes, o tempo verbal, a intenção e tom da frase/expressão e seu público-alvo. Lembra-te de que não se está apenas a traduzir, mas a localizar o Facebook ao contexto cultural português. Não alters o significado do texto original.

3. Segue as normas gramaticais do português e não descuides o uso da acentuação.
4. Verifica sempre a ortografia e a sintaxe antes de submeter a tradução. Se necessário, usa um corrector ortográfico ou corrector sintáctico, por exemplo, o FLiP On-line.
5. Mantém a pontuação final como esta se apresenta na frase original.
6. Escreve com maiúsculas só a primeira letra da primeira palavra, ao contrário da formatação americana, que exagera no uso de maiúsculas. No caso do nome de produtos ou funcionalidades de programas de software, debes manter as maiúsculas iniciais.

Exemplo 1: Friend Finder – Localizador de Amigos

Exemplo 2: Comment on a Video – Comenta um vídeo

Caso a frase/expressão se inicie com letras minúsculas, a tradução deve mantê-las.



Exemplo: Post new topic

Correcto: Publicar um tópico novo

Incorrecto: Postar um tópico novo.

8. Respeita as convenções adoptadas no fórum de discussão da comunidade de tradução. Consulta-o regularmente e contribui com a tua opinião.
9. Consulta o glossário do Facebook e respeita-o. Se pensares numa melhor opção de tradução, abre um tópico no Fórum para discutir a possibilidade de alteração. Não te esqueças que fazes parte de uma comunidade e que certas decisões devem ser debatidas e tomadas em conjunto.
10. Não traduzas as palavras que aparecem dentro das chavetas.

Exemplo: {name} posted a link

Correcto: {name} publicou uma ligação.

Incorrecto: {nome} publicou uma ligação.

11. Tem em mente que o Facebook rastreia cada tradução e que vandalismos podem acarretar a suspensão definitiva de tua conta.
12. Se votares contra uma tradução, propõe sempre outra tradução ou vota a favor de outra. Diante de um empate entre traduções, sê flexível e reconsidera o teu voto. Quando o aplicativo de traduções não encontra alternativas para uma tradução com votos negativos, é muito provável que aquela tradução apareça no texto final e permaneça até que outra seja sugerida e tenha votos válidos.

Glossário:

Ver <http://www.facebook.com/translations/glossary.php>

Convenções:

Convenções são normas da comunidade de tradutores que visam a integridade e a consistência da tradução. As principais padronizações adoptadas encontram-se disponíveis no quadro de discussões. É recomendada a leitura dos tópicos.

Pronomes:

Em inglês, o termo "their" é usado quando o sexo do utilizador não está definido no perfil. Traduz como "seu" ou "sua" quando a palavra seguinte estiver no singular. Só use "seus" ou "suas" quando a palavra seguinte estiver no plural.

Exemplo: Julia added photos to their album

Correcto: Júlia adicionou fotos ao seu álbum.

Incorrecto: Júlia adicionou fotos aos seus álbuns.

Traduções contextuais:

Traduções contextuais são empregadas quando a tradução literal esgota sua finalidade, sendo necessário localizar o sentido original para hábitos e costumes locais, como o ritmo da leitura. Por esta razão, geralmente adicionamos "rede", "aplicativo", "grupo", "evento" antes das respectivas chavetas, para facilitar a compreensão do texto. Ao traduzirmos "creator" como o criador de um grupo, uma página, um evento, para que não tivés

Chat (Desligado)

Exemplo 1: You added {application-name} on Facebook.

Tradução contextual: Adicionaste a aplicação {application-name} ao Facebook.

Exemplo 2: Allow fans to add photos to {page-name}?

Tradução contextual: Permitir que fãs adicionem fotos à página {page-name}?

Uso de maiúsculas e minúsculas:

Aplicações e nomes de produtos devem começar com letra maiúscula. Apenas a primeira letra das frases deve ficar em maiúscula, com excepção de opções de software e nomes de produtos contidos nas frases.

Exemplo: My Friends' Notes

Correcto: Notas dos meus amigos

Incorrecto: Notas Dos Meus Amigos

Aspas:

Usa aspas nestes casos: Para fazer referência a uma citação. Para fazer referência a um texto inserido pelo utilizador.

Exemplo: You can type "stop" or "cancel" into an instant message [...]

Correcto: Escreve "parar" ou "cancelar" numa mensagem instantânea [...]

Incorrecto: Escreve parar ou cancelar numa mensagem instantânea [...]

Usa aspas só para fazer referência a opções de software se o texto em inglês contiver aspas.

Exemplo: Click the "Publish" button to save or "Edit" to make more changes.

Correcto: Clica no botão "Publicar" para guardar ou no botão "Editar" para fazer mais modificações.

Incorrecto: Clica no botão "Publicar" para guardar ou no botão "Editar" para fazer mais modificações.

Acrónimos:

Na primeira ocorrência, escreve a forma expandida do acrónimo seguida pelo acrónimo propriamente dito entre parênteses. Nas demais ocorrências, usa apenas o acrónimo. Alguns acrónimos, como "DVD" ou "PC", não devem ter formas expandidas. Os acrónimos podem ser traduzidos ou podem ficar em inglês, dependendo da forma mais usada. Não deve haver pontos a separando as letras do acrónimo.

Exemplo:

Correcto: DVD, PC

Incorrecto: D.V.D, P.C

Para indicar o plural, coloca um "s" minúsculo depois do acrónimo.

Exemplo:

Correcto: os DVDs, os PCs

Incorrecto: os DVD, os PC

Determina se o acrónimo é masculino ou feminino com base na tradução de sua forma expandida.

Abreviaturas:

As abreviaturas são evitadas no site em inglês e devem ser evitadas também no site em português.

Sugestões e erros de programação:

Só alguns tradutores têm a possibilidade de alterar o Guia de Estilo. Se quiseres sugerir alterações ou adicionar algum ponto, fá-lo através do Fórum.

ANEXO 2 – GUIA DE ESTILO (2014)

Descrição:

Este anexo revela o Guia de Estilo desenvolvido para português europeu pelo Facebook em 2014. Este guia, denominado por “European Portuguese Style Guide for Community” pretende fornecer linhas orientadoras aos tradutores voluntários aquando da tradução do Facebook para português europeu.

European Portuguese Style Guide for Community

facebook

Table of Contents

Introduction.....	4
Approach.....	4
Content Principles.....	4
The Facebook Voice.....	4
Basics.....	5
Be Brief.....	5
Consider Your Audience.....	5
Make it Readable.....	6
Use Active Voice.....	6
Style.....	7
Abbreviations.....	7
Acronyms.....	8
Capitalization.....	9
Consistency.....	10
Contractions.....	11
Gender.....	11
Numbers (includes currency, dates and times).....	11
Pronouns (and possessive adjectives).....	12
Punctuation.....	13
Spacing.....	14
Titles and Subtitles.....	14
Tone.....	15
Other Language Conventions.....	17
Spelling reform.....	17
Localization Guidelines.....	18
General Information.....	18
Product Names.....	18
User Interface.....	19
Buttons.....	19
Mobile.....	19
Third Party UI.....	19

Tokens..... 20

References **21**

Facebook References 21

Public References..... 21

Introduction

Created: May 2014

The purpose of this document is to provide the stylistic guidelines for community translators who contribute to Facebook European Portuguese localization. The scope of this style guide includes general Facebook content standards, European Portuguese language conventions and localization specific guidelines.

Approach

Content Principles

All Facebook content should follow these 3 simple rules. This keeps people's experience consistent, builds trust and strengthens our brand.

1. **Keep It Simple** Use short words and sentences, and keep the number of words to a minimum.
2. **Get to the Point** Clearly explain how things work and give people enough information to make good decisions.
3. **Talk Like a Person** Keep things friendly, conversational and respectful, like you're talking to a neighbor.

The Facebook Voice

The Facebook voice is our personality. Our tone may change in different contexts, but we always sound like Facebook: simple, straightforward and human.

Simple:

- Stick to common words that people use in everyday speech.
- Be concise. Write short sentences that are easy to understand.

Straightforward:

- Keep terms and messaging consistent across all channels, on and off Facebook.
- **Don't** bury information or gloss over it.
- **Don't** use language that's vague or possibly misleading.

Human:

- Translate like you're talking to someone one-on-one. (Read your content out loud if you're not sure it sounds natural.)
- Stay neutral. Avoid language that's opinionated, cutesy, irreverent or otherwise over the top.
- **Don't** sound like a robot. Even the smallest bits of interface content should be approachable.

Basics

Be Brief

Use as few words as possible while still being clear.

- Make sure every word has a job to do
- Replace jargon with everyday terms

Consider Your Audience

Facebook reaches people of all ages and backgrounds in nearly every country around the world. While most websites have a target demographic, we want to help people around the world connect each other on Facebook. This means our audience is truly everyone.

Exceptions: When translating for specific audiences (ex: advertisers, developers, people in security checkpoints, and so on), you may need to incorporate special terminology or adjust your tone. However, the basic standards above still apply.

Make it Readable

Readability is a measure of how easy it is to both read words and understand them. With an audience of diverse ages, cultures and literacy levels, readability helps make Facebook usable and accessible.

Use Active Voice

In an active sentence, the subject of the sentence is doing something. In a passive sentence, something is being done to the subject (making the subject passive).

Example:

US English	Error Example	Correct Example
Facebook will never request your login information through email.	As tuas informações nunca serão solicitadas pelo Facebook por e-mail.	O Facebook nunca solicitará as tuas informações por e-mail.
Only you can see your travel history.	O teu histórico de viagens só pode ser visto por ti.	Só tu podes ver o teu histórico de viagens.

Note: Sometimes, we wish to call attention to the action itself rather than the subject who performed it. This is usually the case with sentences like “You cannot” or “You may not”, in which “Não podes” may convey the idea that it is something prohibitive to the user.

Example:

English	Error Example	Correct Example
We have locked your account for security purposes.	Bloqueamos a tua conta por motivos de segurança.	A tua conta foi bloqueada por motivos de segurança. (The action is more relevant than the subject and we do not want to sound authoritarian.)
You may not set your Facebook email address as your primary email.	Não podes definir o teu endereço de e-mail do Facebook como e-mail principal.	Não é possível definir o endereço de e-mail do Facebook como e-mail principal. (If you use “não é possível”, you will eliminate the “prohibitive tone” and convey the message in a more neutral way.)

Style

Abbreviations

An abbreviation is a shortened form of a word. Abbreviate text if space is an issue or to make the text easier to read at a glance.

Units of time:

- Months – jan, fev, mar, abr, mai, jun, jul, ago, set, out, nov, dez (not capitalized, no periods)
- Dates – 9 de jan, 9 jan
- Days – dom, seg, ter, qua, qui, sex, sáb (not capitalized, no periods) or D, S, T, Q, Q, S, S if space is really tight (no periods)
- Hours – use the 24-hour format. Remember the abbreviation for sec is s and not seg. Use 23h30, 2h10, 10h02min30s, with no spaces. However, we use the abbreviation seg when it's a standalone reference; e.g. “dentro de 1 seg”

Other common usages:

- Examples – Use “por exemplo”, “isto é”, “ou seja” instead of latin abbreviations like e.g. or i.e. Abbreviate if necessary, otherwise write in full.
- etc. and misc. – Always include a period with etc. or misc. Where possible, spell out “entre outros” or use an alternate word. Do not include a comma before etc.
- info (no period) – Spell out “informações”, unless space is very limited
- admin – Use administrador or administração, depending on the context
- Facebook – Don't abbreviate Facebook.

Example:

English	Error Example	Correct Example
- All Pages should have the same name (i.e., no country qualifiers) unless the brand uses different names in different regions. E.g. "Vaseline" in the US is "Vasenol" in Mexico.	- Todas as páginas devem ter o mesmo nome (i.e., nenhum qualificador de país), a menos que a marca use nomes diferentes em regiões diferentes. E.g. "Vaseline" nos EUA é "Vasenol" no México.	- Todas as páginas devem ter o mesmo nome (ou seja, nenhum qualificador de país), a menos que a marca use nomes diferentes em regiões diferentes. P. ex.: "Vaseline" nos EUA é "Vasenol" no México.
Facebook ads start running at 12:00 AM on your specified start date and stop running at 11:59 PM on the specified end date. For example, if your campaign is set to run from January 1 at 9:00 AM to January 2nd at 9:00 AM with a daily budget of \$5 you may be charged up to \$10 for this campaign.	Os anúncios do Facebook começam a ser publicados às 12:00 AM na tua data de início especificada e deixam de ser publicados às 11h59 AM na data de fim especificada. Por exemplo, se a tua campanha for definida para ser publicada de 1 de janeiro às 9:00 AM a 2 de janeiro às 9:00 AM com um orçamento diário de 5 \$, podem ser-te cobrados 10 \$ para esta campanha.	Os anúncios do Facebook começam a ser publicados às 12h00 na tua data de início especificada e deixam de ser publicados às 23h59 na data de fim especificada. Por exemplo, se a tua campanha for definida para ser publicada de 1 de janeiro às 9h00 a 2 de janeiro às 9h00 com um orçamento diário de 5 \$, podem ser-te cobrados 10 \$ para esta campanha.

Acronyms

Acronyms are abbreviations formed using the first letters of a compound term. ID and PC are common acronyms.

Since acronyms aren't universally recognized, replace them with common words.

Bad

ID

PC

Good

identificação

computador (except when making a difference between PC vs. Mac)

Exceptions:

Use an acronym only if it helps clarify meaning and there's no common word to replace it. Then:

- Define the acronym in parentheses the first time you use it in documentation. Ex: API (Application Program Interface)
- Don't use periods. Ex: API, not A.P.I.

Example:

English	Error Example	Correct Example
Please finish setting up your account using your PC.	Conclui a configuração da tua conta através do teu PC.	Conclui a configuração da tua conta através do teu computador.
Config ID	ID de config	Identificação de configuração

Capitalization

The way the English language regards and uses capitalization is different from Portuguese. Sometimes it is used just to call extra attention to the words. Very often titles are all capitalized, as well as entire sentences in UI options. We should not reproduce the English use of capitalization in European Portuguese because it does not look natural.

Do not:

- Capitalize all words in a title, dialog box, UI option
- Capitalize words such as days of the week, months of the year, language names
- Capitalize all words in the name of features, products and resources, such as Política de utilização de dados

Note: *The source text may be inconsistent regarding capitalization of product or feature names, but often times this is a conscious decision from content writers. Normally, standalone product or feature names will be capitalized, but they may appear in lower case within a sentence.*

Example:

English	Error Example	Correct Example
Recent Posts by Others on {name}	Publicações Recentes de Outras Pessoas em {name}	Publicações recentes de outras pessoas em {name}
Custom Audiences let advertisers find their existing audiences among people who are on Facebook.	Os Públicos Personalizados permitem que os anunciantes encontrem o seu público entre as pessoas que estão no Facebook.	Os públicos personalizados permitem que os anunciantes encontrem o seu público entre as pessoas que estão no Facebook.
The audience selector also appears alongside things you've already shared, so it's clear who can see each post.	O Seletor de Público também aparece junto aos itens que já partilhaste, por isso é claro quem pode ver cada publicação.	O seletor de público também aparece junto aos itens que já partilhaste, por isso é claro quem pode ver cada publicação.

Consistency

The general rule is to keep consistency in translating the same terminology with the same concept.

It is also important to keep consistency among different platforms, like Facebook for desktop, for iOS, for BlackBerry, for Windows. This way, the user will have a seamless experience and not have the impression the application is “different” in a mobile environment and in a desktop environment. Therefore, we should use consistent terminology and try to avoid different structures for the same messages.

Example:

English	Error Example	Correct Example
In {number} hours	daqui a {number} horas dentro de {number} horas	dentro de {number} horas Comment: although they mean the same, keeping this structure consistent provides a seamless experience to the user.
Are you sure you want to delete this post?	Tens a certeza de que desejas eliminar esta publicação? Tens a certeza de que desejas remover esta publicação? Queres mesmo eliminar esta publicação?	Tens a certeza de que pretendes eliminar esta publicação Comment: The prompt “are you sure” is pretty common, so please try to make the structure consistent.

Contractions

Not Applicable

Gender

Some strings in Facebook have gender variations and they usually refer to masculine, feminine and gender-neutral users. For the latter, “they/their” is used, which does not mean it refers to plural, but rather a gender-neutral choice.

Example:

English	Error Example	Correct Example
{user} updated their {=status}	{user} atualizou os seus {=status}	{user} atualizou o seu {=status} Comment: This is not about plural, this is about gender neutrality.
{name1} replied to your comment on their {=photo}	{name1} respondeu ao teu comentário nas suas {=photo}	{name1} respondeu ao teu comentário na sua {=photo}

Numbers (includes currency, dates and times)

We use numbers in text, when referring to currency, and in time stamps and dates.

Numerals in headlines and text Use the numerical form of numbers (ex: 2, 3, 4, and so on).

- Title Case Headline: 5 razões para experimentar as ofertas
- News feed story: Ana Costa e 2 amigos gostam disto
- Subhead: Compra um, leva um grátis

Use a space to set off groups of 3 digits.

- 10
- 100
- 1000
- 10 000
- 100 000
- 1 000 000

Currency:

Use the numerical form. Attention to the format as the currency symbol must appear after the numeral. Unless otherwise specified, do not convert to Euros.

- Podes dar entre 1 \$ e 1000 \$.

Time stamps and dates:

Use the numerical form and write the numbers as compactly as possible. Use the 24-hour format. Remember: in some cases, the abbreviation for sec is s and not seg. Use 23h30, 2h10, 10h02min30s, with no spaces.

- Há 5 minutos
- 9 de janeiro às 21h30

Dates should be written using the Portuguese day, month and year format, different from the order used in the US, which is month/day/year. Keep it in mind when translating, as 06/02/2013 would refer to the 2nd of July, instead of the 6th of February.

If you need to mention currency or time alongside another type of number, spell out the other number to make the currency or time more prominent (ex: buy two deals and save \$20). This is a rare case.

Example:

English	Error Example	Correct Example
Overall, for every \$1 you spend on Facebook Ads, what is your estimated return on investment (ROI)?	Em geral, para cada \$1 gasto em anúncios do Facebook, qual é o teu retorno sobre o investimento (ROI) esperado?	Em geral, para cada 1 \$ gasto em anúncios do Facebook, qual é o teu retorno sobre o investimento (ROI) esperado?
Until 8:00 AM	Até 8:00 AM	Até às 8h00

Pronouns (and possessive adjectives)

Be careful to avoid repetition of you, which is pretty common in English.

Sometimes possessive adjectives are really unnecessary. Removing them may make your text sound more natural.

Example:

English	Error Example	Correct Example
This is the same setting you find right where you post.	Esta é a mesma definição que encontras diretamente onde tu publicas	Esta é a mesma definição que encontras diretamente onde publicas
Use both your hands to hold the package.	Usa ambas as tuas mãos para segurar o pacote.	Segura o pacote com ambas as mãos.
You may be required to restart your computer	É possível que tenhas de reiniciar o teu computador	É possível que tenhas de reiniciar o computador

Punctuation

These are two types of punctuation which are often mishandled by translators.

Hyphens, n-dashes and m-dashes:

In English, it is pretty common to find m-dashes (—) (Alt+0151) used to indicate emphasis, interruption, change of thought or separate clauses. In European Portuguese, we use n-dashes (–) (Alt+0150) separated with spaces for that. Another suggestion is to rewrite the sentence using commas to make the target sound more natural.

Colon:

Remember that after a colon, words are not capitalized in European Portuguese.

Note: *If a sentence is too long and linked by too many “ands”, you can rewrite it using periods so as to make it more fluent and less confusing.*

Example:

English	Error Example	Correct Example
Pornography is not accepted—under any circumstance—on Facebook.	A pornografia não é aceitável – em qualquer circunstância – no Facebook.	A pornografia não é aceitável no Facebook em nenhuma circunstância.
This campaign automatically tracks website conversions and additional reporting and conversion-tracking pixels can be set up later.	Esta campanha acompanha automaticamente as conversões do site e os relatórios e os píxeis de acompanhamento de conversões adicionais podem ser configurados mais tarde.	Esta campanha acompanha automaticamente as conversões do site. Os relatórios e os píxeis de acompanhamento de conversões adicionais podem ser configurados mais tarde.
Note: This space is not meant for banner ads or other promotions.	Observação: Este espaço não se destina a anúncios ou outras promoções.	Observação: este espaço não se destina a anúncios ou outras promoções.

Spacing

Use non-breaking spaces to prevent improper division of elements such as product names, part numbers, page number references, numbers, dates, etc.

When using currency symbols or units of measurement, include a non-breaking space between number and sign: 2 m, 50 \$, 100 USD, etc.

Do not add any symbol as thousand/mile separator for numerals under 10 000. For 10 000 and higher numbers, use a non-breaking space.

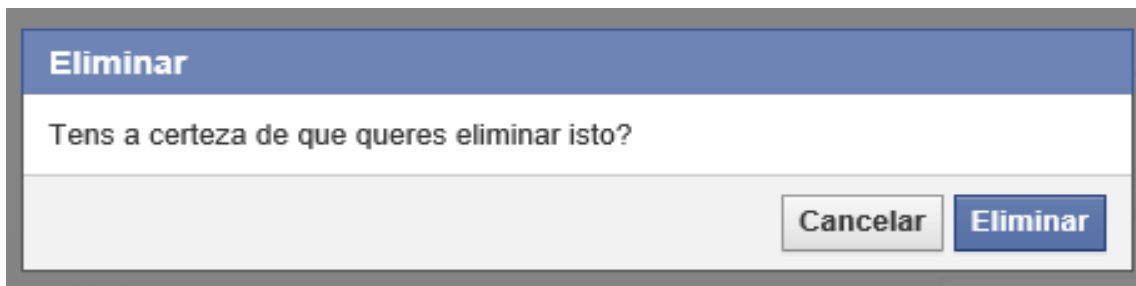
Do not use the space separator for page numbers (page 2342), years (2010), and street addresses.

Titles and Subtitles

Titles and subtitles help you organize information, introduce ideas and highlight key concepts.

Interface content:

Dialogs and pop-ups usually have just one title and subtitle.

**Titles:**

- Always capitalize only the first word of a title
- Use the infinitive form for titles of dialog boxes
- For titles with gerunds, use “Como + infinitive”
- Don't put periods at the end of titles
 - **Exception:** Question marks are okay, where appropriate (See dialog box above)

Bad

Uma Nova Maneira de Ver as Fotos

Good

Uma nova maneira de ver as fotos

Subtitles:

Always capitalize only the first word of a subtitle.

- **Exception:** Proper nouns (Facebook Pages, Mark Zuckerberg)
 - Don't put periods at the end of subtitles
 - **Exception:** Question marks

Bad

Conte com Fotos Maiores e Melhores.

Good

Conte com fotos maiores e melhores

Tone

Remember that the tone in Facebook is often relaxed and it can be informal. This does not mean that you are allowed to use incorrect structures or that you should write like you speak. Be natural in your written language.

Some translations can be a bit literal and make little sense in Portuguese. This is particularly the case with this page <http://www.facebook.com/help/?page=839>, which style seems to be overly technical and difficult to read. It could be useful to focus on the general idea/context of the sentence instead of trying to translate it literally.

Be careful of making direct translations. Sometimes putting across the context or idea of a sentence is more important than translating it word-for-word. Try to use tone and structure that could be understood at an 8th grade reading level and avoid using too many technical terms.

The future tense is used too often. Since the tone should be informal, it would be better to use either periphrastic constructions (E.g. “podes ver” instead of “verás”) or the present tense (E.g. “Como posso removê-lo” instead of “Como poderei removê-lo”). This not only is consistent with the informal way of addressing the user (“tu”), but it also sounds more natural and is less laborious to read through.

Example: In the screenshot below, we are allowed to be a little more informal because the context admits it. "Assim-assim" is an expression we would hardly find in any written text, but with the emoticon its use is acceptable.



Other Language Conventions

Spelling reform

Portugal, Brazil and other Portuguese speaking countries have concluded the new Portuguese Spelling Agreement, which will be officially mandatory after 2016 (<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/vop.html?&page=crit1>).

This spelling reform aims to establish unified spelling rules for all Portuguese-speaking countries. The new rules will have an impact on translation and localization.

That being said, please use the New Spelling Agreement in all Facebook projects. Here are a few examples of the main changes:

Hyphen:

Most words in European Portuguese lose the hyphens. The exceptions to this rule are: 1) when the main word starts with h (anti-herói); 2) when the last letter of the prefix is the same letter at the beginning of the suffix (contra-ataque); and 3) when the prefix ends with m or n (circum-navegação, pan-americano). Another exception is that some prefixes never lose the hyphen, namely ex (ex-companheiro), pré (pré-acordo), and pós (pós-acordo).

Consonants:

The consonants 'c' and 'p' are no longer added to the words where they're mute consonants, for example 'acção' becomes 'ação', 'característica' becomes 'caraterística', 'excepto' becomes 'exceto'.

Whenever a given word has two possible spellings for PT-PT, please use the new spelling (e.g. 'caracteres' becomes 'carateres').

Localization Guidelines

General Information

Product Names

Product and feature names should be consistently translated. Some product and feature names are translated and others are used in English based on strategic decisions. For example, “Messenger” was translated in many languages, but now changed back to English in all languages.

Example:

English	Error Example	Correct Example
Facebook Messenger	O Messenger do Facebook	O Facebook Messenger

User Interface

Buttons

Buttons are one of the main ways people take action on Facebook, so they should be clear, active and specific. They are usually in the infinitive.

Example:

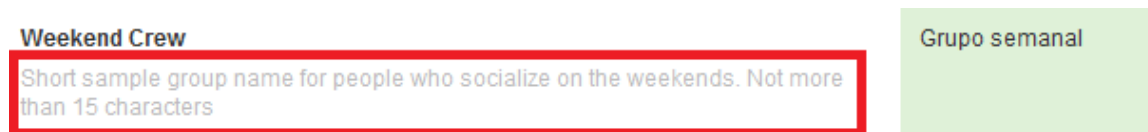


Mobile

Mobile UI localization has more space constraint than regular UI localization. Mobile strings sometimes come with specific description about the allowed number of characters. It is important to keep translation within this limit in order to avoid any truncation issues, e.g.: in SMS-related translations.

If possible, try to put the most important information at the front of the sentence so that it won't be buried with other information. However, translations should not deviate from the English source unless instructed otherwise, since this may cause accuracy issues.

Example: Notice the special instruction as to the character limit.



Third Party UI

If you encounter third party UI terms, please check if they were localized. For example, please check the existing translations on iPhone if they refer to iPhone UIs. You can check the translations in third-party glossaries if they are available (for example, from Apple). For Microsoft, you can search at Microsoft Language Portal.

Tokens

UIs often include tokens which are a portion of full sentences and represent the “bricks” of what will be seen by the users. Note that text in `{ }` are placeholders and replaced by either a variable or another string. For example, `{name}` is replaced by a user name and `{count}` is replaced by a number. If the placeholder contains the `=` sign right after the opening bracket, it means that it will be replaced by exactly the same text that it contains

Example:

`{user}` edited his `{=changed relationship status}` that you followed.

The `{user}` token will be replaced by the name of the user, while the `{=changed relationship status}` token will be replaced exactly by the words “changed relationship status”, and this will look like “Jane edited her changed relationship status that you followed”.

Example:

English	Error Example	Correct Example
<code>{name}</code> shared a <code>{=link}</code> .	<code>{name}</code> partilhou <code>{=link}</code> .	<code>{name}</code> partilhou uma <code>{=link}</code> .
<code>{name1}</code> , <code>{name2}</code> and <code>{name count}</code> others have birthdays today.	<code>{name1}</code> , <code>{name2}</code> e outros <code>{name count}</code> fazem anos hoje.	<code>{name1}</code> , <code>{name2}</code> e outras <code>{name count}</code> pessoas fazem anos hoje.

References

Facebook References

- [Glossary in Admin Panel](#)

Public References

These are the recommended public references.

- <http://www.infopedia.pt> – European Portuguese Dictionary, to check spelling or any doubts regarding the new spelling reform
- <http://www.priberam.pt> – European Portuguese Dictionary, to check spelling or any doubts regarding the new spelling reform, and also useful for confrontation with Brazilian Portuguese and the main differences
- Microsoft Language Portal: Microsoft terminology and to use as reference for general IT terminology